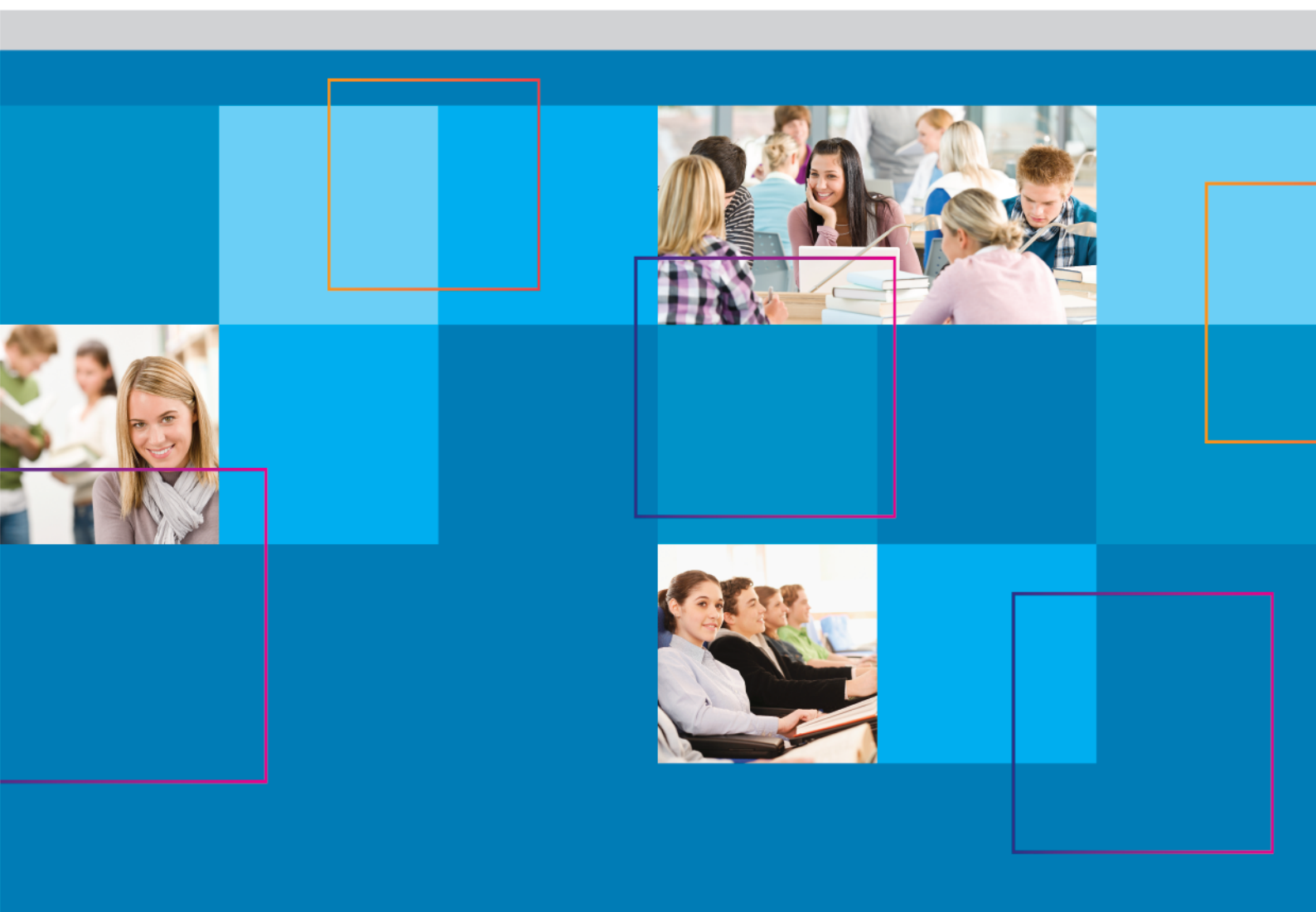


REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

CITESOP

PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS



ISSN 1983-098X

CENTRO TÉCNICO-EDUCACIONAL SUPERIOR
DO OESTE PARANAENSE

ASSIS CHATEAUBRIAND - PR
2009

ISSN 1983-098X

**REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
UNIMEO**

**PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA DO
CENTRO TÉCNICO-EDUCACIONAL SUPERIOR DO
OESTE PARANAENSE – CTESOP**

**ASSIS CHATEAUBRIAND – PR
2009**

**CENTRO TÉCNICO-EDUCACIONAL SUPERIOR DO OESTE
PARANAENSE - CTESOP**

União Educacional do Médio Oeste Paranaense Ltda – UNIMEO

Presidente

Profª. Anita Politi Begosso

Diretor Pedagógico

Prof. Fabrício Jacob Begosso

Coordenadora de Pós Graduação

Profª. Janete Peruzo Pires Gonçalves

Revisão das Normas – ABNT

Profª. Ms. Sandra Mara Ricci Poci

Revisão Ortográfica

Profª. Ms. Eliane Maria Cabral Beck

Revisão Língua Inglês

Profª. Ms. Tânia Regina Casado Vaz

Revisão Língua Espanhola

Prof. Ms. Anilton Cesar Feudals

Capa

Fabrício Politi Begosso

Informática

Profª. Ms. Fabiany Politi Begosso Alves

Colaborador

Acadêmica de Pedagogia

Liamara Resch

Organização Geral

Prof^a. Ms. Sandra Mara Ricci Poci

Conselho Editorial

Agnaldo Passolongo Preti , Ms. SEED e UNIMEO
Anilton Cesar Feudals, Ms. SEED E UNIMEO
Eliane M.Cabral Beck, Ms. SEED, UNIMEO e UESPAR
Lúcia Teresinha Macena Gregory, Ms. UNIOESTE
Lucimara Liberali, Ms. UNIMEO
Lilian Akemi Kato, Dr. UEM
Luz Maria T. R. Silva, Esp. FAE
Maria das Graças Bittencourt, Ms.UNIMEO e UESPAR
Marli Secchi de Lima, Ms. SEED e UNIMEO
Nair Glória Massoquim, Ms. FECILCAM
Nelson Cabral, Ms. SEED e FAG
Nelson Douhi, Ms. UNIMEO
Olga Gerotto Gozer, Ms. SEED e UNIMEO
Rafael Siqueira de Guimarães, Dr. UNICENTRO
Rosan Luiz do Prado, Doutorando em Língua Espanhola/Ule/Ulbra
Solange Aparecida Teixeira de Brito Goldoni, Esp. UNIMEO
Wellington Donizeti Previero, Ms. UTFPR.

UNIMEO - União Educacional do Médio Oeste Paranaense

Av. Brasil, 1441 - Jardim Paraná
CEP 85935-000 – Assis Chateaubriand – Paraná
unimeo.com.br

Revista Científica Multidisciplinar UNIMEO. n.2, Assis Chateaubriand,PR:
UNIMEO, 2009, p 206

Publicação Científica do Centro Técnico Educacional Superior do Oeste
Paranaense - CTESOP.

Anual

ISSN 1983-098X

1.Educação, 2. Educação especial, 3. Produção de Textos e Literaturas, 4.
Psicopedagogia: educação e clínica.

CDD. 370
157.8
370.15
869

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO ESPECIAL

A INCLUSÃO DE ALUNOS CEGOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REGULAR	7
HIPERATIVIDADE INFANTIL	10
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO MERCADO DE TRABALHO.....	13
A DISLEXIA E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	18
SURDOS, GEOMETRIA E ORIGAMI.....	22
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	27
A INCLUSÃO E O CONTEXTO LINGUÍSTICO DO DEFICIENTE AUDITIVO	33
ACESSO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS ESCOLAS	36
DISLEXIA: DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E O PAPEL DA ESCOLA.....	39
O PAPEL DOS EDUCADORES DIANTE DO TDAH.....	43
A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE COMO FORMA DE SOCIALIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	46
ACESSIBILIDADE, FATORES IMPERRATIVOS OU FACILITADORES PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO	50
A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E O MERCADO DE TRABALHO COMO EXERCÍCIO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL	54
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM AUTISMO	60
DISLEXIA: UMA ABORDAGEM EDUCACIONAL	64
DISLÉXICOS: DIFERENTES SIM INFERIORES NÃO	68

INCLUSÃO SOCIAL E A PRÁTICA DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS.....	72
---	----

ESPAÑHOL

SEMEJANZAS Y DIFERENCIAS ENTRE DON QUIJOTE DE LA MANCHA Y POLICARPO CUARESMA.....	75
LA DIVERSIDAD DE LOS PRETÉRITOS.....	79
EL FANTÁSTICO ALEPH DE JORGE LUÍS BORGES.....	82
LA LOCURA DE DON QUIJOTE DE LA MANCHA.....	85
LA MÚSICA COMO RECURSO LÚDICO EN LA ENSEÑANZA DEL ESPAÑOL ..	88
LOS RECURSOS LÚDICOS EN LA ENSEÑANZA DEL ESPAÑOL PARA ALUMNOS BRASILEÑOS.....	91
EL ORIGEN DE LOS FALSOS COGNADOS EN ESPAÑOL INTERFACE CON PORTUGUÉS.....	94
USO DE LA MÚSICA EN CLASES DE LENGUA ESPAÑOLA PARA DESARROLLAR LA CONVERSACIÓN.....	98
LA EVALUACIÓN COMO PARTE INTEGRANTE DEL PROCESO DE ENSEÑANZA DEL ESPAÑOL.....	102

GEOGRAFIA

AGROTURISMO NA PROPRIEDADE RURAL.....	105
AS CULTURAS DE SOJA E MILHO EM FORMOSA DO OESTE.....	108
OS DESAFIOS PARA O SUCESSO DA AGRICULTURA FAMILIAR.....	111
MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND/PR.....	114
A PISCICULTURA EM ASSIS CHATEAUBRIAND/PR: UMA ALTERNATIVA DE DIVERSIFICAÇÃO NO ESPAÇO AGRÁRIO.....	120
ANÁLISE DO PERFIL LONGITUDINAL DO RIO BAIANO-ASSIS CHATEAUBRIAND/PR.....	123

INFLUÊNCIAS DE ELEMENTOS METEOROLÓGICOS E INTERFERÊNCIA DE FENÔMENOS CLIMÁTICOS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NA AGRICULTURA DO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND-PR 126

A (RE) ORGANIZAÇÃO DA PAISAGEM NO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND-PR..... 130

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL: DESAFIOS ÀS PRÁTICAS AGRÁRIAS NO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND..... 134

HISTÓRIA

A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO REPRESENTAÇÃO DO REAL 136

LETRAS

A FIGURA FEMININA NO ROMANCE ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO..... 145

O MACHISMO PRESENTE NAS PROPAGANDAS DE CERVEJA 160

KAFKA E A LINGUÍSTICA TEXTUAL EM O PROCESSO..... 170

MATEMÁTICA

TRIGONOMETRIA NO SETOR DE FERRAMENTARIA – METALÚRGICA..... 178

O USO DO COMPUTADOR NO ENSINO DA MATEMÁTICA..... 182

HISTÓRICO DA GEOMETRIA PLANA..... 190

OLIMPÍADAS DE MATEMÁTICA COMO RECURSO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA..... 193

A HISTÓRIA DA GEOMETRIA E O ENSINO ATUAL: NOVOS OLHARES E NOVAS POSSIBILIDADES..... 196

PSICOPEDAGOGIA

ADOLESCÊNCIA: UMA FASE DE MUDANÇAS E PERIGOS 199

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR UNIMEO 204

A INCLUSÃO DE ALUNOS CEGOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REGULAR

Janete Aparecida Pereira Lopes ¹

Nelson Cabral ²

Resumo:

Elaborou-se este trabalho, tendo por objetivo mostrar que a pessoa com deficiência visual pode e deve participar sem exclusão das atividades físicas na escola e na sociedade de maneira geral. Esta pesquisa possibilita analisar a realidade da inclusão social, verificando a participação e aceitação das pessoas cegas nas aulas de Educação Física e o benefício que esta atividade lhes proporciona. Destaca também a importância da inclusão como elemento primordial para mudanças e transformações na sociedade e faz uma reflexão a respeito das metodologias que podem ser utilizadas para melhorar o rendimento da criança cega nas práticas esportivas.

Palavras-chave: Esporte. Deficiência. Aprendizagem. Habilidades.

Abstract:

This work was elaborated, aiming to show that people with visual disabilities can and should participate without the exclusion of physical activities in school and in society generally. This research allows to analyze the reality of social inclusion, verifying participation and acceptance of blind people in Physical Education classes and the benefit that this activity provides for them. It also highlights the importance of inclusion as a key element for change and transformation in society and is a reflection on the methodologies that can be used to improve the efficiency of the blind child in sports.

Keywords: Sports. Disabilities. Learning. Abilities.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata da questão da inclusão de alunos cegos nas aulas de Educação Física no Ensino Regular, mostrando que o grande desafio que se coloca para a Educação Inclusiva é justamente como garantir que as crianças com deficiências sejam atendidas e ensinadas levando-se em conta suas diferenças estruturais, principalmente nas aulas de Educação Física. Sobre a criança cega, é importante o entendimento que a perda total ou parcial da visão, não significa que uma pessoa está impedida da prática de educação física escolar, ginástica, dança, natação, pelo contrário, há uma necessidade destas atividades.

As pessoas com deficiência visual têm o direito de viver e estudar em ambiente comum, juntamente com as demais pessoas da comunidade, tornando-se cidadãos produtivos e felizes.

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial.

² Orientador: Ms. em Ciência da Educação. Doutorando em: Neurociência e Reabilitação Física.

Eles têm também o direito de praticar esportes e participar das aulas de educação física para que possam mostrar suas habilidades e desenvolver suas potencialidades.

É possível verificar que a Educação Física caracteriza-se por uma disciplina que, desperta, desenvolve e aprimora os aspectos físicos, morais, psíquicos e sociais do educando, portanto, torna-se indispensável para crianças cegas, já que as experiências motoras têm grande sentido e significado para o desenvolvimento integral.

A INCLUSÃO DO ALUNO CEGO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A criança cega deve estar inclusa em todos os setores da sociedade, para que a possa desenvolver seus potenciais e possa ter uma vida digna. Sendo a inclusão algo de fundamental importância nas escolas e na sociedade de forma geral, se faz necessária também a inclusão das pessoas com deficiência nas mais variadas formas de atividades físicas, principalmente na escola, onde muitas vezes ele é visto como incapaz de participar destas aulas devido às suas diferenças. Com relação à Educação Física, ela aparece como uma disciplina propícia para a promoção da inclusão.

Prática esportiva é reconhecidamente a melhor via para a reabilitação plena das pessoas com deficiência visual, por meio do desenvolvimento da solidariedade, do espírito de grupo e da competitividade, tão necessários para a superação das dificuldades diárias deste grupo de indivíduos. Segundo SOLLER (2002), a atividade física é inclusiva quando não exclui em razão de qualquer atributo individual e quando todos os interessados participam juntos, ao contrário de estarem apenas no mesmo espaço físico.

A atividade física pode ser para a pessoa cega sinônimo de esporte competitivo, e este possui ligação direta com a saúde, o condicionamento e o preparo físico. O esporte pode ser também profissão e trabalho, meio de sobrevivência.

A criança cega deve ser estimulada sempre, tendo uma rotina diária de atividades que permitam sua locomoção e criação de autonomia e independência. O autor destaca ainda que o nível de aptidão física de jovens com deficiência visual é em geral inferior ao de outros que enxergam, entretanto essa diferença se deveria à falta de vivências motoras e não à falta de visão. Esse fato ressalta ainda mais a responsabilidade do educador físico em fornecer experiências de movimentos e em estimular e motivar estas crianças a se movimentarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do trabalho realizado, pôde-se verificar que a atividade motora, e em especial o esporte e as aulas de Educação Física, acontece de forma positiva e relevante para os alunos com deficiência visual, trazendo os mais diversificados benefícios. A Educação Física na escola se constitui em uma grande área de adaptação ao permitir, a participação de crianças e jovens em atividades físicas adequadas às suas possibilidades, proporcionando que sejam valorizados e se integrem num mesmo mundo.

Foi possível verificar que a Educação Física quando adaptada ao aluno com deficiência visual, possibilita ao mesmo a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na busca de uma melhor adaptação. Não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação Física que se aplique no processo de inclusão, porque o professor sabe e pode combinar numerosos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos. É necessário em muitos casos professores qualificados e que façam algumas adaptações para melhorar o desempenho da pessoa com deficiência em certas atividades propostas, tirando barreiras que possam fazer da atividade física um momento de rejeição, em que a pessoa se sinta humilhada por não conseguir com sucesso realizar determinada atividade.

REFERÊNCIA

SOLLER, R. **Brincando e aprendendo na educação física especial: planos de aula.** Rio de Janeiro - RJ: Sprint, 2002.

HIPERATIVIDADE INFANTIL

Maria de Fátima da S. Mendes¹
Olga Gerotto Gozer²

Resumo:

Este artigo apresenta os tipos de intervenções necessárias que poderão ajudar a controlar a hiperatividade de uma criança. Os problemas das crianças hiperativas devem ser abordados a partir da idéia de que são necessários múltiplos tratamentos quando se deseja que a criança seja bem sucedida. Tais problemas devem ser administrados com eficácia por meio de diversas abordagens médicas e não médicas. Por isso, é muito importante que essa criança tenha o comportamento diagnosticado por especialistas, a fim de iniciar o tratamento o quanto antes, tendo em vista que, o tratamento medicamentoso junto com a participação da família e da escola é essencial para o bom desenvolvimento da criança hiperativa.

Palavras-chave: Hiperatividade. Criança. Tratamento.

Abstract:

This article presents the types of necessary interventions that they will be able to help to control the hyper activity of a child. The problems of the hyperactive children must be boarded from the idea of that they are necessary multiples treatments when it desires that the child is successful. Such problems must be managed with effectiveness through diverse medical boardings and not doctors. Therefore, it is very important that this child has the behavior diagnosed for specialists, in order to initiate the treatment how much before, in view of that, the medicine treatment together with the participation of the family and the school is essential for the good development of the hyperactive children.

Wordskey: *Hiperactive. Children. Treatment .*

PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Hiperatividade é um problema importante dada as implicações que vão desde dificuldades no relacionamento familiar, escolar até problemas sociais. Diante disso, com as crianças hiperativas são utilizados três tipos de intervenção: a primeira é o uso de medicamentos, a segunda e a terceira referem-se aos pais e aos professores, que devem compreender e utilizar certas técnicas não médicas.

Os medicamentos continuam sendo um tratamento eficaz para a hiperatividade. A Ritalina é um dos medicamentos mais utilizados no tratamento de hiperatividade. Segundo GOLDSTEIN & GOLDSTEIN (1994), a decisão de empreender esse tipo de tratamento deve resultar

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial.

² Orientadora: Ms. em Ciências da Educação

de uma cuidadosa ponderação, não apenas de risco e benefícios, mas também de alternativas. Apesar das muitas restrições quanto ao uso desse medicamento, cabe ao médico observar as reações do medicamento na criança com TDAH e verificar se o efeito do remédio é positivo ou negativo, visto que, o efeito do medicamento varia de pessoa para pessoa.

A influência mais poderosa sobre o crescimento emocional e social de uma criança é a família. A maioria dos sentimentos de uma criança sobre si mesma e sobre outras pessoas é formada antes de ingressar na escola. Na visão de MATTOS (2006), os pais devem manter um diálogo franco, ajudando a criança a entender suas próprias dificuldades.

É preciso que os pais tenham em mente que certas dificuldades que o filho apresenta, não é porque ele é ruim ou teimoso, e sim porque o TDAH leva a criança a agir diferente do esperado. Quando os pais têm conhecimento e compreensão do que realmente se passa com seu filho, tudo fica mais fácil.

As crianças de maneira geral – e as com TDAH em especial, necessitam de um ambiente previsível e constante. Frequentemente, os pais tendem a abandonar as estratégias para lidar com as suas crianças quando elas não apresentam resultados importantes e imediatos. Lembre-se de que o TDAH muitas vezes é acompanhado de sintomas de oposição e desafio e que as crianças demoram algum tempo para aceitar uma nova maneira de os pais relacionarem com elas. (ROHDE & BENCZIK, 1999, p.76).

Dessa maneira os pais têm que agir com constância nas estratégias, que significa não abandonar rapidamente a estratégia proposta, independente do ambiente.

Os pesquisadores do TDAH são unânimes em afirmar que a hiperatividade só fica clara no período escolar, quando é necessário aumentar o nível de concentração para aprender. E levando em conta que o diagnóstico clínico deve ser feito com base no histórico da criança, a observação não só dos pais, como também dos professores, é fundamental. Para desenvolver um bom trabalho com uma criança com TDAH, o professor precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo de má-educação, indolência ou preguiça.

Há uma grande variedade de intervenções específicas que o professor pode fazer para ajudar a criança com TDAH a se ajustar melhor à sala de aula. O professor deve planejar atividades diferenciadas, para que a criança aumente suas chances de ser bem sucedida apesar de seus déficits.

Muitos pais ignoram o uso de medicamento, ou de qualquer

outro tipo de tratamento para a hiperatividade, precisam, no entanto, ter conhecimento que o TDAH é um problema que se não for tratado de forma adequada poderá gerar na vida dessa criança inúmeras complicações. O conhecimento sobre o assunto e a maneira de como agir frente ao problema serão determinantes para ajudar a criança a superar suas dificuldades e frustrações.

REFERÊNCIAS

GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, M. **Hiperatividade**: como desenvolver a capacidade de atenção da criança. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

MATTOS, P. **No mundo da lua**: perguntas e respostas sobre o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. 6. ed. São Paulo, SP: Lemos Editorial, 2006.

ROHDE, L. A. & BENCZIK. **Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade**: o que é? como ajudar? Porto Alegre-RS: Artes Médicas Sul, 1999.

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO MERCADO DE TRABALHO

Sonia Andreis¹
Nelson Cabral²

Resumo:

Este estudo tem como objetivo demonstrar o que a pessoa com deficiência visual entende por trabalho, suas expectativas, quais as suas dificuldades para conseguir adentrar ao tão competitivo mercado de trabalho e ainda faz um levantamento das leis que protegem a pessoa com deficiência no quesito empregabilidade. Procura mostrar algumas das dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência visual para conseguir entrar no mercado de trabalho, relatando como ocorre o processo de inclusão destas pessoas, os preconceitos enfrentados por eles e como a legislação brasileira ajuda na integração dessas pessoas no setor produtivo da sociedade. Analisa a competência social da pessoa cega visando à inclusão deste no mercado de trabalho. Faz menção aos conceitos atuais de recursos ópticos e técnicos que podem ser utilizados na facilitação do desempenho funcional da pessoa com deficiência visual; obedece a objetivos específicos e princípios metodológicos e apresenta sugestões e recomendações para viabilização das propostas encaminhadas no estudo.

Palavras-chave: Trabalho. Pessoa Cega. Sociedade. Empregabilidade.

Abstract:

This study aims to demonstrate that the person with visual impairment meant by work, their expectations, what their difficulties to penetrate the highly competitive job market and still make a survey of laws protecting the disabled person in the question employability. To show some of the difficulties faced by visually impaired people to get into the job market, as reporting on the process of inclusion of these people, the prejudices they face and how the Brazilian legislation helps their integration in the productive sector of society. Examines the social competence of the blind person seeking the inclusion of the labor market. Makes reference to current concepts of optical and technical resources that can be used in facilitating the functional performance of people with visual impairment; obeys specific objectives and methodological principles and offer suggestions and recommendations for the feasibility of the proposals submitted in the study.

Keywords: Work. Blind Person. Society. Employability.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, que aborda a questão das pessoas com deficiência visual no mercado de trabalho, mostrará como está ocorrendo o processo de inclusão das pessoas cegas na vida profissional, destacando

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial

² Orientador: Ms. em Ciência da Educação. Doutorando em: Neurociência e Reabilitação Física.

a importância do trabalho para a construção de sua auto-estima e para a valorização de seus potenciais e habilidades.

A dificuldade de colocação profissional, que hoje é enfrentada por uma parcela significativa de brasileiros, com relação a pessoa cega é agravada pela infundada crença da maioria dos empregadores ao considerarem que a deficiência afeta todas as funções do indivíduo. Além disso, desconhecendo as diversas atividades possíveis de serem realizadas pela pessoa com deficiência, receiam dificuldades de integração com o grupo de trabalho, temem a ocorrência de acidentes e preocupam-se com o custo de adaptações e aquisição de equipamentos especiais.

A perda total ou parcial da visão, não significa que uma pessoa está impedida da prática do trabalho. Pelo contrário, há uma necessidade desta atividade, porém o que se vê é que falta qualificação profissional para que muitos cegos possam adentrar ao mercado competitivo do trabalho. A falta de qualificação profissional de considerável número de pessoas com deficiência visual, ocasionada pela ausência de ações voltadas para a preparação profissional das pessoas com deficiência, e pela dificuldade de acesso aos cursos existentes, é uns dos grandes empecilhos para a empregabilidade da pessoa cega. Diante disso, o objetivo deste estudo é acompanhar a realidade das pessoas com deficiência visual no âmbito social, mostrando como está ocorrendo o processo de inclusão e principalmente a aceitação destas pessoas no mercado de trabalho.

DESENVOLVIMENTO

A palavra 'trabalho' tem sua origem no vocábulo latino *TRIPALIUM* - denominação de um instrumento de tortura formado por três (tri) paus (paliu). Desse modo, originalmente, trabalhar significa ser torturado no *tripaliu*. De acordo com ALBORNOZ (2003, p.8), a palavra trabalho "às vezes carregada de emoção, lembra tortura, dor, suor do rosto, fadiga". Só no século XIV a palavra trabalho começou a ter o sentido genérico que hoje atribui, qual seja, o de 'aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades) humanas para alcançar um determinado fim'.

Partindo do princípio de que o homem nasce numa sociedade e desde o seu nascimento está circundado de pessoas, não quer e nem tem como viver de forma isolada no mundo, e as pessoas com deficiência visual também não desejam ser excluídas do convívio social, assim buscam junto à sociedade uma maneira de enfrentar o mercado de trabalho por hora tão competitivo. Para a pessoa cega, conseguir um emprego é questão de dignidade, de autonomia para se sustentar com o próprio esforço.

O que se pode perceber é que a pessoa cega sempre esteve à

margem da sociedade. No trabalho isso não é diferente, podendo ser percebido desde os tempos mais remotos. Com a transformação da terra em propriedade privada, os homens considerados 'normais' conseguiam se adequar e constituir relações sociais, aqueles com alguma deficiência não podiam nem sequer ser considerados trabalhadores. Pois de acordo com as regras ditadas pelos donos das terras esses não estavam dentro dessa 'normalidade', surge então o termo da inferioridade, homens que não dispunham de habilidades (conforme exigência do sistema Capitalista) para o trabalho, eram considerados inferiores.

A inserção profissional das pessoas com cegueira congênita ou adquirida prematuramente é muito mais difícil. A grande maioria dessas pessoas está fora do mercado formal de trabalho. Existem os camelôs, cambistas, biscateiros e os que perambulam pelas ruas em uma condição de indigência. Alguns vivem completamente tutelados por seus familiares ou por instituições filantrópicas. Poucos conseguem trabalhar com vínculo empregatício, especialmente em ocupações que escolheram. Aqueles, cujo poder aquisitivo o permite, ocupam a posição de proprietários ou de empregadores. O que se percebe é que há uma resistência muito grande na hora de contratar uma pessoa cega. O cego quase nunca encontra condições apropriadas e quase sempre precisa convencer aos outros de suas potencialidades.

Com o advento da Tecnologia Moderna, nem mesmo quem tem qualificação profissional consegue se manter no modo de produção, há milhões de desempregados que disputam vagas entre si, conforme MARX (1996, p.81), "é a formação de cada operário no maior número possível de atividades industriais, de tal forma que se um deles for despedido de um trabalho pelo emprego de uma máquina ou por uma mudança na divisão do trabalho, possa encontrar um outro mais facilmente possível". A pessoa cega apenas não vê, porém pode executar muito bem um trabalho manual se explicado ou outros trabalhos que estão dentro de seu potencial criativo. A inclusão destas pessoas no mercado de trabalho faz com que estas pessoas sintam-se realizadas interiormente, pelo fato de sentirem-se realizadas profissionalmente, estarem sendo reconhecidas socialmente, terem mais responsabilidades, interesses e adequação das funções às próprias possibilidades.

PASTORE (2000) fala que se formos considerar como trabalho a atividade que é exercida de forma legal, com registro em carteira de trabalho ou de forma autônoma, mas com as devidas proteções da seguridade social, é bem provável que essa proporção fique em torno de 2% do total de portadores de deficiência em idade de trabalhar no Brasil – 180 mil pessoas. É realmente uma falta de respeito como a pessoa cega

vem sendo tratada no Brasil, em muitos casos estão inseridos dentro do mercado de trabalho, porém de maneira informal, não tendo seus direitos assegurados e muitas vezes em trabalhos escravos. Há um número muito pequeno de pessoas que trabalham de acordo com as leis trabalhistas.

Em relação ao mercado de trabalho para a pessoa com deficiência, há duas leis que devem ser destacadas, a primeira: Lei 8212/90 que criou a reserva de vagas em concurso público, “às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para o provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas eram reservadas até 20% das vagas oferecidas no concurso” (BRASIL, 1990, p.18). Esta lei ampara o deficiente. Deste modo, o cego para que possa prestar concurso público, durante a prova precisa de um tempo maior que as outras pessoas e precisa de materiais diferenciados e recursos apropriados para que possa mostrar seus conhecimentos.

A segunda Lei é criada em 1991, garante a inclusão dos deficientes nas empresas com reserva de vagas. De acordo com CARREIRA (2007), a Lei 8213/91 de 24/07/91 – artigo 93 – cria a obrigatoriedade para as empresas de contratação de PPD e de reabilitados estabelecendo uma cota nos seguintes termos: de 100 até 200 empregados – 2% de 201 até 500 empregados – 3% de 501 até 1000 empregados – 4% mais de 1000 empregados – 5%.

Assim, garantir um emprego para as pessoas cegas é dar-lhes a garantia que terão seus direitos assegurados e uma vida digna, poderão mostrar para a sociedade que têm seu valor e que possuem diversas habilidades e potencialidade que devem ser valorizadas, além disso, o trabalho poderá ajudar na recuperação e melhorar a qualidade de vida da pessoa com deficiência. É certo que a pessoa cega não pode executar certos trabalhos, como ser motorista, por exemplo, porém há vários empregos dignos em que a pessoa cega se encaixa completamente, e que deve assim ser colocados a sua disposição por merecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi para mim de suma importância, pois foi possível entender que o trabalho é um direito de todo cidadão e deve também fazer parte da vida da pessoa cega, pois a deficiência não impede a pessoa de ser cidadã e ter seus direitos preservados e, principalmente respeitados.

A pessoa cega é como as demais com preferências, habilidades, aptidões, dificuldades, interesses e capacidade produtiva. Necessita apenas de oportunidade para desenvolver suas potencialidades. No campo

da atividade profissional no Brasil, seja na área comercial, industrial ou rural, existem profissões compatíveis com o desempenho da pessoa com deficiência visual, nos diversos níveis de formação. Tais profissões podem ser exercidas pelo deficiente na qualidade de empregado, profissional autônomo ou como empresário.

Conclui-se então que a inclusão do cego no mercado de trabalho e na sociedade em geral, só será efetivamente conquistada, quando a sociedade assumir que existe em seu meio cidadãos buscando alternativas e recursos para atender suas necessidades básicas, e, além disso, estão buscando o direito de ser 'cidadão' e não apenas 'pobres coitados', por possuírem algum tipo de deficiência. Assim, para entrar de forma digna no mercado de trabalho a pessoa cega deve romper as barreiras do preconceito e mostrar que é capaz e que possui inúmeras habilidades.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo-SP: Brasiliense, 2003.
- BRASIL. Lei 8.112, de 11 de novembro de 1990. Brasília-DF: **Diário Oficial da União**, 12 de dezembro de 1990.
- CARREIRA, D. **A integração do deficiente no mercado de trabalho**. São Paulo-SP: SENAC, 2007.
- DINIZ, O. S. **Inclusão de portadores de deficiência no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro - RJ: Senac / Rio, 2003.
- MARX, K. **Os economistas**. São Paulo-SP: Nova Cultural, 1996.
- PASTORE, J. **Oportunidades de trabalho para deficientes**. São Paulo-SP: LTR Editora Ltda., 2000.

A DISLEXIA E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Juliana Marcia Romero Peraçoli¹
Olga Gerotto Gozer²

Resumo:

Este trabalho é fruto de uma pesquisa sobre dificuldades de aprendizagem, mais precisamente sobre dislexia que pode se manifestar de diversos tipos: mental, auditiva, visual, físico, conduta ou deficiências múltiplas. A dislexia merece atenção especial por parte dos gestores de políticas educacionais, especialmente a de educação especial. É uma alteração nos neurotransmissores cerebrais que impede uma criança de ler e compreender com a mesma facilidade com que o fazem as crianças da mesma faixa etária, independente de qualquer causa intelectual, cultural ou emocional. É um problema de base cognitiva que afeta as habilidades lingüísticas associadas à leitura e à escrita. Sem a assistência e o apoio necessários essas crianças desestimulam-se e podem até desistir de estudar. O diagnóstico precoce é imprescindível para o desenvolvimento contínuo das crianças disléxicas. Reconhecer as características é o primeiro passo para que se possa evitar anos de dificuldades e sofrimentos. Crianças com dificuldades escolares seja qual for a raiz do problema, necessitam de educação, atenção e ensino diferenciados para que possam desenvolver suas habilidades, e quanto mais cedo for detectado o problema, melhores serão os resultados. Uma intervenção pedagógica competente para ajudar o aluno disléxico garante a melhora na leitura e na escrita. É um trabalho que exige muita persistência, atenção, repetição e técnicas adequadas, motivação com adaptações necessárias, considerando as necessidades particulares de cada indivíduo que integra a sociedade.

Palavras chave: Dislexia. Auto-estima. Desenvolvimento. Motivação.

Abstract:

This work is fruit of a research about learning difficulties, more precisely on dyslexia that can show of several types: mental, hearing, visual, physical, conduct or multiple deficiencies. The dyslexia deserves special attention on the part of the managers of education politics, especially the one of special education. It is an alteration in the cerebral neurotransmitters that it impedes a child of to read and to understand with the same easiness with that you/they make him the children of the same age group, independent of any cause intellectual, cultural or emotional. It is a problem of cognitive base that it affects the linguistic abilities associated to the reading and to the writing. Without the attendance and the necessary support those children are discouraged and until they can give up on studying.

The precocious diagnosis is indispensable for the dyslexic children's continuous development. To recognize the characteristics is the first step so that she can avoid years of difficulties and sufferings. Children with

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial.

² Orientadora: Ms. em Ciências da Educação.

school difficulties are which is the root of the problem, they need education, attention and teaching differentiated so that they can develop their abilities, and the more the problem be detected early, best will be the results. A competent pedagogic intervention to help the dyslexic student guarantees the improvement in the reading and in the writing. It is a work that demands a lot of persistence, attention, repetition and appropriate techniques, motivation with necessary adaptations, considering the needs peculiar of each individual that it integrates the society.

Keywords: *Dyslexia. Self-esteem. Development . Motivation.*

A DISLEXIA E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

É dever dos educadores respeitar o ritmo de aprendizagem dos alunos com dislexia. Eles devem receber uma atenção especial do professor; aconselha-se sentar na primeira fila, com direito a atendimento específico de acordo com as necessidades apresentadas.

VYGOTSKY (1989) enfatiza o papel da aprendizagem no desenvolvimento do ser humano valorizando a escola, o professor e a intervenção pedagógica. Portanto, considera que a aprendizagem refere-se a um processo complexo no qual estão incluídas inúmeras variáveis: aluno, professor, contexto escolar, família, concepção teórica, organização curricular entre outros.

O professor deve usar vários recursos, como gravuras, desenhos, materiais pedagógicos, pois sem o auxílio desses instrumentos, o aluno vai ter dificuldade de se expressar.

Conforme informações encontradas no *site* sobre DISLEXIA (2007) a dislexia é uma síndrome pouco conhecida e pouco diagnosticada por pais e educadores, especialmente os pedagogos e médicos, que se voltam ao desenvolvimento cognitivo das crianças na educação básica que é educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

A dislexia é uma perturbação ou transtorno de leitura. A criança disléxica é considerada um mau leitor. É capaz de ler, mas não é capaz de entender eficientemente o que lê. Uma criança disléxica é inteligente, habilidosa em tarefas manuais, mas persiste um quadro de dificuldade de leitura desde a educação infantil à educação superior. A estimativa é de que há no Brasil, pelo menos, 15 milhões de crianças e jovens que sofram com distúrbios de leitura. A dislexia tem sido a maior causa do baixo rendimento escolar.

A linguagem é fundamental para o sucesso escolar. Ela está presente em todas as disciplinas e todos os professores são potencialmente professores de linguagem, porque utilizam a língua materna como instrumento de transmissão de informações. Muitas vezes uma dificuldade no ensino da matemática está mais relacionada à compreensão do

enunciado do que ao processo operatório da solução do problema. Os disléxicos, em geral, sofrem com a discalculia que se explica pela dificuldade de calcular porque encontram dificuldade de compreender os enunciados das questões.

O professor com formação ou informação efetiva em dificuldades de aprendizado pode tornar-se canalizador do encaminhamento de providências junto ao aluno disléxico. Mas o profissional naturalmente indicado para essa iniciativa é o psicólogo escolar que poderá tomar a iniciativa de comunicar a necessidade dessas providências aos pais dessa criança e de atuar como mediador entre os familiares e os diferentes profissionais que participam dessa avaliação diagnóstica.

Programa remediativo de suporte psicopedagógico elaborado com base no diagnóstico diferencial em dislexia poderá, também, ser aplicado com a participação cooperativa do psicólogo escolar, com formação em dificuldades de aprendizado.

Como existe, ainda, muita desinformação acerca dos intrincados mecanismos envolvidos nas dificuldades de aprendizagem em dislexia, no Brasil, uma das principais razões é congregar e treinar profissionais para essa difícil arte especializada do ensino-aprendizagem em dislexia.

Segundo a Professora Áurea Maria Stavale Gonçalves - Psicóloga e Psicopedagoga, Profissional Voluntária do CAE - Centro de Atendimento Especializado, para os professores o disléxico é um aluno desatento; para os pais, preguiçoso e ele mesmo considera-se *burro*. Preguiçoso, desligado, desorganizado são adjetivos que costumam acompanhar o disléxico, fazendo parte de seu dia-a-dia. É com uma vivência de múltiplos insucessos e com sua auto-estima bastante rebaixada que a criança ou adolescente com dislêxia chega ao consultório do psicopedagogo. Dificuldades na leitura e na escrita, letra ruim, troca de letras, lentidão, são as principais características desse distúrbio de aprendizagem. Essa criança com inteligência, geralmente, acima da média, enxerga e ouve bem, expressa-se com fluência oralmente, no entanto, seu desempenho escolar não combina com seu padrão geral de atuação. Percebe-se que mais freqüentemente os pais buscam um psicopedagogo quando a criança está com idade para iniciar a 5ª série, nessa fase, enfrentam múltiplas exigências, de diferentes professores e sua desorganização e dificuldade na leitura e expressão escrita ficam muito evidentes. Grande parte da intervenção psicopedagógica tem o objetivo de buscar os talentos, muitas vezes, escondidos dessa criança; os fracassos, sem dúvida, ela já os conhece bem. São constantemente explicitados na escola, na família e entre seus pares. Outra tarefa da clínica psicopedagógica é ajudar essa pessoa a descobrir modos compensatórios de aprender: jogos, leituras

compartilhadas, atividades específicas para desenvolver a escrita e habilidades de memória e atenção fazem parte do processo de intervenção. À medida que essa criança se percebe capaz de produzir, poderá avançar com êxito no processo de aprendizagem e iniciar o resgate de sua autoestima.

No atendimento a qualquer criança com dificuldade de aprendizagem se faz necessária uma parceria envolvendo o psicopedagogo, pais e a escola. No caso da dislexia, essa parceria é vital no processo de construção do conhecimento da criança. Muitas vezes, na escola, são necessários esclarecimentos sobre a dislexia, e estratégias favoráveis ao seu desempenho acadêmico.

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem que, por envolver áreas básicas da linguagem, pode tornar árduo esse processo; porém, com acompanhamento adequado a criança pode redescobrir suas capacidades e o prazer de aprender.

REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3.ed. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1989.

DISLEXIA. **O que é a dislexia**. Disponível em:<<http://www.dislexia.com.br>> Acesso em: 06 nov 2007.

SURDOS, GEOMETRIA E ORIGAMI

Sidnéia Valero Egido ¹

Olga Gerotto Gozer ²

Resumo:

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a importância da inserção do surdo no ensino regular, na aprendizagem da matemática conforme sua realidade por meio de materiais concretos. Tal interesse surgiu a partir de questionamentos sobre o aprendizado de crianças surdas, no que diz respeito à metodologia desenvolvida nas escolas regulares, que seguem um preceito governamental de inclusão. A importância das aulas de Matemática para o desenvolvimento do deficiente auditivo, assim como as metodologias utilizadas para que o aluno surdo consiga compreender o processo matemático são colocados como necessidades. Assim, a pesquisa busca responder indagações, verificações de como o surdo aprende a matemática. Possibilita também encontrar meios para que o professor estabeleça regras e regulamentos para que seu trabalho educativo seja realizado de forma organizada, coerente, participativa e, principalmente, satisfatória.

Palavras-chave: Surdez. Matemática. Inclusão. Aprendizagem.

Abstract:

This work aims to reflect about the importance of integrating the deaf into mainstream education, in learning mathematics as their reality through concrete materials. Such interest arose from questions about the learning of deaf children, with regard to the methodology developed in mainstream schools, which follow a precept government of inclusion. The importance of mathematics classes for the development of the hearing impaired, as well as the methodologies for the deaf student can understand the mathematical process are placed as necessary. Thus, the research asks questions, checks for the Deaf and learn mathematics. It also allows to find ways for the teacher to establish rules and regulations for its educational work is carried out in an organized, coherent, participatory, and especially satisfying.

Keywords: Deafness. Mathematics. Inclusion. Learning.

INTRODUÇÃO

A educação dos surdos é um tema polêmico que gera sempre debates acalorados, pois, de um lado, estão o respeito às questões da diferença lingüística, à identidade surda, e os modos próprios de relação cultural que os sujeitos surdos têm; de outro, a preocupação com a inclusão deste grupo na comunidade majoritária, respeitando suas diferenças e necessidades, mas atentando para que não se constitua como uma

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial.

² Orientadora: Ms. em Ciências da Educação.

comunidade à parte, marginalizada. Este debate acaba se materializando na defesa, de um lado, de escolas de surdos e, de outro, pela inserção do aluno surdo na escola de todos.

O trabalho com Origami retrata experiências de atividades, além do quanto se pôde comprovar como instrumentos na construção de conceitos geométricos, observaram-se promissoras contribuições da linguagem simbólica universal que este recurso concreto oferece na interação do professor ouvinte com o estudante surdo.

DESENVOLVIMENTO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais consideram que dentre os componentes curriculares, a geometria se destaca por estimular os estudantes a observar, perceber semelhanças e diferenças, bem como relacionar outras áreas do conhecimento a partir da exploração de objetos do mundo físico. “Apesar de, para os matemáticos, não haver dúvidas de que os elementos geométricos (ponto, reta, plano, sólidos, etc.) pertencem ao mundo das idéias matemáticas, estes elementos tiveram sua origem no mundo físico e representam abstrações de objetos materiais”. (KALEFF, 1998, p.16).

Por meio da manipulação de objetos concretos, acredita-se que os estudantes surdos criarão os sinais adequados aos objetos geométricos. Tais sinais só aparecem mediante a compreensão dos conceitos. “O significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito” (VYGOTSKY, 1998, p.104).

O Origami permite a construção desses conceitos por meio da confecção de variadas peças, da manipulação, tanto como da observação das formas assumidas pelo papel. Além de favorecer o desenvolvimento intelectual do estudante, uma vez que desenvolve a capacidade criadora, contribui para o desenvolvimento da psicomotricidade. O Origami é conhecido como a arte de dobrar o papel, cujo nome de origem “orikami”, significa dobrar papel (“ori” - dobrar e “kami” - papel) e quando pronunciadas juntas, o “k” é substituído pelo “g”. Alguns estudiosos afirmam que o hábito de dobrar papéis é tão antigo quanto a existência da primeira folha de papel obtida na China. Essa arte tem suas regras: folha de papel quadrada, sem cortes. Mas não são regras absolutas e há inúmeras dobraduras fora deste esquema. Origamistas profissionais do Rio de Janeiro, por exemplo, consideram que o simples fato de curvar o papel já se constitui uma dobra ou vinco, ampliando o conceito de Origami.

O estudante surdo possui habilidade e memória visual superior, devido ao uso de uma língua visual-espacial que se identifica com

a linguagem visual universal contida nos esquemas de Origami. “As atividades geométricas podem contribuir também para o desenvolvimento de procedimentos de estimativa visual,... Isso pode ser feito, por exemplo, por meio de trabalhos com dobraduras,...” (BRASIL, 2000, p.128).

A utilização do Origami como ferramenta para a construção de conceitos geométricos cria a oportunidade de explorar uma outra linguagem simbólica universal, como a linguagem matemática e de exercitar uma forma de comunicação que difere da oral e escrita formais. “Penrose, ele próprio geômetra, conclui que as palavras são quase inúteis para o pensamento matemático (...)” (SACKS, 1998, p.54),

O Origami serve como instrumento de mediação, pois permite fazer associações entre as formas geométricas e as peças construídas, estabelecendo uma relação entre o campo do significado e o campo da percepção produzindo sentidos. O objetivo é que o estudante se desenvolva a ponto de, ao ver uma figura geométrica em qualquer posição, saiba identificá-la, bem como reconhecer suas propriedades. Será ainda, um estimulador para o desenvolvimento dos signos internos “Signos internos, isto é, representações mentais que substituem os objetos do mundo real” (OLIVEIRA, 1993, p.35). As diferentes formas assumidas pelo papel serão assimiladas em um processo de memorização visual semelhante ao que ocorre com a língua de sinais.

As formas geométricas contêm uma diversidade de conceitos com vocabulário próprio, em que cada palavra possui um significado, que remete às características e propriedades dos objetos. Não basta manipular os objetos – é necessário saber para que servem e como podem ser usados, isto é, conhecer o seu conceito. Ao entender o conceito, se este for construído com a turma, os próprios estudantes criarão os sinais, ou mesmo classificadores para descrever os objetos geométricos. Se o professor impõe os sinais, ele corre o risco de a turma ser apenas uma repetidora, sem compreender o conceito estudado.

“A experiência prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança semelhante a um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo”. (VYGOTSKY, 1998, p.104).

Conforme BRASIL (2000), os PCNs mostram que é multiplicando suas experiências sobre os objetos do espaço em que vive que a criança aprenderá a construir uma rede de conhecimentos relativos à localização, à orientação, que lhe permitirá penetrar no domínio da representação dos objetos e, assim, distanciar-se do espaço sensorial ou físico. É o aspecto

experimental que colocará em relação esse dois espaços: o sensível e o geométrico. De um lado, a experimentação permite agir, antecipar, ver, explicar o que se passa no espaço sensível, e de outro possibilita o trabalho sobre as representações dos objetos do espaço geométrico e assim, desprender-se da manipulação dos objetos reais para raciocinar sobre representações mentais.

“O pensamento geométrico desenvolve-se inicialmente pela visualização: as crianças conhecem o espaço como algo que existe ao redor delas. As figuras geométricas são reconhecidas por suas formas, por sua aparência física, em sua totalidade, e não por suas partes ou propriedades”. (BRASIL, 2000, p.127).

Como alguns livros didáticos e professores ouvintes apresentam os conceitos geométricos de maneira formal e com definições apoiadas na língua portuguesa e na linguagem matemática, o Origami apresenta-se como elemento motivador para a exploração, observação dos objetos geométricos e como facilitador do reconhecimento de suas características e propriedades. Destacam-se ainda suas contribuições na promoção da interação social, do trabalho em grupo, da cooperação, do aumento da concentração e auto-estima; no desenvolvimento da coordenação motora e da musculatura fina; no favorecimento de ações como observar, compor, decompor, transformar, representar e comunicar; bem como na possibilidade de construção de conceitos matemáticos diversos, tais como: frações equivalentes, simplificações de frações, operações de frações; áreas; simetrias; articulação do pensamento algébrico com o pensamento geométrico; verificação de resultados através de teoremas e leis matemáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que, ainda há muito que fazer, pensar, pesquisar, discutir e debater sobre a Geometria e Origami para Surdos, que por si só é tão complexo, porém, se todos fizerem sua parte, a inclusão ocorrerá certamente e de forma a atender as necessidades de todas as pessoas envolvidas neste processo. Deste modo, é relevante por constituir-se como material de apoio também às pessoas que convivem com o surdo ajudando no relacionamento deste com a sociedade, com o meio e consigo mesmo, respeitando sempre a sua singularidade, mas principalmente, por contribuir com o saber científico, visto que são escassas as investigações em se tratando dessa temática.

Sendo assim, buscou-se contribuir para o entendimento da matemática no contexto dos surdos, mostrando as diferentes formas de

entender, representar e utilizar a matemática que os surdos apresentam em suas atividades nas escolas e nas práticas sociais em que estão inseridos. Recomenda-se que se crie nas escolas um espaço acolhedor para trabalhar com os surdos, não somente a matemática, mas todas as disciplinas, visando proporcionar uma educação de qualidade, na qual o educando seja respeitado por suas diferenças e valorizado por suas habilidades.

REFERÊNCIAS

KALEFF, A. M. **Vendo e entendendo poliedros**: do desenho ao cálculo do volume através de quebra-cabeças e outros materiais concretos. Niterói-SP: EdUFF, 1998.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo-SP: Scipione, 1993.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**, 2. ed. Rio de Janeiro-RJ: DP&A, 2000.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos, tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**, 2 ed. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1998.

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Marisa Bressam Pereira Faria¹
Nelson Cabral²

Resumo:

O uso de novas tecnologias da informação, da comunicação e do conhecimento são necessidades que se apresentam como instrumento de mudanças educacionais no processo ensino-aprendizagem e no processo de inclusão. Na realidade são desafios que trazem implicações e mudanças de concepção, de conteúdo, de método, de gestão com novas metodologias de ação e novas posturas, em relação às transformações, adaptações inovadoras, de comunicação e de conhecimento intelectual, tecnológico e das exigências que o processo de inclusão diante das diversidades existentes, apresenta. Frente a essas mudanças o educador tem o papel de interagir diferenciadamente para a construção desta nova sociedade inclusa.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Comunicação. Conhecimento. Inclusão. Gestão diferenciada.

Abstract:

The use of new information technologies, communication and knowledge are needs that present themselves as an instrument of educational change in the teaching-learning process and in the process of inclusion. Actually they are challenges that have implications and changes in design, content, method of management with new methods of action and new postures in relation to changes, adaptations, innovative communication and intellectual knowledge, technology and the demands that the inclusion process before the existing diversity presents. Faced with these changes the teacher's role is to interact differently to build this new company included. Keywords: new technologies, information, communication, knowledge, challenges, inclusion, diversity, differentiated management.

Keywords: *New technologies. Communication. Knowledge. Inclusion. Differentiated management.*

Nem sempre as escolas tiveram um papel central na educação das crianças, assim como nem sempre existiu a moderna idéia de infância, entendida como um período especial dedicado a brincar e a estudar, envolvendo a necessidade de proteção e de amor por parte dos adultos (BRASIL, 1998). É por esta razão que as escolas se tornaram instituições tão centrais e “naturais” em nossa sociedade a ponto de nem imaginarmos como viver sem elas.

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial

² Orientador: Ms. em Ciência da Educação. Doutorando em: Neurociência e Reabilitação Física.

A escola é, portanto, um espaço vivo, de profunda socialização, na qual atuam pessoas concretas, com histórias diversas e com culturas variadas (BRASIL, 1998). A escola torna-se assim um centro de renovação ou de novas alternativas, buscando no conhecimento a informação e a comunicação necessárias ao acompanhamento e uso de novas tecnologias, ou seja, conhecimento dos princípios de comunicação, da percepção e da linguagem, como elementos possibilitadores da prática didática, com objetivo de produção do ensino-aprendizagem participativo (MÂNPIO, apud NEVES, 1998).

É nesse espaço que o conhecimento constitui-se em fator de produção da nova economia cuja lógica é diametralmente oposta à lógica do capital. O conhecimento está na capacidade de agir.

Na nova economia o conhecimento constitui o fator de produção cuja lógica opõe-se a lógica do capital, pois no contexto organizacional da empresa/instituição, representa competência da experiência e da prática, onde os gestores podem dimensionar seus clientes/usuários, serviços, produtos, processos, e, principalmente, erros e acertos (RAMOS, 2006, p. 62).

Na Era do Conhecimento tem-se:

- 1 - Processo de socialização pelo compartilhamento de experiências do tácito-tácito, que constituem as habilidades, técnicas e o know how;
- 2 - Processo de externalização pela articulação do conhecimento tácito em conceitos explícitos – tácito-explícito, através do diálogo e da reflexão coletiva;
- 3 - Processo de combinação constitui-se na sistematização de conceitos, explícito-explícito, onde ocorre a associação do conhecimento explícito;
- 4 - Processo de internalização ocorre com a incorporação do conhecimento explícito no conhecimento tácito, explícito-tácito, representando a cultura organizacional e do aprender fazendo (RAMOS, 2006, p. 62).

Na Era do Conhecimento verifica-se a aquisição do novo conhecimento através da conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito.

A revolução da Informação afeta tudo e está assumindo o papel que as fábricas desempenharam durante um século. O sucesso da economia baseada no conhecimento depende de novas habilidades e novos tipos de organizações e gerenciamentos que possam refletir as transformações sociais exigidas.

Pode-se dizer com isso que se tem aí a Terceira Revolução Industrial vinda de uma Era Agrária para uma Era Industrial e desta para a Era da Informação, na qual a Era do Conhecimento representa para a economia uma escala flexível em que o tempo traduz-se em real, enquanto a massa torna-se intangível num espaço ilimitado.

A Era da Informação é uma via de mão dupla, na qual o conhecimento é o maior bem do profissional, exigindo assim conhecimento contínuo e aprendizagem como sustentáculo das informações. O mercado busca quem tem talento, e, isto é, exatamente a única coisa que não se pode ensinar (REVISTA VENCER, 2000).

Como visto, o conhecimento sempre foi importante e na Era do Conhecimento, este se torna mais importante do que nunca, pois o nosso estoque de Capital Intelectual diante da revolução econômica na qual estamos inseridos nos traz a Era da Informação. Sendo assim, o Capital Intelectual tornou-se crucial, aumentá-lo e gerenciá-lo constitui-se em proteção de nosso recurso econômico apresentando maior importância do que a matéria-prima.

É preciso que as novas tecnologias utilizem-se da informação e da comunicação como instrumento do processo ensino-aprendizagem e no processo de inclusão, pois a aprendizagem humana e de como a mesma se processa, com o objetivo de desenvolver modelos de ensino que se adaptem aos indivíduos, à preparação e operacionalização de recursos técnicos que correspondam aos diferentes estilos de aprendizagem, de níveis e propósitos da instrução, sem preconceitos e inclusive a portadores de deficiências motoras, mentais ou visuais (MARANHÃO, 1994).

As tecnologias apresentam-se no cotidiano não apenas em forma de suportes, mas de cultura. As tecnologias ampliam nossa visão de mundo, com modificação das linguagens e com proposições de novos padrões éticos e novas maneiras de aprender a realidade. Sendo assim, a escola – seus dirigentes e professores – conseqüentemente precisam discutir e compreender seu papel diante dessas exigências em relação aos processos de ensino e aprendizagem (FIORENTIN; CARNEIRO, 2002).

O Ministério da Educação em parceria com os Estados e em Uni Rede promovem um curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, proporcionando aos educadores uma análise, reflexão e estudo da dimensão das Tecnologias da Educação, dos Usos, Experimentação, Planejamento e Produção dessas Tecnologias como instrumento e estratégia de autonomia, criatividade e criticidade de integração harmoniosa com o projeto político pedagógico cujo foro deve estar voltado à qualidade de uma educação cidadã.

A modernização das tecnologias ganha memória, mobilidade. O telefone transforma-se, desempenha novas funções e torna-se instrumento de trabalho insubstituível para muitos. A informática permite o uso do computador como suporte da televisão, da rádio, da Internet, da imprensa. A comunicação torna-se necessidade essencial como inserção profissional, exigindo que se saiba ler, escrever, calcular, utilizar terminal eletrônico, secretária eletrônica, endereço eletrônico, fax, microcomputador. Essas novas formas de comunicação, de acesso e produção de conhecimento

contribuem para a abertura de esforços de diversão e aprendizagem.

Segundo FIORENTIN; CARNEIRO (2002, p.23) as novas tecnologias precisam objetivar:

- a identificação dos aspectos teóricos e práticas dos meios de comunicação no contexto das novas tecnologias da informação e comunicação (uso integrado de várias linguagens sonoras, visuais, audiovisuais, informáticas), destacando os mais úteis ao processo de ensino e aprendizagem;
- a familiarização com as tecnologias da informação e da comunicação e sua utilização pedagógica;
- a compreensão das capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas e comunicacionais do homem, por meio das contribuições científicas;
- a exploração do potencial de recursos existentes na TV Escola no projeto político-pedagógico da escola, sua gestão no cotidiano escolar e sua disponibilização à comunidade;
- a elaboração de propostas concretas para utilização do acervo da TV Escola e de outras fontes para o desenvolvimento de atividades curriculares nas diferentes áreas do conhecimento, assim como outras tecnologias da informação e da comunicação.

O gestor escolar precisa estabelecer um espaço de harmonia entre o ensinar e o aprender, transformando a escola em um lugar em que cada um possa se conhecer e tomar-se incluído socialmente. Para tal, é extremamente importante um trabalho muito forte de conscientização e capacitação tanto dos educadores como dos educandos para lidar com essa realidade.

TOSTA (2000), coloca-nos que a inclusão para ser efetiva e eficiente deve estabelecer um plano de ação, no qual os critérios sejam claros quanto as necessidades e ações a serem trabalhadas individualmente e coletivamente. Esse processo exige um engajamento coletivo de todos da equipe, com consciência, planejamento, conhecimento das regras, métodos e processos educacionais dos quais todos devem participar, exercitando a sociabilidade, a tolerância e o relacionamento com o próximo.

É nesse momento que esta convivência viabiliza aos educandos e educadores uma reflexão diferenciada da realidade, ou seja, que pensem e reflitam sobre suas próprias limitações, expectativas e desafios permitindo a aprendizagem de como lidar com as diversidades.

As novas tecnologias oferecem-nos possibilidades de eliminar mitos, tabus, paradigmas e vencer preconceitos, pois à medida que ensinamos aprendemos a nos conhecer proporcionando com isso que cada um possa se conhecer e contribuir para a transformação da escola diante dessa nova realidade: informação, conhecimento, tecnologia, comunicação acelerada

e assim utilizar essa diversidade que se apresenta como um processo inclusivo de reflexão.

A Escola inclusiva e as novas tecnologias têm na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº. 9394/96 um marco muito significativo na educação brasileira, uma vez que prevê a inclusão e a ampliação do atendimento educacional. (BRASIL,1998).

Sendo assim, a escola, como instituição que é, constitui-se no ambiente propício para possibilitar a interação da criança com o meio social. A inclusão, pois, deve ser o início para que a sociedade receba esses seres especiais e as diversidades existentes, oferecendo a oportunidade para que eles possam relacionar-se com seus amigos, com ou sem necessidades especiais, no contato com os ambientes dos quais forem privados pela sua própria condição, oportunizando-lhes interagirem, experienciem e vivenciem situações com qualquer outro ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem e de uma nova escola inclusiva nos trazem as tecnologias da informação, da comunicação envolvendo-se sem cessar e com rapidez de novos conhecimentos.

Verifica-se assim que a escola, na sociedade tecnológica tem o papel de contribuir para formar cidadãos autônomos e conscientes, organizando experiências nas quais os educadores possam trabalhar sua postura crítica diante da massa de informações e mensagens que os bombardeiam sem cessar todo dia.

A leitura crítica de imagens possibilita o entendimento das experiências e da nossa identidade em sua construção social. Também a aprendizagem de apreciar, decodificar e interpretar as imagens propicia-nos a compreensão da forma como essas imagens são construídas e as maneiras com que estas interferem em nossas vidas.

Educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. Até então, foram feitas apenas adaptações, pequenas mudanças, entretanto, a televisão, o cinema, a Internet e demais tecnologias viabilizam a realização do que já fizemos ou o que desejamos. Somos ajudados a comunicar-nos de forma confiante e carinhosa se somos pessoas abertas; já o aumento das formas de controle ocorre se somos pessoas fechadas.

É preciso termos propostas inovadoras, pois estas facilitam a mudança, a quebra de paradigmas.

É preciso que aprendamos, fazendo e começando por formas de utilização das novas tecnologias mais simples, para que através da experimentação, avaliação e experimentação novamente, possamos

assumir assim atividades mais complexas e de inovação das mudanças desejadas e necessárias.

O grande desafio na aprendizagem exige flexibilização de comunicação focada na relação afetiva, no gestor dos educandos e como eles são, estimulando-os a participarem, com aproveitamento de todo potencial para motivá-los, valorizá-los, incentivá-los, surpreendê-los. A interação afetiva aproxima o universo perceptivo, racional e lingüístico. As novas tecnologias e seus grandes desafios nos trazem através da pesquisa novos caminhos de integração do humano e do tecnológico; do sensorial, do emocional, do racional e do ético; do presencial e do virtual; de integração da escola, do trabalho e da vida.

Precisamos de uma educação diferente, atualizada, contemporânea, que traga um novo encontro à sociedade, mas, precisamos também de educadores com uma “nova cara”, com práticas inovadoras, criativas e humanas.

Então, considera-se que a informação e da comunicação voltam-se para a construção de uma sociedade onde a inclusão social seja prioridade absoluta, como a dos analfabetos, a dos professores leigos, as pessoas com necessidades especiais, com formação para a cidadania, para a democratização dos processos sociais, integrando a escola e a comunidade, de tal sorte que a educação mobilize a sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Convívio escolar. **Cadernos da TV Escolar**. Brasília-DF: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 1998.
- FIORENTIN, L. M. R.; CARNEIRO, V. L. Q. **TV na escola e os desafios de hoje**. 2. ed. Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2002.
- MARANHÃO, A. P. **Pedagogia de maiôs**: a tecnologia da educação como um compromisso social. Curitiba-PR: Cetepar, 1994.
- NEVES, C. M. de C. Critérios de qualidade para a educação a distância. **Revista Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro,RJ: v. 26, n. 141, abr./ jun. 1998.
- RAMOS, J. M. **Economia da informação e conhecimento**. Formulação e gestão de políticas públicas. Cascavel-PR: UNIOESTE, 2006.
- REVISTA VENCER. **Vencendo na internet**. São Paulo-SP: Vencer, n. 9, jun. 2000.
- TOSTA, L. R. Inclusão ideal. **Atividades e experiências Grupo Positivo**. Curitiba-PR, n° 7, jun de 2006.

A INCLUSÃO E O CONTEXTO LINGUÍSTICO DO DEFICIENTE AUDITIVO

Bethlin Laiz Pardinho Bertoli¹
Olga Gerotto Gozer²

Resumo:

A escola inclusiva faz críticas no modo parcial pelo qual o sistema de cascatas propõe a inserção de alunos com necessidades educativas especiais, questiona tanto a educação especial quanto a regular, tal como se apresentam atualmente. O caso do aluno com deficiência auditiva inserido na sala de aula é que não se deve pautar pelo maniqueísmo, pois não há uma regra que garanta o bom resultado, pois deve se analisar que cada criança tem sua história e, sem dúvida, o professor e as escolas terão papel decisivo no seu desempenho. De qualquer forma por uma ou outra razão poucos são os casos bem sucedidos, o motivo real do fracasso não parece estar somente na escola. A inclusão não exclui ninguém do infinito significado do conceito de educar, daí ser uma educação para todos.

Palavra chave: Deficiência. Família. Escola. Sociedade.

Abstract:

The inclusive school makes critics in the partial way for which the system of cascades proposes the students' insert with special educational needs, it questions the special education so much with relationship the regular, just as they come the student's case now with auditory deficiency inserted in the class room it is that she should not rule for the Manichaeism, because there is not a rule that guarantees the good result, because it should analyze if that each child has your history and, without a doubt, the teacher and the schools will have decisive paper in your acting. In any way for an or other reason few are well the cases happened, the real reason of the failure doesn't seem to be only at the school, because, in this choice, done by the family or imposed by the conjuncture where the same interferes. The inclusion doesn't exclude anybody of the infinite meaning of the concept of educating, then to be an education for all.

Keywords: Deficiency. Family. School. Society.

A INCLUSÃO DA CRIANÇA NO ENSINO REGULAR

A educação inclusiva nasceu e vem se fortalecendo dentro de um ensino regular sedento pela melhoria da qualidade de escolarização no mundo. Os especialistas inclusivos partem da idéia de que uma educação com qualidade teria como consequência a presença de todos os tipos de criança dentro de uma escola regular. (WERNECK, 1997).

Tratando-se de aluno com deficiência auditiva, parece lícito supor

¹ Graduada em História e Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial. CTESOP.

² Orientadora: Ms. em Ciências da Educação.

que o desenvolvimento insatisfatório dos surdos sofreu até agora as mesmas conseqüências da falta de uma política educacional democrática efetiva que extrapolasse os muros escolares e permeasse a construção dos futuros cidadãos, sem os preconceitos até agora arraigados. Uma das razões que explicam porque muitos pais procuram as escolas regulares para seus filhos surdos é que a opção da educação especial oferece um modelo pedagógico, que subestima os deficientes auditivos e suas capacidades auditivas.

“A escola baseada nos modelos clínicos, que entende a surdez como déficit e doença, reduz as expectativas de aprendizagem dos estudantes portadores de deficiência auditiva. Somam a este contexto outros equívocos como o de achar que o fato de ter colegas surdos compromete o aprendizado, ou que ouvintes aprendem mais rápido que os surdos e por isso é melhor ter como colegas”.(WERNECK,1997,p.28).

De acordo com dados do Censo Escolar do MEC, até 1999 os deficientes auditivos constituíram 12,8% dos alunos matriculados com necessidades especiais. A grande maioria (31.825 de um total de 47.810) estava no ensino fundamental.

Apenas 899 tinham chegado ao ensino médio. A pré-escola, essencial para o desenvolvimento da criança com deficiência auditiva, contava com apenas 6.618 alunos matriculados. Tais números mostram o insucesso do deficiente auditivo no sistema mantido até então, apesar dos recursos disponíveis: ensino itinerante, sala de recursos pedagógicos para o atendimento nas escolas públicas conforme salienta SILVA:

A inclusão do aluno surdo não deve ser norteada pela igualdade em relação ao ouvinte, e sim em suas diferenças sócio – históricas – culturais, as quais o ensino se ampare em fundamentos lingüísticos, pedagógicos, políticos, históricos, implícitos nas novas definições e representações sobre a surdez. A escola ao considerar o surdo como ouvinte numa lógica de igualdade lida com a pluralidade dessa pessoa de forma contraditória, ou seja, nega sua singularidade de indivíduo surdo. (SILVA, 2001, p. 96.).

Tais considerações reivindicam uma revisão educacional que trace uma nova visão curricular com base no próprio deficiente auditivo.

Sabe-se que muitos surdos por meio de atendimento especializado e instrumentos específicos podem adquirir a língua oral sem muitos problemas, mas a grande maioria utiliza a língua de sinais que faz parte da sua comunidade surda. Sendo assim, a utilização da Língua de Sinais é fundamental para o seu pleno desenvolvimento.

Dessa forma, salienta VALENTINI (1999, p. 18), “o quadro que se apresenta atualmente não chega a esboçar uma diversidade de iniciativas, que possam levar a uma verdadeira e eficiente inclusão do aluno surdo,

sendo que esta é realizada por profissionais que desconhecem o que seja língua de sinais, condição bilíngüe ou sujeito surdo, em oposição a ser deficiente auditiva”.

Partindo da premissa de que quanto mais a criança interage espontaneamente com situações diferenciadas mais ela adquire o genuíno conhecimento, fica fácil entender porque a segregação não é prejudicial apenas para o aluno com deficiência. A segregação prejudica todos, porque impede que as crianças das escolas regulares tenham oportunidade de conhecer a vida humana com as suas dimensões e desafios.

“Portanto é necessário que se busque a evolução, e evoluir é perceber que incluir não é tratar igual, pois as pessoas são diferentes. Alunos diferentes terão oportunidades, para que o ensino alcance os mesmos objetivos. Incluir é abandonar estereótipos. Uma comparação entre a proposta da integração e a proposta da inclusão no âmbito da escola e do trabalho”. (BOTELHO, 1998, p.85). Na filosofia da inserção, via sistema de cascatas, a escola ou a empresa dá oportunidade a quem estaria impedido no início de estudar ou de trabalhar, mas recai sobre a deficiência a responsabilidade de se esforçar ao máximo para mostrar que merece a vaga. Na perspectiva de inserção é diferente, a pessoa deficiente participa de tudo, tem direito a tudo, em resumo, na inclusão, as responsabilidades ficam divididas. Cabe aos cidadãos não deficientes, diminuir os obstáculos e facilitar o acesso de pessoas com impedimentos a uma vida digna.

REFERÊNCIAS:

- BOTELHO, P. **Segredos e silêncios na interpretação dos surdos**. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 1998.
- SILVA, M. P. M de. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo-SP: Plexus, 2001.
- VALENTINI, C. B. As novas tecnologias da informação e a educação de surdos. In: SKLIAR, P.(org). **Atualidade bilíngüe para surdos**. Porto Alegre-RS: Mediação, 1999.
- WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro- RJ: WVA, 1997.

ACESSO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS ESCOLAS

Beatriz Rodrigues Sanches¹
Nelson Cabral²

Resumo:

Este estudo tem como objetivo demonstrar como deve ocorrer o acesso da criança com deficiência física nas escolas de ensino regular, mostrando as barreiras que se coloca para a verdadeira inclusão e o que se pode fazer para que estas crianças tenham condições reais de acesso físico e social nas escolas e na sociedade de forma geral. Será abordada a necessidade de uma luta pela inclusão das pessoas com deficiência física pela qualidade de ensino nas escolas públicas e privadas, de modo que se tornem aptas para responder às necessidades de cada um de seus alunos, de acordo com suas especificidades.

Palavras-chave: Deficiência física. Acessibilidade. Inclusão escolar.

Abstract:

This study has as objective to demonstrate how to place the access of children with physical disabilities in schools of regular education must occur, showing the barriers that arise for the true inclusion and what it can do for these children to have access to actual conditions in the physical and social schools and society in general. Will be addressed the need to fight for inclusion of persons with disabilities for the quality of teaching in public and private schools, so they become able to meet the needs of each of their students according to their specificities.

Keywords: Disability. Accessibility. School inclusion.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a questão do acesso das pessoas com deficiência física à educação no ensino regular, mostrando como a promoção da acessibilidade é de suma importância para garantir a efetivação da inclusão no âmbito escolar, eliminando assim as barreiras físicas e atitudinais que estão presentes na vida da pessoa com deficiência. É essencial reconhecer que as pessoas com deficiência têm características pessoais específicas oriundas das deficiências.

Para o processo de inclusão escolar, é preciso uma mudança qualitativa no trabalho educacional no interior das escolas, no acesso da criança até à escola, e isso requer um envolvimento de todos os profissionais da educação, alunos e pais, na reorganização do espaço e

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial.

² Orientador: Ms. em Ciência da Educação. Doutorando em: Neurociência e Reabilitação Física.

do tempo da escola, e que sejam garantidas condições de trabalho para os professores e condições de permanência e de estudo para os alunos.

Por meio de análises e estudo em diversas literaturas, é possível observar que as crianças

com deficiência física têm capacidade cognitiva semelhante à de colegas e podem realizar as atividades com bom desempenho desde que as limitações físicas sejam contornadas. A grande limitação é o deslocamento na escola, na grande maioria dos casos há dificuldades em relação às edificações da escola e dificuldades em relação às escadas. Assim, o referido trabalho discutirá as formas para eliminação de barreiras que impedem o convívio e o acesso destas crianças ao ensino regular.

INCLUSÃO ESCOLAR E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Todo cidadão tem o direito à educação escolar. Para a pessoa com deficiência isso não é diferente, ela tem o mesmo direito a uma educação de qualidade na qual seus direitos são assegurados. E é exatamente para assegurar esse direito que surge a chamada educação inclusiva, em que os princípios da inclusão, não é a criança com deficiência que deve ser preparada para o convívio nas escolas tradicionais, mas a sociedade é que deve estar cada vez mais apta à recebê-la. “A inclusão social pode ser conceituada como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiências e, simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”. (SASSAKI, 1997, p. 41).

O aluno com deficiência física, mesmo com comprometimento motor grave, na maioria das vezes, não tem associada uma deficiência mental. Portanto, ele pode e deve fazer uso de suas capacidades intelectuais mais do que de suas habilidades motoras. Os cuidados com os alunos deficientes físicos são os mesmos dispensados com alunos normais, acrescidas das necessidades específicas de cada caso. Assim sendo, o aluno deficiente físico deve ter uma vida tão normal quanto possível, participando de festas, reuniões, recreio, passeios, excursões, entre outros. Para GLAT (1996), na inclusão da criança com deficiência física na escola, pode ser necessário adaptar a carteira, verificar qual é a melhor posição em relação à lousa e se o banheiro tem condições de ser utilizado. É importante consultar a criança sobre suas necessidades, com naturalidade. Pequenas adaptações podem fazer muita diferença: por exemplo, se a criança não consegue segurar o papel para escrever, este pode ser preso na carteira com fita crepe. Como a criança com deficiência física em geral escreve mais lentamente, a professora pode esperar mais tempo para apagar a lousa ou estimular

o trabalho cooperativo, no qual os colegas colaboram sem, porém, fazer as tarefas pela criança com deficiência. Outra alternativa possível é a professora preparar fichas com o texto escrito na lousa, para que a criança possa levar para casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi de suma importância para verificar que muito ainda precisa ser feito para que realmente a acessibilidade da criança com deficiência física seja garantida nas escolas de ensino regular. As leis existem, porém nem sempre são cumpridas. Ainda há muitas escolas públicas sem condições de acesso para uma pessoa com deficiência física, precisando ser eliminadas as barreiras físicas e atitudinais. Se, por um lado, o acesso das crianças com deficiência às escolas regulares cresce a cada ano, por outro, ainda são precárias as instalações físicas, a oferta de material didático-pedagógico e a capacitação de professores para efetivar uma educação inclusiva. O problema muitas vezes não é falta de recursos, pois há verbas federais e de organismos internacionais para projetos que promovam a inclusão da criança com deficiência nas escolas.

Assim, a realização deste estudo contribuiu para verificar que falta boa vontade por parte das pessoas responsáveis em garantir a acessibilidade às pessoas. Deve-se ter planejamento ao construir escolas e prédios públicos, para que no futuro todos possam usufruir dos bens públicos, sem restrições e sem discriminações. Todos devem ter assegurados o direito de ir e vir com segurança, respeito e sem empecilhos de ordem arquitetônica ou urbanística.

REFERÊNCIAS

- GLAT, R. O papel da família na integração do portador de deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Brasília-DF: MEC, v. 2, n. 4, p. 111, 1996.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro-RJ: WVA, 1997.

DISLEXIA: DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E O PAPEL DA ESCOLA

Marisa Kuhn Paludo³
Maria das Graças Bitencourt⁴

Resumo:

Este trabalho discute a dislexia e a dificuldade de aprendizagem da criança disléxica na escola, durante a alfabetização. Os disléxicos possuem uma inteligência normal, com grandes habilidades em outras áreas, porém sua dificuldade com a aprendizagem, resulta na falta de autoconfiança. É necessário que as equipes multidisciplinares compostas por médicos, pedagogos, psicopedagogos, psicólogos, professores entre outros como pais envolvidos estejam atentos para que cada vez mais se coloquem a serviço dos casos de problemas de aprendizagem, colaborando para que as crianças encaminhadas possam desfrutar plenamente sua cidadania.

Palavras chave: Dislexia. Aprendizagem. Professor. Avaliação escolar.

Abstract:

This paper discusses dyslexia and learning difficulties in dyslexic child in school, while literacy. Dyslexics have normal intelligence, with great abilities in other areas, but their difficulty with learning, resulting in lack of confidence. It is necessary for multidisciplinary teams of physicians, educators, psychologists, teachers and others involved as parents are aware of what is increasingly put at the service of the cases of learning problems, contributing to the referred children can enjoy their citizenship.

Keywords: Dyslexia. Learning. Teacher. School evaluation.

INTRODUÇÃO

A dislexia é um distúrbio na leitura que afeta a escrita, sendo normalmente identificado a partir da alfabetização, pois é o período que a criança inicia o processo de leitura de textos, porém seu problema torna-se bastante evidente quando tenta soletrar letras com bastante dificuldade, mas sem sucesso. É importante que a criança tenha perto de si pais ou professores especialistas que possam ajudá-la a criar o seu espaço e construir a sua realidade.

Para FONSECA (1999, p.35), “a dislexia é uma dificuldade duradoura da aprendizagem da leitura e aquisição do seu mecanismo, em crianças inteligentes, escolarizadas, sem qualquer perturbação sensorial e psíquica já existente”.

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial.

² Orientadora: Psicóloga e Mestre em Psicologia da Saúde e das Relações Sociais.

SINTOMAS E SINAIS DA DISLEXIA

Existem diversos sinais visíveis nos comportamentos e nos cadernos das crianças, que podem auxiliar aos pais e educadores identificar precocemente alguns aspectos de dislexia, sendo freqüentes e mais intensos do que o esperado para a idade.

As dificuldades básicas do aluno disléxico são:
Dificuldade de alfabetização; Leitura sob esforço; Leitura oral entrecortada, com pouca entonação; Tropeços na leitura de palavras longas e não familiares; Adivinhações de palavras; Necessidade do uso do contexto para entender o que está sendo lido. (MOUSINHO, 2004, p.7).

A DISLEXIA NA ESCOLA E O ALUNO DISLÉXICO EM SALA DE AULA

Para auxiliar o aluno disléxico em suas dificuldades, a escola deve atender e respeitar as capacidades e os limites da criança, estar informada, para que possa amparar a criança em sua dificuldade, e equipada para que o aluno se sinta um ser significativo.

LIMA (2002) coloca que é função da escola ampliar a experiência humana, sendo que a escola não pode ser limitada ao que é significativo para o aluno, mas sim criar situações de ensino que ampliem a experiência e os seus campos de significação.

O aluno disléxico soletra bastante na leitura, troca e omite palavras e tem grande dificuldade nas sílabas complexas (tra, pra), sendo assim sua leitura evolui lentamente.

É importante compreender que tudo demora mais para a criança com dislexia: escrever, ler, seguir direções, estudar, ela sempre precisará se empenhar mais do que seus colegas. Mesmo se usar todas as estratégias de cópia disponíveis, ainda vai demorar mais que a maioria das outras crianças para terminar sua lição.

MARTINS (2004) analisa que a leitura, se dá quando o leitor transforma a linguagem escrita em linguagem oral. Portanto ler é decodificar a língua escrita, e assim acessar o código escrito, em forma de exposição oral, ou seja, expor ou dizer o que se compreende verbalmente.

O PROFESSOR E OS PROCEDIMENTOS QUANTO A AVALIAÇÃO DO ALUNO DISLÉXICO

O professor deverá ser bem preparado por meio de capacitações, como também ser incentivado a pesquisar, para que na prática possa enfrentar as possíveis situações, e que possa ajudar tanto os alunos, em

suas necessidades escolares, quanto aos seus familiares, garantindo-lhes o direito a informação e ao apoio.

SANTOS (2007) afirma que para se trabalhar com a criança disléxica, o professor necessita ser capacitado e ter conhecimento acerca da Dislexia. Ele precisa saber o que é a dislexia, sua causa, bem como saber diagnosticá-la. Com essas informações o professor pode trabalhar com o aluno em sala de aula, não deixando que este se sinta excluído e com auto-estima baixa.

As dificuldades apresentadas por alunos disléxicos não podem ser avaliadas como dificuldades gerais da sala de aula, pois cada indivíduo apresenta um desenvolvimento intelectual diferente, e, portanto, não podemos avaliar as crianças disléxicas com a mesma metodologia que utilizamos com alunos “normais”.

A avaliação é um processo contínuo e permanente do desenvolvimento das competências e capacidades de cada aluno, observando-se as condições de aprendizagem que se dão antes, durante e depois da execução de cada atividade.

O professor precisa estar preparado para o difícil trabalho de lidar com as desigualdades e ao mesmo tempo saber avaliar, pois toda a classe ganha experiência, e aprende a conviver com a diversidade, presente em todas as camadas da sociedade.

BRAGGIO (s.d.) sugere alguns aspectos práticos em relação à avaliação: Não esperar acumular conteúdos para começar a aplicar as avaliações; Sempre que possível, preparar avaliação individualizada; Dar ao aluno a opção de fazer prova oral ou atividade que utilize diferentes expressões e linguagens; Somente aplicar a avaliação se o professor entender que o aluno terá realmente condições de revelar seu aproveitamento por meio dela.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho pode-se perceber que nunca é tarde demais para ensinar disléxico a ler e escrever com mais eficiência, entretanto é necessário que o professor utilize métodos adequados com o propósito de buscar caminhos adequados para o atendimento de suas dificuldades e não uma rotulação de deficiência, sempre buscando a ajuda de profissionais para tornar seu trabalho melhor.

REFERÊNCIAS

BRAGGIO, M. A. **A inclusão do disléxico na escola.** Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/material/estudantes/inclusão_dislexico.doc>

Acesso em: 17 mar 2007.

FONSECA, V. **Insucesso escolar**: abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem. 2. ed. Lisboa: Âncora Editores, 1999, p. 35.

LIMA, E. S. **Quando a criança não aprende a ler e escrever**. São Paulo-SP: Sobradinho, 2002.

MARTINS, V. **Dislexia em sala de aula**. Disponível em: <http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos_vicente_dislexia.htm.> Publicado em: 04 fev 2004.

MOUSINHO, R. **Conhecendo a dislexia**. Disponível em: <<http://www.fonolexus.com.br/artigos/DISLEXIA.pdf>.> Publicado em: Abril de 2004.

SANTOS, C. M. B. *et al.* **Linguagem**: como trabalhar com a criança disléxica? Disponível em: <http://www.faesi.com.br/downloads/6/tcc%20Pronto%20_%20maria%20lucia%20rozeli.pdf.>. Acesso em: outubro de 2007

O PAPEL DOS EDUCADORES DIANTE DO TDAH

Terezinha B.Furiato da Silva¹
Olga Gerotto Gozer²

Resumo:

O objetivo do trabalho é pesquisar sobre o papel que os educadores desempenham na escola, em casa ou em outros lugares quando na relação com alunos com TDAH. O professor ideal é aquele que tem jogo de cintura criatividade e diversidade de estratégias de ensino e age com dedicação sem deixar de impor as regras, normas e limites. Dialogar com as crianças sobre suas dificuldades e ouvi-la com atenção, fazendo-a perceber que é capaz. Motivar, estimular saber entender quando a criança presta mais atenção naquilo que mais gosta. Ter paciência, disponibilidade e reconhecer que se trata de um atendimento diferente. A concordância dos pais nas tarefas de casa falando a mesma linguagem e ser exemplo para o filho com TDAH, são dicas necessárias para a educação da criança. Sendo assim percebe-se o quanto os educadores são importantes transformadores, pois agindo corretamente estarão moldando gradualmente o indivíduo hiperativo.

Palavras Chave: educador; hiperatividade; dedicação.

Abstract:

The objective of the work is to research on the educators' paper in the school, at home or in another places. The ideal teacher is that that has game of waist creativity and diversity of teaching strategies and he acts with dedication without leaving of imposing the rules, norms and limits. To dialogue with the children about its difficulties and to hear it with attention, making her to notice that is capable. To motivate, to stimulate to know to understand when the child pays more attention in that more likes. To have patience, readiness and to recognize that is a different attendance. The parents' agreement in the house tasks speaking the same language and to be example for the son with TDAH, they are necessary clues for the child's education. Being it is noticed like this as the educators are important transformers, because acting correctly will be molding the individual hiperativo gradually

Keywords: Educator; hyperactivity; dedication

Para MATTOS (2006), cabe ao professor com dedicação a criança e adolescente com TDAH conseguir equilibrar as necessidades dos demais, o que pode ser difícil com uma turma numerosa. O autor sugere que seja mantida uma rotina. O educador deve manter uma estimulação constante e de alto nível, introduzindo novidades desde que seja feito um preparo prévio.

O professor pode tentar modificar o comportamento do aluno

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial. CTESOP.

² Orientadora: Ms. em Ciências da Educação.

gradualmente, e mediante o diálogo, estabelecer novos objetivos e manter as exigências do cumprimento das regras e a flexibilização do comportamento, ter uma melhor forma de utilização do material, ou melhor, adaptação do conteúdo para o aluno com TDAH.

GENTILE (2000, p.31) afirma que “Os professores que têm alunos hiperativos precisam de paciência e disponibilidade, pois eles exigem tratamento diferente, mais atenção e uma rotina especialmente estimulante”.

A partir do que diz a autora é necessário que o professor para trabalhar com crianças com esse tipo de transtorno procure demonstrar muita dedicação, criatividade com trabalhos diferenciados para descobrir um meio de o aluno aprender, procurar sempre motivar o aluno, fazendo elogios e dizer que tem potencial, deixá-lo com alunos mais calmos para que sua agitação não encontre seguidores, e em atividades dinâmicas constantemente estar ao seu lado.

Enfim, se o professor trabalha de forma diferenciada, criativa com amor e dedicação com a criança e adolescente com TDAH, terá bons resultados porque o seu trabalho é de forma recíproca tornando-se prazeroso e satisfatório tanto para o indivíduo com transtorno como para o professor.

MATTOS (2006) relata que os pais podem contribuir com o aumento de vários comportamentos inadequados das crianças e adolescentes com TDAH, quando têm dificuldade de estabelecer normas claras e definidas. Um exemplo comum é quando o pai diz que o filho não pode gritar com a mãe ou outra pessoa ou falar palavrões, porém o pai pratica essas ações.

Para o filho ter bom comportamento, os pais devem dar bons exemplos. Se os pais discordarem entre si sobre o modo de educar seus filhos, isso torna as regras familiares confusas e a criança fica sem saber o que será exigido dela.

No caso quando a criança recebe algum tipo de punição na escola porque fez coisa errada, os pais devem compreender e conversar com o filho em casa. Ao contrário disso, famílias muito exigentes castigam os filhos por pequenos erros, quando deveriam ter um pouco de tolerância, dessa forma deixam de colaborar no processo. Essas atitudes dos pais podem contribuir para o aumento da frustração, ansiedade e a irritação das crianças e adolescentes.

Há famílias que dentro de casa costumam discutir com frequência bater nos filhos, ou seja, tem costume agressivo de resolver os conflitos. Nestes casos os filhos tendem a imitar seus pais nos comportamentos,

que provavelmente serão agressivos e negativos. Os pais com frequência têm que prestar atenção o tempo todo no que o filho está fazendo, deve acompanhar um bom tempo nos deveres de casa e comparecer à escola para saber do seu desenvolvimento geral.

Para COUTO (1999), em casa, são comuns os problemas de disciplina, higiene e organização de brinquedos. Conforme a citação, as crianças hiperativas não conseguem deixar um brinquedo inteiro, sobem em móveis e pulam sem avaliar os riscos que passam. São desligados com sua higiene e organização. Nesse sentido os pais devem orientar e ensinar seus filhos, levando-os a refletir e perceber que o melhor é a mudança de atitudes, e que só assim poderão ser mais compreendidos e valorizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em geral, considerando a pesquisa teórica percebe-se quanto o papel desempenhado por educadores, pais e professores é importante na educação e no desenvolvimento psicológico, intelectual e social da criança com TDAH.

Diante disso, há necessidade de os professores e pais possuírem o mesmo entendimento, dedicação, estratégia e paciência para que o indivíduo hiperativo se desenvolva com sucesso.

REFERÊNCIA

- COUTO, C. **Educação**: eles são fogo! professores, pais, médicos, psicólogos. São Paulo-SP: segmento, Abr.1999, n. 216, p. 30-39.
- GENTILE, P. Indisciplinado ou hiperativo? **Revista Nova Escola**. São Paulo,SP: Abril, maio, 2000, n.132, p. 30-32.
- MATTOS, P. **No mundo da lua**. 6.ed., São Paulo-SP: Lemos Editorial, 2006.

A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE COMO FORMA DE SOCIALIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Edinéia Maria Barbosa¹
Nelson Cabral²

Resumo:

O desafio da inclusão para os profissionais que atuam a serviço da melhoria da qualidade de vida humana é projetar artefatos e lançar propostas que não se destinam apenas a um grupo restrito de pessoas. A inclusão leva a avançar mais, dado que para atender a seus preceitos tem de atingir situações de equilíbrio geral, as grandes e tão almejadas soluções que atingem fins qualitativamente mais evoluídos. O estudo objetiva estudar as pessoas com deficiência e suas necessidades, analisar se realizam a prática esportiva ou enfrentam preconceito e discriminação. Adotou-se como metodologia uma pesquisa com caráter exploratório, e utilizou-se leitura e descrição de fontes primárias e secundárias. O esporte deve cada vez mais ser estudado nas suas vertentes de formação, rendimento, competição, recreação e terapêutica, para que possa ser praticado em toda sua plenitude pela pessoa com deficiência. É fundamental que se criem hábitos para a prática da atividade desportiva, uma vez que na infância existe uma maior necessidade de movimento para o desenvolvimento fisiológico e motivação à atividade física. Quanto mais o conceito de inclusão social ganha adeptos no mundo todo, mais profissionais de educação física, que atuam nos setores de esporte, turismo, lazer e recreação, estão sendo chamados a enfrentar o desafio de incluir em suas atividades rotineiras as pessoas com deficiência que, individualmente ou em grupos, procuram os clubes e associações desportivas locais.

Palavras-chave: Inclusão. Educação. Socialização.

Abstract:

The challenge of inclusion for professionals working in the service of improving the quality of human life is to design artifacts and put forward proposals intended not only to a limited group of people. The inclusion leads to further progress, given that to meet its precepts have to reach positions of general equilibrium, and so the big solutions that achieve desired ends qualitatively more evolved. The study aimed to study people with disabilities and their needs, consider taking place to practice sports or face prejudice and discrimination. Adopted as a research methodology with exploratory and used to read and describe primary and secondary sources. Sport must increasingly be studied in their areas of training, income, competition, recreation and therapy, so it can be practiced in all its fullness for the physically disabled. It is essential to create habits for the practice of sport activity, as in childhood there is a greater need for movement to the physiological development and motivation for physical activity. The more

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial. CTESOP

² Orientador: Ms. em Ciência da Educação. Doutorando em: Neurociência e Reabilitação Física.

the concept of social inclusion wins adherents worldwide, most physical education professionals who work in the fields of sport, tourism, leisure and recreation, are being called to face the challenge to include in their routine activities that people with disabilities individually or in groups, look for local sports clubs and associations.

Keywords: Inclusion. Education. Socialization

INTRODUÇÃO

O estudo tem por finalidade analisar como são feitos os investimentos públicos e privados visando à inclusão para as pessoas com deficiências, como forma de sociabilização e estudar a evolução destes investimentos, nos últimos anos. Buscar detectar se os investimentos feitos no esporte pela sociedade, iniciativa física e privada tem atendido a demanda das pessoas com deficiência. Define-se como deficiente toda pessoa cujas possibilidades de obter e conservar emprego adequado fiquem realmente reduzidos devido a uma diminuição de sua capacidade física ou mental.

O conhecimento científico e tecnológico sobre as atividades esportivas para as pessoas com deficiência deve avançar continuamente. Esse conhecimento aumentará as possibilidades de pessoas com deficiência praticarem esportes. Do mesmo modo, políticas públicas devem ser implementadas com o objetivo de popularizar tal prática.

CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

As deficiências físicas e sensoriais não podem ser separadas como categorias diferentes de alterações no físico do indivíduo, pois uma denominação engloba a outra. E mais, o significado do termo deficiência não corresponde ao fenômeno da realidade por ele descrito. “O Conceito de deficiência física não consegue dar conta do real e, portanto podem-se mencionar os cegos e os surdos-mudos que mesmo possuindo uma incapacidade física e sensorial não são considerados clinicamente como deficientes físicos, mas, deficientes físicos visuais e auditivos respectivamente” (ALVES, 1992, p.33).

Pessoa com deficiência é aquela que apresenta, em comparação com a maioria das pessoas, significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais, decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, de caráter permanente, que acarretam dificuldades na interação com o meio físico social. “As palavras deficiências e deficiente são complementares, de forma sucinta, clara e bastante objetiva, assim sendo, insuficiência, falta imperfeição e em que há deficiência” (FERREIRA, 1986, p.237).

O Decreto da Constituição 3298/99 para definir a deficiência é preciso

dividir em algumas partes, começando com a própria deficiência, que caracteriza como sendo, toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano. Deficiência permanente é aquela que ocorreu ou se estabilizou durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos. “Incapacidade define-se como uma redução efetiva e acentuada da capacidade de integração social, com necessidade de equipamentos, adaptações, meios ou recursos especiais para que a pessoa portadora de deficiência possa receber ou transmitir informações necessárias ao seu bem estar pessoal e ao desempenho de função ou atividade a ser exercida”. (CASTRO, 1996, p.137).

O modelo médico e social da deficiência caracteriza-se em impedimentos, deficiências e incapacidades. Esse conceito apresenta a seguinte distinção: qualquer perda ou anormalidade da função ou estrutura psicológica ou anatômica caracteriza-se como impedimento. Deficiência, qualquer restrição ou falta resultante de um impedimento de habilidade para desempenhar uma atividade de uma maneira, ou com variância, considerada normal para um ser humano. Quanto à incapacidade, essa é caracterizada como uma pessoa da mesma faixa etária, sexo e fatores sociais e culturais que não consegue desempenhar funções como uma pessoa “dita normal” (SASSAKI, 2005).

As pessoas com deficiência se concentram nos países mais pobres. Mais de 400 milhões de pessoas portadoras de deficiência vivem em zonas que não dispõem dos serviços necessários para ajudá-los a superar as suas limitações (TUHIN, 2004).

Defendem-se como medidas importantes para prevenção das deficiências: melhor nutrição materna e infantil; imunizações contra infecções bacterianas e viróticas que provocam lesões cerebrais; aconselhamento genético; educação familiar para reduzir uniões consanguíneas; melhores cuidados nas condições pré-natais e perinatais; eliminação dos perigos ambientais e melhores práticas de educação e incentivos durante a infância, enfim, são hábitos não difíceis de execução (CASTRO, 1996).

Cabe aqui esclarecer também que o paradigma da inclusão não se refere apenas às pessoas com deficiência, refere-se, isto sim, a todas as pessoas que anteriormente estavam excluídas da participação nos sistemas gerais de lazer, esporte, turismo, educação, atividade laboral, saúde, cultura, religião, artes, comunicação e transporte coletivo, assim como de edifícios e logradouros públicos (SASSAKI, 2005).

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. V. **Deficiente físico**: novas dimensões da proteção ao trabalhador. São Paulo: SP: Ltr, 1992. p. 30-41.
- CASTRO J. A. M. **Desporto para deficientes, problemas contemporâneos**. São Paulo-SP: Integrar, 1996. p. 213.
- FERREIRA, B. H. A. **Novo dicionário Aurélio língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira, 1986. p. 237-238.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 6.ed. Rio de Janeiro-RJ:Wva, 2005. 98p.
- TUHIN, A. C. de. **Responsabilidade social e diversidade**: deficiência e trabalho. Rio de Janeiro-RJ: Bnds, 2004. p.188.

ACESSIBILIDADE, FATORES IMPERRATIVOS OU FACILITADORES PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO

Cleide Campos de Lima¹

Nelson Cabral²

Resumo:

O objetivo do estudo foi analisar criticamente a evolução histórica dos espaços físicos em relação à pessoa com deficiência; e o que diz a lei que trata da Acessibilidade, como é na teoria e como ocorre na prática empregada na sociedade. Para tanto a pesquisa foi realizada com método descritivo, utilizando-se recursos literários. O termo acessibilidade, começou a ser utilizado com muita frequência nos últimos anos, em assuntos de reabilitação, saúde, educação, transporte, mercado de trabalho e ambientes internos e externos. Para ter acesso ao trabalho no mercado competitivo e globalizado é preciso estar qualificado, acredita-se que o contratante não irá contratar seus colaboradores por pena, e sim aquele que atenda suas expectativas profissionais. A qualificação para o trabalho se faz com Acessibilidade para a pessoa com deficiência, sem discriminação, acesso ao laser, aos meios de transporte adequados, a educação, ao esporte, a saúde, a todas as condições de cidadão. Com o advento do paradigma da inclusão e do conceito de que a diversidade humana deve ser acolhida e valorizada em todos os setores sociais comuns, se entende que a acessibilidade não mais se restringe ao aspecto arquitetônico. Verificou-se que a acessibilidade plena para a pessoa com deficiência física está muito longe de acontecer, devido às instituições públicas não fazerem investimentos na educação, nos meios de locomoção. Para não dizer de todo mal, as instituições públicas estabelecem concurso para egresso de pessoa com deficiência.

Palavras-chaves: Deficiência. Inclusão. Discriminação. Sociedade.

Abstract:

The study objective was to critically analyze the historical evolution of the physical spaces for the handicapped, and what the law says that deals with accessibility, as it is in theory and in practice as is used in society. For both the research was descriptive method, using literary devices. The term accessibility, began to be used frequently in recent years on issues of rehabilitation, health, education, transportation, labor market and internal and external environments. To have access to work in a globalized and competitive market you need to be qualified, it is believed that the contractor will not hire their employees out of pity, but one that meets your professional expectations. The qualification for the job you do with accessibility for people with disabilities without discrimination, access to laser, to adequate means of transportation, education, sports, health, all conditions of citizens. With the advent of the paradigm of inclusion and the concept that human

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial.

² Orientador: Ms. em Ciência da Educação. Doutorando em: Neurociência e Reabilitação Física.

diversity should be welcomed and valued in all sectors of society common, we understand that affordability is no longer limited to the architectural aspect. It was found that full accessibility for people with disabilities is far from happening, because public institutions do not make investments in education, means of locomotion. To say nothing of all evil, public institutions provide competition for egress of people with disabilities.

Keywords: Disability. Inclusion. Discrimination. Society

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à pesquisa sobre a acessibilidade da Pessoa Com Deficiência Física como ser social frente à sociedade composta pela grande maioria de pessoas isenta destas características. Para viabilizar os estudos tomou-se como referencia à leitura de vários estudiosos sobre o tema. Buscou-se definir o sentido da palavra inclusão nas suas mais variadas formas, sua trajetória histórica no mundo e no Brasil, seu histórico no campo de atuação.

CONCEITOS BÁSICOS

A inclusão é uma motivação para que arquitetos, urbanistas, engenheiros tracem seus projetos, segundo os preceitos do chamado “Desenho Universal”. Esse novo conceito visa atender às necessidades de homens, mulheres, crianças, velhos, nações e abrange aspectos antropométricos, ergonômicos, pois apresenta desenhos de ambientes onde as pessoas possam se acomodar independentemente de suas medidas, altos, baixos, gordos, magros ou pessoas com necessidades especiais.

Os profissionais que têm obtido bons resultados na colocação de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, costumam dizer que, para tanto, são necessários três tipos de ações: “Em primeiro lugar, a preparação dos candidatos. Em segundo lugar o esclarecimento dos tomadores de seus serviços. Em terceiro lugar, o ajuste da comunidade” (MOITINHO, 1969, p.110).

Deficiência Física é todo comprometimento da mobilidade, coordenação motora geral ou da fala, causada por lesões neurológicas, neuromuscular e ortopédicas ou ainda por má formação congênita ou adquirida. “A deficiência gera dificuldades ou impossibilidade de execução de tarefas e locomoção, porém pode ser adaptada” (STAINBACK, 1999, p.47).

O trabalho na modernidade passa a ser reconhecido como fato social determinante da própria humanização do homem, fator que o distingue do animal, elemento capaz de modificar as condições de existência da

própria sociedade. Identifica-se o trabalho como fator econômico, salário, poder aquisitivo, mas também como “necessidade psicológica que dá humanidade, já que determina o status de uma pessoa, fazendo-a pertencer a um grupo, levando-a estabelecer laços comunitários e de solidariedade, permitindo-lhe realização e felicidade pessoal e social” (GONÇALVES e WISE, 1996, p.23).

Diante das dificuldades para atender a demanda vertiginosa, principalmente por confecções, o homem buscou alternativas criando a máquina, início do sistema fabril de produção. No atual momento no mercado de trabalho vive-se a era da informação complementada com a tecnologia. Com isso, não se pode perder de vista que o alto índice de automação tende “a transformar as tarefas normais de execução em tarefas de informação e comunicação, tarefas complexas que exigem do trabalhador o desenvolvimento da capacidade de abstração para interpretar dados diagnosticar problemas e apontar soluções” (SANDRONI, 1989, p.314).

A crescente separação entre trabalho normal e intelectual impediu que o trabalhador tivesse acesso ao conhecimento, excluindo-lhe a autonomia, o desenvolvimento da solidariedade e a expressão da liberdade indispensável ao exercício da cidadania. Recentemente, a onda de desemprego e o desmoronamento das relações contratuais decorrentes da globalização, da economia e da flexibilização do processo de produção anunciam uma crise da sociedade do trabalho. Essa crise caracteriza-se pelo declínio da ética do trabalho, manifestado na descrença de que a atividade produtiva seja fonte de justiça social, de dignidade e de realização social (GONÇALVES; WYSE, 1996, p. 314).

A pessoa com deficiência física acima de tudo é um ser humano e como tal, deve ser respeitada por todos. Cada segmento da sociedade deve ter sua parcela de contribuição para com as pessoas com deficiências. A população deve valorizar as pessoas com deficiências físicas respeitando suas características, diferenças e valorizando-as. Quanto aos órgãos públicos, (Municipal, Estadual e Federal) devem identificar as pessoas com deficiência física na comunidade, diagnosticar suas necessidades especiais, planejar a implementação dos ajustes necessários para que se possa acolhê-las e a elas responder efetivamente, garantindo orçamento para a implementação desses ajustes. Ainda o serviço público, este deve dar atenção, quanto à saúde, assistência social, trabalho, cultura, esporte, lazer, planejamento, orçamento e acima de tudo educação, tendo em vista que esta é uma condição indispensável e das mais importantes para a pessoa com deficiência física. E quanto aos órgãos e aos profissionais,

cabe diagnosticar as necessidades da pessoa com deficiência física, planejar ações de inclusão, fiscalizar o órgão público em suas ações e promover ações de inclusão social. Quanto às famílias, neste processo, estas são imprescindíveis como alicerces de toda a cadeia de inclusão para com a pessoa deficiência, a sua cooperação com órgãos públicos, profissionais e população em geral, no sentido de acessar o espaço comum e dele participar, salienta-se ainda que a pessoa com deficiência deva conviver com toda a sociedade de forma digna e ser respeitada na sua diversidade (STAINBACK; STAINBACK, 1999. p.280).

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, M. H. B.; WYSE, N. **Ética e trabalho**. Rio de Janeiro: RJ. Senac, 1996. p. 93.
- MOITINHO, P. A. **Introdução à administração**. 3.ed. São Paulo-SP: Atlas, 1969, p. 60-110.
- SANDRONI, P. **Economia de mercado**. 1.ed. São Paulo-SP: Best Seller, 1989. p. 313-316.
- STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão, um guia para educadores**. Porto Alegre,RS: Artes Médicos Sul, 1999. p.280.

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E O MERCADO DE TRABALHO COMO EXERCÍCIO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Divina Rodrigues da Silva ¹
Nelson Cabral ²

Resumo:

Este estudo busca analisar a inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, enfatizando as barreiras, a legislação e a influência da responsabilidade social, e ainda mostrar que existem estudos, teorias e práticas disponíveis que demonstram a possibilidade de tornar a inclusão da pessoa com deficiência, cada vez mais efetiva no mercado de trabalho. Muito se fala a respeito dos direitos e necessidades das pessoas com deficiência. Porém, percebe-se que a pessoa com deficiência tem encontrado grandes obstáculos para a sua aceitação e participação na sociedade. As barreiras arquitetônicas, falta de formação e informações aos profissionais da sociedade e acima de tudo, o preconceito, ainda tem delegado a estes seres humanos papéis e posições muito aquém de suas potencialidades. É necessário refletir no que se refere a real inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais, como um todo, que ainda esteja impedindo ou dificultando a presença ou permanência destes sujeitos no meio social.

Palavras Chave: Deficiência. Inclusão Social. Mercado de trabalho.

Abstract:

This study search to analyze the person's inclusion with deficiency in the labor market, emphasizing the barriers, the legislation and the influence of the social responsibility, and still to show that exist studies, theories and available practices that they demonstrate the possibility to turn the person's inclusion with deficiency, more and more effective in the labor market. A lot it is spoken regarding the rights and the people's needs to deficiency. Even so, it is noticed that the person with deficiency has been finding great obstacles for its acceptance and participation in the society. The architectural barriers, formation lacks and information to the professionals of the society and above all, the prejudice, it has still been delegating a lot to these human beings papers and positions far bellow of their potentialities. It is necessary to contemplate in what refers to the people's real inclusion with special educational needs, as a whole, that is still impeding or hindering, the presence or permanence of these subjects in the social way.

Keywords: Defienc. Social inclusion. Labor market.

Historicamente, as pessoas com algum tipo de “deficiência” encontram-se numa situação de marginalização, de sujeição e de exclusão social. Só a partir do século passado que se pôde observar uma maior conscientização da sociedade e da própria “pessoa com deficiência”

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial./CTESOP

² Orientador: Ms. em Ciência da Educação. Doutorando em: Neurociência e Reabilitação Física.

a respeito de sua aceitação e integração social. Surgem, a partir de então, instituições de apoio e/ou representação destas pessoas com deficiência que têm como principal objetivo a assistência ou a busca de sua autovalorização e reconhecimento como integrantes de um grupo.

Mesmo tendo estas instituições aberto caminho para que as pessoas com deficiência tenham uma vida menos dependente das pessoas que a cercam, pode-se observar a presença de preconceito muitas vezes camuflado de superproteção.

É para eliminar e/ou transpor estes preconceitos que, atualmente, as pessoas com deficiência lutam pelo direito, não apenas à educação, como também à inserção social no mercado de trabalho, já que talvez seja nos ambientes educacionais e de trabalho onde se encontram os maiores preconceitos e em relação aos “portadores de deficiência”, pois nem sempre são aceitos como mão-de-obra produtiva e competente.

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde - OMS (1993) define deficiência como:

(...) uma perda ou anormalidade de uma parte do corpo (estrutura) ou função corporal (fisiológica), incluindo as funções mentais (...) A limitação da atividade, antes conceituada como incapacidade, é agora entendida como uma dificuldade no desempenho pessoal. A raiz da incapacidade é a limitação no desempenho da atividade que deriva totalmente da pessoa. No entanto, o termo incapacidade não é mais utilizado porque pode ser tomado como uma desqualificação social. Ampliando o conceito, essa Classificação Internacional inclui a participação, definida como a interação que se estabelece entre a pessoa portadora da deficiência, a limitação da atividade e os fatores do contexto socioambiental. (BRASIL, 1993, p. 12).

Conforme RIBAS (1986), a deficiência divide-se em três tipos: deficiência física (de origem motora, podendo se manifestar devido à amputação de um membro, má-formação, lesões, seqüelas), deficiência sensorial que se subdivide em deficiência auditiva e deficiência visual, e a deficiência mental. Sendo que:

a) Deficiência Física: Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções”:

b) Deficiência Auditiva: Perda parcial ou total das possibilidades

auditivas sonoras, variando em graus e níveis” que vão de 25 decibéis (surdez leve) à anacusia (surdez profunda).

c) Deficiência Visual: “Acuidade visual igual ou menor que 20/200 no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20 (tabela de Snellen), ou ocorrência simultânea de ambas as situações”;

d) Deficiência Mental: “Funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade”;

e) Deficiência Múltipla: “É a associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (mental/visual/auditiva/física), com comprometimentos que acarretam conseqüências no seu desenvolvimento global e na sua capacidade adaptativa”.

Segundo SANTOS (1995), nos primórdios da história as pessoas com deficiência eram exterminadas pelos grupos tribais porque eram considerados como um elemento que atrapalhava a sobrevivência da comunidade. Na Idade Média, o misticismo envolvia as “pessoas deficientes” que eram exterminadas por serem consideradas demônios, bruxos ou divindades malignas. A Idade Moderna caracteriza-se pelo surgimento de instrumentos que facilitam a vida das pessoas com deficiência como, por exemplo, a cadeira de rodas (para vítimas de paralisia) e o sistema de comunicação braile (para pessoas com deficiências visuais).

No mundo da história o trabalho vem sendo exaltado ou desprezado de acordo com o contexto de cada época: na Grécia (há 2500 anos), o trabalho manual era desvalorizado, sendo reservado aos escravos e o trabalho intelectual era exaltado, sendo reservado aos cidadãos; na Idade Média havia um meio termo entre o trabalho escravo e o trabalho livre – predominando o regime de servidão -, além da oposição entre a visão católica (tendo o trabalho como uma penitência para o pecado) e a visão protestante (enxergando no trabalho um meio de se obter riqueza e, ao mesmo tempo, servir a Deus); no século XX aumentou a preocupação com o desempenho do trabalho e, conseqüentemente, com o aumento da produtividade e o termo trabalho alcançou grande amplitude, designando toda e qualquer atividade realizada pelo homem.

A busca da pessoa com deficiência por seu espaço no mercado de trabalho e, conseqüentemente, pelo reconhecimento de suas capacidades é retratada nas mudanças feitas nas leis brasileiras devido às pressões sociais. Ao fazer uma análise das diversas constituições postas em vigor em nosso país desde a carta de 1824, pode-se observar que todas elas se iniciam declarando que todos são iguais perante a lei. No entanto, é só na

Constituição de 5 de outubro de 1988 que a questão da proteção legal aos “deficientes” é discutida mais claramente, principalmente em suas relações de trabalho, sendo declarada a proibição de discriminação no emprego.

Portanto, devido ao resgate da cidadania, provocada pelas lutas das pessoas com deficiência hoje essas pessoas têm legalmente assegurado, dispositivos que proporcionam o exercício de seus direitos sociais, individuais e coletivos, o acesso em concursos públicos e no mercado de trabalho. Um exemplo disto é a lei nº. 7.853 que dispõe sobre a integração social das “pessoas portadoras de deficiência” através da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) que tem o papel de articular, junto aos Ministérios, a política de ação das pessoas com deficiência e facilitar o desenvolvimento dos programas voltados para esse segmento.

De acordo com a Constituição de 1988, as atitudes “discriminatórias” constituem crime na forma do artigo 8º, que prescreve:

Constitui crime punível com reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa:
I – recusar, suspender, cancelar ou fazer cessar uma justa causa, a inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, por motivos derivados da deficiência que porta;
II – obstar, sem justa causa, o acesso de alguém a qualquer cargo público, por motivos derivados de sua deficiência; III – negar, sem justa causa, a alguém, por motivos derivados de sua deficiência, emprego ou trabalho;
IV – recusar, retardar ou dificultar internação ou deixar de prestar assistência médico-hospitalar e ambulatorial, quando possível, a pessoa portadora de deficiência;
V – deixar de cumprir, retardar ou frustrar, sem justo motivo, a execução de ordem judicial expedida na ação civil a que alude esta lei;
VI – recusar, retardar, ou omitir dados técnicos indispensáveis à propositura da ação civil objeto desta lei, quando requisitados pelo Ministério Público.(BRASIL, 1993).

Já em seu artigo 7º, esta lei proíbe qualquer discriminação em relação ao salário e critérios de admissão da pessoa com deficiência a fim de efetivar o ingresso dos deficientes no sistema produtivo, para deixarem de serem objetos de assistencialismo social, tornando-se pessoas independentes em todos os aspectos da vida. Contudo, para que haja a admissão, o empregado tem que se submeter a exames médicos para apurar as capacidades e/ou aptidões físicas e mentais para a função que se vai exercer o que, ao contrário do seu objetivo inicial, pode transformar-se em um instrumento de exclusão a partir do momento em que o médico constata uma “anormalidade” no pretendente ao emprego, porque suas

chances em obtê-lo se reduzem expressivamente. Mesmo assim, pode-se afirmar que as poucas modificações na Legislação Brasileira implicam num grande avanço social deste grupo, ainda, estigmatizado. No entanto, para alcançar estas conquistas, as pessoas com deficiência enfrentam diversos obstáculos, a começar pelo direito de ir e vir. São inúmeras as dificuldades de acesso às ruas o que dificulta, e muito, o acesso às escolas e ao trabalho como afirma RIBAS (1986, p.15):

Na sociedade atual, mesmo que a ONU e a OMS tenham tentado eliminar a incoerência dos 'conceitos', a palavra 'deficiente' tem um significado muito forte. De certo modo, ela se opõe a palavra 'eficiente'. Ser 'deficiente', antes de tudo é não ser 'capaz'. Pode até ser que conhecendo melhor a pessoa, venhamos a perceber que ela não é tão 'deficiente' assim. Mas, até lá, até segunda ordem, o 'deficiente' é o não 'eficiente'. (...) Assim sendo, em todas as sociedades a palavra 'deficiente' adquire um valor cultural segundo padrões, regras e normas estabelecidas no bojo de suas relações sociais.

Deste modo, mesmo havendo na sociedade uma ideologia que consiste em afirmar que todos os cidadãos são iguais e que, por isso, todos devem estar integrados no convívio social, o considerado “diferente” passa a ser segregado. Esta segregação se expressa não só no tocante para as pessoas com deficiência como, também, nos níveis sociais, culturais, econômicos e, até, legais mostrando que os indivíduos, de fato, não são tão “iguais” assim. É justamente para transpor estas barreiras preconceituosas que, em geral, as pessoas com deficiência buscam na educação e na inserção no mercado de trabalho um instrumento de discriminação do preconceito em relação à sua “deficiência” e mudança na visão que os “não-deficientes” têm deles e, até, na visão que eles têm de si mesmos. É para se encaixar nas regras da “normalidade” que as pessoas com deficiência vêm lutando, cada vez mais, para ocupar um espaço dentro do mercado de trabalho – mercado este que, historicamente, vem modificando-se bastante -, já que esta inserção implica em reconhecimento, como afirma Colbari:

A representação do trabalho transcende, pois, seu caráter instrumental, seu atrelamento à necessidade de sobrevivência do trabalhador e da família. O trabalho é esforço, sacrifício e luta, mas é também missão e fonte de dignidade. Está associada a bom caráter, bondade, saúde, bons costumes, retidão moral, honra, patriotismo e ensinamentos cristãos. É também fonte de afirmação e reconhecimento do homem no interior do grupo familiar. Ser bem-sucedido profissionalmente não significa apenas ter competência para garantir a segurança material da família. Ser 'bom-trabalhador' é ser 'bom exemplo' para os filhos e para a comunidade. (COLBARI, 1995, p.225).

A educação e o trabalho tornam-se, então, elementos fundamentais no processo de integração das pessoas com deficiência e como instrumentos que proporcionam a diminuição da força do estigma que a “deficiência” possui, já que trabalhar implica, em ser reconhecido como “igual”, como capaz, como responsável, como uma pessoa útil, que pode render alguma coisa dentro de uma sociedade que tem no trabalho um elemento organizador e distribuidor de valores, facilitando a integração do “deficiente”, trabalhar passa a ser sinônimo de dignidade, de exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Coordenação de atenção a grupos especiais**. Programas de atenção à saúde da pessoa portadora de deficiência. Atenção à pessoa portadora de deficiência no sistema unico de saúde: planejamento e organização de serviços. Brasília-DF: Secretaria de Assistência à Saúde, 1993.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo-SP: Saraiva, 1996.
- COLBARI, A. **Ética do trabalho**. São Paulo-SP: Letras e Letras, 1995.
- RIBAS, J. B. C. **O que são pessoas deficientes?** São Paulo-SP: Brasiliense, 1986.
- SANTOS, M. P. Perspectiva histórica do movimento integracionista na Europa. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Piracicaba-SP: UNIMEP, n 3, p. 21-29, 1995.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM AUTISMO

Johannes Aparecida de Oliveira ¹
Rafael Siqueira de Guimarães ²

Resumo:

Nesse trabalho de pesquisa procurou-se realizar uma abordagem bibliográfica sobre a Síndrome do autismo. No último século surgiram métodos e filosofias de abordagens divergentes, desde que o autismo foi descrito pela primeira vez em 1943. Busca-se destacar as principais teorias que contribuíram com a perspectiva da etiologia do autismo, bem como os meios de diagnóstico diferencial, avaliação e intervenção educacionais sendo os principais tipos e vantagens inerentes.

Palavras-Chaves: Educação Inclusiva. Síndrome do autismo. Desenvolvimento.

Abstract:

In this research work aimed to achieve an approach to literature about the syndrome of autism. In the last century emerged methods and philosophies of different approaches, since autism was first described in 1943. Seeks to highlight the main theories that have contributed to the perspective of the etiology of autism, as well as the means of differential diagnosis, evaluation and educational intervention with the main types and advantages.

Keywords: Inclusive Education. Syndrome of autism. Development.

Sabe-se que o autismo é uma síndrome comportamental com características de um distúrbio de desenvolvimento. Caracteriza-se por disfunções em nível das capacidades físicas sociais e lingüísticas; anormalidades no relacionamento com objetos, eventos e pessoas.

A Síndrome do Autismo foi descrita, inicialmente, por Leo Kanner, em 1943, como um Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Nele se destacava como aspecto mais relevante, uma anormalidade do desenvolvimento social, e enfatizava que o distúrbio era constitucionalmente determinado e apresentado nos primeiros estágios do desenvolvimento. Kanner teve o mérito de identificar, entre crianças com retardo mental e distúrbios do comportamento, alguns que se diferenciavam dos demais comportamentos muito peculiares. Conseguiu, também, separá-los do grupo dos esquizofrênicos e, finalmente, fez uma descrição clínica tão acurada que, ainda hoje, pode ser utilizada da mesma forma, como foi originalmente proposta. Inicialmente, foi inserida no grupo de psicoses da infância (LEBOYER, 1997).

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial./CTESOP.

² Orientador, Psicólogo, Ms.em Educação Especial e Dr. em Sociologia.

As causas do autismo ainda são desconhecidas, mas diversas doenças neurológicas e/ou genéticas foram descritas com sintomas do autismo. Problemas cromossômicos, gênicos, metabólicos e mesmo doenças transmitidas/adquiridas durante a gestação, durante ou após o parto, podem estar associados diretamente ao autismo. Entre 75 a 80% das crianças autistas apresentam algum grau de retardo mental, que pode estar relacionados aos mais diversos fatores biológicos. Portanto, a evidência de que o autismo tem suas causas em fatores biológicos é indiscutível, fazendo-nos reconsiderar a idéia inicial de ligarmos o quadro de autismo a alterações nas primeiras relações mãe-filho.

Os primeiros sinais de Autismo, em geral, não são percebidos pelos pais, quando as crianças são recém-nascidas embora, na maioria dos casos, estes sinais possam estar presentes desde os primeiros meses de vida. O diagnóstico da criança autista é um dos itens mais controvertidos e angustiantes para suas famílias.

Os critérios mais atuais estão baseados na coexistência de prejuízos no desenvolvimento social, na comunicação e na capacidade para a imaginação, com tendência a comportamentos repetitivos. Esta condição pode estar associada a anormalidades biológicas, mas não são constantes nem suficientes, para que a sua presença realize um diagnóstico (SCHWARTZMAN, 1995).

Para o tratamento da criança autista sugere-se que se adote uma posição favorável à interdisciplinaridade (médicos, psicólogos, pedagogos, psicomotricistas, psicopedagogos, etc.).

Os distúrbios de atenção e concentração são tratados pelas mesmas drogas utilizadas no tratamento de crianças com síndrome do déficit de atenção, com hiperatividade, sem autismo. Os anticonvulsivantes são ministrados nos casos de epilepsias. Há tratamento com antidepressivos, ansiolíticos, fenfluramina (droga utilizada, por alguns médicos, que reduz, segundo estes, hiperatividade e componentes estereotipados, em cerca de 33% dos casos estudados). Outra proposta de tratamento com medicação propõe a utilização de doses elevadas de vitamina C, complexo B e B₆.

O estudo na área do autismo infantil, desde as primeiras considerações feitas por Kanner (1943) até as mais recentes reformulações em termos de classificação e compreensão dessa síndrome RUTTER (1996), tem sido permeado por controvérsias quanto a sua etiologia. Historicamente, reivindicações a respeito da natureza do *déficit* considerado 'primário' (inato \times ambiental) têm constituído os principais postulados das teorias psicológicas sobre o autismo.

No que concerne à área educacional a tarefa é criar espaços educacionais onde a diferença esteja presente, onde se possa aprender

com o outro, sem que aspectos fundamentais do desenvolvimento de quaisquer dos sujeitos sejam prejudicados. A escola, para além dos conteúdos académicos, tem espaço para atividades esportivas, de lazer, de artes e de criação, nas quais poderiam conviver crianças com diferentes necessidades, desde que as atividades fossem preparadas e pensadas para isso.

As diversas linhas de investigação atuais parecem sugerir uma etiologia multifactorial do autismo como intervenção tanto de fatores genéticos e ambientais como de fatores psicológicos e biológicos.

Por sua vez o diagnóstico do autismo parece assentar em três princípios fundamentais; limitação da interação social da comunicação e do nível cognitivo. No entanto, existe toda uma panóplia de comportamentos e de situações que podem ser concomitantes com a perturbação autista, algo que dificulta o diagnóstico. É importante proceder a uma avaliação de cada indivíduo discernindo o essencial do acessório, pelo que neste âmbito o diagnóstico diferencial pode ser fulcral.

As abordagens educacionais atualmente realizadas têm a finalidade de melhorar o desempenho, as capacidades individuais e desenvolver adaptação dessas crianças ao ambiente escolar. Por isso diferentes procedimentos são adaptados, como a terapia comportamental a reeducação dos pais para a aceitação dos déficits da criança, terapia do diálogo e linguagem como (PECS), terapia ocupacional, programas psico-educacionais como o *TEACCH*, equoterapia, musicoterapia, entre outros. (LEON; SCHWARTZMAN; ASSUMPÇÃO, 1995).

De acordo com o grau de comprometimento, a possibilidade de o autista desenvolver a comunicação verbal, integração social, alfabetização e outras habilidades relacionadas, dependerá da intensidade e adequação do tratamento, mas é intrínseco à sua condição de autista que ele tenha maior dificuldade nestas áreas do que uma pessoa dita normal. No entanto, superar a barreira que isola o indivíduo autista do mundo dito normal não é um trabalho impossível. O indivíduo autista, apesar de manter suas dificuldades, dependendo do grau do comprometimento, pode aprender os padrões de comportamento aceitos pela cultura, exercitar sua cidadania, adquirir conhecimento e integrar-se de maneira bastante satisfatória à sociedade. Neste aspecto, o atendimento psicopedagógico muito tem a contribuir, ajudando o sujeito a resgatar ou vir a conhecer o prazer de aprender em todas as suas dimensões.

Com a evolução das pesquisas científicas, concluiu-se que o autismo não é um distúrbio do contato afetivo, mas sim um distúrbio invasivo do desenvolvimento.

Este estudo pretendeu contribuir para a formação de conhecimento

sobre o autismo, embora muito ainda tenha que ser feito neste sentido, pois configurou um primeiro passo para esta busca de informação que deve ser ampliada e qualificada para uma boa atuação profissional.

REFERÊNCIAS

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos**. Tradução Rosana Guimarães Dalgarronda. 2.ed. Campinas-SP: Papyrus, 1997. (Coleção Educação Especial).

LEON, Viviane C. Programa TEACCH In: SCHWARTZMAN.J.S.; ASSUMPÇÃO.F.B. **Autismo infantil**. São Paulo-SP, 1995. p. 233-263

RUTTER, M. Pesquisa de autismo: prospecto e prioridades. **Diário de autismo e desordens desenvolvntes**, Campinas-SP: Papyrus, 1996. p. 257-275.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo infantil**. São Paulo-SP: Memnon, 1995.

DISLEXIA: UMA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Josete Soboleski¹
Olga Gerotto Gozer²

Resumo:

Este artigo faz referência a um problema muito comum nas salas de aula e que impede muitas crianças de terem uma aprendizagem adequada: a dislexia. Trata-se mais especificamente de sua conceituação, com uma abordagem educacional.

Palavras-Chave: Dislexia. Aluno. Leitura. Dificuldade.

Abstract:

This article makes reference to a very common problem in the classrooms that it impedes a lot of children have a significant learning: the dyslexia.. It is more specifically of its conceptualization, with an educational approach.

Keywords: *Dyslexia. Student. Reading. Difficulty.*

Têm sido registrados nos últimos anos, muitos casos de abandono escolar ou repetência e isso preocupa os profissionais da educação. Acredita-se que a grande causa disso sejam as dificuldades enfrentadas pelas crianças para aprenderem a ler, escrever e realizar operações matemáticas, o que é denominado como distúrbio de aprendizagem, sendo o mais conhecido chamado de dislexia.

A palavra dislexia é formada a partir de outras duas palavras gregas: *dís* que significa difícil e está ligado ao conceito de disfunção e *lexis*, que significa palavra ou linguagem.

A dislexia é caracterizada por uma dificuldade nas áreas de leitura, escrita e soletração e é considerado o distúrbio de maior incidência nas salas de aula. Ao contrário do que muitos pensam a dislexia não é resultado da má alfabetização, desatenção, desmotivação, ou baixa inteligência. Estudos recentes, relacionados a diferentes áreas da saúde e educação, descobriram que a dislexia tem base neurológica e que existe uma incidência significativa de valor genético em suas causas, explicando a existência de mais de um caso numa mesma família.

O disléxico tem em seu cérebro uma área mais desenvolvida que os leitores normais. Ela fica no hemisfério lateral direito e faz com que atividades relacionadas à sensibilidade, artes, atletismo e mecânica sejam mais bem desempenhadas por estas pessoas.

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial./CTESOP.

² Orientadora, Profª. Ms. em Ciências da Educação.

Estudos publicados no site Dislexia, destinado principalmente a pais de crianças disléxicas, fazem referência ao fato de que a dislexia é frequentemente acompanhada de dificuldades na escrita, na ortografia, gramática e redação atingindo de 08 até 10% da população infantil em fase escolar, indiferente de sua classe econômica.

Outras dificuldades apresentadas por crianças com dislexia são: deficiência para decodificar símbolos e isso os impossibilita de compreender o significado de um texto; baixa velocidade para ler uma palavra (duas vezes mais que um leitor normal); quando lêem, não conseguem separar as palavras, tendo dificuldade para identificar o final delas; não conseguem transformar seus pensamentos em palavra escrita.

Apesar desses problemas, a criança disléxica não é incapaz de aprender, apenas aprende de uma forma individual, particular e só dela. Pessoas como Albert Einstein, Leonardo da Vinci, Henry Ford, Thomas Edison, Walt Disney, Tom Cruise, entre outras não são lembradas por serem disléxicas, mas por seus trabalhos magníficos que cativam e maravilham a todos (DISLEXIA, s.d.). São exemplos de perseverança e coragem que devem ser seguidos.

Encontrei diversos empreendedores disléxicos que estão mais ricos do que muitos clínicos ou pesquisadores preocupados com o que é a dislexia! Um desses homens via mesmo sua dislexia como uma bênção, porque ela o livrou de uma carreira convencional e levou-o a ser mais criativo em seu desenvolvimento nos negócios de imóveis! Frequentemente ouve-se falar de disléxicos famosos e a lista inclui August Rodin, Winston Churchill, Nelson Rockefeller, bem como acréscimos mais recentes como Cher, Bruce Jenner e Greg Louganis. É importante para os disléxicos e seus pais saberem que a dislexia não exclui o talento ou o sucesso, mesmo quando há dúvida de que ela será um fator de risco para dificuldades no ajustamento adulto (PENNINGTON, 1997, p. 67).

A dislexia não é um rótulo de incapacidade, apenas uma forma e com um tempo diferente de aprender, que necessita muitas vezes de ensinamentos mais adequados.

Para constatar a dislexia, é necessário descartar situações em que a criança pode também ter dificuldades para aprender, como bloqueios emocionais ou imaturidade para a alfabetização, é necessário pelo menos dois anos de escolaridade com uma didática adequada para começarem as investigações acerca desse distúrbio, pois a criança não deve ser nova demais para a iniciação escolar. Apesar de o diagnóstico ser difícil antes da escolarização, existem evidências clínicas que podem ajudar numa análise precoce do problema, como a fala tardia, dificuldade em articular palavras,

em aprender o nome das letras e cores, troca na ordem seqüencial das sílabas, são exemplos que podem levantar uma possível suspeita de dislexia até mesmo antes da idade escolar, porém só uma análise na idade certa pode garantir que o problema realmente existe. Os pais de crianças disléxicas recém-diagnosticadas demonstram uma preocupação muito grande quanto à vida que seus filhos terão quando adultos. A preocupação é desnecessária porque essas crianças têm a mesma capacidade das outras para concluir o ensino médio e ingressar no ensino superior se isso for de sua vontade.

Os quadros de dislexia podem variar de uma leitura quase normal, mas silábica até uma incapacidade quase total para aprender a ler. Por ser uma dificuldade de aprendizagem perceptual, ela recebe classificações como, um distúrbio de natureza visual, auditiva ou mista. Assim como as terminologias dadas para a dislexia variam muito de autor para autor, de acordo com seus estudos e teorias, com as classificações também ocorre o mesmo. Os disléxicos auditivos são caracterizados pela dificuldade em distinguir semelhanças e diferenças entre sons acusticamente próximos.

“Essas crianças, apesar de possuírem uma acuidade auditiva normal, não conseguem discriminar e relacionar os sons que constituem as palavras. Desta forma, cada palavra visualizada pela criança dificilmente é decodificada, pois os sons, que representam letras ou palavras, não são recordados” (MORAIS, 2006, p. 83).

É o caso de troca de consoantes surdas por sonoras como f/v, p/b, ch/j, c/g (faca/vaca, boi/poi, cama/gama); troca de vogal oral por nasal como na/a, en/e, on/o (acendeu/acedeu); falta de pontuação ou pontuação inadequada; ou ainda quando a criança é incapaz de separar uma palavra em sílabas e depois juntá-las para formar palavras, ou mesmo quando tem dificuldade para ouvir os sons iniciais ou finais de uma frase como quando a palavra é dia e ela ouve deu.

Já a caracterização da dislexia visual, segundo Moraes se dá pela dificuldade em diferenciar, recordar e interpretar palavras vistas visualmente.

As crianças disléxicas visuais têm severas dificuldades em memória e análise-síntese visual, em discriminação visual de detalhes, em perceber rapidamente as palavras escritas, em respeitar as seqüências viso-espaciais etc. Neste caso, os distúrbios de leitura manifestam-se pelas trocas entre palavras com detalhes ou configurações gerais semelhantes, pela dificuldade em representar graficamente as palavras ouvidas ou elaboradas mentalmente, e pelas inversões de letras que diferem quanto à orientação espacial (MORAIS, 2006, p.83).

Enquadram-se aqui a confusão entre letras e palavras semelhantes como bola e bolo; dificuldades no ritmo de leitura; reversão e inversão; dificuldade para ler da esquerda para a direita; também adição ou omissão de palavras, substituição, agregação e repetição.

A dificuldade da criança disléxica não é só no campo da leitura e escrita, frequentemente essa dificuldade passa para o campo emocional e afetivo o que acaba gerando sérios problemas para o futuro. De acordo com a ABD, a censura e a decepção que a acompanham fazem com que ela manifeste muitas vezes sintomas como dores abdominais, dores de cabeça ou transtornos comportamentais.

As conseqüências da dislexia são bem graves incluindo reprovação, abandono escolar e diminuição de autoconceito, ou seja, a criança passa a se inferiorizar, se desvalorizar e isso acarreta tanto em reações rebeldes como depressivas dependendo de sua reação perante os colegas e a família.

Apesar de todos os sintomas citados, a dislexia tem particularidades em cada caso, muitas vezes os sintomas não são encontrados juntos. Como cada pessoa é única e diferente de todas as outras, a dislexia não pode ser tratada de forma igual até porque o disléxico sempre encontra seu caminho e suas respostas dentro do seu tempo de aprender. Cabe ressaltar neste artigo a importância do papel do professor tanto no diagnóstico como no acompanhamento do aluno que apresenta esta dificuldade.

REFERÊNCIAS

- DISLEXIA. **O que é dislexia?** Disponível em: <<http://www.dislexia.com.br>>. Acesso em: 09 mar 2008.
- MORAIS, A. M. P. **Distúrbios da aprendizagem uma abordagem psicopedagógica**. 12. ed. São Paulo-SP: Edicon, 2006.
- PENNINGTON, B. F. **Diagnóstico de distúrbios de aprendizagem um referencial neuropsicológico**. Tradução de Samuel Pfromm Netto. São Paulo-SP: Pioneira, 1997.

DISLÉXICOS: DIFERENTES SIM INFERIORES NÃO

Vânia Gonçalves ¹
Olga Gerotto Gozer ²

Resumo:

Este artigo apresenta a importância do diagnóstico, para o desenvolvimento das pessoas que apresentam os sintomas da dislexia; os aspectos importantes relacionados à escrita e a leitura; o desenvolvimento da linguagem e a concepção de que nem toda a dificuldade de leitura é uma dislexia, por isso, o diagnóstico deve ser feito por profissionais experientes.

Palavras Chave: Desenvolvimento. Aprendizagem. Diagnóstico. Dislexia.

Abstract:

This article presents the importance of diagnosis to the development of persons with symptoms of dyslexia, the important aspects related to writing and reading, language development and the view that not every reading difficulty is dyslexia, so the diagnosis should be done by experienced professionals.

Keywords: Development. Learning. Diagnostic. Dyslexia.

DESENVOLVIMENTO

A dislexia é de origem neurológica que dificulta a aquisição da leitura, e da escrita, trazendo prejuízos para o desempenho escolar, social, profissional e afetivo do sujeito disléxico.

Acomete cerca de 10% da população, mas é possível dar condições ao disléxico para lidar com esta dificuldade. Neste sentido, o objetivo é discorrer sobre alguns aspectos da aprendizagem de leitura e escrita para que profissionais de diferentes áreas que trabalhem com crianças, na educação infantil ou séries iniciais do fundamental possam estar em alertas para possíveis sinais de dificuldade e saibam como tratar esse sujeito.

Em primeiro lugar considera - se a linguagem. Por ser linguagem leitura e um sistema simbólico de representação da realidade que pode se expressar por varias modalidades: gestual, oral, escrita. O homem criou códigos para expressar determinados significados: O domínio da escrita é o resultado do desenvolvimento da linguagem/oral, que permeia a construção de: gestos significativos, brincadeiras de faz-de-conta desenho e escrita.

¹ Graduada em Letras e Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial, CTESOP.

² Orientadora, Mestre em Ciências da Educação.

Vários estudos apontam uma relação significativa entre a dislexia e crianças que apresentaram atraso na aquisição da fala, sendo este, então, apontado como um fator de risco para a primeira. Isto não se dá por acaso. Um dos componentes fundamentais para o desenvolvimento da fala é também apontado, atualmente, como o componente mais afetado na dislexia: A consciência fonológica pode ser definida como a capacidade de se perceber que a fala pode ser decomposta em unidades menores (frases, palavras, sílabas e letras) e que estas unidades podem ser manipuladas para se formarem novas palavras e para se criarem novos sentidos. (CAPOVILLA, 2000, p. 39)

Pesquisas recentes têm confirmando que o córtex tem áreas especializadas em determinadas funções, onde elas são recebidas, analisadas e armazenadas. O locus cortical para a informação fonológica, também chamada de léxico fonológico, ficaria na porção posterior do giro temporal superior, conhecida como área de Wernicke.

Neste local abrigamos um estoque de informações fonológicas que nos permite identificar e acessar o significado das palavras que recebemos pela via auditiva. Quando aprendemos a ler, vamos formar um estoque similar para o reconhecimento das palavras que recebemos pela via visual, sendo chamado de léxico ortográfico. Mas, uma vez que a escrita se remete à forma como cada língua se refere a um objeto, tem que haver uma correlação entre a imagem recebida visualmente com seu correspondente sonoro arquivado no léxico fonológico. Dito de outra forma, teremos que realizar, em nível cortical, a associação grafema-fonema. Esta associação é a base do princípio alfabético, descoberta fundamental que a criança deva realizar ao se apropriar do sistema de escrita, devendo correlacioná-lo com seu sistema de fala. (LENT, 2001, p.114).

Existe uma relação entre a fala e a leitura quando a criança entra no processo de aquisição de leitura, a criança vai dar uma nova roupagem para este sistema, ou seja, vai se apropriar de um novo código, agora visual/gráfico. Neste momento se inicia a fase da escrita que tem por característica o desenvolvimento de uma escrita baseada na oralidade, que já está estruturada.

O aprimoramento da leitura/escrita e o contato com a gramática da língua, vão oferecer ao indivíduo outras experiências lingüísticas que língua oral não apresenta.

A linguagem é extremamente importante para o desenvolvimento da leitura/escrita e como, a partir daí, tornam-se inter-relacionadas. Precisamos lembrar que, ao início da alfabetização, o processador ortográfico ainda está

formado, devendo então se estruturar. Caso haja problemas anteriores de linguagem, afetando os níveis fonológico e/ou semântico e contextual, estas articulações estarão prejudicadas conseqüência, processador ortográfico vai se desenvolver de forma ineficiente. (MORAIS, 1996, p. 77)

Para estabelecer uma eficiente correlação letra-som é fundamental para o sucesso na leitura. Pode se dizer, então, que a leitura pressupõe a transformação de representação gráfica em representação fonológica, ou seja, a decodificação. Portanto se a decodificação não for eficiente à representação gráfica estará prejudicada.

A escrita geralmente traz mais dificuldades do que a leitura, pois enquanto esta implica recepção, ou seja, o modelo gráfico já está pronto e é oferecido externamente, aquela implica produção, ou seja, o modelo gráfico tem que estar construído internamente, no processador ortográfico, para ser resgatado pela memória e reproduzido. Esta é uma das justificativas para o fato de que pessoas com dificuldade da aprendizagem de leitura e escrita, nas séries iniciais tem muita dificuldade na leitura, mas, em séries mais avançadas, esta dificuldade fica mais visível na escrita.

Não perceber e não tratar os problemas de leitura e escrita acarretam uma série de outros problemas, como o sentimento de fracasso, a frustração, o isolamento, a depressão, a agressividade, o desinteresse, a desatenção. É importante identificar quando existe uma dificuldade de linguagem e/ou leitura/escrita para que o sujeito receba o tratamento adequado, independente de ser ou não uma dislexia. Sendo uma desordem de origem neurológica, não existe cura para a dislexia, mas seus efeitos podem ser trabalhados e minimizados. Como aponta, psicólogo educacional e também disléxico, o caminho a ser trilhado é trabalhoso, mas, com o apoio adequado, pode-se e deve-se ir atrás de seus sonhos e ser feliz. (FRANK, 2003, p. 92)

CONCLUSÃO

Para fazer um diagnóstico correto, deve-se verificar inicialmente, se na história familiar existem casos de dislexia ou de dificuldades de aprendizagem e se na história da criança, ocorreu um atraso na aquisição da linguagem, pois as pessoas disléxicas pensam primariamente através de imagens e sentimentos, e não com sons e palavras, sendo bastante intuitivas. O primeiro passo é excluir as possibilidades de outros distúrbios, feita toda a avaliação por parte de especialistas e discutindo com os pais é que se faz o diagnóstico final. A partir desse diagnóstico o disléxico é submetido a uma instrução especializada, para que ele possa ser alfabetizado e não ser excluído das profissões e vocações que exigem uma preparação acadêmica.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, A. & Capovilla, F. **Problemas de leitura e escrita**. São Paulo, SP: Memnon, 2000.

FRANK, R. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo, SP: Mbooks, 2003.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de Neurociência**. São Paulo, SP: Atheneu, 2001.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo, SP: Unesp, 1996.

INCLUSÃO SOCIAL E A PRÁTICA DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

Patrícia Rodrigues ¹
Olga Gerotto Gozer ²

RESUMO:

Neste trabalho apresenta-se um conjunto de propostas sobre a educação bilíngue para surdos, além da compreensão dos principais discursos sobre a surdez e os surdos; momento histórico, relacionado à identidade/alteridade; surdos e à educação bilíngue. Direciona-se um olhar às perspectivas metodológicas do ensino de português como segunda língua para surdos, e à implementação da proposta de bilinguismo, com ênfase às reflexões voltadas para a aquisição da língua de sinais, como primeira língua, e de ensino/aprendizagem da língua portuguesa, como segunda língua.

Palavras-chave: Letramento. Educação bilíngue. LIBRAS.

ABSTRACT:

In this work a set of proposals on bilingual education for deaf people, beyond the comprehension of the main discourses about deafness and deaf historical moment, related to identity/otherness, deaf and bilingual education. Directs a look at the methodological perspectives of teaching Portuguese as second language for the deaf, and the implementation of the proposed bilingualism, with emphasis on the reflections focused on the acquisition of sign language as their first language, and teaching/learning the language Portuguese as a second language.

Keywords: Literacy. Bilingual education. LIBRAS.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa estudar as questões de linguagem presentes no processo de construção da alfabetização de surdos inseridos no ensino regular, identificando as práticas sociais na qual o surdo utiliza a linguagem de sinais e como tais práticas podem fornecer subsídios para sua vida diária. Objetiva-se ainda demonstrar as formas de representação produzidas pelos alunos surdos por meio da linguagem de sinais.

Este trabalho apresenta um breve histórico da caminhada do surdo, tratando de suas lutas e conquistas tanto no contexto social como educacional. Discute-se a importância da comunicação entre todos os seres, em especial o surdo, que em sua particularidade tem como língua materna a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, a qual apresenta um conjunto de regras fonológicas, morfológicas e sintáticas, ou seja, uma gramática própria.

¹ Especialista em Sociedade Inclusiva e Educação Especial. UNIMEO/CTESOP - 2008.

² Orientadora: Mestre em Ciências da Educação.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO PARA CRIANÇAS SURDAS

Para QUADROS (1997), no Brasil a aquisição do português escrito por crianças surdas esteve e, ainda em muitos casos, está baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o português falado de forma natural. A autora comenta a utilização de várias tentativas de alfabetização da criança surda, como a utilização de métodos artificiais de estruturação de linguagem, o português sinalizado que é a utilização dos sinais da Língua Brasileira de Sinais com a estrutura do português, entre outros. Nesse sentido, pode-se pensar num risco permanente de vulnerabilidade dos surdos, pois aprender a ler e escrever, como comenta SOARES (1998), traz inúmeras conseqüências para o indivíduo, influenciando sobre fatores sociais, psíquicos, políticos, cognitivos, lingüísticos e, inclusive, econômicos. Segundo a autora, o impacto dessas mudanças sobre o sujeito, ou seja, a apropriação da leitura e da escrita e a incorporação das práticas sociais que as demandam denomina-se letramento. Ampliando o conceito, a autora salienta ainda que letramento não pode ser visto apenas como um conjunto de habilidades individuais, mas sim como um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os sujeitos se envolvem no seu contexto social.

O letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita. No caso das crianças surdas, sabe-se que a barreira de comunicação entre a família ouvinte e o filho surdo dificulta a realização das práticas sociais de letramento. Percebe-se que as crianças surdas devem ser expostas, desde o mais cedo possível, à língua de sinais, que constitui a sua língua própria, pois é esse sistema que lhes assegura uma comunicação completa e integral. Além disso, essa língua tem papel importante no desenvolvimento cognitivo e social da criança, já que permite a aquisição de conhecimentos sobre o mundo circundante e auxilia no desenvolvimento de sua identificação com o mundo surdo.

De acordo com GIORDANI (2004, p. 78), “os professores ouvintes, nas escolas de surdos, são ‘estrangeiros’ que se aproximam da língua de sinais e da cultura visual, mas privilegiam, pelo hábito e pela própria cultura, a modalidade oral-auditiva”. Devido a isso, o autor ressalta a importância dos profissionais surdos, com um perfil bilíngüe bicultural, no ensino de surdos, enfatizando que esses, além de interlocutores que compreendem sua língua, são modelos lingüísticos que desempenham papel de liderança perante as crianças.

Assim, algumas mudanças educacionais são necessárias para que o sujeito surdo possa ser reconhecido tanto no ambiente escolar quanto

na sociedade e tenha a oportunidade de desenvolver-se integralmente. É fundamental que a escola e a própria sociedade mudem sua concepção de surdez e passem a valorizar os surdos pelos seus talentos e não por aquilo que lhes falta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente pesquisa percebeu-se que o bilingüismo oral/ língua de sinais é a única via através da qual a criança surda poderá ser atendida nas suas necessidades, adquirindo conhecimentos sobre a realidade externa, comunicar-se plenamente com o mundo circundante e converter-se num membro do mundo surdo e do mundo ouvinte. Sente-se uma necessidade de projetos educacionais que incorporem como princípio norteador da língua de sinais – língua natural dos surdos – em todos os contextos de aquisição e acesso a informações, seguida da aprendizagem da língua portuguesa, como segunda língua no currículo escolar, isto é, uma educação bilíngue para surdos.

É necessário o comprometimento de toda a equipe docente, técnica, administrativa e de apoio da escola, bem como da comunidade, com valores de excelência e relevância que devem estar presentes no esforço educativo. Por meio da inclusão é possível proporcionar uma educação com qualidade, que respeite a diversidade cultural, as individualidades de cada ser, motivando um futuro centrado no ser humano, que contribua para a formação de um aluno participativo, atento, curioso, crítico e, sobretudo cidadão.

REFERÊNCIAS

GIORDANI, Liliâne Ferrari. **Letramentos na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997. Disponível em: <www.google.com.br/surdos>. Acesso em: 15 de Nov 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998.

SEMEJANZAS Y DIFERENCIAS ENTRE DON QUIJOTE DE LA MANCHA Y POLICARPO CUARESMA

Rejane Fátima Ottowicz Rosso.¹
Anilton César Feldaus²

Resumen:

Al realizar estudios de la obra Triste fin de Policarpo Quaresma, se observa que muchos críticos consideran al personaje Policarpo Quaresma un Don Quijote brasileño. Considerando eso es que se tiene la pretensión de hacer un estudio investigativo que muestre las semejanzas en el contexto histórico, en la obra y biografía de los autores, ya que “El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha” fue escrito por Miguel de Cervantes Saavedra en España, en el siglo XVII y “Triste fin de Policarpo Quaresma” fue escrito por Lima Barreto en Brasil en el siglo XX.

Palabras Clave: Semejanzas. Don Quijote. Policarpo Quaresma. España y Brasil.

Resumo:

Ao realizar estudos da obra Triste fim de Policarpo Quaresma se observa que muitos críticos consideram o personagem Policarpo Quaresma um Dom Quixote brasileiro. Considerando isso é que pretende-se fazer um estudo investigativo que mostre as semelhanças no contexto histórico, na obra e biografia dos autores, já que ‘El hingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha’ foi escrito por Miguel de Cervantes Saavedra na Espanha, no século XVII e ‘Triste fim de Policarpo Quaresma’ foi escrito por Lima Barreto no século XX.

Palavras Chave: *Semelhança. Dom Quixote. Policarpo Quaresma. Espanha e Brasil.*

Muchos críticos literarios tienen Policarpo Quaresma como el Quijote brasileño. Esto ocurre porque a demás de las distintas épocas en que vivieron Cervantes, el autor de Don Quijote, vivió en el siglo XVII ya el autor de Policarpo Quaresma, Lima Barreto vivió en el siglo XX. Pero La influencia de los rasgos de la literatura cervantina perdura hasta hoy por su irreverencia.

Para GIRARD citado por VIEIRA, todo el romance en alguna medida debe sus tributos al Quijote, no hay una idea en el romance occidental que no esté presente en germen en Cervantes.

A partir de esto, se fue en búsqueda de estudios y pesquisas que comprueben la influencia de la literatura cervantina en la literatura de Lima Barreto, y así apuntar los rasgos semejantes entre las obras El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha y Triste fin de Policarpo Quaresma.

¹ Graduada em Letras: Português e Espanhol, Especialista em Língua Espanhola/CTESOP.

² Orientador Mestre em Educação pela UTCD/ Assunção Paraguai. 2007.

Según LIMA citado por BOSI (2005), Policarpo tiene rasgos quijotescos, pues el romancista supo explorar los efectos cómicos producidos fatalmente en el quijotismo como el patético que acompaña la buena fe desarmada.

Según CANDIDO citado por VIEIRA (2008) es necesario reconocer que estudiar literatura brasileña es estudiar literatura comparada, eso por sus estrechos vínculos que la producción literaria tuvo con ejemplos externos y también debido a los procedimientos recurrentes de los estudiosos que formaban el juicio crítico a partir de posibles aproximaciones a los textos extranjeros.

La principal semejanza entre los personajes Policarpo Quaresma y Don Quijote, es que así como Quijote se dedicó a ser un caballero andante en búsqueda de la justicia, igualdad y libertad, Policarpo fue un comandante militar que se dedicó a trabajos burocráticos en el Arsenal de Guerra, pero intentando poner en práctica sus ideales por un país más justo socialmente y económicamente, valorando y rescatando la cultura de los pueblos que ya habitaban el Brasil antes de la colonización.

Estos ideales hicieron con que Quaresma se tornase víctima de la opinión pública que le excluye de la sociedad, rechazándole en un manicomio.

Ese cambio no empieza, no se siente cuando empieza y case nunca acaba. ¿Con su padrino, como fue? Al principio, aquel requerimiento... ¿Pero lo que era aquello? Un capricho, una fantasía, cosa sin importancia, una idea de viejo sin consecuencia. ¿Después aquel oficio? No tenía importancia, una simple distracción, cosa que ocurre a cada paso... Y en fin. La locura declarada, a torva e irónica locura que nos saca la nuestra alma y pone otra que nos rebaja... Al fin, la locura declarada, a exaltación del yo, la costumbre de no salir, de se decir perseguido, de imaginar como enemigos, los amigos, los mejores. (...) Estaba ha un mes en el hospicio," (BARRETO, 1993. p. 60)

Quijote a su manera también intenta hacer valer sus expectativas y sueños de una patria mejor. Según LLOSA citado en CERVANTES (2004). El Quijote no cree que la justicia, el orden social, el progreso, sean funciones de la autoridad, sino obra del que hacer de individuos que como sus modelos, los caballeros andantes, y él mismo, se hayan echado sobre los hombros la tarea de hacer menos injusto y más libre y próspero el mundo en el que viven. Eso es el caballero andante: un individuo que, motivado por una vocación generosa, se lanza por los caminos, a buscar remedio para todo lo que anda mal en el planeta y la autoridad, cuando aparece, en vez de facilitarle la tarea, se la dificulta.

En efecto, rematado ya su juicio, vino a dar en el más extraño pensamiento que jamás dio loco en el mundo, y fue que el pareció conveniente y necesario, así para el aumento de su honra como para el servicio de su republica, hacerse caballero andante y irse por todo el mundo con sus armas y caballo a buscar las aventuras y a ejercitarse en todo aquello que él había leído que los caballeros andantes se ejercitaban, deshaciendo todo género de agravio y poniéndose en ocasiones y peligros donde, acabándolos, cobrase eterno nombre y fama.(CERVANTES, 2004, p. 30-31).

Pero la configuración quijotesca del personaje no se limita solo a la inconformidad y sino a un proyecto crítico de la obra configura, transponiendo a un sueño utópico. En medio a la risa que causa las locuras de Policarpo, surge la persistencia del personaje que se caracteriza por su idealismo social y patriota incongruente, combinado con una firme fidelidad a los principios. Puede se decir que así como Don Quijote, el personaje se pone en la imbricación del trágico y del cómico, de la locura y de la sensatez. Su trayectoria, semejante a de los caballeros, parece estructurarse sobre un proyecto esencialmente ingenuo y grandioso que tubo que sale de ámbito de la épica para el mundo circunscrito de la individualidad.

Consideraciones Finales

En esto estudio se encuentra presente una investigación de ámbito histórico, social, filosófico y literario, lo torna el estudio más actraente y envolvente. Porque al desarrollar el estudio se va observando que a despecho de Cervantes tener escrito El ingenioso hidalgo don Quijote en el siglo XII, se puede encajar perfectamente en el siglo XX como una novela moderna, por sus criticas y por su comicidad.

REFERÊNCIAS

ANTOKOLETZ, Maria Adela. et. al. La parodia del heroe. El Quijote. In: _____. **Literatura y lengua 2 Europa y Norteamericana**. BUENOS Aires. Argentina. Casa de Ediciones: Puerto de Palos. 2001.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo. SP: Moderna, 1993.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo. SP: Cultrix, 2005.

CERVANTES Miguel de. **El hidalgo Don Quijote de la Mancha**. San Pablo (Brasil): Talleres Gráficos de Prol Gráfica, 2004.

LOPES, Marcos Antonio. Virtudes de um outro mundo. **Revista Entrelivros**. São Paulo, SP: 2007. p.7-10.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. **Escritura Cervantina e mito Quixotesco**. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/dubiteorgosum/a44.html>.> Acesso em 16/05/2008.

LA DIVERSIDAD DE LOS PRETÉRITOS

Dirce Pastori ¹

Anilton César Feldaus ²

Resumo:

Este trabajo busca analizar las conjugaciones de los verbos en pretérito perfecto simple, compuesto e imperfecto, intentando descubrir las formas de uso en la lengua española, sus diversidades en las conjugaciones, más específicamente en el español peninsular y en el español de América. Al mismo tiempo buscar las diferencias y dificultades que se encuentran en el habla y en la escrita con referencia al uso en el plan actual, la perspectiva temporal, la oposición de cantaba / canté y he cantado de los referidos pretéritos. Dejar claro una concepción distinta del lenguaje para atender a las necesidades de la comunicación lingüística, los tiempos verbales, siendo necesario a las características de las acciones. Las diferencias en su uso en España y en Hispanoamérica, como también en el Español peninsular y en América.

Palabras-Clave: Costumbres. Distinción y semejanza. Habla particularidades.

Abstract:

This paper analyzes the conjugation of verbs past perfect tense, compound and imperfect, trying to figure out ways to use the Spanish language, their diversities in the conjugations, more specifically in the Spanish mainland and the Spanish-Americas. At the same time look for differences and difficulties in speech and in writing with reference to use in the current plan, the time horizon, the opposition sang/sung and he sang of those pasts. Be clear a conception different language to meet the needs of linguistic communication, tenses, being necessary to the characteristics of the shares. Differences in use in Spain and Latin America, as well as the Spanish mainland and Americas.

Keywords: Customs. Distinction and likeness. Speaking. Particularities.

El sistema verbal del Español, principalmente como lengua extranjera hay grandes diferencias de enfoque en sus conjugaciones de los pretéritos.

En el MINISTERIO DE EDUCACIÓN (1990), se dice que en el transcurrir de los siglos XVI y XVII entre apologistas de la lengua nacional, los que consideraban el castellano la más rica y expresiva, una lengua superior, entre las cuales se encontraban, afirmando que la lengua portuguesa es igualmente importante por estar en conformidad con

¹ Graduada em Letras e Especialista em Língua Espanhola – CTESOP.

² Orientador, Ms. em Educação pela UTCD – Assunção – Paraguai – 2007.

la Latina, incluso la más honesta y el castellano era considerado la lengua rival de la lengua portuguesa, quizá una rivalidad apológica.

La curiosa observación del autor, que al hablar de la nobleza y saber de la gente y de la tierra de España, dijo que la mejor parte siempre fue Portugal, y explica esta diversidad lingüística por el hecho de la fragmentación política y geográfica. Afirma que hay relación entre las lenguas vecinas, ninguna de las otras lenguas tiene más de castellano que el portugués con relación a la pronunciación y a la ortografía. Este modo de conjugación, la sutileza significativa que incluye el tiempo compuesto en español, es ignorada por la mayor parte de los hablantes hispánicos, siendo de poco uso en el norte de España o en la América Hispánica. Así como los Latinos, tenemos cinco tiempos en nuestra lengua: (presente), pasado por acabar (pretérito imperfecto), pasado acabado (pretérito perfecto simple), pasado más que acabado (pretérito pluscuamperfecto) y (futuro). El uso original del indicativo fue recuperado más tarde por los escritores románticos en el siglo XIX, usado en algunas partes de España y en la mayor parte de América Hispánica. Su empleo con valor de pluscuamperfecto de indicativo es frecuente como medio estilístico de donar gravedad histórica a una narración y es considerado arcaísmo. Es empleado con valor de pretérito perfecto simple pero criticado por los teóricos de la lengua.

Según ALZUETA (1998), el verbo es una palabra formada por la raíz y la terminación, que expresa acción, deseo, sentimiento en número (singular y plural) E imperativo. Son divididos en tiempos presente, pretérito y futuro en las formas simples y compuestas, clasificados en tres grupos de acuerdo con la terminación de los infinitivos. Los verbos pueden ser regulares, que no presentan ningún cambio en la raíz. El pretérito imperfecto del modo indicativo simple indica una acción habitual ocurrida en el pasado, puede haberse completado o no, o estar en desarrollo; una acción no acabada, interrumpida por otra acción, que ocurre al mismo tiempo que otro hecho. El pretérito indefinido expresa un hecho pasado o indefinidamente anterior; son acciones separadas del presente por cualquier período de tiempo; el interés está en el hecho en sí, muchas veces este tiempo verbal aparece sin marcadores de tiempo. Pretérito perfecto compuesto del modo indicativo, indica acción pasada y perfecta que se puede reflejar en presente y se usa para expresar acciones cronológicamente lejanas del presente, pero que duran hasta el momento actual. El pretérito imperfecto del subjuntivo es el único tiempo verbal en español que tiene dos formas posibles de desinencias. Se puede usar las dos formas siempre que sean subjuntivos en las oraciones subordinadas condicionales o concesivas. Los verbos irregulares sufren algunas modificaciones en algunas de sus formas en el

radical. También sufren alteraciones ortográficas en algunos tiempos para mantener el mismo sonido.

En ACTAS (1999), se habla del uso pragmático de los tiempos verbales en español como lengua extranjera. Es importante llevar en consideración que la pragmática es un instrumento fundamental para el entendimiento lingüístico. Hay que considerar que la lengua es un sistema organizado que se realiza dentro de un enunciado, considerando la producción de sonidos por intermedio de la palabra efectos en la situación, siempre obedeciendo a un conjunto de reglas específicas, que al enunciar se pueda conseguir la reacción de su interlocutor, El enunciado es construido por el enunciador en función de lo que ha dicho el interlocutor. Cuando se piensa en enseñar lengua extranjera, materna u otra asignatura, hay que considerar estos aspectos pragmáticos que definen la propia acción humana. Para que el alumno pueda tener motivación para el aprendizaje deberá haber por parte del profesor un universo de identificación. Se concluye que los profesores deben saber escoger los contenidos adecuados que van a desarrollar en clase con sus alumnos, llevando en cuenta la edad y el contexto en que se insertan, buscando caminos para obtener del alumno una reacción, una respuesta, y con eso conseguir la interacción y consecuentemente el aprendizaje.

Referencias

ACTAS Del VII Seminario de Dificultades específicas de la Enseñanza de Español a Luzohablantes: **Dificultades y Estrategias**. São Paulo, SP: Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil, 1999.

ALZUETA de BARTABURU, Maria Eulalia. **Español en Acción**: gramática condensada, verbos: lista y modelos, vocabulario temático. São Paulo: Hispania Editora, 1998.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN, Cultura y Desporte. **Anuario brasileño de estudios hispánicos, nº. 1**. Madrid: 1990. Embajada de España en Brasil – Consejería de Educación y Ciencia.

EL FANTÁSTICO ALEPH DE JORGE LUÍS BORGES

Ana Cláudia Tomazi Segantini Frata¹
Anilton César Feldaus²

Resumen:

Este trabajo presenta el cuento y algo sobre el cuento fantástico y consecuentemente sobre el escritor argentino Jorge Luis Borges, visto que este es uno de los nombres más conocidos de la vertiente fantástica en este país.

Palabras Clave: Fantástico. Cuento. Literatura

Abstract:

This work presents the tale and something about the fantastic story and consequently about the Argentinean writer Jorge Luis Borges, seen that this it is one of the good known name of the fantastic slope in this country.

Keywords: *Fantastic. Tale. Literature*

INTRODUCCIÓN

Este artículo va a abordar el cuento en su vertiente fantástica, que es la que utiliza los elementos reales, irreales e inexplicables que plantean el hombre y su mundo como punto de partida, sin tener una explicación clara y certera. El escritor elegido fue Jorge Luis Borges, que es uno de los principales representantes de Argentina. Con el transcurso del tiempo, el nombre de Borges se tornó en la literatura del siglo XX, uno de los más prestigiosos y admirados.

EL CUENTO

El cuento es una narrativa breve, con pocos personajes, historia simple sin dejar de ser interesante, donde lo que importa es la concisión y la comprensión; la originalidad y la ingenuidad.

EL CUENTO FANTÁSTICO

El foco de la narrativa fantástica son los hechos no explicables a través de la ciencia, pero pertinentes al mundo real.

El fantástico prefirió la forma narrativa del cuento, principalmente del cuento breve, debido a la dificultad de permanecer en varias páginas. Las imágenes poéticas están presentes en las entrelíneas, tornándose

¹ Graduada em Letras: Português e Espanhol, Especialista em Língua Espanhola/CTESOP.

² Orientador Mestre em Educação pela UTCD/ Assunção Paraguai. 2007.

implícitas al texto, ya el género fantástico está implícito, exigiendo representatividad. Narrador en primera persona es el preferido en las obras fantásticas, permitiendo que la verosimilitud sea reforzada y su existencia permita que aya un vínculo más estrecho entre el personaje-narrador y el lector implícito.

El texto fantástico causa una sensación de extrañamiento, atinge al lector por medio de la ilusión y es sobretodo, una representación de la realidad. El miedo presente en el interior de la víctima es la base del universo fantástico, de su espacio, su tiempo y sus personajes.

Para CERQUEIRA, el fantástico y el real deben estar de tal manera enmarañados en el argumento, que es prácticamente imposible aislar uno del otro.

Uno de los clásicos de la narrativa fantástica es Jorge Luis Borges, el que vamos volver nuestra atención.

JORGE LUIS BORGES

Jorge Luis Borges, nació, estudió y vivió en la ciudad de Buenos Aires, capital de la Argentina y murió en la ciudad suiza de Ginebra, donde está sepultado por opción personal. Autor contemporáneo que goza de mayor fama internacional. El género preferido por el escritor es el cuento fantástico, de contenido metafísico, desarrollado dentro de una estructura algo parecida a la del relato policial.

Su obra aborda temáticas como filosofía (y sus desdoblamientos matemáticos), metafísica, mitología y teología. En sus narrativas fantásticas se figuran los delirios del racional, expresos en laberintos lógicos y juegos de espejos.

Empezó a producir sus obras con más ecos y espejos, calcada en la fantasía, después que pasó a ver menos. Con eso, pasó a mirar lo que un hombre de visión piensa que ve y lo que lo ciego no parece poder mirar.

En varios cuentos y ensayos, Borges manifiesta un amplio conocimiento de la matemática. Juega con estos conocimientos para producir efectos de misterios o situaciones paradójales.

Sus cuentos requieren mucho saber debido a alusiones que hace con otras cosas o acontecimientos. Requiere un saber de la cultura (por sus alusiones a la historia de las letras), un saber de la filosofía (por sus alusiones a los problemas últimos) y un saber de la obra del mismo Borges (por las alusiones de unas páginas a otras). En Borges, un cuento está metido en otro cuento y el mismo esquema se repite o se invierte.

Uno de los cuentos más conocido de Borges es 'El Aleph', que según FRANCHINI (2001, p.145), es el 'nombre de la primera letras del

alfabeto hebreo y del primer número transfinito, en la teoría matemática de los conjuntos; por extensión, nombre del conjunto de infinitos elementos'. Mediante su definición, el Aleph puede ser comparado al universo literario de Borges.

CONCLUSIÓN

El objetivo de este artículo fue explicar sobre el cuento, principalmente, el cuento fantástico y sobre el autor Jorge Luis Borges que es uno de los nombres que más se destaca en esta vertiente en la literatura Argentina, además de ser un escritor mundialmente conocido, principalmente por sus cuentos.

REFERENCIAS

- CERQUEIRA, Dorine. **Jorge Luis Borges e a narrativa fantástica**. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br> Acesso em: 06 jun. 2007.
- FRANCHINI, Alfredo E. **Panorama de la literatura argentina: escrituras, temas, estilos**. Buenos Aires – Argentina: Kapelusz, 2001.
- SÁ, Márcio Cícero de. **Da literatura fantástica: teorias e contos**. São Paulo: 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo – faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

LA LOCURA DE DON QUIJOTE DE LA MANCHA

Marly Dias dos Santos¹
Anilton César Feldaus²

RESUMEN:

El Don Quijote de Miguel de Cervantes, es una de las mayores obras de la literatura universal. A través del número inmenso de estudios realizados a su respecto y también de su influencia en muchas obras se puede analizar un poco de su valor. El libro Don Quijote recupera una España gloriosa, no por medio de acciones victoriosas, sino por representaciones de los valores que eran considerados importantes a la sociedad. La defensa de la honra, tan importante para los antiguos caballeros andantes, continúa siendo objetivo de Don Quijote, en las batallas heroicas.

PALABRAS-CLAVE: Influencia. Valor. Gloriosa. Heróicas.

RESUMO:

Dom Quixote de Miguel de Cervantes é uma das maiores obras da literatura universal. Através do número imenso de estudos realizados a seu respeito e também de sua influência em muitas obras se pode analisar um pouco de seu valor. O livro de Dom Quixote recupera uma Espanha gloriosa, não por meio de ações vitoriosas, mas por representações dos valores que eram considerados importantes à sociedade. A defesa da honra, tão importante para os antigos cavaleiros andantes, continua sendo objetivo de Dom Quixote nas batalhas heróicas.

PALAVRAS-CHAVE: Influência. Valor. Gloriosa. Heróicas.

LA LOCURA DE DON QUIJOTE DE LA MANCHA

En la virada del siglo XIX, España atravesaba una crisis sin precedentes en la historia. Abalada por el fin de las guerras coloniales y por la intervención de los Estados Unidos, el país experimentó la más profunda desilusión con la política, además de la pérdida de la confianza nacional. Se desconfiaba no de la política en sí, más de los hombres que la hacían y del modo de hacerla. Los intelectuales vivenciaron particularmente esa situación de desorientación social, procurando en las artes nuevos referenciales para rescatar el sentido de nacionalidad. Entre la generación de 98 será bastante intensa la separación entre política y modernidad. Para éstos, la verdadera España debería ser procurada en la vida cotidiana del pueblo. Así, cabría al escritor de literatura, a través de las tradiciones populares, desvendar el enigma de la nacionalidad.

Esa misión grandiosa del intelectual en la modernidad no se

¹ Graduada em Letras: Português e Espanhol, Especialista em Língua Espanhola/CTESOP

² O Rientador Mestre em Educação pela UTCD/ Assunção Paraguai. 2007.

construyó al acaso; se ha hecho necesario rescatar tradiciones y mitos que garanticen su legitimidad y su respaldo social. Es en ese sentido que se dio la incorporación del mito quijotesco a la literatura modernista española. Proyectado y actualizado en utopías modernas, el símbolo quijotesco serviría de estímulo a la acción intelectual de carácter regenerador. En ese contexto, el rescate de la figura de Don Quijote significa la recuperación de las ideas, símbolos y utopías como instrumentos eficaces en el proceso de transformación social.

La herencia cultural de España sería recuperada, por ejemplo, a través de un personaje de la literatura clásica española con Don Quijote. Ciertamente hay en ese momento un fuerte apelo de nacionalidad y modernidad involucrando al personaje de Cervantes; pero, no se trataba sólo de rescatar el héroe creado por la narrativa española del siglo XVII. Lo que aparece es un héroe actualizado y vivo, capaz de traducir los valores y deseos de los tiempos modernos, tanto en España cuanto en América. (MOREIRA, 1999, p.170)

La figura de Don Quijote se tornó por sí misma un símbolo del artista moderno en sus luchas contra las injusticias de una realidad desencantada. Satirizando el declino de los valores aristocráticos, representadas por las gestas caballerescas medievales, Cervantes no sólo anuncia los impases de la cultura moderna naciente, como denuncia el vaciamiento de la fantasía y del idealismo en un mundo cada vez más sometido a los rigores de la razón práctica y de los intereses materiales. En ese sentido, Don Quijote se impone como una de las matrices básicas de toda la literatura moderna.

Focalizando los principios de Don Quijote se puede hacer diversas observaciones. En primer lugar este nuevo caballero andante resurge dentro de su mejor estilo: defender los flacos, deshacer el mal, enderechar lo que está 'tuerto', o sea, defender los intereses de todos los 'buenos españoles' y restaurar la orden de la caballería andante a través de la fuerza de su brazo y de las aventuras por él enfrentadas o creadas. Y es en esa idea fija que se centra su locura, pues, se no está envuelto en aventuras o se no habla a respecto de la caballería andante, Don Quijote se porta como el más equilibrado de los seres. (MOREIRA, 1999, p.177)

Miguel de Cervantes es considerado el padre de la literatura moderna en la España, pues, abre las puertas para una literatura nueva, escribe algo nuevo, o sea, coloca a tona la realidad, no escribe solamente cosas lindas y perfectas como algunos escritores hacían, más describe como la realidad era en aquél momento. En Don Quijote de la Mancha, él describe de una forma oculta lo que se pasa en España en aquél periodo,

mostrando la verdadera realidad de su país, a través de la locura de su personaje.

El libro de Don Quijote de la Mancha está completando 403 años, este año. Más, paradójicamente, su vejez no es mayor que su juventud, pues cuanto más envejece, más innovación parece ser capaz de producir. Su novedad está en la sátira, en el ridículo a que expone los libros de caballería, en el nuevo formato que creó para la novela, en los revolucionarios personajes de la trama: Don Quijote, Sancho Panza, Rocinante, Dulcinea. Además de eso, es innegable que hay también mucha fuerza en las situaciones bizarras y surreales que consiguió inmortalizar, en la locura tornada magnánima. (ROSCHÉL, 2005, p.1)

Sin embargo, Miguel de Cervantes, utiliza de la locura de Don Quijote para hacer una crítica a los libros de caballería, mostrar a la sociedad la realidad de su país e intentar “abrir los ojos” del pueblo para que no acepte todo que viene del gobierno sin hacer una crítica antes de luchar por sus derechos.

CONSIDERACIONES FINALES:

Al hacer una reflexión filosófica de la obra de Miguel de Cervantes, se percibe claramente que Don Quijote es una persona idealista. Él no se conforma con la dura realidad de la vida y desea cambiar aquello que hace con que las personas sufran. Se nota, aún, que la obra además de ser una sátira política-social, hace con que las personas reflexionen sobre sus actos delante cualquier ser diferente con que se enfrentan por los caminos recorridos.

REFERENCIAS

MOREIRA, Sandra Regina. **Anuario brasileño de estudios hispánicos IX**. Brasília, DF: Consejería de Educación y Ciencia, 1999.

ROSCHÉL, Renato. **Dom Quixote completa 400 anos**. Disponível em: <resumos.netsaber.com.br/veer> Acesso em 22 de junho de 2007.

LA MÚSICA COMO RECURSO LÚDICO EN LA ENSEÑANZA DEL ESPAÑOL

Patrícia Rodrigues ¹
Anilton Cezar Feldaus ²

Resumen:

Este trabajo tiene por objetivo principal abordar la música como recurso lúdico en la enseñanza de español, presentando cómo los juegos y las músicas son utilizadas como instrumento metodológico en el proceso de enseñanza/aprendizaje de la lengua española. Presenta la importancia de la ludicidad en las clases y las ventajas que se obtiene con la aplicación de las canciones en la enseñanza de lengua extranjera y, especialmente, en lengua española. El objetivo mayor de este estudio es presentar posibilidades de actividades lúdicas y músicas que pueden contribuir al agrandamiento del Idioma español, trayendo sugerencias de algunas músicas, con sus respectivos objetivos y metodología, para trabajar determinados contenidos o para reforzar la comunicación y comprensión auditiva en español.

PALABRAS CLAVES: Español. Ludicidad y Músicas.

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo principal abordar a música como recurso lúdico no ensino de espanhol, apresentando como os jogos e as músicas são usados como o instrumento metodológico no processo ensino/aprendizagem da língua espanhola. Apresenta a importância da ludicidade nas classes e as vantagens que são obtidas com a aplicação das canções na instrução da língua estrangeira e, especialmente, na língua espanhola. O objetivo maior deste estudo é apresentar possibilidades de atividades lúdicas que podem contribuir à ampliação da língua espanhola, trazendo sugestões de algumas músicas, com seus objetivos e metodologias respectivas, para trabalhar determinados conteúdos ou para reforçar a comunicação e a compreensão auditiva em espanhol.

PALAVRAS CHAVES: Espanhol. Ludicidade e Músicas.

INTRODUCCIÓN

En el mundo contemporáneo es difícil escapar a la presencia de la música, pues ésta se encuentra en todas partes conformando el entorno cultural de las personas. Así, el objetivo de usar música en la clase de español es reforzar y estimular la comunicación a partir de un material considerado cultural. Se observa entonces que las músicas son recursos lúdicos de gran importancia en la enseñanza de la lengua española, así como en la enseñanza de otras lenguas extranjeras modernas.

¹ Graduada em Letras: Português e Espanhol, Especialista em Língua Espanhola/CTESOP

² Orientador Mestre em Educação pela UTCD/ Assunção Paraguai. 2007.

El presente estudio aborda aspectos relevantes para la enseñanza del español, cuestiona algunas formas de trabajo del profesor en las clases de español y muestra la importancia de utilizar diversos tipos de recursos para facilitar o mejorar el aprendizaje de los alumnos. Los recursos lúdicos, como la música por ejemplo, sirven para motivar los alumnos y también son fuertes materiales culturales y pedagógicos. A través de la música, se puede proporcionar al estudiante las herramientas lingüísticas, pedagógicas, didácticas y culturales requeridas para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera. Se puede también desarrollar habilidades para el correcto empleo de las metodologías empleadas en el aprendizaje de español y fomentar la difusión de las culturas hispanohablantes.

LAS MÚSICAS EN LAS CLASES DE ESPAÑOL

El aprendizaje con música puede convertir el trabajo del profesor en transformador, más agradable y singular. El objetivo de trabajarse de forma lúdica con la música viene de la observación del poco interés de los alumnos por la asignatura de lengua española, así, la música insertada en el aprendizaje de esta lengua asume un carácter especial, donde la misma es utilizada como medio y no como fin en si propia. Las músicas ayudan a crear un entusiasmo en el contenido que se trabajará para considerar los intereses y las motivaciones de los educandos en expresarse, actuando e interactuando recíprocamente en las actividades lúdicas en la sala de clase. MURPHEY (1992) discurre que la música está en todas partes y los estudiantes tienen no sólo sus propias experiencias y contactos con ella, sino que han desarrollado sus propios gustos y preferencias musicales. Este hecho representa un recurso sumamente rico para ser aprovechado en la clase de lengua extranjera, más aún si se parte de un enfoque que tiende a reforzar el nexo entre lengua y cultura.

ROMERO (1998) resume las características positivas de las canciones para su uso en las clases de lengua extranjera: una canción puede evocar el pasado, proyectar el presente o adelantar el futuro; así como modificar el ánimo y predisponer al alumno a asimilar nuevas experiencias. Con la música las letras adquieren una especial relevancia. Así, es fácil suponer que la música en la enseñanza de español puede proporcionar al estudiante las herramientas lingüísticas, pedagógicas, didácticas y culturales requeridas para la enseñanza del español como lengua extranjera. Con la utilización de las músicas se puede acabar, o por lo menos disminuir, la vergüenza que muchos alumnos tienen a la hora de hablar en español. La música deja más fácil la convivencia entre profesor y alumno, hace del aprendizaje algo no tan complicado y hace con que los

alumnos conozcan más la cultura y el ritmo de países de habla española, así como despierta mucho más el interés en aprender a hablar español para poder comunicarse en esta lengua o quizás entender el significado de las músicas españolas y también poder cantar en la lengua española sin errores y equívocos serios.

CONSIDERACIONES FINALES

A través de este estudio se puede concluir que la actividad lúdica ejerce gran influencia en el aprendizaje de la lengua española. Todos los recursos lúdicos son útiles en las clases de español para motivar los alumnos o para reforzar un contenido estudiado. Generalmente en la interacción con el otro ocurre aprendizaje, conocimiento y desarrollo de habilidades de forma agradable y placentera. Fue posible observar que las músicas como recursos lúdicos son fundamentales en las clases de lengua española. La música en la enseñanza de español puede proporcionar al estudiante las herramientas lingüísticas, pedagógicas, didácticas y culturales requeridas para la enseñanza del español como lengua extranjera.

Es importante que todo trabajo realizado en las clases deba ser bien planeado para que se pueda alcanzar los resultados esperados. La música no debe ser introducida como una forma de pasar el tiempo, pues es un recurso rico que debe ser muy bien planeado y utilizado con fines específicos. El profesor debe siempre tener un objetivo para trabajar determinada canción. Debe escoger músicas actuales o músicas de ritmos de acuerdo con las edades de sus alumnos.

REFERENCIAS

MURPHEY, T. **Music and song**. Oxford: Oxford University Press, 1992. Traduzido por Andrade Simões. ROMERO, H. **La música en la clase de E/LE** 1998. Disponible en: <<http://www.vocesdelsur.com/shop>>. Acceso en; 2 abril 2008.

LOS RECURSOS LÚDICOS EN LA ENSEÑANZA DEL ESPAÑOL PARA ALUMNOS BRASILEÑOS

Heber Carlos Borges Santos ¹

Luz María Romero ²

Resumen:

El trabajo presenta una reflexión en la enseñanza del Idioma español a través de los juegos. Aborda diferentes aspectos de los juegos como método de enseñanza, tales como: concepto de ludicidad, lo lúdico en la práctica pedagógica, los juegos didácticos, la importancia del acto de jugar, los resultados que se obtienen con su aplicación en el proceso de enseñanza aprendizaje de lengua extranjera y, especialmente, en lengua española. También, serán mostradas las principales ventajas y beneficios que los juegos traen tanto para alumnos como para los profesores. Con eso, se ofrece al profesor una sugerencia de investigación sobre los recursos lúdicos para volver sus clases atractivas y placenteras y despertar el interés de los alumnos.

PALABRAS CLAVES: Lúdico. Jugar. Español. Aprendizaje.

Resumo:

O trabalho apresenta uma reflexão do ensino de espanhol através dos jogos. Abordam diferentes aspectos dos jogos como método de ensino, tais como: conceito de ludicidade, o lúdico na prática pedagógica, os jogos didáticos, a importância do ato de jogar, os resultados que se tem com a aplicação dos jogos no processo ensino/aprendizagem da língua estrangeira e, especialmente, da língua espanhola, objeto deste estudo. Também serão mostrados as principais vantagens e benefícios que os jogos trazem tanto para os alunos como para os professores. Com isso, se oferece ao professor algumas sugestões de pesquisa sobre os recursos lúdicos para tornar sua aula mais atrativa e prazerosa, e para também despertar o interesse dos alunos para a língua espanhola.

PALAVRAS CHAVES: Lúdico. Jogos. Espanhol. Aprendizagem.

INTRODUCCIÓN

El presente trabajo, que tiene como temática la utilización de los recursos lúdicos en las clases de español, muestra el concepto de ludicidad, cómo es lo lúdico en la práctica pedagógica, observando la importancia de los juegos en la enseñanza de lenguas. El juego ayuda en la construcción de nuevas descubiertas, desarrolla y enriquece la personalidad de los alumnos y simboliza un instrumento pedagógico que lleva al profesor la condición de conductor, estimulador y evaluador del aprendizaje.

¹ Graduada em Letras: Português e Espanhol, Especialista em Língua Espanhola/CTESOP

² Orientadora, Psicóloga, Esp. Em Língua e Cultura Espanhola, USAL, Espanha.

Los juegos ayudan a crear un entusiasmo en el contenido que se trabajará para considerar los intereses y las motivaciones de los educandos en expresarse, actuando y interaccionando recíprocamente en las actividades lúdicas en la sala de clase. Siendo así, este trabajo, de forma sucinta sugiere algunos caminos que haga posible la utilización de los recursos lúdicos como estímulos al proceso de aprendizaje del idioma extranjero, particularmente el español, proporcionando al educando un ambiente más agradable y motivador.

LOS JUEGOS EN LAS CLASES DE ESPAÑOL

Las actividades lúdicas son de gran importancia para el aprendizaje de una nueva lengua. Así, enseñar un idioma a personas de otras lenguas, no es lo mismo que enseñarlo a los nativos, requiere otros sistemas pedagógicos que faciliten la adquisición de la nueva lengua. Dentro de esta renovación se encuentra las actividades lúdicas como un método nuevo y práctico para enseñar cualquier idioma. De acuerdo con ORTEGA (1992, p.18), “la riqueza de estrategias que permite desarrollar hace del juego una excelente ocasión de aprendizaje y de comunicación. El juego, como método de enseñanza, es una poderosa vía para el desarrollo de la inteligencia y la construcción del conocimiento. La aplicación del juego en las clases de enseñanza de lengua extranjera debe tener un claro objetivo didáctico, por los beneficios que se obtienen para los alumnos.

Sí, como afirman los Parámetros Curriculares Nacionales de Lengua Extranjera, “el aprendizaje del idioma extranjero es una posibilidad para aumentar el auto-percepción del alumno como ser humano y como ciudadano.” (BRASIL, 1999, p.15), entonces, por medio de juegos y de trucos en sala de clase, los alumnos mejoran la autonomía y la ciudadanía, aprendiendo a expandir y ampliar sus opiniones, su discusión, su conciencia crítica, su razonamiento lógico y su experiencia con los otros y la sociedad. En las clases de español, con la aplicación de los juegos y diversas actividades lúdicas, se rompe con el formalismo, dándole una participación activa al alumno en la misma, y se logra además, los resultados siguientes: mejora el índice de asistencia y puntualidad a clases, por la motivación que se despierta en el estudiante. Al participar de un juego, el alumno practica la lengua en situaciones en las que se resalta y se requiere su uso efectivo, como podría ser en un contexto real. Se exigirá de los alumnos, por lo tanto, un conocimiento de la lengua, y no un conocimiento sobre la lengua.

Los juegos crean oportunidades de practicar el español en un contexto significativo y el alumno entiende así la utilidad de la lengua extranjera. Así, es importante introducir el lúdico y analizar los frutos que

esta actividad trae, mejorando siempre las clases y siempre encontrando nuevos métodos y nuevas formas de trabajar con juegos y bromas. Para que el profesor alcance sus objetivos a través de los juegos es necesario antes de empezar motivar los alumnos, para que los mismos se interesen en jugar y consigan ver las ventajas que estas actividades pueden traer para su aprendizaje.

CONSIDERACIONES FINALES

A través de este trabajo se concluye que la actividad lúdica ejerce gran influencia en el aprendizaje de la lengua española. Fue posible percibir por medio de un breve levantamiento teórico que las actividades lúdicas son un instrumento importante en la enseñanza del español, pues propicia una comprensión de mundo y de conocimiento más amplia para el aprendizaje del alumno. El lúdico, con funciones educativas, propicia el aprendizaje del educando, su saber, su comprensión del mundo y su conocimiento. Así, es un elemento esencial para el proceso de enseñanza-aprendizaje de cualquier disciplina, inclusive en lo idioma extranjero.

Así, el presente trabajo contribuyó para que los profesores puedan observar en las actividades lúdicas un medio para tornar la enseñanza de español más agradable y quizás más fácil. De esto modo, se sugiere que los profesores encuentren en los recursos lúdicos la metodología más adecuada para facilitar el proceso de adquisición de una segunda lengua, llevando a sus alumnos los contenidos a través de un determinado juego que tendrá el objetivo de sanar dudar y mejorar el desarrollo de las competencias necesarias para el aprendizaje de la lengua española.

REFERENCIAS

- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC /SEF, 1999. (Tradução própria).
- ORTEGA, A. C. **A concepção de educadores sobre o lugar do jogo na escola**. 1992. Disponível em: <www.google.com.br/departamentodepsicologia>. Acesso em 12 fev 2008.

EL ORIGEN DE LOS FALSOS COGNADOS EN ESPAÑOL INTERFACE CON PORTUGUÉS

Maristela Paludo¹
Anilton César Feldaus²

Resumo:

Este artículo tiene por objetivo presentar la importancia de estudiar la lengua española en Brasil y llamar la atención de los estudiantes que, a pesar de que las dos lenguas sean parecidas, hay muchas palabras que son iguales al portugués en la escrita, pero en el español tienen sentido diferente y por eso, se puede cometer algunos errores creando confusiones entre los hablantes por pensar que se están entendiendo, pero en verdad uno habla de una cosa y el otro entiende otra completamente diferente. A esta clase de palabras llamamos de “falsos cognados” o “falsos amigos”, que resumidamente son semejantes en la forma y diferentes en significados.

PALABRAS-CLAVE: Lengua Española. Lengua Portuguesa. Falsos Cognados.

Abstrato:

Este artigo tem por objetivo apresentar a importância de estudar a língua espanhola no Brasil e chamar a atenção dos alunos que, apesar de que as duas línguas sejam parecidas, há muitas palavras que são iguais ao português na escrita, mas no espanhol têm sentido diferente e por isso, podem cometer alguns erros criando confusão entre os falantes por acreditar que estão se entendendo, mas na verdade um fala de uma coisa e o outro entende outra completamente diferente. A esta classe de palavras chamamos de “falsos cognatos” ou “falsos amigos”, que resumidamente são semelhantes na forma e diferentes em significados.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Espanhola. Língua Portuguesa. Falsos Cognatos.

INTRODUCCIÓN

El portugués y el español no están unidos sólo por cuestiones históricas y políticas, sino también por raíces lingüísticas, ambas son lenguas de origen románicas debido a los orígenes comunes de la cultura griega, del Imperio Romano y su idioma y de la religión Cristiana. Todas las culturas europeas y sus lenguas pueden ser consideradas muy próximas en el contexto amplio de las lenguas del mundo. De ahí los elementos comunes entre la lengua española y portuguesa.

ALMEIDA FILHO (1995, p.14) afirma que “de entre las lenguas románicas, el portugués y el español son las que mantienen mayor

¹ Graduada em Letras: Português e Espanhol, Especialista em Língua Espanhola/CTESOP

² Orientador Mestre em Educação pela UTCD/ Assunção Paraguai. 2007.

afinidades entre si.” La lengua española y la lengua portuguesa tiene el mismo origen.

El español antiguo es muy parecido al del portugués de Portugal. Hay mezclas de los Árabes y de los Visigodos y es una lengua que viene de la lengua común “el Latin”. Por eso, podríamos decir que la lengua española es casi hermana gemela del portugués.

La gran semejanza entre las dos lenguas, producto de un mismo origen latino y de cuestiones culturales e históricas provoca muchos engaños, ya que la semejanza entre el español y el portugués es, a veces, tan sólo aparente y que pueden provocar serias interferencias, algunas trágicas o tragicómicas en la comunicación, pues hay muchas palabras existentes en ambas lenguas que son semejantes en la forma, pero tienen significados diferentes.

Estas clases de palabras son definidas como siendo falsos cognados o falsos amigos. Según el artículo de Vilar:

Falso cognado o falso amigo es un término coloquial usado en Lingüística, nombradamente en áreas específicas de traducción, para hacer referencia a las lexias cognadas con diferentes significaciones, o sea, el falso cognado es aquel signo lingüístico que, generalmente por el efecto de partilla de una misma etimología, tiene una estructura externa muy semejante o equivalente a de otro signo en una segunda lengua, cuyo significado es completamente diferente. (VILAR, 2004, p.27)

Por lo tanto, los falsos cognados o falsos amigos son palabras de otro idioma que se parecen en la escrita o en la pronunciación a una palabra en la lengua materna del hablante, pero tiene un significado diferente, o sea, son palabras de dos lenguas que vienen de un mismo origen, que tienen forma igual o semejante en la ortografía, pero con significado diferente.

Se puede citar como ejemplo la palabra **rato**, que en portugués significa **mamífero, roedor**, sin embargo en español la palabra **rato** tiene un significado completamente distinto del portugués. En español, **rato** significa **espacio de tiempo**, especialmente cuando es uno espacio de tiempo corto.

El mamífero roedor en español se llama **ratón** y el espacio de tiempo corto en portugués se dice **momento**.

Podemos percibir entonces, que el vocablo **rato** en ambas lenguas tiene formas y pronunciación semejantes con significados totalmente distintos.

El portugués y el español se parecen mucho, pero a veces de una manera inesperada, por eso el asunto es más complejo de lo que imaginábamos.

Lo que vuelve el aprendizaje de la lengua española verdaderamente difícil para los estudiantes son, en realidad, las palabras que suenan de la misma manera, se escriben igual, pero tiene significado distintos.

Son muchos los falsos cognados existentes cuando se confrontan las dos lenguas y por tratarse de lenguas bastantes semejantes, muchas veces cometemos errores debido a que los vocablos sean semejantes.

Tales palabras son consideradas encrucijada inevitables, pues éste puede ser uno de los mayores problemas para el hablante de portugués al aprender a hablar em español, respecto a la comprensión y producción oral y escrita, en las cuales están presentes esas palabras, pues, por interferencia de la lengua materna, el estudiante podrá comprender y usar determinadas palabras creyendo ser correcto, y éste podrá ser en la verdad un falso cognado, que va a dar otro sentido al contexto.

Según FERNÁNDEZ (1997, p. 16) “Se ha demostrado que la interferencia se produce con más frecuencia entre aquellas lenguas y entre aquellas estructuras lingüísticas que el aprendiz siente como más prójimas”.

Se puede decir que es eso que ocurre con el aprendiz de español, cuya lengua materna es el portugués. Con la proximidad entre las lenguas, se puede cometer muchos equívocos por la infinidad de falsos cognados debido a las semejanzas existentes entre las palabras.

CONSIDERACIONES FINALES

En este artículo hemos querido hacer un estudio sobre la necesidad que hay de conocer y contrastar los vocablos heterosemánticos en el proceso de enseñanza entre el español y portugués. A pesar de que la lengua española y portuguesa tienen como eje común el latín Ibérico, presentan una gran variedad de vocablos que tienen formas semejantes con significados totalmente distintos y otros presentan formas semejantes con uno o más de un significado semejante y otro o varios distintos.

Esos vocablos suelen provocar serias interferencias, pues las falsas semejanzas pueden provocar desde pequeñas interferencias en la comunicación hasta un total cambio de significado entre lo que se dice o lo que se ha querido decir. Aunque haya muchas cosas comunes entre las dos lenguas (portugués y español), hay sin embargo, cosas muy distintas y, por lo tanto, debemos que tener un cuidado redoblado si queremos evitar errores y malentendidos. Y para que eso no suceda, debemos hacer un amplio estudio y poner mucha dedicación.

REFERENCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Português para estrangeiros – Interface com o espanhol**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

FERNÁNDEZ, Sonsoles. **Interlengua y análisis de errores**. 1. ed. Madrid: Edelsa, 1997.

VILAR, GUILLERMO. **Os falsos amigos na relação espanhol – português**. Disponível em <<http://www.ii.ua.pt/cidlc/gcl/>>. Acesso em: 14/06/07.

USO DE LA MÚSICA EN CLASES DE LENGUA ESPAÑOLA PARA DESARROLLAR LA CONVERSACIÓN

Dulce Francener Mazzarollo¹
Rosan Luiz do Prado²

Resumen:

Se pretende en este artículo discutir la importancia y el uso de la música en las clases de lengua española con finalidad de desarrollar la conversación en lo que se refiere a sus más diversificados métodos y metodologías. Eso por que a través de la música se puede descubrir muchas cosas (aspectos) a respeto del país hispanohablante. Por medio del análisis de la música, se puede buscar desde el placer de los sonidos hasta las variantes regionales, bien como el aprendizaje de ritmos, danzas y formas de expresarse de un determinado pueblo descubriendo el sentido de la canción, proponiendo al estudiante de lengua extranjera, diversas investigaciones para que a él le guste cada vez más y venga a interesarse por el idioma.

Palabras clave: Comunicación. Enseñanza. Aprendizaje. Procedimientos. Métodos.

Resumo:

Neste artigo se pretende discutir a importância e o uso da música nas aulas de língua espanhola, com a finalidade de desenvolver a conversação em seus mais diversificados métodos e metodologias. Isto porque, através da música nós descobrimos muitas coisas, ou seja, aspectos a respeito do país de idioma hispânico.

Por meio de uma análise da música, além de buscar o prazer dos sons, até as variantes regionais, e inclusive a aprendizagem de ritmos, danças e formas de se expressar de um determinado povo, descobrindo o sentido da canção, e propondo ao estudante de línguas estrangeira (nesse caso o espanhol), diversos questionamentos, para que ele goste cada vez mais e venha a se interessar pelo idioma.

Palavras chave: Comunicação, ensino, aprendizagem, procedimentos, métodos.

INTRODUCCIÓN:

Para que haya un buen aprendizaje por parte del estudiante el profesor debe saber lo que va enseñar a los alumnos de manera clara y objetiva los contenidos que él domina. Organizar su cotidiano, su tiempo y los recursos didácticos disponibles se hace necesario. El profesor debe sorprender al alumno del grado de conocimiento estimulando y procurando fundamentar este. Al hacer una encuesta rápida entre los profesores les pregunten ¿quiénes que en cuanto trabajan en sus casas escuchan música? Por

¹ Graduada em Letras, Espec. em Língua Espanhola. CTESOP/2007.

² Orientador, doutorando em Língua Espanhola/Ule/Ulbra.

supuesto que las respuestas de la mayoría va ser positiva, lo mismo ocurre con los alumnos así que ponen un CD en el aparato de sonido generalmente hacen sus tareas oyendo música, por esas y otras ventajas que la música hace parte de aula y hagamos de ella un atractivo para diversificar las clases.

El verdadero valor de la música en sala de clase como dijo Martins Ferreira, es un elemento auxiliar en la formación del individuo, esta obra sirve de apoyo a los profesores. 'Aprendiendo con la música' es una guía de actividades con músicas desarrolladas para todas asignaturas, y Martins Ferreira define la música como: el arte de combinar los sonidos. Se puede trabajar las letras de músicas de tres maneras distintas como dice el profesor: con una letra que hable de un hecho real; con una letra que hable un poco de verdad y un poco de ficción; y también una letra que hable de errores.

La música puede mejorar el desempeño y la concentración, además de tener un impacto en el aprendizaje, en la lectura y otras habilidades lingüísticas en los niños. Ella hace con que los alumnos hablen, pregunten e intercambien opiniones con el profesor.

¿QUÉ ES MÚSICA?

Según BRÉSCIA (2003) "La música es un lenguaje universal, pues participó en la historia de la humanidad desde las primeras civilizaciones".

Para HOUAISS citado por BRÉSCIA (2003, p.25) "[...] es la combinación armoniosa e expresiva de sonidos y como el arte de expresarse por medio de sonidos, siguiendo las reglas variables conforme la época, la civilización, etc."

Ya para GAINZA (1988, p.22) "La música y el sonido, como energía, estimula el movimiento interno y externo en el hombre: lo impulsionan la acción y lo promueven una multiplicidad de conductas de diferentes cualidades y grados".

Actualmente existen diversas definiciones para ella, de manera general es considerada como ciencia y el arte. La música hace parte del ser humano.

SUGERENCIAS O ACTIVIDADES PARA MEJOR UTILIZACIÓN DE LA MÚSICA:

Hay diversas maneras de hacerlo, a empezar por la audición que puede ser de distintas formas. **Sin texto:** Con este ejercicio se preguntará a los alumnos: ¿Qué identifican en la música? Se puede trabajar la habilidad de interpretación, la comprensión auditiva, cual es el sentido

de la canción como es la pronunciación, de que la música está hablando; **Con el texto:** Trabajar con el vocabulario, palabras desconocidas; Ya con **el texto incompleto** con huecos para rellenar dejar en blanco palabras o expresiones las cuales sean elementos gramaticales importantes para su aprendizaje, que ya es una manera de fijar mejor.

Otra manera de provocar la curiosidad es distribuir la música con la letra desorganizada o con elementos intrusos, o sea palabras que no pertenecen a música. Para fijar un contenido importante y en que haya duda de los alumnos como: los artículos, las preposiciones, las contracciones, se puede sacarlas todas de la música, y los alumnos mientras oigan van completándola. Después de escuchar una canción sin la letra, se pide a los alumnos que redacte el contenido para descubrir lo que se trata, hacer interrogaciones para provocar la conversación.

Además de todo eso se puede hacer un concurso entre los alumnos para que ellos se sientan aun más motivados e interesarse por el idioma.

EL PODER DE LA MÚSICA

Desde la antigüedad hasta nuestros días los efectos de la música pueden incluso modificar el estado de ánimo del oyente, cuándo ocurre aquellos días en que no estemos nada bien, parece que se oímos una música alegre y agitada que nos guste ya se (cambia) altera el día, nos ponemos más felices y hasta se puede jugar con el cuerpo. Por lo tanto necesitamos planear, adaptar la música a la edad el grupo que estamos trabajando para que el objetivo propuesto sea alcanzado, no hay que hacer un proyecto, pero el profesor debe escuchar varios tipos de música incluso las que emocionan sus alumnos, para que así pueda hacer un trabajo que sea bueno y gratificante, tanto a él como al grupo con lo cual trabaja.

La música debe ser usada para profundizarse o fijar un asunto después de una clase o hasta introducirla, no existe un molde para usar la música en el aula, lo que debe haber es un educador que se preocupe con el desarrollo de los alumnos y de si mismo. Las características positivas de las canciones para su uso en las clases de lengua extranjera: una canción puede evocar el pasado, proyectar el presente o adelantar el futuro; así como modificar el ánimo o predisponer al alumno a asimilar nuevas experiencias. Con la música las letras adquieren una especial relevancia.

CONSIDERACIONES FINALES

Con este estudio se puede comprobar que no solo en la enseñanza de lengua extranjera que se utiliza la música, sino en las diversas áreas del

conocimiento, pues a través de ella se expresan los sentimientos, ideas, además de facilitar la comunicación entre las personas y con el medio en que se vive. Por la música hasta la recuperación de personas puede ser hecha, por la alegría que esta representa, pues se trata de una herramienta para restablecer canales de comunicación entre las personas. Hay mucho que ser explotado con las canciones, y en los manuales no se observa esto. Las actividades con músicas son pocas y no desarrollan destrezas como: expresar opiniones, argumentar, tratar de sentimientos, funciones comunicativas, alegría y satisfacción, entre otras.

REFERENCIAS:

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva.** São Paulo: Átomo, 2003.

FERREIRA Martins. **Como usar a música na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2005.

GAINZA, V. Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical.** São Paulo: Summus, 1988.

LA EVALUACIÓN COMO PARTE INTEGRANTE DEL PROCESO DE ENSEÑANZA DEL ESPAÑOL

Marcia Cristina Louza ¹
Anilton Cezar Feldaus ²

Resumen:

Este estudio tiene por objetivo demostrar la importancia de la evaluación en el proceso de enseñanza de la lengua española, analizando los diversos puntos que están incluidos en el acto de evaluar y de ser evaluado. A pesar de la afirmación sobre la necesidad de la evaluación como una herramienta fundamental para mejorar la calidad de los procesos de enseñanza y aprendizaje, es importante verificar como ella está siendo tratada en las escuelas, analizando el papel que cada profesor atribuí al acto de evaluar y cómo los mismos están evaluando sus alumnos. De este modo, se define el concepto de evaluación, los objetivos que se debe tener al evaluar un alumno y los tipos de evaluación que hay. En seguida serán comentadas las técnicas e instrumentos de la evaluación en las clases de español. Así, el presente trabajo es fundamental para entender la importancia de la evaluación en la adquisición de una nueva lengua.

Palabras claves: Evaluación. Enseñanza. Español. Aprendizaje.

Resumo:

Este estudo tem por objetivo demonstrar a importância da avaliação no processo de ensino da língua espanhola, analisando os pontos diversos que são incluídos no ato de avaliar e de ser avaliado. Mesmo com a afirmação da necessidade da avaliação como uma ferramenta fundamental para melhorar a qualidade dos processos de ensino/aprendizagem é importante verificar como a mesma está sendo tratada nas escolas, analisando o papel que cada professor atribui ao ato de avaliar e como os mesmos estão avaliando seus alunos. Desta maneira, se define o conceito de avaliação, os objetivos que se devem ter quando se está avaliando um estudante e os tipos de avaliação que há. Imediatamente as técnicas e os instrumentos da avaliação nas classes espanholas serão comentados. Assim, o trabalho é fundamental compreender a importância da avaliação na aquisição de uma língua nova.

Palavras chaves: Avaliação. Ensino. Espanhol. Aprendizagem.

1 INTRODUCCIÓN

El aprendizaje del español no es tan fácil como muchas personas piensan. Es necesaria mucha dedicación y estudio para el aprendizaje de una nueva lengua. Es importante también que el profesor de lengua evalúe siempre su forma de enseñanza, verificando si el alumno aprendió

¹ Especialista em Língua Espanhola/CTESOP.

² Orientador Mestre em Educação pela UTCD/ Assunção Paraguai. 2007.

lo que fue propuesto. Las evaluaciones deben permitir la adaptación de los programas educativos a las características individuales del alumno, detectar sus puntos débiles para poder corregirlos y tener un conocimiento global de cada uno. A través de este trabajo, se pretende resolver algunas cuestiones importantes sobre la evaluación, algunas reflexiones que son fundamentales para comprensión de los resultados y objetivos que se esperan por medio de la evaluación. Es necesario analizar lo que es evaluar, cómo evaluar y se los profesores en las clases de español propician verdaderas situaciones de aprendizaje para que el estudiante revele lo que ha aprendido.

Así, el presente trabajo mostrará el concepto de evaluación, los tipos de evaluación que hay, presenta algunos ejemplos de formas de evaluación que visan detectar las necesidades del alumno para poder evaluarlo. Mostrará también como ocurre el proceso de enseñanza del español y como evaluar los mismos para la verificación de su aprendizaje y para proponer nuevas formas de trabajo que ayuden los alumnos a aprender a utilizar una nueva lengua en su vida.

LA EVALUACIÓN EN LAS CLASES DE ESPAÑOL

Es de fundamental importancia concebir la enseñanza de un idioma extranjero objetivando la comunicación real, dando amplitud y sentido a ese aprendizaje. En este trabajo con alumnos brasileños es importante el conocimiento acerca de todos los avances conquistados pelos aprendices. Para eso, la evaluación es de gran importancia para verificar el aprendizaje alcanzado por los alumnos durante la enseñanza del español. Evaluar es un concepto que incluye mucho más que la simple aplicación de exámenes. Por la palabra evaluación entendemos que algo o alguien serán calificados. Pero, la evaluación es mucho más amplia y compleja, pues evaluar no es un instrumento, sino un proceso, mediante el cual se emiten juicios de valor acerca de un atributo a considerar.

En la visión de HEBERMAS (1989), las evaluaciones deben permitir la adaptación de los programas educativos a las características individuales del alumno, detectar sus puntos débiles para poder corregirlos y tener un conocimiento global de cada uno. No puede ser reducida a una simple cuestión metodológica, a una simple técnica educativa, ya que su incidencia excediendo lo pedagógico para incidir sobre lo social.

La evaluación es muy importante para poder realizar la propuesta de trabajo que se lleva a la clase, es decir, vivir en español una experiencia significativa de la que ya existe conocimiento previo en lengua materna, necesitamos articular toda una serie de actividades de aula que capaciten los alumnos para llevar a cabo con éxito la experiencia al tiempo que

adquieren la lengua necesaria para que la vivencia de la experiencia se lleve realmente a cabo en la segunda lengua. “La evaluación no posee un sentido pedagógico sino que se ha transformado en un elemento de control y de selección que se encuentra en manos de la persona que evalúa dependiendo de sus criterios, los que generalmente son subjetivos. En su estado actual, antes que personalizar deshumaniza”(GUARDINI, 1963, p.110),

Para evaluar un alumno que está aprendiendo la lengua española es necesario definir claramente las destrezas que se quieren conseguir o incrementar; tal y como plantea actualmente la norma de adaptar los objetivos a los grupos e individuos. La necesidad de evaluar es fundamental e inherente a la didáctica de lenguas extranjeras. Se puede decir que en términos generales, la evaluación en el área de lengua no supone consideraciones diferentes a las demás áreas instrumentales. Se debe evaluar el nivel de las capacidades generales alcanzadas al final de cada ciclo y que aparecen expresadas como objetivos de área o como criterios de evaluación.

CONSIDERACIONES FINALES

A través del presente trabajo fue posible observar que las evaluaciones son muy importantes para el proceso de enseñanza de español. No para evaluar al alumno, pero por su aprendizaje y la forma de trabajo del profesor, procurando verificar si las metodologías adoptadas fueron suficientes para llevar al alumno a aprender con éxito. El profesor debe procurar hacer que las clases de español sean agradables para los alumnos, haciendo de la evaluación una forma de verificar si los mismos están aprendiendo los contenidos propuestos y si son realistas los objetivos planeados por el profesor.

Así, se puede concluir que a través de la evaluación puede ocurrir una mejora en el aprendizaje de una nueva lengua, en el caso propuesto el español, observando que la adquisición de esta lengua ocurrirá cuando el profesor utilice el proceso de evaluación para seleccionar metodologías innovadoras y que tenga el efecto deseado para el éxito en los objetivos propuestos.

4 REFERENCIAS

GUARDINI, R. **El ocaso de la edad moderna**. Madrid: Guadarrama, 1963.
HEBERMAS, J. **Conocimiento e interés**. Madrid: Editorial Taurus, 1989.

AGROTURISMO NA PROPRIEDADE RURAL

Esmael Donizete Eichinger¹

Marli Secchi de Lima²

Resumo:

As transformações pelas quais tem passado o meio rural brasileiro nas últimas décadas deixam evidentes sua contribuição para que não possa mais ser considerado como essencialmente agrícola, excluído das transformações pelas quais passam o meio urbano com a evolução tecnológica deste milênio. Esta evidência se registra mais especificamente no agro-turismo, tendo em vista, que nesta modalidade de turismo rural, os próprios agricultores, donos de suas propriedades, são os empreendedores, os guias, os atores principais dos acontecimentos vivenciados e incorporados pelo turista.

Palavras-Chave: Transformação. Agricultura. Rural. Evolução. Agro-turismo. Agricultores. Empreendedores. Turista.

Abstract:

The changes for which has passed the Brazilian rural areas in recent decades, no longer clear its contribution so that it can not longer be regarded as primarily agricultural, excluded from the changes for which are the urban with technological developments of this millennium. This evidence register more specifically in adventurism in order that this type of tourism, rural farmers themselves, owners of their properties, are the entrepreneurs, the guides, the main actors of events experienced and incorporated by tourists.

Keywords: Manufacturing. Agricultural. Rural. Development. Agro-tourism. farmers. Entrepreneurs. Tourist.

INTRODUÇÃO

No mundo globalizado e moderno, o turismo pode ser considerado um conjunto de atividades econômicas diversas, que engloba uma série de ações mercadológicas que por sua vez, produzem riquezas e desenvolvimento para muitas regiões do país. Tratando-se de Turismo Rural, pode-se dizer que apesar de ser considerada uma atividade recente no país, cada vez mais tem atraído um maior número de pessoas direta ou indiretamente ligadas ao campo e ao mesmo tempo aponta para potencialidades reais de geração de postos de trabalho, e os benefícios que ele pode trazer para o homem do campo. Entretanto, é de fundamental importância que, principalmente o turismo rural e mais especificamente o agroturismo, esteja diretamente ligado à população, que dele faz uso.

No agroturismo, o homem do campo, a partir de sua atividade

¹ Graduado em Geografia e Especialista em Geografia, Interação e Meio Ambiente. CTESOP

² Orientadora Ms. em Geografia

agrícola que faz parte de seu cotidiano, implementa, complementa e até faz desta atividade uma fonte extra de ganho financeiro, gerado a partir da mesma propriedade de onde antes ele visava à subsistência familiar apenas com atividades agrícolas.

AGROTURISMO

Não se sabe ao certo em que período essa atividade começou a se projetar na Europa e nos Estados Unidos, ao que parece, foram os caçadores e pescadores que deram início a essa prática, pois, em função da difícil acessibilidade das áreas de caça e pesca fartas, a única alternativa era pernoitar nos ranchos mais próximos. Com o passar do tempo, essas propriedades passaram a oferecer mais estrutura de acomodação e lazer, dando origem aos primeiros *resorts* e hotéis-fazenda destes países. O Agroturismo deve ser entendido como a modalidade de turismo em espaço rural praticado dentro de propriedades, de modo que o turista e/ou excursionista entra, mesmo que por um curto período de tempo, em contato com a atmosfera da vida na fazenda, integrando-se de alguma forma aos hábitos locais. (PORTUGUEZ, 2002).

Segundo TULIK (2004), o Agroturismo desenvolve-se integrado a uma propriedade rural ativa, de organização e gestão familiar, com a presença do proprietário, como forma complementar de atividades e de renda; pressupõe o contato direto do turista com o meio rural, alojamento na propriedade e possibilidade de participar das atividades rotineiras existentes na propriedade. Perfeitamente viável, o Agroturismo atualmente, representa uma valiosa alternativa econômica para as propriedades rurais. Na realidade, o Agroturismo vem acrescentar a geração de renda para o agricultor, aproveitando o que a propriedade rural já possui e que só precisa ser incrementado e utilizado com criatividade.

Como ocorre em qualquer outra atividade econômica, há problemas que podem advir com o Agroturismo: degradação ambiental causada pelo lixo, barulho, depredação de patrimônios naturais, sua flora e fauna. Um fator fundamental para a preservação do meio ambiente local e até para manter a viabilidade comercial do Agroturismo, é um criterioso planejamento que deve ser norteado pela consciência crítica da integração do turismo com todos os setores produtivos e principalmente com a conservação da cultura da sociedade local (AMARAL, citado por GRANER, 2000).

A inserção da atividade turística nas propriedades rurais apresenta-se como uma alternativa de diversificação de atividades (não-agrícolas) no meio rural. Entretanto, essas novas modalidades de aproveitamento de recursos, sobretudo o turismo, devem estar alicerçadas sobre uma

planificação prévia, economicamente viável e ecologicamente sustentável (RIEDL, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerados os aspectos econômicos, sociais e ambientais, o Agroturismo bem planejado apresenta-se como alternativa de diversificação de renda, ou até mesmo como possibilidade de empreendimento norteador para o espaço rural. Entretanto é certo que para que o Agroturismo aconteça e atue como vetor de desenvolvimento humano, social, econômico e ambiental, deve haver um grande envolvimento da comunidade, da política local e regional e principalmente dos principais interessados no seu sucesso, os agricultores. Estudiosos da atividade turística no meio rural, afirmam que esta é uma atividade “jovem”, mas que já se mostra perfeitamente capaz de ter uma função restauradora da zona rural em muitas regiões do país.

A permanente busca do conhecimento e da sobrevivência humana, com certeza passará pela volta às origens, ao natural, ao contato direto com a natureza, com o ar puro e com a vida simples do campo e claro, um dos caminhos é o Agroturismo.

REFERÊNCIAS

GRANER, Paulo Felipe. **Turismo no espaço rural brasileiro**. São Paulo-SP: Futura, 2000.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Agroturismo e desenvolvimento regional**. 2.ed. São Paulo-SP: Hucitec, 2002.

RIEDL, Mário. **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Porto Alegre-RS: Edunisc, 2002.

TULIK, Olga. **Turismo rural**. 2. ed. São Paulo-SP: Aleph, 2004.

AS CULTURAS DE SOJA E MILHO EM FORMOSA DO OESTE

Ronaldo Miranda ¹
Marli Secchi de Lima ²

RESUMO:

O presente trabalho trata do espaço agrário do Paraná, no qual houve uma mudança enorme com os avanços tecnológicos em relação à cultura da soja. Esses avanços tecnológicos melhoraram a questão do aumento de novas variedades de sementes, houve novos sistemas de plantio e de colheita, com isso, melhorou-se o rendimento da produção, na quantidade e na qualidade do produto, favorecendo assim o agricultor.

Palavras-Chave: Espaço agrário. Tecnologia. Cultura da soja.

ABSTRACT:

The present work deals with the Paraná's agrarian space, in which the culture of the soy had an enormous change with the technological advances in relation. These technological advances had improved in the question of the increase of new varieties of seeds, had new systems of plantation and of harvest, with this, it is improved in the income of the production, the amount and the product's quality, thus favoring the agriculturist.

Keywords: Agrarian space. Technology. Culture of the soy.

INTRODUÇÃO

EXPANSÃO DA SOJA E AS ALTERAÇÕES NO ESPAÇO AGRÁRIO NO PARANÁ

O espaço agrário do Paraná teve acentuado desenvolvimento nas décadas de 1950/60 e com os avanços tecnológicos na cultura da soja as mudanças foram ainda mais acentuadas, já que esta cultura determinou a expansão das fronteiras agrícolas do Estado para as últimas áreas ainda desocupadas na década de 1970. Os avanços tecnológicos determinaram o surgimento de novas variedades de sementes, novos sistemas de manejo e de colheita, favorecendo melhores rendimentos, quantidades e qualidades do produto, com isso diminuiu a mão-de-obra e aumentou a produção. Portanto a soja no Paraná se desenvolve no âmbito da industrialização da agricultura brasileira.

Segundo ASSUMPÇÃO *et al* (1990), a agricultura predominante no Paraná, até a década de 1960 era o café, o qual manteve sua posição de principal produto da agricultura paranaense. Mas a partir desta década,

¹ Graduado em Geografia e Especialista em Geografia, Interação e Meio Ambiente. CTESOP

² Orientadora Ms. em Geografia

a economia cafeeira iniciou sua fase de decadência no Estado. Alguns fatores concorreram fortemente para o declínio da produção: secas e geadas; desestímulos de preços; erradicação de cafezais, espontâneas ou estimuladas pelo governo.

Segundo BONUGLI (2000), a soja em grão participa com cerca de 20% no valor total da produção agropecuária do Paraná e o complexo soja, participa com a metade, aproximadamente, do valor total arrecadado nas exportações

O surgimento e expansão da agroindústria no estado do Paraná, segundo ASSUMPÇÃO *et al* (1990), estiveram sempre ligados à produção agrícola tendo se instalado em geral nas regiões fornecedoras de matérias-primas. A soja no Paraná destaca-se como um produto significativo para a indústria agrícola, pois em 10 anos, ocorreram aumentos significativos no uso de “insumos modernos” na agropecuária paranaense.

De acordo com PEREIRA (1987), ao longo do tempo houve políticas incentivadoras para sua expansão, tornando possível ampliar o mercado para as indústrias situadas a montante do setor agropecuário. O processo de modernização agropecuária paranaense resultou em ampliação de área colhida, uma vez que no período de 1970 a 1985, observou-se o crescimento de áreas com lavouras de soja.

Nesse período, o Paraná já não dispunha mais de novas áreas ou fronteiras agrícolas para ampliação da área a ser cultivada. O crescimento na área colhida com soja aconteceu em função da busca de um melhor aproveitamento de áreas improdutivas e também da redução de áreas até então ocupadas com as outras culturas, que cederam espaços deixando clara a presença dos fatores motivacionais, principalmente o crédito rural e o preço internacional da soja na década de setenta.

De acordo com SOUZA (1999), desde os anos 1970, a tecnologia biológica utilizada no cultivo da soja é totalmente nacional, havendo também crescido a participação das tecnologias físico-químicas e mecânicas. A produção nacional de variedades adaptadas a diferentes condições climáticas tem importância fundamental para a expansão da lavoura.

O autor também ressalta que além do estímulo do mercado internacional, algumas condições internas para a expansão e modernização da lavoura da soja no país precisam ser lembradas, como: a existência de variedades oriundas do centro-sul dos Estados Unidos que tiveram fácil adaptação no sul no Brasil; a possibilidade de total mecanização na produção; a expansão da agroindústria nacional; o papel intenso das cooperativas nos processos de produção, comercialização, industrialização do produto; a geração de tecnologias adaptadas às diferentes regiões do país, possibilitando, ao mesmo tempo, o aumento da produtividade e a expansão da produção.

REFERÊNCIA

ASSUMPÇÃO, A. G. *et al.* Mudanças no Padrão de Desenvolvimento Agro-Industrial: O Caso do Norte do Paraná. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. v.28, n. 4, p. 132-142, out./ dez. 1990.

BONUGLI, A. A. B. **Evolução do cultivo da soja no noroeste do Paraná na década de 90**: Estudo de Caso do Núcleo Regional de Umuarama. Maringá, 2000. 70f. Monografia (Graduação) – Departamento de Economia/ UEM.

PEREIRA, L. B. **O estado e as transformações recentes da agricultura paranaense**. Recife 1987. 343f. Tese (Doutorado) em Economia Rural, UFPe, Departamento de Economia.

SOUZA, I. S. F. Condicionantes da modernização da soja no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, p.1-27, 1999.

OS DESAFIOS PARA O SUCESSO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Maria Haroneide de Lucena Prado¹
Marli Secchi de Lima²

Resumo:

O desafio do futuro é garantir a permanência dos agricultores familiares na terra, para evitar o êxodo rural. Entretanto, será necessário urbanizar o campo levando cidadania aos agricultores, vida digna, educação, saúde. Primeiro, enfrentando o jogo da política, enquanto a sociedade e a mídia continuarem polarizadas pelas invasões de “sem-terra”, estará perdendo precioso tempo na luta a favor dos “com-terra”.

Palavras-chave: Desafio. Agricultura familiar. Produção rural.

Abstract:

The challenge of the future it is to guarantee the family farmers' permanence in the land, to avoid the rural exodus, however, it will be necessary to urbanize the field taking citizenship to the farmers, life worthy life, education, health. First, facing the game of the politics, while the society and the media continue polarized by the invasions of “without-land”, it will be wasting precious time in the fight in favor of the “with-land.”

keywords: Challenge, family agriculture, rural production.

O DESAFIO DA AGRICULTURA FAMILIAR

O mecanismo da herança familiar contrapõe-se à força da concentração fundiária e o pequeno agricultor, talvez até pela falta de melhor alternativa, continua a saga de sua existência. Segundo estudo da FAO/Incra existem 4.140.000 agricultores familiares no país. Esse enorme contingente de trabalhadores “com-terra” detém 30,5% da área e gera 38% do valor da produção rural. Ocupa 77% da mão-de-obra no campo, somando 13,8 milhões de pessoas, metade delas no Nordeste. Este é o perfil geral da agricultura familiar no país. Fora os 600 mil novos agricultores assentados da reforma agrária e beneficiários do Banco da Terra (GRAZIANO, 2006).

Segundo GRAZIANO (2006), o desafio do futuro é garantir a permanência desses produtores, para evitar o êxodo rural, entretanto, será necessário urbanizar o campo levando cidadania aos agricultores, vida digna, educação e saúde. Primeiro, enfrentando o jogo da política, enquanto a sociedade e a mídia continuarem polarizadas pelas invasões de “sem-terra”, estará perdendo precioso tempo na luta a favor dos “com-

¹ Graduado em Geografia e Especialista em Geografia, Interação e Meio Ambiente. CTESOP

² Orientadora Ms. em Geografia

terra". A luta ideológica conduzida pelo MST distrai o foco da verdadeira batalha, a aspiração dos agricultores familiares, suas necessidades reais. Segundo, para fortalecer os pequenos produtores rurais, carece decidida política de Estado, pois o crédito rural mal utilizado pode aumentar a dependência dos agricultores, endividando-os, mantendo uma espécie de clientelismo nas agências do capital.

A chamada agricultura familiar constituída por pequenos e médios produtores representa a imensa maioria de produtores rurais no Brasil. São cerca de 4,5 milhões de estabelecimentos, dos quais 50% no Nordeste. O segmento detém 20% das terras e responde por cerca de 30% da produção global. Em alguns produtos básicos da dieta do brasileiro como o feijão, arroz, milho, hortaliças, mandioca e pequenos animais chega a ser responsável por 60% da produção. Em geral, são agricultores com baixo nível de escolaridade e diversificam os produtos cultivados para diluir custos, aumentar a renda e aproveitar as oportunidades de oferta ambiental e disponibilidade de mão-de-obra (PORTUGAL, 2002).

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação - FAO apresentaram dados que revelam que aproximadamente 85% do total de propriedades rurais do país pertencem a grupos familiares. São 13,8 milhões de pessoas que têm na atividade agrícola praticamente sua única alternativa de vida, em cerca de 4,1 milhões de estabelecimentos familiares, o que corresponde a 77% da população ocupada na agricultura. Cerca de 60% dos alimentos consumidos pela população brasileira vêm desse tipo de produção rural e quase 40% do Valor Bruto da Produção Agropecuária são produzidos por agricultores familiares. Cerca de 70% do feijão consumido pelo país, alimento básico do prato da população são produzidos por agricultores familiares. Vêm daí também 84% da mandioca, 5,8% da produção de suínos, 54% da bovinocultura de leite, 49% do milho e 40% de aves e ovos (TOSCANO s.d.).

A agricultura familiar também vem registrando o maior aumento de produtividade no campo nos últimos anos, na década de 1990, foi o segmento que mais cresceu. Entre 1989 e 1999, a produção agrícola familiar aumentou em 3,8% ao ano, o bom desempenho ocorreu mesmo em condições adversas para o setor, quando nesse período sofreu uma queda de 4,7% ao ano nos preços recebidos. Esses resultados positivos foram alcançados mesmo tendo a agricultura familiar um histórico de baixa cobertura de crédito rural, ressaltando que apenas 23% dos estabelecimentos familiares rurais acessaram financiamentos nos últimos três anos (TOSCANO, s/d).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de incentivo vem historicamente provocando a expulsão de agricultores familiares do campo para a cidade, onde ficam marginalizados em subempregos e vivendo em submoradias nas periferias das grandes cidades. O grande desafio da agricultura familiar hoje é continuar no campo evitando o êxodo rural, com programas de incentivo ao plantio e financiamentos para os pequenos produtor.

REFERÊNCIAS

- GRAZIANO, F. **Caminhos da agropecuária**. Brasília-DF: 2006, p. 9-33.
- PORTUGAL, A. D. **O desafio da agricultura familiar**. 2002. Disponível em: <[http:// www.embrapa.Br/imprensa/artigos/2002/artigo.2004_12_07.259063189/](http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2002/artigo.2004_12_07.259063189/)> Acesso em: 20 Jan 2008.
- TOSCANO, L. F. **Agricultura familiar e seu grande desafio**. Disponível em: <<http://www.agr.feis.unesp.br/dv09102003.htm>> Acesso em: 15 março 2008.

MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND/PR

Luciana Gaspar de Melo ¹
Marli Secchi de Lima ²

Resumo:

A modernização da agricultura com a substituição da mão-de-obra pelas máquinas, na emergência de uma agricultura em moldes modernos e voltados à exportação, teve papel fundamental no movimento de saída da população do campo do município de Assis Chateaubriand. No município reproduzem-se os mesmos elementos estruturados do espaço rural que se manifestou no país: monoculturas exportadoras.

Palavras-Chave: Modernização. Agricultura. Assis Chateaubriand.

Abstract:

The modernization of the agriculture with the substitution of the labor for the machines, in the emergency of an agriculture in modern molds and export oriented, it had fundamental paper in the movement of exit of the population of the field of the municipal district of Assis Chateaubriand. In the municipal district they reproduce the same structured elements of the rural space that showed at the country: monocultures exporters.

Keywords: Modernization. Agriculture., Assis Chateaubriand.

INTRODUÇÃO

O município de Assis Chateaubriand, com a modernização da agricultura, deixa de produzir café e hortelã, começando um novo ciclo baseado na soja, milho e trigo, este processo de tecnificação do campo aumentou a produção e expulsou trabalhadores rurais do campo.

Para além das transformações espaciais a mecanização que se expandiu no esteio ideológico de produzir alimentos aumentando a produtividade provocou profundas transformações no espaço rural que vão desde a expansão rural no estado e no país ao predomínio das monoculturas produtoras de matéria-prima, passando pelo esvaziamento populacional e urbanização do campo, realidade que se processa também no município.

¹ Graduada em Geografia e Especialista em Geografia, Interação e Meio Ambiente/CTESOP

² Orientadora, Ms. Em Geografia.

CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS DO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND

O Município de Assis Chateaubriand localiza-se ao sul do Brasil na região oeste do Paraná, ocupando uma área territorial de 1.010,33 Km². Limita-se a Norte com o Rio Piquiri, com os Municípios de Brasilândia do Sul, Alto Piquiri e Iporã, a Sul com os Municípios de Toledo e Tupãssi, a Oeste com os rios do Peixe e São Pedro, com os Municípios de Palotina e Maripá e a Leste com o Rio Verde, com os Municípios de Formosa do Oeste, Jesuítas e Nova Aurora.

Influenciados pelo declive do relevo, os rios seguem predominantemente no sentido noroeste, para desaguar na bacia do Piquiri, importante tributário do rio Paraná, formando vales pouco profundos devido à geologia do município, formada pela sedimentação e magmatismo básicos que datam do Mesozóico. O desnível do relevo e a vazão não são muito acentuados, em decorrência disto não são encontradas muitas cachoeiras, portanto a hidrografia do município não oferece grande potencial hidrelétrico

O regime climático ao qual está inserido o município de Assis Chateaubriand se caracteriza segundo classificação de Koeppen como Cfa – Clima Subtropical Úmido (Mesotérmico), com média do mês mais quente superior a 22°C e no mês mais frio inferior a 18°C, sem estação seca definida, verão quente e geadas menos freqüentes. A precipitação anual é em média de 1250 a 1500 mm. O município está localizado a 440 metros de altitude em relação ao nível do mar.

As condições climáticas favoráveis propiciam o desenvolvimento das lavouras, já que o clima sem seca definida e geadas pouco freqüentes possibilita colheitas com excelente rendimento e pastos para a agropecuária garantindo um potencial agrícola com renda e novas possibilidades para o município.

A dinâmica demográfica do município acompanha a realidade brasileira de acentuada urbanização. Porém enquanto o país torna-se urbano na década de 1960, em Assis Chateaubriand este fenômeno ocorre na década de 1990. Outro diferencial importante em relação à urbanização, enquanto o atrativo à urbanização no país das décadas de 1950/1960 estava nas cidades, com a geração de empregos provocada pela industrialização, no município de Assis Chateaubriand a intensificação da urbanização relacionou-se mais às circunstâncias rurais. A modernização da agricultura com a substituição da mão-de-obra pelas máquinas, na emergência de uma agricultura em moldes modernos e voltada à exportação, teve papel fundamental no movimento de saída da população do campo.

QUADRO 01 - POPULAÇÃO RURAL E URBANA DE
ASSIS CHATEAUBRIAND-PR

POPULAÇÃO RURAL E URBANA DO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND - PR			
PERÍODO	RURAL	URBANA	TOTAL
1970	67.180	11.604	78.794
1980	26.255	28.376	54.631
1991	10.902	28.835	39.737
1996	8.105	27.553	35.658
2000	6.265	27.052	33.317
2007	4.425	27.640	32.065

Fonte: IBGE.

Conforme revela o quadro 01, a população residente no município na década de 1970 era de 78.794, dos quais a maior parte dos habitantes vivia no campo, demonstrando a condição agrária do município, mas a partir da década de 1980, devido ao processo de mecanização do campo observava-se um decréscimo da população rural e também do município que em busca de melhores condições de vida migram para outros municípios ou estados do país. Nas últimas décadas a população se tornou predominantemente urbana, entretanto a maior parte da população urbana tem vínculo com atividades rurais, já que a economia do município continua essencialmente rural.

ASSIS CHATEAUBRIAND E A AGRICULTURA

As terras paranaenses localizadas a margem do Rio Piquiri, foram desbravadas na década de 1950 quando a última fronteira agrícola do estado foi conquistada. Os nordestinos tiveram grande influência no desbravamento da região do Vale do Piquiri, com destaque para Adízio Figueiredo dos Santos que comprando as terras da Gleba Santa Cruz em

1952, fundou as cidades de Assis Chateaubriand, Nova Aurora, Iracema do Oeste e Tapejara. Para colonizar as terras foi fundada a Sociedade Colonizadora União do Oeste Ltda, por falta de recursos para continuar seu projeto Adízio vendeu as terras da Gleba para Oscar Martinez em 1958 da colonizadora Norte do Paraná S/A, para continuar com seu intento de povoar as terras se tornou diretor-gerente da nova empresa, um fato importante para que ocorresse a povoação do município de Assis Chateaubriand foi a “terra roxa” propícia para a lavoura (MAIOR, 1996).

Uma característica marcante relacionada à origem do município de Assis Chateaubriand foi o encontro de duas correntes migratórias, a primeira composta por nordestinos, mineiros, capixabas e paulistas que após participar da colonização do norte do Paraná, onde plantaram milhões de pés de café, compraram terras no oeste. A outra corrente vinda do sul do Brasil composta por gaúchos e catarinenses, que ao invés do café começaram a plantar lavoura branca (milho, arroz e feijão), criar porcos, frangos e gado de leite (MAIOR, 1996).

Na área rural a colonizadora implantou uma reforma agrária capitalista evitando uma existência de latifúndios, 99% das propriedades rurais vendidas têm área inferior a cinqüenta hectares, o que motivava os pioneiros que vinham motivados pela estrutura fundiária composta por pequenas propriedades, portanto de possível aquisição da terra. O município conheceu no decorrer de sua história oito ciclos econômicos: madeira, café, hortelã, algodão, trigo, soja e peixe. Até a década de 1970 a agricultura se dedicava ao plantio e colheita do café e hortelã, com a modernização econômica da agricultura, a introdução de tratores e colheitadeiras, mecanizando a lavoura do trigo e da soja se inicia novo ciclo. As máquinas agrícolas afugentaram milhares de lavradores que emigraram para favelas e bairros periféricos das grandes cidades (MAIOR, 1996).

Na década de 1990 para diversificar o setor agrícola que estava estagnado na soja e trigo articula a piscicultura como alternativa de diversificação, sendo o município propício a sua criação em virtude do clima adequado, das propriedades disporem de água de superfície.

Verificaremos na tabela a seguir os principais produtos produzidos no município e o aumento de sua produtividade com a modernização.

QUADRO 2: EVOLUÇÃO DAS CULTURAS NO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND

Ano	Principais culturas	Área plantada (hectares)	Produção (toneladas)
1970	Trigo	3.044	20.05
	Milho	32.043	53.692
	Soja	22.901	20.115
1980	Trigo	72.766	90.323
	Milho	7.543	18.058
	Soja	84.719	21.8091
1990	Trigo	70.000	36.000
	Milho	5.050	15.464
	Soja	57.900	114.815
2000	Trigo	39.016	5.608
	Milho	31.882	20.800
	Soja	68.100	135.042
2006	Trigo	30.000	45.000
	Milho	26.000	124.530
	Soja	69.850	144.206

Fonte: IBGE

As principais culturas no município sempre foram como nota-se através do quadro 02: trigo, milho e soja. Na década de 1970 a área plantada e a produção não eram muito grandes em virtude da colheita ser manual, a partir da década de 1980 com o início da mecanização da agricultura, observamos um aumento da produção de soja e em sua área plantada, assim como das outras culturas que ao longo das décadas subseqüentes só vieram a aumentar sua produção, apesar da população rural como mostra o quadro 1 estar diminuindo a cada nova década as principais culturas do município aumentaram sua produção em decorrência dos maquinários utilizados na colheita que agilizam o processo.

Podemos notar que a cultura que mais se destaca é a soja em virtude dos recursos financeiros, via financiamentos, em larga escala por parte das políticas do governo. Pode-se, portanto atribuir também ao Estado a consolidação das monoculturas tanto no país como no município.

Reproduzem-se no município os mesmos elementos estruturados do espaço rural que se manifestou no país e no Estado: monoculturas exportadoras; reordenação espacial econômica e demográfica em decorrência da mecanização agrícola. Entretanto vale ressaltar o diferencial, em favor do município, relativo à estrutura fundiária, ainda que as monoculturas exportadoras avancem sobre os campos agrícolas a presença de médias propriedades prevalece, permanecendo um dos propósitos da colonização inicial empreendida pelas colonizadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No município de Assis Chateaubriand, a modernização ocasionou a diminuição da população rural e o aumento da população urbana, além de ocasionar a migração da população para centros urbanos maiores em busca de melhores condições de vida. A monocultura exportadora reorganizou o espaço em decorrência da mecanização agrícola, somente a estrutura fundiária estabelecida pela colonizadora em pequenas e médias propriedades permaneceu, ainda que um acentuado processo de reaglutinação de propriedade tenha ocorrido.

REFERÊNCIAS

- MAIOR, L. S. **História do Município de Assis Chateaubriand**. Maringá-PR: Clichete, 1996, p.23-158.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Anuário Estatístico do Brasil – 2007**.
- IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Levantamento sistemático da produção agrícola – safra 1970/2006**.

A PISCICULTURA EM ASSIS CHATEAUBRIAND/PR: UMA ALTERNATIVA DE DIVERSIFICAÇÃO NO ESPAÇO AGRÁRIO

Gilmar Echhardt ¹
Marli Secchi de Lima ²

Resumo:

A piscicultura pode ser uma alavanca de desenvolvimento social e econômico, possibilitando o aproveitamento efetivo dos recursos naturais locais, principalmente os hídricos e a criação de postos de trabalhos. Com ela, pode-se produzir alimento de alto valor nutritivo, aproveitando diferentes resíduos agropecuários, além de proporcionar ao piscicultor rentabilidade, gerando riquezas, com ganhos significativos para a economia regional, melhorando assim, a qualidade de vida da população local. Porém, assim como qualquer outra atividade econômica necessita de uma estratégia ou planejamento básico para produzir bons resultados.

Palavras-chave: Renda. Produção. Planejamento. Recursos naturais. Peixe de qualidade.

Abstract:

The pisciculture can be a lever of social and economical development, making possible the effective use of the local natural resources, mainly the hydrous and the creation of positions of works. With it, food of high nutritional value can be produced, taking advantage different agricultural residues, besides providing to the pisciculturist profitability, generating wealth, with significant won significant for the regional economy, getting better like this, the quality of life of the local population. However, as well as any other economical activity it needs a strategy or basic planning to produce good results.

Keywords: Pay. Production Planning., natural Resources. quality Fish.

INTRODUÇÃO

Com a intensificação do processo de globalização da economia na última década, a produção agropecuária ficou mais exposta a competição internacional e os produtores rurais foram desafiados a buscar novas alternativas, para viabilizar econômica e socialmente as propriedades rurais notadamente, aqueles agricultores com propriedades de pequeno porte. Dentre as alternativas, a piscicultura vem ganhando importância no município por contribuir para a preservação ambiental e cultural, para a produção de alimentos diferenciados para valorização do agricultor no seu trabalho e principalmente como uma nova alternativa de renda.

¹ Graduado em Geografia e Especialista em Geografia: Interação e meio Ambiente/CTESOP.

² Orientadora Ms. em Geografia.

O município de Assis Chateaubriand tem desde a década de 1990, um programa para o desenvolvimento da piscicultura no município. Esta atividade econômica tornou-se uma alternativa ao produtor quando este quer diversificar sua produção. Após um período de prosperidade a piscicultura em Assis Chateaubriand estabilizou, reduziram a área ocupada com cultivo e o número de piscicultores porém, o cultivo se torna mais técnico e produtivo. Para se ter uma idéia na década de 90 o município contava com 180 produtores e área de produção em açudes de 175 hectares, apresentando uma produção de 1200 toneladas/ano. Atualmente a área de cultivo não ultrapassa aos 135 hectares, 576 tanques ativos, e o número de produtores reduziu para 90, mas com esta queda de produtores e área cultivada, a produção não decaiu até aumentou, os piscicultores se tornaram mais eficientes no desenvolvimento da atividade com uso de mais tecnologia, foram introduzidas espécies de peixes com genéticas melhoradas, ração balanceada e orientação técnica, produzindo aproximadamente, 2100 toneladas/ano.

A presença e persistência da piscicultura no município onde prevalece um modelo agropecuário intensamente tecnificado é que motivou esta pesquisa

PISCICULTURA BRASILEIRA E PARANAENSE

Piscicultura, um ramo específico da aqüicultura voltada para criação de peixes em cativeiro, vem sendo apontado por especialistas como promissora atividade no mundo e principalmente no Brasil. Desde 1970, a aqüicultura mundial vem apresentando índices médios anuais de crescimento de 9,2%, comparados com apenas 1,4% da pesca extrativista. O Brasil destaca-se por possuir imenso potencial para o desenvolvimento da piscicultura em função dos 8,4 mil quilômetros de litoral e 5,5 milhões hectares de reservatórios de águas doces, uma zona econômica e exclusiva de 3,5 milhões de quilômetros quadrados para pesca extrativista representando aproximadamente 8% da água doce disponível no planeta. Todo potencial de consumo se traduz em resultados econômicos, a partir da média mundial de consumo de 15,6 kg habitante ano, seriam necessários hoje 2,8 milhões de toneladas para atender o mercado interno brasileiro e 94 milhões de toneladas para o mercado mundial. O consumo nacional por habitante ano atualmente é de 6,8 kg (PISCICULTURA NO BRASIL, 2008).

A piscicultura está presente em cerca de 22,9 mil propriedades paranaenses. O estado produziu aproximadamente 21 mil toneladas de pescados, usando para isso uma área de 7,75 mil hectares de viveiros. O pólo de piscicultura do oeste paranaense com sede regional em Toledo e

Cascavel - Paraná é responsável pela metade dessa produção. A tilápia, na região, representou 85% do volume de peixe produzido na última safra paranaense (HEIN, 2004).

CONCLUSÃO

Dentre os empecilhos à atividade de piscicultura no município pode-se destacar: limitações na comercialização, pois ocorreram anos seguidos de problemas referentes a atravessadores, questão que vem se resolvendo com a destinação da produção para a industrialização; custos elevados no aprimoramento do sistema produtivo, como adoção da sexagem, reversão sexual, melhoramento dos tanques, alimentação equilibrada dos peixes, entre outros, a orientação técnica sistemática tem sido adotada, porém de maneira ainda tímida; reduzido investimento em propaganda e/ou divulgação do volume e qualidade do pescado produzido no município, este recurso só é utilizado no período da quaresma quando o consumo já é elevado, no decorrer do ano a motivação via propaganda do consumo de peixe é praticamente esquecida.

Como o consumidor não tem hábito de consumir peixe regularmente retoma o consumo de outras carnes, deixando o peixe como alternativa secundária, quando consome. Dentre as espécies de peixes indicadas ao cultivo comercial no município, destaca-se a tilápia em função de sua adaptação ao modelo criatório predominante, a menor exigência técnica no cultivo, boa aceitação para o consumo e potencial como matéria-prima industrial.

REFERÊNCIAS

HEIN, G; *et al.* **Referência modular para o oeste do Paraná** – agricultura familiar, semi-intensivo, tanque escavado, clima Cfa. Toledo-PR, 2004. Disponível em: http://www.emater.pr.gov/redesfer/RM_Tilápia_O.pdf. Acesso em: 15 jul 2006.

PISCICULTURA NO BRASIL. Disponível em: http://www.investimentosalagoas.al.gov.br/files/adfs/op/ag_1.pdf. Acesso em: 08 fev 2008.

ANÁLISE DO PERFIL LONGITUDINAL DO RIO BAIANO-ASSIS CHATEAUBRIAND/PR

Ordilei Aparecido Gaspar de Melo¹
Nelson Douhi²

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apoiar o planejamento ambiental da bacia hidrográfica do rio Baiano em Assis Chateaubriand – PR, tendo em vista que o seu principal eixo de drenagem (rio Baiano) é afluente da margem esquerda do rio Piquiri, importante tributário do rio Paraná, e o traçado do perfil longitudinal deste eixo de drenagem pode contribuir para a análise de anomalias no percurso do canal.

Palavras-Chave: Perfil longitudinal. Anomalias, Rio Baiano.

Abstract:

This work has as objective, to support the environmental planning of the watershed of the Baiano River in Assis Chateaubriand - PR, tends in view that its principal drainage's axis (Baiano River) it is flowing of the left margin of the Piquiri's river, important tributary of the Paraná river, and the plan of the longitudinal profile of this drainage axis can contribute to the analysis of anomalies in the course of the channel .

Keywords: Longitudinal profile. Anomalies. Baiano River.

INTRODUÇÃO

Os cursos fluviais são corpos dinâmicos, que podem apresentar ao longo de seu curso diversos segmentos distintos, com características próprias expressas em seu perfil longitudinal. Este trabalho tem como objetivo analisar o perfil longitudinal do rio Baiano no município de Assis Chateaubriand situado na Região Oeste do Paraná, no intuito de identificar anomalias de drenagem, ou seja, trechos em subsidência ou em ascensão.

PERFIL LONGITUDINAL DO RIO BAIANO

O perfil longitudinal de um rio mostra a sua declividade, ou gradiente, sendo a representação visual da relação entre a altimetria e o comprimento de determinado curso de água (CHRISTOFOLETTI, 1980).

O rio baiano é o principal eixo de drenagem da sua respectiva bacia e está orientado no sentido noroeste, até desaguar no rio Piquiri, sua nascente situa-se a 53°31'0" de longitude e 24°24'10" de latitude e sua foz em 53°32'56" de longitude e 24°15'9" de latitude, o maior número de

¹ Graduado em Geografia e Especialista em Geografia: Interação e meio Ambiente/CTESOP.

² Orientador, Ms. em Geografia

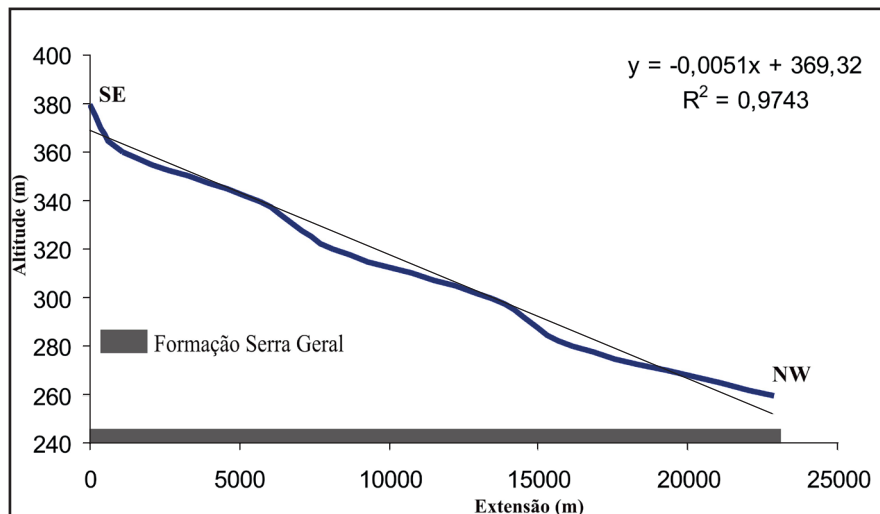
tributários com maior volume de água está na margem direita, fato vinculado ao controle tectônico. A área pertence ao terceiro planalto paranaense que representa 2/3 do território do Estado, onde predomina o substrato rochoso, constituído por basalto de Formação Serra Geral, originado do vulcanismo fissural que ocorreu na bacia do Paraná. O rio Baiano tem aproximadamente 23.200 metros de extensão, se desenvolvendo entre as cotas altimétricas de 380 a 260 metros com um desnível altimétrico de aproximadamente 120 metros, suas maiores declividades são encontradas à montante (Fig.1).

Segundo CHRISTOFOLETTI, (1981), para que o leito de um rio apresente uma consistência (seja estável), é preciso que os materiais do fundo se encontrem em equilíbrio com a ação das águas.

O perfil longitudinal de um rio pode ser influenciado por diversos fatores dentre eles podemos citar: confluência de tributários, variações na resistência à erosão do substrato rochoso, erosão remontante por mudança brusca em nível de base à jusante ou ainda por deformações neotectônicas locais ou na bacia de drenagem (ACKLAS; ETCHEBEHERE; CASADO 2003).

Segundo CUNHA; GUERRA (1996), o perfil longitudinal de um rio sofre contínuas flutuações, devido às variações no escoamento e na carga sólida, o que acarreta muitas irregularidades no seu leito como as corredeiras e as depressões. Ao longo do canal, o rio tenta eliminar essas irregularidades, na tentativa de adquirir um perfil longitudinal côncavo e liso, com declividade suficiente para transportar a sua carga.

FIGURA1: O PERFIL LONGITUDINAL DO RIO BAIANO



Fonte: Próprio Autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser área de nascente e possuir maior declividade, entre as cotas de 380 a 360 metros de altitude é onde o rio apresenta maior subsidência, porém ocorrem outras duas subsidências entre as cotas de 340 a 320 metros e de 300 a 280 metros, estando associadas à confluência de tributários e a ajustes do próprio canal, pois a linha de superfície de tendência expressa no gráfico, não mostra grandes alterações e a equação de correlação entre altimetria e comprimento do rio apresenta o valor de 0,9743, ou seja, quanto mais próximo do valor 1,0 menos anomalias apresenta o perfil. Essa susceptibilidade à normalidade do perfil, pode também estar associada ao substrato rochoso, mais resistente à erosão, provocando maior equilíbrio no percurso do eixo de drenagem.

REFERÊNCIAS

- ACKLAS Jr. R.; ETCHEBEHERE, M. L. C.; CASADO, F. C. Análise de perfis Longitudinais de drenagens do Município de Guarulhos para a detecção de deformações neotectônicas. *Revista UnG – Geociências*, ano 6, n. 8, p. 64-78, 2003.
- CRHISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia Fluvial**. 1 ed. São Paulo-SP: Edgard Blucher, 1981, p. 313
- CRHISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. 2 ed., São Paulo-SP: Edgard Blucher, 1980, p.188.
- CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. **Geomorfologia e meio ambiente**. Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil, 1996.

INFLUÊNCIAS DE ELEMENTOS METEOROLÓGICOS E INTERFERÊNCIA DE FENÔMENOS CLIMÁTICOS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NA AGRICULTURA DO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND-PR

Willians de Almeida ¹
Nair Glória Massoquim ²

Resumo:

Objetiva-se com este trabalho fazer uma análise dos dados climáticos nos últimos dez anos (1998 a 2007) no município de Assis Chateaubriand - PR, observando as influências de elementos meteorológicos e interferência de fenômenos climáticos na agricultura deste município. Acredita-se que, com o decorrer do tempo, através da ação humana muitos fatores climáticos foram alterados, acelerados e até mesmo surgiram devido a esta ação desordenada do homem. Neste contexto, o presente estudo, que foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, irá mostrar a importância do clima para a agricultura e como os fenômenos climáticos naturais podem influenciar na agricultura, gerando graves perdas. Este tema é de significativa relevância para entender os fenômenos climáticos e o desenvolvimento das culturas agrícolas.

Palavras-chave: Clima. Mudanças Climáticas. Agricultura.

Abstract:

Objective with this work to make an analysis of the climatic data at the last ten years (1998 the 2007) in the city of Assis Chateaubriand - PR, being observed the influences of meteorological elements and interference of climatic phenomenon in the agriculture of this city. It is given credit that, with the course of the time, through the action human being many climatic factors had been modified, speed up and even though they had appeared through to this disordered action of the man.

In this context, the present study, that was elaborated through bibliographical research and research of field, it will go to show the importance of the climate for agriculture and as the natural climatic phenomenon can influence of important form in agriculture, generating serious losses. This subject is of significant relevance to understand the phenomenon and the development of the agricultural cultures climatic.

Keywords: climate. climatic changes. agriculture.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre Influências de elementos meteorológicos e interferência de fenômenos

¹ Graduado em Geografia e Especialista em Geografia, Interação e Meio Ambiente. CTESOP.

² Orientadora Ms. em Geografia

climáticos nos últimos dez anos na agricultura do município de Assis Chateaubriand - PR. O referido município é essencialmente agrícola, portanto tem sua economia baseada na produção desse setor, em razão disso, os efeitos dos elementos meteorológicos e fenômenos climáticos, são de suma importância para o desenvolvimento da produção e produtividade agrícola. Vários fenômenos ligados às novas condições climáticas surgiram em função da ação do homem na natureza e do crescimento urbano acelerado, desordenado e cada vez mais, passam a fazer parte do cotidiano da população, tornando-a vulnerável a inúmeros problemas deles decorrentes. Assim, é comum a observação de que, apesar dos recentes avanços tecnológicos e científicos, o clima ainda é a variável mais importante na produção agrícola.

Utilizando-se de dados normais de temperatura e precipitação pluviométrica medidos pela SIMEPAR do Paraná, é possível observar o tipo climático para o município em estudo, determinando a temperatura média do mês mais frio, com ocorrência de geadas, a precipitação pluviométrica média anual e como a agricultura de Assis Chateaubriand reagiu a estes elementos climáticos. Porém, cabe ressaltar que estes dados em forma de médias, mascaram as fontes mínimas e máximas.

INFLUÊNCIA DOS ELEMENTOS METEOROLÓGICOS NA AGRICULTURA DE ASSIS CHATEAUBRIAND NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS – 1998 A 2007

De acordo com a análise dos dados obtidos é possível afirmar que tanto os altos índices pluviométricos, quanto os períodos de estiagem prolongada tem prejudicado a agricultura no município de Assis Chateaubriand. Porém, nestes últimos dez anos a geada foi o que mais prejudicou a produtividade agrícola. Mesmo as maiores ocorrências de geadas sendo moderadas, a produtividade não foi a mesma, pois os grãos não tiveram a rentabilidade e qualidade esperada. Quanto às geadas fortes, estas deram prejuízo total aos agricultores no plantio do trigo e milho.

A estiagem também prejudicou a rentabilidade dos cultivos agrícolas deste município. No ano de 1999, nos meses de novembro e dezembro não teve nenhuma chuva, prejudicando o desenvolvimento da colheita da soja. O ano de 2007 também foi um ano de pouca chuva. Foi a menor média registrada nestes dez anos. Embora hoje as culturas agrícolas estejam mais resistentes devido às variedades de sementes, melhorias genéticas e melhor planejamento das atividades, as estiagens prolongadas ainda são uma constante para o desenvolvimento das plantas (MASSOQUIM; ANDRADE, 1999). Já em 2005 os fenômenos

meteorológicos não influenciaram tanto na cultura do trigo em Assis Chateaubriand, que chegou ao topo no *ranking* de produção de trigo. Segundo dados do IBGE (2006), a produção nacional de trigo foi de 4.658.790 t, cerca de 20% inferior a de 2004. A queda foi relacionada à menor área plantada, conseqüência, entre outros, dos baixos preços do produto, do alto risco da cultura e da descapitalização dos produtores por causa dos problemas com a safra de verão.

Conforme dados do IBGE de 2007, das culturas que apresentaram ganhos de produção em 2006, a soja foi o grande destaque, quebrando um novo recorde nacional, com safra de 52.464.640 toneladas, 2,5% superior à de 2005. O índice positivo não impediu, no entanto, que o grão sofresse redução de 3,9% da área colhida e que seu valor de produção caísse 15,1%. O segundo lugar no ranking dos grãos coube ao milho, que registrou um aumento de 21,5% na produção, recuperando-se dos efeitos das estiagens que afetaram a região Sul. Soja e milho foram responsáveis, respectivamente, por 44,3% e 36,1% do total de grãos produzidos no país. Ainda de acordo com o IBGE (2007), a falta de chuvas regulares contribuiu para uma redução de 5,2% na área plantada de grãos no país em 2006. O resultado representou 2,5 milhões de hectares a menos e interrompeu uma seqüência de crescimento que se mantinha desde 2001. O Paraná liderou em 2006 a produção de grãos, concentrando 19,8% da safra do país.

Assim, verifica-se que as práticas agrícolas sustentáveis precisam ser disseminadas entre os agricultores que já estão sofrendo as anomalias climáticas, principalmente na região sul. É preciso estar sempre de olho no clima, observando o calendário agrícola e preparando bem o solo, evitando qualquer tipo de poluição ou desmatamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente trabalho foi possível perceber as influências dos elementos climáticos na agricultura do município de Assis Chateaubriand, analisando as conseqüências dos fatores climáticos para o setor agrícola num período de dez anos. Período este que foi marcado por geadas e grande perda para o produtor rural, principalmente nos cultivos do trigo e do milho safrinha.

Verificou-se que os elementos meteorológicos têm forte influência na produção agrícola de grãos, e pode interferir tanto de modo positivo, como recurso, quanto negativo, com azar climático. As condições climáticas, representadas principalmente pela radiação solar, temperatura, precipitação e umidade do ar, são as responsáveis pelas repercussões negativas sobre a agricultura, atuando através de temperaturas mínimas,

ocasionando as geadas, que são extremamente prejudiciais à prática agrícola e atuando através da escassez de chuva, que prejudica o bom desenvolvimento das plantas.

Assim, conclui-se que são vários os fatores que provocam as mudanças climáticas e todas as pessoas e setores são atingidas por estas mudanças, não somente o agricultor que sobrevive do plantio agrícola, mas todas as pessoas que vivem dos alimentos produzidos no campo e a economia do país, que tem na agricultura a chave do desenvolvimento econômico e social do país.

REFERÊNCIAS

IBGE - **Censo agropecuário de 2006**. Disponível em: <[http:// www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo](http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo)>. Acesso em: 20 abril 2008.

IBGE. **Produção agrícola municipal de 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/bda/acervo>>. Acesso em: 20 abril 2008.

MASSOQUIM, N.; ANDRADE, A. Influência de elementos meteorológicos e interferência de fenômenos climáticos na agricultura do município de Campo Mourão 1986 a 2002. **III Semana de Iniciação Científica** Campo Mourão-PR: FECILCAM, 2002.

A (RE) ORGANIZAÇÃO DA PAISAGEM NO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND-PR

Félix Sandro da Silva¹
Lucimara Liberali²

Resumo:

Este estudo analisa algumas mudanças de paisagens ocorridas no município de Assis Chateaubriand- PR, desde sua colonização até os dias atuais, enfocando principalmente a questão da agricultura como fator primordial na construção da paisagem chateaubriandense. A paisagem é tudo aquilo que os olhos humanos conseguem ver ao seu redor e resulta de forma diferente, dependendo da percepção e do conhecimento de cada pessoa, ou seja, a paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. A paisagem não é algo estático, ela é materialidade, formada por objetos materiais e não-materiais. Assim, a paisagem de Assis foi sendo modificada com o decorrer dos anos pelas ações do homem e pela força da natureza, restando hoje algumas paisagens naturais, que não sofreram influências humanas, e várias paisagens culturais ou humanizadas, que foram sendo transformadas pela cultura de cada sociedade e pela exploração dos recursos naturais existentes na natureza. Além disso, é importante verificar que para que acontecesse o desenvolvimento desta cidade, foi necessário que ocorressem estas mudanças na paisagem, pois Assis no início de sua colonização era somente composto por matas e rios, sendo que hoje a paisagem é também composta pela urbanização.

Palavras-chave: Paisagem. Mudanças. Assis Chateaubriand.

Abstract:

This study analyzes some changes of occurred landscapes in the city of Assis Chateaubriand- PR, since its settling until the current days, mainly focusing the question of agriculture as primordial factor in the construction of the chateaubriandense landscape. The landscape is everything that the human's eyes could see around them and result of different form, depending on the perception and of the knowledge of each person, that is, the landscape is the dimension of the perception, what it arrives at the sense. The landscape is not something static, it is materiality, formed for material objects and not-materials. Thus, the landscape of Assis was being modified with the course of the years for the actions of the man and the force of the nature, remaining today some natural landscapes, from which it did not suffer to influences human beings, and some cultural landscapes or humanized, that had been being transformed for the culture of each society and the exploration that the same ones had made of the existing natural resources in the nature. Moreover, it is important to verify that so that happened the development of this city, was necessary that it occurred these changes in the landscape, therefore Assis at the beginning of its settling was

¹ Graduado em Geografia e Especialista em Geografia, Interação e Meio Ambiente. CTESOP.

² Orientadora, Ms. em Geografia.

only composed for woods and rivers, being that today the landscape is also composed for the urbanization.

Keywords: *Landscape. Changes. Assis Chateaubriand.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre as mudanças de paisagem ocorridas no município de Assis Chateaubriand-PR desde sua colonização, questionando os principais motivos para estas mudanças. A paisagem é percebida pelos órgãos dos sentidos e chega até as pessoas de maneira informal ou formal, ou seja, pelo senso comum ou de modo seletivo e organizado. Assim, sua definição não é nada fácil, pois cada pessoa tem seu modo de ver e de sentir as paisagens que estão ao seu redor. Ela é produto da percepção e de um processo seletivo de apreensão, mas necessita passar a conhecimento espacial organizado, para se tornar verdadeiro dado geográfico. Deste modo, a paisagem é objeto de estudo dos cursos de Geografia e é de suma importância para entender os elementos que compõe a natureza.

Entender os processos formadores da paisagem aguça o espírito de observação de estudantes desta área, dos geógrafos e professores de Geografia, de especialistas na área de meio ambiente, no sentido de descobrir, nos vestígios deixados pela natureza ao longo do tempo e do espaço, transformações ocorridas que propiciaram a formação da paisagem atual.

MUDANÇAS DE PAISAGEM EM ASSIS CHATEAUBRIAND

A partir da década de 1960, ocorreram as primeiras manifestações e a efetiva ocupação das áreas rurais disponíveis. Com o extrativismo da madeira, inicia-se o intenso desmatamento das terras virgens, dando origem a primeira atividade econômica do município. As mudanças de paisagem começam e dão continuidade com as novas plantações de subsistência que surgem. Primeiramente se vê uma paisagem agrícola marcada pela presença da hortelã, depois da agricultura familiar (arroz, feijão, hortaliças) e segue com os plantios de milho, trigo, algodão e soja.

Maior (1996) afirma que no início da colonização de Assis Chateaubriand, onde tudo era mata-virgem, a principal fonte de renda era a agricultura comercial e principalmente a agricultura de subsistência para os que aqui chegaram. Havia como forma de agricultura o cultivo de hortaliças, mandioca, feijão, arroz e, criação de pequenos animais: porco, galinha e gado. Com a derrubada das matas, a escala de produção aumentou, passando a plantações em grande escalas, culturas já numeradas e o café

em áreas altas, ou seja, nas cabeceiras dos lotes devido às geadas.

Na área urbana, Assis Chateaubriand começa a se desenvolver com mais potencialidade a partir da década de 70, com a criação de mercearias, lojas, indústrias de beneficiamento de alimentos, cooperativas e casas em áreas com desmatamento total. Nas mudanças da paisagem consideram as alterações provocadas pela atividade natural e antrópica. Neste contexto, o desmatamento para a implementação de grandes obras de infra-estrutura fez com que ocorressem algumas mudanças significativas na paisagem local desta cidade. No entender de ANTROP (2005), as mudanças na paisagem são a expressão da dinâmica interação entre as forças naturais e culturais no ambiente. Observa-se então que a evolução temporal e espacial do uso da terra e de seus recursos naturais resultam em padrões atuais que, comumente, denotam conflitos entre a apropriação da terra pelo homem e a conservação dos sistemas naturais. Na área rural e urbana de Assis, questões sócio-políticas e ambientais influenciaram no padrão de modificação da paisagem. As mudanças da paisagem apresentadas são o resultado do uso e ocupação da terra ao longo dos anos.

O que se pode analisar é que a agricultura continua a marcar intensamente as paisagens, pois ela apresenta uma linda vista para os olhos humanos de plantação de grãos diversificados, muitos deles coloridos, com frutos e flores que embelezam o ambiente, prados convertidos em pastagens para animais que os mantêm, impedindo o regresso dos pequenos arbustos e das árvores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente trabalho foi possível perceber as mudanças na paisagem do município de Assis Chateaubriand, analisando os fatores que foram decisivos para que estas mudanças acontecessem. Analisou-se que esta é uma cidade proveniente da agricultura, mas que apresenta uma área urbana com estrutura boa, porém sem grandes estruturas modernas, monumentais e dinâmicas, como prédios enormes e indústrias de grande porte.

O que se observa, em um dado momento, é resultado de uma inter-relação de vários elementos que determinam a existência de uma ou de outra paisagem. Acredita-se então que a paisagem é algo complexo, dinâmico, associada a inúmeros fatores, ou seja, é um conjunto de formas naturais e culturais associadas. Pode-se concluir então que os pontos positivos da organização da paisagem do município de Assis Chateaubriand são os avanços que o município conseguiu no ramo da agricultura, destacando-se nos cultivos de soja, trigo e milho. Os pontos negativos são as inúmeras

árvores que foram cortadas, o desmatamento que houve no início da colonização e a fauna praticamente inexistente pela falta de florestas.

REFERÊNCIAS

ANTROP, M. **Identificação de mudanças de paisagem**. 2005. Disponível em <http://ceg.ul.online/arquivo/cobrac>>. Acesso em 20 abr 2008.

MAIOR, S. L. **História do município de Assis Chateaubriand**. Paraná: Clichetec, 1996.

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL: DESAFIOS ÀS PRÁTICAS AGRÁRIAS NO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND

Cristina Aparecida Gaioto¹
Marli Secchi de Lima²

Resumo:

O presente trabalho aborda as características do espaço agrário de Assis Chateaubriand, município que se localiza no oeste do Paraná onde a mecanização e as inovações tecnológicas no campo provocaram profundas alterações, tanto na paisagem como na dinâmica da população. Esses avanços tecnológicos melhoraram as novas técnicas de preparo do solo, os novos sistemas de plantio da soja e do milho, estilos alternativos de agricultura, melhorou-se o rendimento da produção, conservou-se os implementos agrícolas, favorecendo assim o agricultor.

Palavras chave: Espaço agrário. Tecnologia. População.

Abstract:

The present work approaches the characteristics of the Assis Chateaubriand agrarian space, municipal district is located at the west of Paraná where the mechanization and the technological innovations in the field brought profound changes in the landscape and in the dynamics of the population. Those technological progresses got better the new techniques of preparation of the soil, the new systems of planting of the soy and of the corn, alternative styles of agriculture, it improves the revenue of the production, it conserved the agricultural implements, favoring like this the farmer.

Keywords: Space agrarian. Technology. Population.

INTRODUÇÃO

ALTERNATIVAS ECOLÓGICAMENTE SUSTENTÁVEIS NA PRÁTICA AGROPECUÁRIA

Tendo em vista a necessidade em implementar mecanismos produtivos ambientalmente sustentáveis e a pressão tanto de ambientalistas como da população em geral que se conscientiza sobre as questões ambientais, os produtores rurais, pesquisadores, ambientalistas têm enfrentado grandes desafios para fazer a agricultura com índices de produtividade e lucro aceitáveis, respeitando o ambiente.

O que prevalecia como informações aos produtores, era que as sementes germinavam melhor em solos sem torrões, pois o solo permanecia “macio” sem esse revolvimento da terra, caso ocorressem estiagem não

¹ Graduada em Geografia e Especialista em Geografia, Interação e meio ambiente.

² Orientadora, Ms. em Geografia.

teria tanto problema para a semente germinar, não ocasionando crosta no solo (terra mais dura).

Como os climas predominantes são tropical e subtropical, favorecem a erosão causada pelas fortes chuvas, provocam a perdas de solo, nutrientes e insumos. A necessidade de romper-se com técnicas degradantes do ponto de vista ambiental e econômico exigiram práticas agrícolas que considerassem o potencial dos elementos naturais. Para as áreas tropicais, onde a insolação nos campos agrícolas é intensa uma alternativa de manejo de solo que tem se mostrado eficiente é o Sistema Plantio Direto – SPD, porque o solo precisa de uma atenção especial, pois o uso adequado torna a atividade agrícola viável economicamente e sem danos ao meio ambiente.

O Plantio Direto é definição mais precisa em que a palha e os restos vegetais são deixados na superfície do solo, procurando recuperar o solo de baixa capacidade agrícola, esse sistema é o que menos explora o equilíbrio da natureza e esse método faz com a palha sobre a superfície proteja o solo contra o impacto das gotas de chuva, reduzindo a desagregação e o selamento da superfície, garantindo maior infiltração de água.

É uma prática em que os agricultores buscam sua utilização no cultivo, trigo e milho e outros cultivos em geral para diminuir o impacto da agricultura tradicional. Esse sistema vem substituindo o plantio convencional. Quanto ao custo/benefício para os agricultores foi uma considerável diferença em termos de consumo do combustível (diesel) e do desgaste do implemento agrícola, o consumo e o desgaste são menores porque não precisa mexer com o solo, ou seja, gradear o solo, revolvê-lo para que seja feito a semeadura.

O solo é revolvido apenas no sulco onde são depositadas sementes e fertilizantes e as plantas daninhas são controladas por herbicidas.

Na visão de ALTIERI (2004, p.16), “muitos avanços tecnológicos estão sendo introduzidos no mundo da agricultura, mas há ainda, muito a estudar. O foco maior é substituir os insumos, ou seja, substituir agroquímicos caros e tecnologias intensivas por tecnologias brandas de baixo uso de insumo externos”.

REFERÊNCIA

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4 ed. Porto Alegre-RS: UFRGS, 2004.

A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO REPRESENTAÇÃO DO REAL

Graciele Mazocato Medola¹
Lúcia Teresinha Macena Gregory²

Resumo:

O presente artigo procura analisar a fotografia como fonte de estudo e como representante de uma realidade que pode ser interpretada por quem tiver acesso visual a ela. Nos últimos anos a fotografia se revelou uma nova possibilidade de pesquisa para o historiador. Os arquivos fotográficos pessoais mostram o cotidiano e a vida coletiva e individual das pessoas de Assis Chateaubriand no oeste paranaense.

Palavras-chave: Fotografia. Cotidiano. Imagem.

Abstract:

The article tries to analyze the picture as study source and as representative of a reality that can be interpreted for who has visual access to it. In the last years the picture a new research possibility was revealed for the historian. The personal photographic files show the daily and Assis Chateaubriand's people's collective and individual life in the west paranaense.

Keywords: *Piscture. Daily. Image.*

FOTOGRAFIA E HISTÓRIA

A fotografia se revelou nesses últimos anos uma nova possibilidade de pesquisa para o historiador, sendo assim, um rompimento do pensamento pequeno de muitos que pensavam que para fazer história era necessária uma pilha de livros e documentos escritos para se chegar a uma possível representação do real.

Antes do século XVI, são registrados alguns estudos para se obter uma imagem fotográfica. Porém, a primeira fotografia do mundo foi tirada pelo francês Joseph Nicéphore Niépce em 1826, a única que sobreviveu de uma série de experiências com uma espécie de verniz que possui uma propriedade de secagem rápida quando exposta á luz chamada betume de Judéia, um derivado de petróleo. Niépce dá a seu importante invento o nome de “heliogravura”, que era a gravação da imagem através da luz, essa foto ainda se encontra preservada até os dias atuais. Desse modo, entende-se por fotografia uma técnica de gravação da imagem por meio da luz, surgindo uma reprodução exata do objeto fotografado.

Por meio da divulgação da pesquisa sobre a heliogravura, Niépce conheceu Louis Daguerre, que acabaram se tornando sócios. Daguerre tinha por objetivo o aprimoramento das técnicas já pesquisadas pelo sócio,

¹ Especialista em História Regional – CTESOP.

² Orientadora: Prof^ª. Ms. em História.

porém, trabalhavam em sentidos opostos. Niépce buscava uma imagem capaz de ser reproduzida, já Daguerre apenas pensava em uma imagem que fosse satisfatória.

Niépce e Daguerre - dois nomes que se ligaram por interesses comuns, mas com objetivos diversos - são exemplos claros desta união. Enquanto o primeiro preocupava-se com os meios técnicos de fixar a imagem num suporte concreto, resultado das pesquisas ligadas à litogravura, o segundo almejava o controle que a ilusão da imagem poderia oferecer em termos de entretenimento (afinal de contas, ele era um homem do ramo das diversões).³

E daí em diante as mais belas paisagens, o cotidiano das pessoas, grandes eventos, enfim, foram eternizando a vida das pessoas com grande sucesso, fazendo parte e revelando aspectos culturais da humanidade.

Segundo Mauad, “a fotografia foi utilizada como prova infalsificável. No plano do controle social a imagem fotográfica foi associada à identificação, passando a figurar, desde o início do século XX, em identidades, passaportes e os mais diferentes tipos de carteira de reconhecimento social”.⁴

Para Ciro Flamariom Cardoso e Ana Maria Mauad, “é indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela nos traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido”.⁵

A fotografia, no entanto, nos remete a um tempo e um espaço escolhido pelo trabalho humano, fazendo com que o historiador se lance ao desafio de descobrir como chegar até aquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Para isso é necessário recorrer às pesquisas históricas e perceber a relação entre homens e signos que interagem na composição da realidade.

Desse modo, para Henrique M. Silva⁶, o uso da imagem fotográfica em pesquisas históricas, apesar de ser reconhecido, ainda causa polêmicas por meio dos críticos e teóricos da fotografia e pelo fato de envolverem a fotografia como sendo um princípio da realidade.

A concepção em torno da imagem fotográfica teve historicamente momentos distintos, conforme as teorias do filósofo francês Philippe Dubois:

³ MAUAD, 1996, p.2

⁴ MAUAD, 1996, p.3

⁵ CARDOSO 1997

⁶ SILVA, 2000, p. 137

1) a fotografia como espelho do real (o discurso da mimese): o efeito de realidade ligado à imagem fotográfica foi a princípio atribuído à semelhança existente entre a foto e seu referente. De início, a fotografia só é percebida pelo olhar ingênuo como um “analogon” objetivo do real. Parece mimética por essência.

2) A fotografia como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução): logo se manifestou uma reação contra esse ilusionismo do espelho fotográfico. O princípio de realidade foi então designado como pura “impressão”, um simples “efeito”.

Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação, e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, culturalmente codificada.

3) A fotografia como transformação do real (o discurso do índice e da referência): algo de singular, que a diferencia de outros modos de representação, subsiste apesar de tudo na imagem fotográfica: um sentimento de realidade incontrolável do qual não conseguimos nos livrar apesar de todos os códigos que estão em jogo nela e que se combinaram para a sua elaboração. (...) Devese, portanto, prosseguir na análise ir além da simples denúncia “efeito real”.⁷

Desse modo, segundo as teorias de Philippe Dubois,⁸ no século XIX, tinha-se a idéia de que a imagem impressa na fotografia era a mais pura realidade, um espelho do real, tido como um discurso primário da imagem fotográfica. Essa idéia foi, e ainda é, muito criticada por diferentes estudiosos de diversos campos de conhecimento. Mas foi ao olhar da época que a fotografia foi considerada uma copia perfeita da realidade, tendo uma função documental na sociedade. No século XX, se impõe a fotografia como transformação do real, ou seja, um meio de interpretar a realidade obtida na fotografia criando códigos e convenções sociais. Estabelece então, a imagem que se enquadrou no ângulo de visão escolhido pelo fotógrafo, dentro do espaço e tempo, puramente visual, sem qualquer outra sensação, e fixa um momento do real que é escolhido convencionalmente. Portanto, a fotografia não é mais uma imagem inocente e realista do século XIX. E no último caso descrito por Dubois, faz referência à fotografia como um testemunho da realidade, que atesta apenas a existência de uma realidade.

Assim para Mauad, “há que se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz clic”.⁹

⁷ DUBOIS, 1999, p. 2

⁸ DUBOIS, 1999

⁹ MAUAD, 1996, p. 4

Já para Henrique M. Silva, é impossível, que uma fotografia consiga transmitir a inspiração do fotógrafo na hora do clic, a não ser para o próprio fotógrafo. A interpretação acontece conforme o sujeito olha, cada pessoa pode elaborar uma interpretação diferente para a cada imagem.

Então esse poder auto-identificador da imagem fotográfica não deve ser atribuído à função da imagem, mas sim a uma função do conhecimento e reconhecimento do seu *arché*, que diz respeito ao estatuto da informação analógica e não à sua interpretação. É desse modo que o fotógrafo capta a imagem motivadora espontaneamente, e o receptor identifica a imagem com sua interpretação receptiva, sem que haja necessariamente qualquer relação interpretativa entre produtor e receptor. Tal acomodação é quebrada quando se estabelece um *feedback*; aí se percebe o distanciamento interpretativo, posto que é impossível (pelo menos em sua quase totalidade) que a imagem consiga transmitir a constelação motivadora do fotógrafo.¹⁰

Ao analisar um trabalho historiográfico com imagens fotográficas, se faz necessário recorrer aos explicativos da semiologia. A semiótica é a ciência que estuda qualquer sistema de signos que o homem produz na sociedade, como as imagens, sons, gestos, objetos, etc. Roland Barthes em uma citação feita por Ana Maria Mauad, em *Sob Os Signos da Imagem*, define semiologia da seguinte forma:

A semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos, sejam quais forem a sua substância ou seus limites: as imagens, gestos, os sons melódicos, os objetos e os complexos dessas substâncias que se encontram nos ritos, protocolos, ou nos espetáculos, constituem senão linguagens, ao menos, sistemas de significação (...). Na verdade, os objetos, as imagens, os comportamentos podem significar, e significam muitas vezes, mas nunca de maneira autônoma qualquer sistema semiológico cruza com a linguagem.¹¹

Para Leandro Baller, "entender a semiótica, não se trata, nesse caso, de tê-la como um modelo de análise para a linguagem, compreendendo no interior dessa linguagem tudo que por nós é visto como forma de transmitir alguma informação",¹² e com essa informação, seja possível produzir algo cientificamente.

Os trabalhos historiográficos sobre imagem fotográfica no Brasil ainda são pouco explorados. A busca incessante de historiadores por novas possibilidades de pesquisa tem utilizado nos últimos anos a

¹⁰ SILVA, 2000, p.141

¹¹ Roland, Barthes, Elementos de Semiologia, Lisboa, ed. 70, s.d., p. 7 e 8. In: Mauad, 1990, p. 12.

¹² BALLER, 2008

fotografia como principal fonte histórica.

Na nova realidade das pesquisas historiográficas, é permitido ao historiador entrar na privacidade da memória através do cotidiano contido nos álbuns de família, ou então, em fotografias de revistas, jornais, as oficiais que permitem a construção da representação simbólica do poder público, entre outras. Para Mauad,¹³ todos os estudos em torno da fotografia utiliza uma metodologia histórico-semiótica na análise das imagens fotográficas.

De acordo com Mauad, toda fonte histórica, deve passar por uma análise crítica, e para isso existem metodologias para cada tipo de análise. Com a fotografia não é diferente, mas primeiro é necessário organizar o material, pois cada grupo de imagem fotográfica pode compor uma série, que deve ser trabalhado separadamente.

Deve passar pelos trâmites das críticas externas para, depois, ser organizada em séries fotográficas, obedecendo a uma certa cronologia. Tais séries devem ser extensas, capazes de dar conta de um universo significativo de imagens, e homogêneas, posto que numa mesma série fotográfica há que se observar um critério de seleção, evitando-se misturar diferentes tipos de fotografia.¹⁴

Após organizar as fotografias em séries, deve-se partir para análise do material. Ana Maria Mauad ensina três passos imprescindíveis para a análise histórico-semiótica das fotografias.

O primeiro passo é entender que, numa dada sociedade, coexistem e se articulam múltiplos códigos e níveis de codificação, que fornecem significado ao universo cultural dessa mesma sociedade. Os códigos são elaborados na prática social e não podem nunca ser vistos como entidades ahistóricas.

O segundo passo é conceber a fotografia como resultado de um processo de construção de sentido. A fotografia, assim concebida, revela-nos, através do estudo da produção da imagem, uma pista para se chegar ao que não está aparente ao primeiro olhar, mas que concede sentido social à foto.

O terceiro passo é perceber que a relação acima proposta não é automática, posto que entre o sujeito que olha e a imagem que elabora existe todo um processo de investimento de sentido que deve ser avaliado.¹⁵

No entanto, a cada novo tipo de objeto a ser pesquisado e a cada nova experiência, o pesquisador deve atualizar seu método de análise e tornar a metodologia a mais adequada possível para seu trabalho.

¹³ MAUAD, 1996, p.11

¹⁴ MAUAD, 1996, p. 11

¹⁵ MAUAD, 1996, p. 12

Afinal, as imagens fotográficas permitem ao historiador mergulhar na interpretação da história, acertar detalhes que jamais poderiam ser lembrados apenas pela memória, ir para o passado ou então trazer o passado para a atualidade como uma representante do passado, como afirma Leandro Baller.

A imagem fotográfica é um tipo de fonte que tem o poder de nos remeter ao passado e até mesmo de trazer o passado à superfície da atualidade, revelando assim um tempo e um espaço que fazem sentidos, sejam estes sentidos individuais ou coletivos, com o individual envolvendo uma escolha realizada, ou então pelo coletivo, remetendo o sujeito a sua época, tornando-se uma imagem/documento, ou seja, a mensagem que seprocessa através do tempo.¹⁶

Para Ivo Canabarro, a fotografia não deve ser usada como mera ilustração, e sim como fonte documental da pesquisa.

Salienta-se que as fotografias não devem ser utilizadas simplesmente como uma ilustração do texto verbal, mas como fontes de pesquisas, visto que os elementos que a compõem são recortados de determinados contextos sociais. Embora a fotografia seja uma representação visual, todos os elementos ou pessoas que estiveram por um momento em frente da câmera fotográfica são plausíveis de serem alocados em um determinado tempo e espaço. Esta possibilidade atesta o caráter histórico da fotografia.¹⁷

Dessa forma, Mauad acredita que “a fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou para representar um estilo de vida”.¹⁸

Assim, a importância da imagem fotográfica como fonte histórica é indiscutível. Uma única fotografia pode revelar a parte histórica de uma cidade, de uma família e até mesmo de uma pessoa que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. Ajudam o historiador interpretar a história de uma forma mais ampla e com mais credibilidade.

A FOTOGRAFIA COMO PARTE DO COTIDIANO

Em nosso cotidiano consumimos imagens fotográficas em jornais, revistas, e até mesmo fotografias pessoais. Muitas imagens se tornam históricas e ao olharmos para elas rapidamente já associamos os fatos e os resultados.

¹⁶ BALLER, 2008

¹⁷ CANABARRO, 2005, p.3

¹⁸ MAUAD, 1996, p. 8

Segundo Paulo Knauss,¹⁹ “As imagens pertencem ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana que chegaram até nossos dias”. Portanto, associamos os acontecimentos através da imagem antes mesmo da escrita, sendo assim uma linguagem universal de imagem. É por isso que os veículos de propaganda se utilizam tanto da imagem fotográfica em suas reportagens, as pessoas compram álbum de casamento, formatura, enfim, imagens que registram o momento inesquecível na vida individual e coletiva da humanidade.

A fotografia se tornou um documento indispensável na vida de todas as pessoas. Documento este de tão grande importância que pode ser registrado desde um balançar das árvores, um cair de folha seca no chão, uma cobertura jornalística, e até servir de prova para algum crime.

E os olhos expressivos, as poses compostas, os detalhes bem demonstrados, as palmeiras em balanço, os monumentos das cidades ou o traço simples do casario modesto, as folhas derrubadas, o lixo aglomerado, o carvoeiro tisonado, o instantâneo para o jornal, o improvisado que alcança o incauto e o distraído, a solenidade das festas, as roças, as obras urbanas, os folguedos populares, os deuses e os mitos que assanham multidões, em tudo e por todos os cantos o milagre da fotografia é capaz de desnudar, até o que restar sob as vestes seculares, como o que possa servir de prova e estudos nos laudatórios processos que porfiam entre si em busca da verdade do crime.²⁰

Dessa forma, Sergio Sakall comprova que não é possível fugir da verdade quando há algo que reproduza o fato e o prove. Para Mauad, a fotografia foi vista por muito tempo como uma cópia real do mundo, e assim utilizada nos mais diversos campos de estudo. No entanto, segundo ela²¹ “entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver”.

A fotografia é uma representação do real que se perpetua e se torna história a partir do momento de sua elaboração, é um tempo, um espaço que não se repetirá novamente.

Uma única fotografia pode contar parte da história de uma cidade, de uma família e até mesmo de uma pessoa. Ajudam o historiador interpretar a história de uma forma mais ampla e tornando a história relatada pelo historiador mais precisa e com maior credibilidade. Assim pensa Ivo Canabarro.

¹⁹ KNAUSS, 2003, p 98

²⁰ SAKALL, 2007

²¹ MAUAD, 1996, p 3

A fotografia, como fonte de pesquisa, propicia ao historiador acrescentar novas e diferentes interpretações da história social. A partir da leitura dos elementos que a compõem, compreende-se em detalhes o caráter simbólico, expresso por diversos sistemas de atitudes relacionadas às representações sociais. As imagens fotográficas revelam alguns elementos importantes para o conhecimento da memória coletiva.²²

Em Assis Chateaubriand, no oeste paranaense, é possível encontrar muitas fotos do cotidiano com pioneiros. Dessa forma, a história da cidade e de seus pioneiros é relembrada como uma marca registrada na memória coletiva desta cidade.

Dentro do baú, ou de caixas de sapatos esquecidos no fundo dos armários e gavetas das casas da família Medola, que reside no Ramal Salina, interior de Assis Chateaubriand, há um verdadeiro tesouro, uma história pouco vista nos dias de hoje, a história do cotidiano dessas pessoas, algumas que são raras encontrar como as fotografias do dia-a-dia em seus afazeres diários, outras em momentos de descontração, uma festa de aniversário, casamento, enfim, fotografias que têm o papel de representar a realidade de cada momento em questão. Momentos que não voltarão jamais, mas que ao olhar para a fotografia, quem viveu a ocasião fotografada se lembrará, e quem não viveu, pode imaginar ou identificar o instante perenizado pelo fotógrafo.

Nessa nova realidade das pesquisas históricas, é permitido ao historiador entrar na privacidade da memória através do cotidiano contido nos álbuns de família, ou então, em fotografias de revistas, jornais, etc. Desse modo, a história do cotidiano é realizada a cada momento da vida dos indivíduos ou em meio à comunidade, formando a identidade dos seres e transformando o meio em que vivem com simples atos rotineiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos em torno das imagens fotográficas se tornaram mais acessíveis hoje em dia, apesar de ainda não ser tão fácil quanto parece se livrar da comodidade de pesquisar em livros e em documentos escritos.

No entanto, pode ser mais prazeroso interpretar um fato tendo apoio visual do que através do texto. Assim da junção de textos escritos com a imagem fotográfica é possível conseguir fazer uma interessante pesquisa.

O propósito é investigar a história que está guardada, ou até, esquecida no baú, em gavetas, no armário, ou ainda, nas caixas de sapatos

²² CANABARRO, 2005, p. 25

de algumas famílias que vieram do oeste paranaense na década de 1970. Dessa forma, mostrar a vida cotidiana de Assis Chateaubriand através das imagens fotográficas de arquivos pessoais.

Neste trabalho fez-se apenas a relação da fotografia com a história, salientando sua importância para o historiador, sendo a fotografia vista como uma representação do mundo.

E por fim, para mergulhar nesta proposta de pesquisa é preciso fazer escolhas de forma crítica e responsável, para transformar o ato do fotógrafo em um acontecimento histórico.

REFERÊNCIA

BALLER, L. **Imagem fotográfica**: possibilidades de análise em história. (s.d.) Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&ID=36>>. Acesso em: 02 abr 2008.

CANABARRO, I. **Fotografia, história e cultura fotográfica**: aproximações. Rio de Janeiro-RJ: 2005.

CARDOSO, C.F.; MAUAD, A. M. História e imagens: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro-RJ: Campus, 1997, p.401-417.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 1999. Disponível em:<<http://www.users.rdc.pucRio.br/imago/site/recepcao/textos/debora.pdf>>. Acesso em: 08 abr 2008.

KNAUSS, P. **O desafio de fazer história com imagens**: arte e cultura visual. Niterói-SP: Niterói livros, 2003.

MAUAD, A. M. **Através da imagem**: fotografia e história interfaces. 1996. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/labhoi/modules/rmdp1/uploads/May07nGmehMYF_atraves_imagem.pdf>. Acesso em: 28 mar 2008.

MAUAD, A. M. **Sob os signos da imagem**. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/labhoi/modules/tinyd0/index.php?id=23>>. Acesso em: 01 abr 2008.

SAKALL, S. **A fotografia no Brasil**. Disponível em: <<http://www.sergiosakall.com.br/montagem/fotografia-brasil1.htm>>. Acesso em: 07 jun 2007.

SILVA, H. M. **Alguns apontamentos sobre o uso de fotografias em pesquisas históricas**. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path%5B%5D=161&path%5B%5D=93>>. Acesso em: 01 abr 2008.

A FIGURA FEMININA NO ROMANCE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE JOSÉ SARAMAGO

Eliana Fiorenzano,¹
Eliane Maria Cabral Beck²

RESUMO:

Como já se sabe, Saramago é o autor que dá voz em suas obras aos marginalizados, como pobres, ladrões e principalmente a mulher que sempre ficou em segundo plano, ela, portanto, é a peça fundamental em todos os seus romances. O presente artigo tem por finalidade fazer uma reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, a partir da leitura e análise do romance *Ensaio sobre a cegueira*, do autor português José Saramago.

PALAVRAS- CHAVE: Mulher. Sociedade. *Ensaio sobre a cegueira*.

RESUMEN:

Como ya se sabe, Saramago es el autor que da voz en sus obras a los marginados, como pobres, ladrones y principalmente a la mujer que siempre se quedó en segundo plan, ella por tanto es la pieza fundamental en todas sus novelas. El presente artículo tiene por finalidad hacer una reflexión sobre la mujer en la sociedad contemporánea, a partir de la lectura y del análisis del romance *Ensaio sobre a cegueira*, del autor portugués José Saramago.

PALABRAS-CLAVE: Mujer. Sociedad. *Ensaio sobre a cegueira*.

INTRODUÇÃO

José Saramago nasceu no ano de 1922, na província de Ribatejo, Portugal. No decorrer de sua vida exerceu diversas profissões como: serralheiro mecânico, desenhista, funcionário da Saúde, da Previdência Social e tradutor. Foi no ano de 1947 que publicou seu primeiro livro *Terra do pecado* e a partir de 1976 dedicou-se exclusivamente ao seu trabalho literário. Atualmente mora na ilha Lanzarote, arquipélago das Canárias, Espanha. É com o romance *Levantado do chão* (1980), que Saramago alcançou projeção no mundo literário. Este romance marca o início do estilo saramaguiano de fazer literatura. Mas, é afinal com *Memorial do convento* (1982) que ele ganha o prêmio Nobel de Literatura em 1998. Ele é o único que recebeu Nobel de literatura em língua portuguesa. Dos escritores da literatura portuguesa contemporânea, Saramago é o mais lido e traduzido. Seus livros propiciam reflexões profundas sobre temas variados, que não são apenas de hoje, como: os sentimentos humanos, a solidariedade, o amor, solidão, egoísmo, a falta de consciência do homem, a dominação e

¹ Graduanda no curso de Letras da UNIMEO / CTESOP

² Orientadora, Ms. em Letras.

a manipulação política por parte dos poderosos, etc.

Suas obras quase sempre têm como espaço central a História, sendo chamados de “romances históricos”, *Memorial do convento* e *História do cerco de Lisboa* são exemplos disso. Nestes romances, o autor tenta fazer uma reconstrução, ou melhor, tenta reescrever o passado, para que a partir dele se possa compreender melhor o presente, tendo em vista, quem sabe, o próprio futuro. Conforme Berrini (1998, p. 10), o passado, nas obras de Saramago, é “sempre interrogado a partir do presente do narrador e avaliado no tempo em que ele está a escrever”. Até a década de 90 a História sempre esteve presente nos romances saramaguianos. A partir daí, o autor começou a refletir, em sua obra, temas mais gerais em relação à sociedade contemporânea.

Para SEIXO (1999, p. 93) alguns dos processos reconhecidos como pós-modernos na ficção contemporânea são centrais em Saramago, devido “ao seu gosto de formas de reescrita [...] gosto da correção ou alteração do passado [...] e a adoção, na narrativa, do ponto de vista do outro (o esquecido pela História oficial, o perdedor ou o mal na fita)”.

É difícil, entretanto, definir se Saramago se enquadra no modernismo ou pós-modernismo, tendo em vista ele não ter o mesmo perfil de alguns escritores dessas escolas literárias. Poder-se-ia dizer que ele é um autor complexo ou mesmo autônomo, que tem estilo próprio, independente. O que é perceptível na obra do autor é que ele constrói seus textos com base em problemas reais do homem e do mundo. E, tanto o mundo quanto os problemas nele existentes são vistos e analisados, de modo geral, da perspectiva do homem comum, do ser humano marginalizado, excluído. Temas de apelo social são fortes em seus textos.

Para BERRINI (1999, p. 57), Saramago:

É o sábio experiente que se transforma em condutor, porque tem algo de importante a comunicar.[...]O saber de Saramago leva-o a afastar-se das tarefas do **Poder**, dos horizontes da dominação, e a ver a realidade a partir de perspectivas novas, nascidas do olhar da gente do povo.

ROMANCE

Antônio Cândido em *A Literatura e a formação do homem*, afirma que a Literatura humaniza e influencia o ser humano. Além da função estética, a literatura teria então, na concepção de Cândido, uma função humanizadora e/ou transformadora. Até aqui nenhuma novidade, afinal muitos são os teóricos que tentam atribuir e definir quais seriam as funções da literatura. Mas o que dizer de Saramago que em entrevistas

tem assegurado que seu *Ensaio sobre a cegueira* não é literatura, que a referida obra não é um romance literário. A pergunta que se faz é por que o autor o considera assim? Talvez porque Saramago tome a palavra ensaio apenas em uma das acepções do termo, ou seja, como: **1** Ato de ensaiar; prova, experiência. **2** Exame, análise. **3** Tentativa, tirocínio, adestramento. **4** Experiência para ver se uma coisa convém ao fim a que se destina. **5** Representação, antes da apresentação em público, de uma composição dramática, musical ou coreográfica para obter unidade e perfeita execução. **6** *Lit* Apresentação de um assunto filosófico, científico, histórico ou de teoria literária, que se caracteriza pela visão de síntese e tratamento crítico. (Dicionário Aurélio). Possivelmente por que para ele o livro trata — a exemplo de tantos outros romances já escritos — do mundo em que vivemos, uma sociedade decadente, onde as pessoas são indiferentes e egoístas, e que a probabilidade de haver uma mudança neste quadro é muito pouca. Mas essa perspectiva estaria sendo enfocada num ensaio ficcional e não num romance.

O autor que é comunista, talvez um dos poucos, e ateu declarado, em declarações e entrevistas demonstra não ser otimista em relação à sociedade contemporânea, porém suas obras fazem com que suas palavras caiam por terra. Seus romances são repletos de mensagens, mesmo que implícitas, de esperança e otimismo. Conforme MOISÉS (1999, p.107):

O Ensaio sobre a cegueira pode mesmo parecer, à primeira vista, um agravamento do seu pessimismo. Mas o próprio fato de continuar a dizer “não” à desgraça humana, nesse livro como nos outros, mostra que há alguma esperança: “Enquanto puder, disse a rapariga dos óculos escuros, mantereí a esperança, a esperança de vir a encontrar meus pais, a esperança de que a mãe desse rapaz apareça, Esqueceste-te de falar da esperança de todos, Qual, A de recuperar a visão”. O ceticismo que Saramago tem manifestado, em conferências e entrevistas, com relação à possibilidade de a literatura melhorar os homens e influir na história, é felizmente desmentido em suas obras, por suas personagens e pela própria beleza de seus textos, prova, como toda arte, de que o homem é capaz de transcender a estupidéz do real.

E também conforme Berrini (1999, p.124):

[...] os desfavorecidos, os estropiados, os marginalizados multiplicaram-se e ocuparam o espaço que lhes era oferecido. A mim me parece que esta é uma marca característica e indelével do *humanismo* de Saramago. Presente não só no artista, mas também no homem, que se expressa em entrevistas, em depoimentos, em congressos, em crônicas e

artigos de jornal, etc. Nele sempre, o indefectível amor pela criatura humana, em especial pelos mais desamparados e excluídos. A sua batalha é pela justiça, para que ela reine entre os homens e a favor de *todos*. No mundo ficcional criado por Saramago está presente a sua face. A palavra, no texto, a revela.

Ensaio sobre a cegueira foi publicado em 1995. Implicitamente o título do texto remete à ideia de algo que a humanidade já pratica sem se dar conta, ou seja, lendo o texto verifica-se como poderia ser o futuro se as pessoas não tomassem atitudes de lutar contra aquilo que faz mal a elas. Só que este futuro é o agora, todos sabem onde está o erro, mas se fingem de cegos para não ter de agir. “É uma grande verdade a que diz que o pior cego foi aquele que não quis ver” (p.283), “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêm, Cegos que, vendo, não vêem”. (p.310)

No romance, objeto de estudo, de maneira inesperada e inexplicável uma cidade é vítima de uma cegueira “branca”, as pessoas uma a uma vão ficando cegas. Começa a ser narrado com riqueza de detalhes um cenário de caos, horror, pânico e medo. A reação das pessoas ao cegarem, o choque perante aquilo que até então não tem explicação, nem cura. A epidemia acomete quase todos os habitantes, apenas uma não vem a cegar, uma mulher.

A cegueira tanto pode ser compreendida como uma deficiência visual, à qual foi submetida repentinamente toda uma população — sendo este o sentido explícito, denotativo da palavra cegueira — como também pode ser compreendida como a falta de razão de uma sociedade que não enxerga, muito menos age contra aquilo que a está destruindo. A melhor perspectiva de leitura, sem dúvida, é a da cegueira como metáfora da falta de razão da humanidade.

O ser humano está passivo a fatos que não deveriam ser aceitos por ele, porque tais fatos são ideologicamente tão justificados que o homem convive pacificamente com eles; convive com desgraças e injustiças. Hoje ao se ocultar esta realidade social, dá-se o nome de ideologia, pois através dela os homens aceitam “as condições sociais de exploração e dominação, fazendo com que pareçam verdadeiramente justas” CHAUI (1994, p.21). Neste sentido, as personagens cegam porque a ideologia mascara a realidade de tal forma que ao invés de lutar e banir o que está fazendo mal, apenas ignoram, como se nada existisse. O autor utiliza desta falsa cegueira para dizer não a tudo aquilo que causa a infelicidade e a desgraça humana. Mesmo sendo constantes estes males na sociedade, todos serão contornados por meio do amor, da solidariedade. A cegueira

retrata a loucura, o egotismo, a omissão, o individualismo, a intolerância e depreciação para com o ser humano. É necessário então que o homem cegue para enxergar sua essência e acorde a tempo de restaurar o que está a sua volta. Para Hegel apud CHAUÍ (1994, p.40) “a reflexão significa volta para si mesmo e só a consciência é capaz de reflexão”. E como diz a rapariga dos óculos escuros “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos” (p.262). Uma vez destituído da razão, torna-se difícil ao homem usar sua consciência, mesmo sabendo que é através dela que irá enxergar quem é realmente e retomar seus valores. A destituição ou perda da razão é causada pela ideologia que faz com que as pessoas aceitem determinada condição, sem reflexão, sem que vejam que estão sendo manipuladas por uma poder maior. Será por meio da fraqueza, da dor, e talvez da violência que as pessoas acordarão e sentirão a necessidade de vencer o medo. Medo que oprime e contribui para o estado de alienação “O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (p.131). Vencendo-se o medo o homem começará a suspeitar de valores impostos, reafirmando sua ética, e consciente evitará que fique tudo como está. Conforme SILVA (1999), Saramago “faz do absurdo uma forma de pensar a crise”.

Como diz a epígrafe do livro: Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, ou seja, observar, fixar a atenção, corrigir, recuperar. Não aceitar tudo o que é proposto, ou melhor, imposto, como se realmente fosse o certo ou o melhor para nós, criticar e analisar os detalhes que estão implícitos. Para CHAUÍ (1994, p. 87) “Enquanto a experiência comum de vida for mantida sem crítica e sem pensamento, a ideologia se manterá”. Como a ideologia oculta a dominação real ela é considerada uma força impossível de ser destruída, pois tem como finalidade fazer com que no lugar dos dominantes apareçam ideias verdadeiras, fazendo os homens pensarem que tais ideias representam mesmo a realidade, por fim também faz com que acreditem que essas ideias não dependem de ninguém e não foram feitas por ninguém. No discurso ideológico entre suas partes ou entre suas frases há “vazios” responsáveis pela coerência, esses vazios especificam a parte qual não deve ser dita, ficando subentendido sua compreensão, se o discurso viesse a dizer tudo se quebraria por dentro, há a necessidade desses vazios pois se dissesse tudo, já não seria ideologia.

Lendo o romance como uma metáfora da falta de razão da humanidade, que se deixa dominar por determinadas ideologias, as quais não nascem da maioria dos homens e nem a estes beneficiam, pode se pensar a humanidade de uma perspectiva caótica no que concerne a valores morais e éticos, etc. E, desta perspectiva não haveria, então, esperanças

para o ser humano. Mas é o próprio livro que sugere uma resposta a esse pessimismo, ou seja, o romance abre a perspectiva da esperança, pois o autor usa uma personagem em específico para falar a respeito do amor para com o próximo. Essa personagem é a mulher do médico. Vale ressaltar, como já fora dito antes, a esperança e a crença no ser humano é uma das características marcantes da produção saramagueana.

Já é sabido que Saramago em suas obras dá voz a personagens ditos marginalizados, criaturas que por não se enquadrarem nos padrões “normais” estabelecidos pela sociedade, são considerados inferiores, diferentes ou mesmo estranhos, sendo então desprezados e perseguidos: portadores de deficiência física, hereges, mulheres, ladrões, prostitutas, também pode-se citar as vítimas de poderosos, os fracos e incompreendidos e até mesmo os que pertencem a uma classe social elevada, pois sendo desprezados e perseguidos são considerados diferentes. O autor os privilegia por serem alvo de críticas e discriminação. Em *Ensaio sobre a cegueira*, o núcleo dos personagens é focado neste contexto, há a presença do ladrão, da prostituta, da mulher, da deficiência física, da cegueira. Outro fator a se considerar é que todos os personagens são desprovidos de nome, ou seja, eles não têm aquilo que primeiro identifica uma pessoa. Isto faz com que sejam reconhecidos por uma característica física ou pela profissão que exercem. Esta opção tanto pode reafirmar a afeição do autor por seres anônimos, marginalizados, destituídos de um nome e sobrenome que os fazem ser alguém, quanto permite refletir que a ausência do nome universaliza os personagens, abrangendo todas as pessoas, todos os nomes. Isso faz com que nós leitores sejamos levados para o universo ficcional, compartilhando, a cada página a caótica trajetória das personagens do romance.

Portanto, ao invés de escolher para protagonistas de suas tramas aquele a quem todos estão acostumados a ler, o herói, forte, viril, bonito, ele escolhe o que é rejeitado, o fraco, o discriminado, no caso de Ensaio sobre a cegueira, a discriminada, a fraca. A mulher por ser ignorada socialmente, neste romance é peça central, pois a trama gira em torno de seus feitos, como protagonista é ela quem mais se empenha na ajuda para com seu semelhante e tenta conscientizar a todos quanto a necessidade de transformação da sociedade.

A DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER

Eva não resistiu e comeu do fruto proibido, oferecendo também a seu marido Adão, com isso ambos foram expulsos do paraíso. Poder-se-ia dizer que começa aí a discriminação contra o sexo feminino. José Rivair

Macedo em *A mulher na Idade Média*, mostra que entre os séculos V e XV a mulher muitas vezes foi considerada e tratada como um ser inferior ao homem, sendo excluída de funções do trato administrativo, político, tendo como obrigação unicamente os afazeres domésticos. Deveria ser submissa a seu pai, irmão, marido e até mesmo ao sogro. Sua autonomia dependia muito de sua família, competindo a esta escolha do marido. Na igreja não poderia falar (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 152) “[...] as mulheres estejam caladas nas igrejas. Não lhes é permitido falar, mas estejam submissas, como também ordena a lei. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; pois é vergonhoso que as mulheres falem na igreja”.

Nos costumes bárbaros, a mulher ficava sob o domínio do pai, do marido, ou de algum parente masculino mais próximo. Era dominada de tal forma que atuava somente no meio familiar e quando possuía algum bem, não poderia administrá-lo, sendo este repassado ao marido quando se casava. Depois do matrimônio perdia o direito de herdar os bens paternos e para ajudar também não herdava os do marido. Seria proprietária somente dos que era recebido na ocasião do casamento.

Entre os séculos X e XI nas áreas mais importantes da Europa, as famílias começaram por se preocupar com a manutenção de seus patrimônios e a partir daí o casamento entre os povos europeus era uma espécie de acordo. Assim passou a seguir um costume que beneficiava o sexo masculino na sucessão da herança. O filho primogênito herdava a maior parte dos bens e privando os mais novos do mesmo direito. A mulher mais uma vez saía prejudicada por não ter os mesmos direitos que o homem na partilha da herança e como o objetivo do casamento era a continuidade da linhagem, sendo ela infértil era repudiada. Como já foi dito anteriormente quando ela casava recebia um dote da família com bens a serem administrados pelo futuro marido. Esses dotes dependendo da família da qual originava a moça, eram cobiçados por jovens solteiros pois através deles poderiam se tornar da noite para o dia senhores, ganhando respeito, poder e condição social. Este fato ocasionou um certo problema para os pais, porque de acordo com o número de filhas estes dotes poderiam colocar em perigo a estabilidade financeira da família. A solução foi então diminuir o número de casamentos. Muitas jovens eram enviadas para o mosteiro, fazendo aumentar o número de estabelecimentos religiosos no final do século XII.

Há quem considere a mulher inferior, devido a sua fraqueza perante os perigos da carne. O prazer segundo a moral cristã da época, mantinha o espírito preso ao corpo, impedindo de se elevar a Deus (p. 19). De acordo com essa visão, Deus criou o homem primeiro, o qual foi considerado

sua imagem e semelhança. A mulher, porém, era apenas um “reflexo da imagem masculina, imagem secundária, considerada a responsável pela queda da humanidade no pecado, a dominação do esposo sobre ela e as dores do parto eram vistos como castigo” (p.19)

Boa parte dessas argumentações fundamentou-se em textos bíblicos. Para Buchard de Worms, bispo germânico do início do século XII as mulheres eram “pérfidas, frívolas, luxuriosas, impulsionadas naturalmente para fornicação” (p. 20). Tudo isso porque para moral cristã o sexo deve servir apenas para procriação, condenando-se o prazer físico. No século XI o desejo sexual da mulher era reprimido de tal modo que ela não podia nem expressar seu desejo ao seu marido.

Devido a esta concepção, de que a mulher era fraca aos perigos da carne, muitos homens temiam o adultério. Um inquisidor chamado Amaud Laufre disse que “a alma de uma mulher e a alma de uma porca são quase o mesmo, ou seja, não valem grande coisa” (p. 22)

No século XIII as mulheres eram ensinadas desde pequenas a obedecer. Ler e escrever só se entrassem para a vida religiosa. Aprender a fiar e bordar, entretanto, fazia parte do seu cotidiano. Mas foi com o trabalho que a mulher, lentamente, na longa trajetória da humanidade foi conquistando aos poucos sua emancipação.

Levando-se em consideração que a maioria dos escritos literários foram feitos de acordo com o ponto de vista masculino, a literatura pode nos mostrar uma diversidade de tipos de mulheres, idealizadas e com personalidades que variam de acordo com o meio social e época em que os romances foram escritos.

No século XII, por razões várias, a popularidade da Virgem Maria começou a crescer entre os cristãos e diversos milagres foram a ela atribuídos. Talvez em razão disso, nessa época, as mulheres tenham passado a ser vistas mais à semelhança de Maria, mãe bondosa, mulher pura entre outros, e menos na relação com a Eva pecadora.

A cortesia que surge entre os séculos XII e XIII no Ocidente, permite que a mulher seja evidenciada como a dama cortês. Com isso, no Trovadorismo sua imagem era vista como inacessível, inatingível, adorada. Mas em meados dos séculos XIV e XV a figura da mulher foi denegrada novamente na produção literária. Jacques Le Goff, realizou um estudo sobre os marginalizados no Ocidente Medieval, e verificou que atos e comportamentos de alguns grupos isolados de mulheres que eram consideradas marginais, serviram de justificativa para a exclusão de todas da sociedade.

A presença do sexo feminino nos movimentos hereges era muito forte, o motivo pode ser o espaço dado a elas na pregação, já que a

igreja católica não oferecia esta oportunidade. Entende-se por heresia, doutrinas que são contrárias ao que foi definido pela Igreja em matéria de fé (Dicionário Aurélio). Devido a esta participação, as mulheres foram perseguidas pela Inquisição, ficando este período conhecido como “caça as bruxas”, no qual além de serem perseguidas e presas foram queimadas, acusadas de feitiçaria por participar, pregar nos movimentos hereges e realizar rituais de cura, sendo estes considerados satânicos, portanto deveriam ser sacrificadas. A igreja com críticas severas também perseguiu as prostitutas, mesmo se esquecendo de sua parcela de culpa, pois as limitações sexuais impostas faziam com que o homem as procurasse para obter prazer. A prostituição era a fuga até mesmo para alguns clérigos.

Foi só a partir do século XIX que as mulheres se uniram e começaram a exigir seus direitos como o direito ao voto e à educação. A partir disso, grandes modificações sócio-econômicas nos últimos séculos afetaram a situação da mulher por todo o mundo inclusive no Brasil, acelerando a conscientização de seus direitos, suas possibilidades e os obstáculos que a impediam de crescer.

A maioria das leis hoje são feitas por homens, essas leis ainda privilegiam de certa maneira o sexo masculino, pois são elaboradas de acordo com as formas ideológicas tradicionais. Para CHAUI (1994, p.94) “A dominação de uma classe sobre a outra faz com que só sejam consideradas válidas, verdadeiras e racionais as ideias da classe dominante”, ou seja, as ideias dos homens, ficando o seu trabalho mais valorizado que o das mulheres. A ideologia dominante alimenta as justificativas para a conservação da mulher na tarefa doméstica. O salário menor pago pela mesma função exercido pelo homem é prova disso. Como ela ainda está despreparada para reivindicar igualdade salarial, renuncia e volta para casa.

O mercado de trabalho abre suas portas para as mulheres, mas ainda oferece pouco. Os empregos em que se contratam mulheres são geralmente nos setores mais explorados, como no setor de limpeza, por exemplo. Elas sofrem discriminação antes mesmo de conseguir trabalho, pois muitos empresários consideram que uma mulher poderá, um dia, engravidar e, devido as leis de proteção à maternidade que hoje existem, isso geraria perda de dinheiro e tempo para a empresa. Em razão disso muitas mulheres logo que retornam da licença maternidade perdem o emprego.

De modo geral, a submissão das mulheres está ligada ao longo histórico de inatividade delas, ou seja, durante muitos séculos elas não produziram, ficaram ligadas somente ao trabalho doméstico. Hoje, porém, elas não querem mais ficar limitadas a atividades rotineiras, sem grande

sentido social, isoladas durante horas dentro de casa. O sexo feminino procura se profissionalizar mesmo tendo de aceitar as condições do mundo de trabalho comandado pelos homens, e nem sempre encontram suas aspirações e interesses satisfeitos, porque acabam não fazendo o que gostam apenas se enquadram no que lhe é ofertado.

A ideologia também representa um conjunto de ideias, valores, normas ou regras (de conduta) prescrevendo aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem sentir como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer, apesar disso com as mudanças que ocorrem na sociedade, muitos conceitos e valores foram reformulados ou melhor, aceitos, as pessoas aparentam ter uma mente mais aberta em relação ao divórcio, virgindade, casamento, fidelidade. As mulheres separadas já não são tão perseguidas, lembrando que antes não tinham o direito de largar o marido, a questão da traição onde ela era agredida nua na rua ao ser flagrada no adultério, isso também é passado, a mulher adquiriu direitos iguais ao do homem até mesmo na traição. A mãe-solteira que também sofria discriminação, muitas devido à pressão da família, da sociedade, abandonavam seus filhos em orfanatos, hoje a mulher assume abertamente seu filho, tendo o apoio de sua família. Não se presa tanto o casamento, muitos casais optam por viverem juntos sem tantas formalidades, deu certo casa caso contrário cada um vai para seu canto e não tem burocracia com separação.

Em pleno século XX a mulher é muitas vezes obrigada a sair de casa para trabalhar pois a renda do companheiro é insuficiente, o custo da comida, da moradia, saúde, educação, faz com que vá trabalhar para ajudar a renda familiar. O mercado abre portas a ela, mas para setores pouco remunerados e mesmo exercendo o mesmo serviço que colegas do sexo masculino seu salário é menor, até hoje paga-se menos pelo trabalho feminino. A mulher tem uma dupla jornada, pois é responsável pelo serviço de casa e dos filhos.

O feminismo foi um movimento no qual as mulheres procuravam se firmar contra os preconceitos e discriminações. As mulheres necessitavam formular suas idéias e objetivos no modo qual pudesse conseguir e ganhar o apoio do restante da sociedade, contra a classe que as oprimiam, mas para isso precisavam que tais interesses aparecessem como interesses de toda a sociedade, por isso o movimento feminista. Para CHAUÍ (1994) o poder burguês é formado em sua maioria por homens que discrimina social, econômica, política e culturalmente as mulheres. É um poder patriarcal, fundado na autoridade do Pai (chefe de família, chefe de Estado, etc.), este poder legitima a submissão das mulheres aos homens pela afirmação da inferioridade feminina (física e intelectual) e pela divisão de papéis sociais

a partir de atividades sexuais (maternidade e domesticidade). Partindo dessa ideia, muitos movimentos, feministas vão defender duas ideias, por exemplo, lutar por igual direito ao trabalho e não se submeter ao poder masculino defendendo a liberdade do uso de seu corpo, porque este é propriedade dela e não dos homens (maridos, filhos, chefes, etc.).

A MULHER DO MÉDICO

Uma das possibilidades de o autor ter escolhido uma mulher para ser a única a enxergar em meio a uma epidemia sem lógica, é o fato da sua predileção pelo sexo feminino, como foi dito anteriormente, a mulher até hoje é criticada e vítima de discriminação, sendo considerada sexo frágil por inúmeros motivos. A personagem no romance é chamada de a mulher do médico. Mesmo sabendo que a qualquer momento pode vir a cegar, pois a doença é altamente contagiosa, ela não se deixa afastar de seu marido, o médico, acompanhando-o na quarentena “Pois não, meu amor, não podes, fico para te ajudar, e os outros que aí venham, mas não lhes diga que eu vejo. Quais outros, Com certeza não crês, que vamos ser os únicos, Isto é uma loucura, Deve ser, estamos num manicômio” (p.48). Desde o início da trama mostra-se uma pessoa altamente compassiva para com seu próximo, o amor que ela tem ao semelhante é algo superior a sua pessoa.

A escolha do manicômio para a quarenta também pode ser algo simbólico, este estabelecimento é o local onde são enviadas pessoas que tem seu estado mental patológico caracterizado por desvios, nos quais acarretam comportamentos anti-sociais, ou seja, a loucura, e loucura é sinônimo a falta de razão, metáfora da cegueira branca utilizada pelo autor.

Os cegos vão chegando na ordem a qual foram contagiados, sendo apanhados em suas casas, um após outro, o primeiro de todos o cego do automóvel, o ladrão que roubou o carro dele, a rapariga dos óculos escuros e o garoto estrábico. A mulher do primeiro cego e o velho da venda preta após alguns dias unem-se ao grupo, e estas pessoas conseguem sobreviver as situações mais indignas que um ser humano pode viver graças a mulher do médico. Talvez seja por isso que ela muitas vezes desejou cegar também, para não ter que ver tanto sofrimento, “[...] perdoem-me a preleção moralística, é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o”.(262). Ela é líder e de defensora dos demais, em meio à crise a que estavam postos e sua trajetória percorrida na narrativa, mostra sua parcela de solidariedade em relação aos outros cegos, nos

momentos passados dentro do manicômio e no retorno à cidade. Seu valor é exclusivo porque além de ser a única a ver, manteve sua sensibilidade e compaixão. Isto porém não a impediu de matar o líder de um grupo de cegos adversários no manicômio, que trocava a comida que era para ser de “todos”, mas por meio da violência se apropriou de todas as caixas, com o intuito de conseguir objetos de valor e satisfazer o desejo sexual seu e de seu grupo.

Tentou sem êxito conseguir remédio para o ladrão, uma vez que ele tinha sido agredido sem propósito pela rapariga dos óculos escuros. Para o exército “morrendo o bicho acaba-se com a peçonha” (p.64), havia total descaso para com os cegos na quarentena, o desejo era que todos morressem pois assim a epidemia poderia acabar. Ou talvez não.

Esta mulher por ainda ter o sentido da visão, que naquele momento considerava-se um milagre, começou a sentir-se mal, pois era como se estivesse dentro de um microscópio, observava o comportamento dos cegos que nem suspeitavam da sua presença, para ela isso era indigno e obscuro “ Não tenho o direito de olhar se os outros não me podem olhar a mim, pensou” (p.71). O grupo de contagiados que se encontravam no manicômio, mas em um ala separada, também achavam estranho o seu comportamento:

Entre os cegos havia uma mulher que dava a impressão de estar ao mesmo tempo em toda a parte, ajudando a carregar, fazendo como se guiasse os homens, coisas evidentemente impossível para uma cega, e, fosse por acaso ou de propósito, por mais de uma vez virou a cara para o lado da ala dos contagiados, como se os pudesse ver ou lhes percebesse a presença.(p.91).

Apesar de estarem em condições subumanas a mulher do médico conseguiu conscientizar os cegos da necessidade de organização:

Se não fomos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais, tantas vezes o repetiu, que o resto da camarata acabou por transformar em máxima, em sentença, em doutrina, em regra de vida, aquelas palavras, do fundo simples e elementares (p.119).

A organização também foi um tema na qual tocou o romance, tanto dentro do manicômio como nas ruas, se houvesse a organização as coisas não teriam chegado ao ponto que chegaram:

Não sei como poderemos continuar a viver se o calor apertar, disse o médico, todo esse lixo a apodrecer por aí, os animais

mortos, talvez mesmo pessoas, deve haver pessoas mortas dentro das casas, o mal é não estarmos organizados, deve haver uma organização em cada prédio, em cada rua, em cada bairro. Um governo, disse a mulher, Uma organização, o corpo também é um sistema organizado, está vivo enquanto se mantém organizado, e a morte não é mais do que o efeito de uma desorganização. E como poderá uma sociedade de cegos organizar-se para que viva, Organizando-se, organizar-se já é, de uma certa maneira, começar a ter olhos, Terás razão, talvez, mas a experiência desta cegueira só nos trouxe morte e miséria, os meus olhos tal como o teu consultório, não serviram para nada, Graças aos teus olhos é que estamos vivos, disse a rapariga dos óculos escuros (p.282).

Com seu grupo ela conseguiu trabalhar a organização, mas perto do que se tornou a cidade, havia a impressão que seu esforço estava sendo em vão. Já quando estavam fora do manicômio, a falta de comida, água, luz, higiene, abrigo e segurança, era algo que a preocupava, principalmente por se sentir responsável pelo seu grupo. Milhares de cegos as ruas a procura de comida e abrigo, alguns já mortos, com seus corpos expostos nas calçadas. Quem estava cego não podia ver nem imaginar, mas ela a que tudo via, era impossível não entrar em desespero, ter medo, ou mesmo querer desejar a própria morte. Só que sua reação foi o oposto, não pensava em si, e sim nos outros que dependiam dela, por amor não se deixou abater e continuou até que todos estivessem seguros e em sua casa. Quando a mulher chegou a rua de sua casa, imaginava que esta rua em especial estaria diferente das outras, estaria limpa:

Como o tempo passa, ainda no outro dia fomos felizes aqui, a ela o que a chocou foi a decepção, inconscientemente acreditara que, por ser a sua, encontraria a rua limpa, varrida, asseada, que os seus vizinhos estariam cegos dos olhos, mas não do entendimento. (p.256)

Não só a mulher do médico foi destacada neste romance, todas personagens femininas foram fundamentais para o desenrolar de toda a trama, isto mostra mais uma vez a valorização da figura feminina nas obras de Saramago.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher do médico é peça central no romance, pois a trama gira em torno de seus feitos, por ser ignorada socialmente, como protagonista é quem mais se empenha na ajuda para com o próximo e tenta conscientizar

a todos quanto à transformação da sociedade. O texto é escrito de modo a suscitar no leitor dúvidas se a cegueira é real ou fruto da imaginação dos personagens. Por ser a cegueira algo inusitado há certa hesitação em crer na sua existência e, é através deste recurso, que o narrador manifesta sua opinião a respeito da realidade em que vivemos. Para ele estamos em um mundo de intolerâncias, crueldades, indiferenças. A partir deste prisma impõe-se a interpretação da cegueira não como uma patologia, mas no seu significado mais profundo, não cegueira física, mas psicológica, uma mostra da falta de razão das pessoas no mundo em que se vive. Se a cegueira pode ser interpretada como a falta de razão de uma sociedade, ou a falta de esperança “a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança” (p.204) pressupõe-se que ela ainda exista, esta esperança esta representada na mulher do médico, pois ela com a lucidez de quem ainda enxerga, ajudará ou tentará fazer com que se salve a humanidade.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. (coord.). **Na condição de mulher**. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.
- BERRINI, Beatriz. **Ler Saramago: o romance**. Lisboa: Caminho, 1998.
- I CORÍNTIOS. Português. **Bíblia Sagrada**. Novo Testamento. Rio de Janeiro, RJ: Vida, Cap. 14. versículo 34,35. 1990. p.152.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7.ed. Campinas, SP: Unicamp. 2004.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 38.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ENSAIO. In: MINI DICIONÁRIO Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.p.185.
- HERESIA. In: MINI DICIONÁRIO Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.p.250.
- MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1990.
- MOISÉS, Leyla Perrone. Formas e usos da negação na ficção histórica de José Saramago. In: CARVALHAL, Tania Franco; TUTIKIAN, Jane. (orgs). **Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999. p.101-108.
- SARAMAGO, José. Do volume 5 dos cadernos de Lanzarote. In: CARVALHAL, Tania Franco; TUTIKIAN, Jane (orgs). **Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999. p.153-154.

SEIXO, Maria Alzira. Saramago e o tempo da ficção. In: CARVALHAL, Tânia Franco; TUTIKIAN, Jane (orgs). **Literatura e história**: três vozes de expressão portuguesa. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999. p.91-99.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. Na crise do histórico, a aura da história. In: CARVALHAL, Tânia Franco; TUTIKIAN, Jane (orgs). **Literatura e história**: três vozes de expressão portuguesa. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999. p.109-118.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

O MACHISMO PRESENTE NAS PROPAGANDAS DE CERVEJA

Raquel de Souza Freitas,¹
Eliane Maria Cabral Beck²

Resumo:

Objetiva-se neste estudo analisar um texto propagandístico da *Nova Schin, Cerveja Pilsen*, publicado pela revista “ÉPOCA” em Março de 2004, tendo por base a visão ideológica de machismo que perpassa nos enunciados presentes em tal propaganda. Para tanto será realizada pesquisa bibliográfica baseada nos seguintes teóricos: Helena H. Nagamine Brandão, Marilena de Souza Chauí e Michel Foucault. Segundo Marx apud Chauí (1994, p. 92) “A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens. A ideologia é o processo pelo qual as idéias da classe dominante se tornam idéias de todas as classes sociais, se tornam idéias dominantes.” Embora o machismo do século XXI apareça disfarçado, observa-se que ainda continua vivo em várias situações e de várias formas principalmente ao analisar determinadas palavras presentes em textos midiáticos. Ao conceituar ideologia e observá-la sob a perspectiva da Análise do Discurso, evidenciam-se as marcas de subordinação na relação homem-mulher. Segundo Marx apud Chauí (1994) para se entender a ideologia devemos nos basear na história dos homens, ciência natural, pertencente à ciência da história, pois grande parte da ideologia apresenta uma visão contraditória ou se separa completamente desta história. “A própria ideologia não é senão um dos aspectos desta história”. Observa-se que a propaganda, assim como a publicidade, mobiliza o consumidor por meio de enunciados que apresentam as idéias de uma sociedade e colaboram para a organização social. Busca-se, portanto, perceber como a NOVA SCHIN procura em suas propagandas atingir ao público masculino em especial, pois, em sua maioria as propagandas de cerveja rotulam que ao adquirir o produto a mulher vem acompanhando-a. Nesta propaganda busca-se analisar não apenas o dito, mas também como se diz.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia. Nova Schin. Machismo. Análise do Discurso.

Resumen:

Se objetiva en este estudio analizar un texto propagandístico, *Nova Schin, Cerveja Pilsen*, publicada en la revista “ÉPOCA” de marzo de 2004, teniendo como base la visión ideológica del machismo que perpassa en los enunciados presentes en esta propaganda. Para eso será realizada investigación bibliográfica basada en los siguientes teóricos: Helena H. Nagamine Brandão, Marilena de Souza Chauí y Michel Foucault. Según Marx apud Chauí (1994, p. 92), “La ideología resulta de la práctica social, nace de la actividad social de los hombres. La ideología es el proceso donde las ideas de la clase dominante se vuelven ideas de todas las clases sociales, se vuelven ideas dominantes.” Aunque el machismo del siglo XXI aparezca disfrazado, se

¹ Graduanda no curso de Letras da UNIMEO / CTESOP.

² Orientadora, Ms. em Letras.

observa que todavía que continúa vivo en varias situaciones y de varias formas, principalmente al analizar determinadas palabras presentes en textos midiáticos. Al conceptuar ideología y observarla bajo la perspectiva del Análisis del Discurso, se aclaran las marcas de subordinación en la relación hombre-mujer. Según Marx apud Chauí (1994), para comprender la ideología debemos basarnos en la historia de los hombres, ciencia natural, perteneciente a la ciencia de la historia, pues gran parte de la ideología presenta una visión contradictoria o se separa completamente de esa historia. “La propia ideología no es sino uno de los aspectos de esta historia.” Se observa que la propaganda, así como la publicidad, moviliza al consumidor por medio de enunciados que presentan las ideas de una sociedad y colaboran para la organización social. Se busca percibir como la NOVA SCHIN intenta en sus propagandas alcanzar el público masculino en especial, pues, en su gran mayoría las propagandas rotulan que al obtener el producto, la mujer lo acompaña. En esta propaganda se busca analizar no sólo lo dicho más también cómo se dice.

PALABRAS-CLAVE: Ideología. Nova Schin. Machismo. Análisis del Discurso.

INTRODUÇÃO

Para compreender melhor o conceito de ideologia faz-se necessário perceber as principais discussões a esse respeito. Em 1810 surge o termo ideologia em um livro chamado Elementos de Ideologia, de Destutt de Tracy e que tinha como objetivo tratar as idéias como organismo vivo.

Ideologia é um conjunto de idéias, visões, doutrinas, pensamentos de um indivíduo ou de um grupo, orientado por suas ações e, principalmente, políticas. A dimensão ideológica do discurso pode transformar, reproduzir as relações de dominação.

Um dos conceitos de ideologia apresentado por BRANDÃO (2004, p.19), faz referência aos estudos desenvolvidos por Marx e Engels que “identificam ideologia com a separação que se faz entre a produção das idéias e as condições sociais e históricas em que são produzidas”.

Para isso observa-se a relação entre o social e o político com a produção das idéias, ou seja, a ideologia “trabalha” com a materialidade do homem. Com isso surge uma separação entre trabalho intelectual e trabalho material, em que as idéias, do trabalho intelectual, passam a ser da classe dominante. Segundo CHAÚÍ apud BRANDÃO (2004 p.20): “a concepção marxista de ideologia é a de que ela é um instrumento de dominação de classe. Para isso eliminam-se as contradições entre força e produção, relações sociais e consciência, resultantes da divisão social do trabalho intelectual e material”. Para ALTHUSSER apud BRANDÃO (2004, p.22) “a ideologia em geral seria, no fundo, a abstração dos elementos comuns de qualquer ideologia concreta, a fixação teórica do mecanismo geral

de qualquer ideologia”. Para Althusser, “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência”.

O autor coloca que a relação do indivíduo com as relações de sua existência é imaginária, e é através dessa ideologia imaginária que o indivíduo se relaciona com as condições reais de vida e por ser imaginária, o afasta da realidade.

“Althusser parte da colocação feita por uma corrente idealista que reduz a ideologia a idéias dotadas por definição de existência espiritual. Reconhece-se, dessa forma, que as idéias de um sujeito existem ou devem existir nos seus atos. A existência da ideologia é, portanto, material porque as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. A ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações. Althusser concluiu ainda que a prática só existe numa ideologia e através de uma ideologia”.

Por fim, “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”. O indivíduo torna-se sujeito quando passa pelo processo de constituição, questionamento (interpelação) e conhecimento por meio da ideologia. E é somente como sujeito que a ideologia se faz presente. Segundo RICOEUR apud BRANDÃO (2004, p.24) o conceito de ideologia pode ser entendido a partir de três instâncias. Segundo o autor, a função geral da ideologia é ser mediadora.

“A ideologia é função da distância que separa a memória social de um acontecimento que, no entanto, trata-se de repetir. Ela é dinâmica e motivadora. Impulsiona a práxis social, motivando-a, e um motivo é ao mesmo tempo aquilo que justifica e que compromete. Por isso, a ideologia argumenta, estimula uma práxis social que a concretiza. Nesse sentido, ela é mais do que simples reflexo de uma formação social, ela é também justificação. Toda ideologia é simplificadora e esquemática. É operatória e não-temática. Isto é, ela opera atrás de nós. É a partir dela que pensamos, mais do que podemos pensar sobre ela. Ideologia é conservação e resistência às modificações. O novo põe em perigo as bases estabelecidas pela ideologia”.

Outra instância segundo Ricoeur apud Brandão (2004, p.25) “é a função de dominação, nessa instância, o conceito de ideologia está ligado aos aspectos hierárquicos da organização social cujo sistema de autoridade interpreta e justifica”. E conclui com a função de deformação. (2004, p.26):

“De um lado, temos uma concepção de ideologia geralmente ligada à tradição de Marx, que leva ao escamoteamento da realidade social, apagando as contradições que lhe são inerentes. De outro lado, temos uma noção mais ampla de ideologia que é definida como uma visão, uma concepção de mundo de uma determinada comunidade social numa determinada circunstância histórica. Parece que essas duas concepções não se excluem se partirmos do pressuposto de que a ideologia, enquanto concepção de mundo, apresenta-se como uma forma legítima, verdadeira de pensar esse mundo. Tal modo de pensar, de recortar o mundo – atravessado pela subjetividade – embora se apresente como legítimo, pode ser, no entanto, incompatível com a realidade, isto é, os modos de organização dos dados fornecidos pela ideologia podem ser autônomos, imaginários, fictícios em relação aos modos de organização da realidade. Essa incompatibilidade pode ser vivida de maneira inconsciente”.

Para Foucault (1999) A ideologia deve ser um conhecimento como qualquer outro. Segundo Foucault (1999 p.331):

“A ideologia tem por objeto as idéias, a maneira de exprimi-las em palavras e de ligá-las em raciocínios, ela vale como a Gramática e a Lógica de toda ciência possível. A Ideologia não interroga o fundamento, os limites ou a raiz da representação; percorre o domínio das representações em geral; fixa as sucessões necessárias que aí aparecem; define os liames que aí se travam; manifesta as leis de composição e de decomposição que aí podem reinar. Aloja todo saber no espaço das representações e, percorrendo esse espaço, formula o saber das leis que o organiza. É, em certo sentido, o saber de todos os saberes”.

Ainda de acordo com Foucault apud Destutt de Tracy (1999, p.332), “A ideologia é uma parte da zoologia, e é, sobretudo no homem que essa parte é importante e merece ser aprofundada”. Ou seja, a ideologia é o domínio da ciência natural do homem.

Segundo Chauí (1994), a ideologia trata as idéias como independentes tanto da realidade histórica quanto da realidade social, com isso faz com que as idéias expliquem a realidade e não que a realidade explique as idéias. Ainda para Chauí (1994 p.26) “Ideologia é sinônimo de teoria. Como teoria, a ideologia é produzida pelos sábios que recolhem as opiniões correntes, organizam e sistematizam tais opiniões e, sobretudo, as corrigem, eliminando todo elemento religioso ou metafísico que porventura nelas exista”. A ideologia é “dona do poder”, ela tem o comando sobre as ações humanas, o homem não age mais sem se submeter à ideologia. Segundo Marx apud Chauí (1994), para se entender a ideologia devemos nos basear na história dos homens, ciência natural, pertencente

à ciência da história, pois grande parte da ideologia apresenta uma visão contraditória ou se separa completamente desta história. “A própria ideologia não é senão um dos aspectos desta história”. Para Marx apud Chauí (1994, p.92), “A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens. A ideologia é o processo pelo qual as idéias da classe dominante se tornam idéias de todas as classes sociais, se tornam idéias dominantes”. Estas são algumas determinações que definem a ideologia, Segundo Chauí (1994 p.101):

“A ideologia é resultado da divisão social do trabalho e, em particular, da separação entre trabalho material/manual e trabalho espiritual/intelectual. A ideologia é, pois, um instrumento de dominação de classe e, como tal, sua origem é a existência da divisão da sociedade em classes contraditórias e em luta. Para tanto, é função da ideologia dissimular e ocultar a existência das divisões sociais como divisões de classes, escondendo, assim, sua própria origem. Ou seja, a ideologia esconde que nasceu da luta de classes para servir a uma classe na dominação. A ideologia deve transformar as idéias particulares da classe dominante em idéias universais, válidas igualmente para toda a sociedade. Por ser uma abstração, a ideologia constrói uma rede imaginária de idéias e de valores que possuem base real (a divisão social), mas de tal modo que essa base seja construída de modo invertido e imaginário. A ideologia é uma ilusão, necessária à dominação de classe. Porque a ideologia é ilusão, isto é, abstração e inversão da realidade, ela permanece sempre no plano imediato do *aparecer social*”.

Entende-se, portanto, que a relação existente entre a AD (Análise do Discurso) e a ideologia é a de que o discurso materializa o contato entre o ideológico e o lingüístico.

A Análise do Discurso é uma disciplina originária da França na década de 1960, seu objeto de estudo é o discurso. O Discurso é uma construção social, uma prática social de produção de texto.

A AD é tomada pelo espaço do Marxismo e da política, partilhando convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento social.

Como cita Pêcheux apud Mussalim (2006, p. 105) “não pensa a instituição da AD como um progresso natural permitido pela Lingüística, ou seja, não concebe que o estudo do discurso seja uma passagem natural da Lexicologia para a Análise do Discurso”. Para Pêcheux a AD não é só uma “superação da Lingüística Saussuriana”, ela requer mais do que um estudo lingüístico requer um estudo relativo ao sujeito e à ideologia.

AAD tem como base em seu surgimento o materialismo histórico e o estruturalismo. O contexto histórico-social é para a AD o construtor parcial do sentido do discurso e para isso analisa as condições de produção desse

contexto. Segundo Mussalim (2006, p. 123), "pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos". As condições de produção permitem que o discurso seja produzido e gere determinados efeitos de sentidos e outros não.

A Análise do Discurso refere-se à linguagem à medida que esta faz sentido para os sujeitos em situações de interlocução, mas defende também que a língua apresenta um caráter formal, ou seja, que a língua é regida por leis e regras.

Segundo Foucault apud Brandão (2004, p. 28), "o Discurso é um conjunto de enunciados que se remete a uma mesma Formação Discursiva (FD)". Mussalim (2006) trata a FD como o lugar onde se articulam discurso e ideologia, ou seja, FD é um conjunto de regras que foram determinadas no tempo e no espaço e em uma determinada época, determinando o que pode e deve ser dito socialmente. Essa FD busca um discurso homogêneo, mas existem contradições ideológicas de classes, em que a FD de uma classe social não convém com a realidade de outra determinada classe, estamos discutindo aqui a Formação Ideológica (FI). Na FI existem uma ou várias FDs, portanto, toda FD é governada por uma FI, vale ressaltar que as FDs existentes em uma FI não necessariamente precisam estar em conflito, podem também estabelecer entre ambas uma relação de dominação.

O texto é uma materialidade lingüística dotada de significação, independentemente da sua extensão e inserida num contexto.

Na perspectiva discursiva, entende-se o texto como o resultado do processo de produção de enunciado(s) que produz efeitos de sentido a partir da sua condição de produção.

Tem-se, aí, um movimento de atribuição de sentido ao material, considerando-se a sua situação sócio-histórica. Ler um texto é, em grande parte, dar-se conta de como ele é construído, de que material ele é feito, de como outros textos estão presentes nele.

A PROPAGANDA

A propaganda, assim como a publicidade, colabora para uma organização social, a mídia se caracteriza como influenciadora dos nossos pensamentos, daí a necessidade da busca de sua compreensão, enquanto essência apropria-se de valores já existentes na cultura para adaptar o público as suas necessidades comerciais.

A NOVA SCHIN procura em suas propagandas atingir ao público masculino em especial, na propaganda apresentada na Revista Época em março de 2004 evidencia-se em seus enunciados algumas questões

que merecem atenção, uma delas é que a mulher nesta propaganda é apresentada como parte do produto que está à venda.

Por que Nova Schin? Após um período de crescimento constante, o market share da Schincariol havia se estabilizado em 10%, reflexo de um produto com imagem de marca frágil e que era alavancado somente por uma estratégia de preços populares. Aquele modelo que propiciou excelentes resultados na década de 90, nesse novo momento conduziu a um duplo problema: a vulnerabilidade da marca, com a percepção de “cerveja de pessoas de baixa renda” e de menor qualidade, com um alto nível de rejeição, e a fragilidade do negócio, pois o crescimento constante registrado até então motivou grandes investimentos em infraestrutura (o número de fábricas havia duplicado nos últimos 5 anos) mas com a estagnação, a empresa passou a operar com uma grande capacidade ociosa. A vulnerabilidade da Schincariol se acentuou com a “avalanche” de marcas de baixo preço que passaram a disputar o mesmo espaço mercadológico. Se por um lado, as cervejas populares corroíam a participação da Schincariol, por outro, qualquer promoção das marcas líderes (Skol, Brahma, Antarctica e Kaiser) aumentava o estrago nas vendas.

Foi necessário reinventar o produto principal, construir percepção de qualidade; gerar valor de marca, transmitir imagem de modernidade e buscar a retomada do crescimento e a lucratividade. O raciocínio estratégico estabeleceu as linhas de ação em torno de 4 pilares: Qualidade – Foi preciso revelar as “verdades desconhecidas” do Grupo Schincariol através de uma campanha institucional e, a partir daí, reinventar seu produto, criando um fato significativo para desarmar o receio e o preconceito do consumidor: nova fórmula, novo nome e novo rótulo. Surgiu então a NOVA SCHIN. Auto-estima - a rejeição da marca era tão forte que as equipes de vendas estavam desmotivadas e acomodadas, acabando, por muitas vezes, por utilizar apenas o preço como argumento de venda. Pedida - tendo qualificado a empresa e melhorado o produto, era preciso encontrar uma temática que pudesse mobilizar o consumidor (e os pontos-de-venda) a experimentarem. Fez-se então um convite simples e honesto: “Experimenta. Experimenta”. Consentimento Social: para dar a real concepção do novo e gerar consentimento social para a marca e para o novo produto, foram realizadas algumas ações diferenciadas: Uso de personalidades, calendário de eventos e conquista de pontos-de-venda VIPS.

Esse lançamento se tornou um marco, tanto no mercado cervejeiro quanto na história da comunicação brasileira. O Grupo Schincariol cresceu 40% em um cenário de queda dos concorrentes (Jul/03 a Mar/04) e a Nova Schin cresceu 51,2% no período. O faturamento global de R\$ 1,2 bilhão,

previsto para 2003, surpreendeu, chegando a R\$ 1,6 bilhão. As fábricas passaram a trabalhar em três turnos e o Grupo Schincariol comprou 80 novos caminhões. Primeiro lucro em três anos: R\$ 65 milhões. Pesquisa de recall do Datafolha mostrou a Nova Schin na liderança, três dias após o lançamento; propaganda preferida e mais lembrada, desbancando outra marca de cerveja que estava na liderança por 22 meses. A campanha obteve tanta aceitação junto ao público final e a mídia em geral que o jargão “Experimental, Experimental, Experimental” virou mania nacional.

A propaganda apresentada na Revista Época em março de 2004 evidencia em seus enunciados algumas questões que merecem atenção. A linguagem utilizada em tal propaganda é simples, objetiva e coloquial, justamente para que todos os leitores compreendam a mensagem, no entanto, esta se mostra como marca de um pensar equivocado. Como aspecto ideológico, a mulher, nos informes publicitários é utilizada como centro das atenções, e nesta propaganda é incorporada como objeto de erotismo, desejo e sedução, pois são os mais cogitados objetos nas propagandas de cerveja.

Uma das questões evidenciadas no enunciado é “*neste verão*” que aparece como marca lingüística de que o verão é a estação da “diversão”, praia, sol, amigos, férias, festas e claro, cerveja. A cerveja é atualmente a bebida preferida da população brasileira, onde há pessoas se divertindo há também a cerveja, e no verão a bebida é muito mais apreciada, e a NOVA SCHIN aproveitando-se disso evidencia a estação em suas propagandas. A palavra “experimental” que aparece no texto é um termo pejorativo quando relacionado à mulher que também é citada no texto. Experimentar a mulher como se experimenta uma cerveja, como se a mulher fosse um aperitivo, trata-se da questão de coisificação da mulher, como chamaris para o produto apresentado. Há ainda a palavra “*virgens*” que aparece três vezes no texto, e tudo isso tem uma ideologia. A questão da sociedade e do que foi convencionalizado por ela, a virgindade. Como já citado, a mulher como “aperitivo”, hoje ela é “experimentada”, ou seja, a virgindade, entre as mulheres, que foi convencionalizada pela sociedade é um tema a se discutir, tanto que nesta propaganda as mulheres que devem ser experimentadas não são todas, só as que não são virgens, pois por causa da convencionalização a maioria do público masculino, ainda procura para constituir uma família, mulheres virgens. Portanto, pode-se dizer, que o discurso autoritário, machista, tem se perpetuado e continua se manifestando em outras gerações.

A mídia de uma maneira ou outra mascara esse machismo, tenta de uma forma “leve” aplicá-lo sem que isso fique evidenciado, fazendo com que a maioria do público, até mesmo as mulheres, não perceba tal manifestação.

Observe este fragmento do texto:

Praias virgens.

Matas virgens.

Cachoeiras virgens.

Mulheres.

Neste trecho evidencia-se por meio do discurso machista que o homem tem direito à liberdade, tanto para ir aos lugares públicos quanto para relacionar-se com “mulheres”, ou seja, com mais de uma mulher. A relação de dominação e subordinação existente entre homens e mulheres foi construída historicamente, deixando claro que os homens são possuidores da razão, força e inteligência, enquanto as mulheres nesta relação de subordinadas são movidas por sentimentos, são sensíveis.

Nesta propaganda, como já citado, a análise se dá não só sobre o que se diz, mas também sobre como se diz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manifestação machista, que vem desde muito tempo, ainda é muito forte na relação social do século XXI, e isso ainda é bastante discutido e evidenciado, como podemos observar nesta propaganda, e a Análise do Discurso contribui para tal evidência de como se dá essa manifestação de caráter ideológico, expressada na voz do homem, ficando essa manifestação de domínio e de subordinação na relação homem-mulher, implícita. Aqui não foram observadas todas as possibilidades de análises que se pode fazer em uma propaganda com a AD, somente a presença da ideologia, pois a intenção foi perceber como a concepção masculina percebe a figura feminina e como isso é veiculado na mídia.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo-SP: Brasiliense, 1994.

FOLCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1999.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**. São Paulo-SP: Cortez, 2006.

ÉPOCA Revista. **Nova schin**. São Paulo-SP: Globo, 2004, n°. 302, p. 10-11.

PIRES, Vera Lúcia; RODRIGUES, Elaine M. G. A relação ideológica na representação do masculino e do feminino no discurso do homem gaúcho pg. 359. In: **Jornada de estudos lingüísticos e literários**. Marechal Cândido Rondon-Pr: Edunioeste, 2006.

ROSA, Keli Adriana Vidarencoda. Duloren: seduções. In: **Jornada de estudos lingüísticos e literários**. Marechal Cândido Rondon-Pr: Edunioeste, 2007. p. 354.

KAFKA E A LINGÜÍSTICA TEXTUAL EM O PROCESSO

Adenilson de Barros de Albuquerque¹
Eliane Maria Cabral Beck²

Resumo:

O presente trabalho propõe uma leitura de dois aspectos do romance *O Processo*, do autor checo Franz Kafka, à luz da Lingüística Textual. Nessa obra mundialmente conhecida as tentativas de interpretá-la são várias. Os personagens e as situações que a compõem são misteriosos e conseqüentemente convidativos à reflexão. Por meio, principalmente, dos conceitos de coerência e inferenciação defendido pela Lingüística Textual agregaremos mais um ponto de vista ao texto kafkiano.

Palavras chave: Interpretação. Coerência. Inferência.

Resumen:

El presente trabajo propone una lectura de dos aspectos de la novela *O Processo*, del autor checo Franz Kafka, basado en la Lingüística Textual. En esa obra mundialmente conocida los intentos de interpretarla son muchos. Los personajes y las situaciones que la componen son misteriosos y consecuentemente invitativos a la reflexión. Por medio, principalmente, de los conceptos de coherencia e inferenciación defendido por la Lingüística Textual agregaremos un punto de vista más al texto kafkiano.

Palabras llave: Interpretación. Coherencia. Inferência

INTRODUÇÃO

“Existe apenas um meio de evitar o trabalho de interpretar *O Processo*: não ler olivro”. Essas são as palavras utilizadas por Erich Heller (1976) em um ensaio sobre o livro do escritor checo, de expressão alemã, Franz Kafka. Por termos lido essa obra singular de uma temática não incomum, mas poucas vezes abordada com inteligência na literatura universal, a do “absurdo”, estamos condenados ao trabalho de interpretá-la. Os vieses e perspectivas que se usam nas tentativas de decifrar o romance escrito pelo homem que Jorge Luis Borges (1983) afirmou ser “o maior escritor clássico deste tumultuado e estranho século”, séc. XX, são vários, já que “em Franz Kafka tudo é surpreendente. Quando acreditamos tê-lo compreendido por inteiro surge-nos, de modo inesperado, sob um ângulo muito diverso daquele sob o qual o considerávamos” (GUIMARÃES, 2004, p. 11). Neste estudo mais alguns pontos de vista serão lançados e o que embasará esta tentativa de interpretar a realidade na qual Josef K., personagem principal em *O Processo*, participa será a Lingüística Textual.

¹ Graduando do Curso de Letras da UNIMEO/CTESOP.

² Orientadora, Ms. em Letras.

SÍNTESE DO ROMANCE

A trama tem início com a visita a Josef K. de dois guardas enviados por uma justiça acusadora e julgadora. A princípio o personagem K., o qual por essa simples letra é referido praticamente em todo o romance, não dá importância às acusações a ele apresentadas. Tem certeza de sua inocência e plena consciência que jamais violou as leis de seu país ou de qualquer lugar do mundo. Mesmo convicto de não ser um criminoso K. fica, nos dias seguintes à visita, remoendo as palavras dos guardas as quais, somadas aos acontecimentos que começam a lhe ocorrer, decide comparecer ao incomum tribunal para comunicar aos desconhecidos acusadores do erro que cometem e provar, se for preciso, sua inocência. O lugar não era digno de um tribunal. K. até pensou ter confundido o endereço, pois o que via era um conjunto de pequenos edifícios paupérrimos, homens conversando, mulheres lavando roupa e crianças correndo ao mesmo tempo que gritavam. O quase nada que K. conseguiu foi descobrir que tinha chegado atrasado, trocar poucas e improdutivas palavras com um tal juiz de instrução que fazia anotações em um caderno em frangalhos e presenciar uma cena erótica entre um dos presentes e a mulher que K. encontrou, há mais ou menos uma hora, carregando um cesto de roupas. Foi ela mesma quem o levou aos domínios do tribunal.

Deste primeiro contato com a justiça que lhe acusava e as peculiaridades que a envolviam em diante, a vida de K. tornou-se turbulenta. Ficou sabendo da existência de muitos outros acusados, advogados especializados e juízes. K. não trabalhava nem agia mais como antes. Seu processo e suas preocupações se agravavam. Tentou contatos com um renomado advogado indicado por seu tio que veio do interior depois de ficar sabendo do processo do sobrinho. Procurou um medíocre pintor italiano conhecedor dos meandros daquela obscura justiça indicado por um comerciante também acusado. E por último, na catedral do centro da cidade, teve contato com um sacristão o qual lhe contou uma espécie de parábola sobre um velho que, diante da porta da lei, guardada por um homem que também não a conhecia, esperou muitos anos e morreu sem conhecê-la.

Das tentativas referidas acima nenhuma lhe aclarou a respeito de seu processo.

A justiça, as leis e os envolvidos neste estranho mundo à parte continuavam indecifrados. E na noite anterior a que K. completaria seus trinta e um anos, dois homens o mataram encravando-lhe uma faca no coração. Eles pareciam não querer executar o “serviço”, mas executaram-no, eram ordens. K. não lhes impôs resistência.

Antes de morrer balbuciou para si duas palavras: “- Como um

cachorro!” e o narrador finalizou “– era como se a vergonha fosse sobrevivê-lo” (KAFKA,2004, p.254).

DOIS ASPECTOS

Brevíssimo resumo feito, sugeriremos um ponto de vista significativo a dois aspectos do texto escolhidos. Mas antes, porém, vale lembrar que nossa intenção não é questionar os atributos literários do romance, visto que alguns críticos rasgam elogios ao passo que Heller (1976), para tomarmos um exemplo, afirma ser o texto “...falho na estética e – no caso é a mesma coisa – na lógica ética”. Escreve que por ele não apresentar um fim “...estava condenado ao fragmento e, como romance, ao insucesso...” acrescentando logo adiante que Um pesadelo não se transforma em romance, mesmo quando acompanhado e elaborado episódio após episódio. E um final, inatacável em seu rígido finalismo, é estética e eticamente ofensivo, se sustentando apenas numa seqüência de cenas arbitrariamente prolongadas,... (HELLER, 1976).

Nosso objetivo, pelo contrário, é unicamente apresentar algumas reflexões a respeito de personagens e situações contidos na obra embasados na teoria já referida e ficar fora dessa literária “briga de gente grande”.

Uma pergunta que temos a fazer, antes de começar a palpitar sobre os elementos presentes no romance é se ele é, afinal, coerente ou não, isto é, se faz ou tem algum sentido. Para responder essa questão recorreremos à *Linguística Textual*. Em Koch & Travaglia (1999) encontramos algumas respostas a respeito do que é um texto coerente. Entre tantas destacamos três: “texto coerente é o que ‘faz sentido’ para seus usuários” (p. 32); “a coerência não é apenas uma característica do texto, mas depende fundamentalmente da interação entre o texto, aquele que o produz e aquele que busca compreendê-lo” (p. 38); “Para que a coerência possa ser estabelecida é preciso haver correspondência, ao menos parcial, entre os conhecimentos ativados a partir do texto e o conhecimento de mundo do receptor, armazenado em sua memória de longo termo” (p. 61).

Ao somarmos o conhecimento de mundo, aquele que, segundo os autores citados acima, “resulta de aspectos socioculturais estereotipados” (p. 63) ao coeso texto de *O processo*, visto que “a coesão refere-se à estruturação da seqüência superficial do texto e à sua organização linear sob o aspecto estritamente lingüístico”.(p. 21) e não ao que ele apresenta ou deixa de apresentar semanticamente, podemos estabelecer sentido aos aspectos escolhidos do romance. A soma é necessária porque a coesão sozinha “contribui para estabelecer a coerência, mas não garante sua

obtenção”. (Tannen, apud. Koch & Travaglia, 1999, p. 23).

Sabendo que *O Processo* é um texto não muito fácil de compreender, “a história pouco importa; o enredo pode seguir todas as variantes; o que realmente tem valor são as reações humanas ou sobre-humanas, são os choques de idéias” (GUIMARÃES 2004, p. 32), e exatamente isso o torna incoerente aos nossos olhos de mortais leitores. Busquemos então alguma coerência, já que ela é construída e não imposta.

PRIMEIRO ASPECTO

O primeiro aspecto, agora sim, a ser analisado é a forma como o autor se refere ao personagem principal em 99,9% da obra. A simples e única letra K acompanhada de um solitário ponto (K.) aparece centenas de vezes, enquanto seu nome completo, ou melhor, seu primeiro nome seguido da pontuada letra, Josef K., é referido somente em poucos momentos: na página 62, quando o protagonista é provocado por um inspetor e grita lentamente seu próprio nome; no capítulo VI, em que seu tio, chegado do interior, o trata pelo primeiro nome; e na página 196, quando Leni, espécie de secretária de um advogado, o recebe carinhosamente no escritório do velho conhecedor dos trâmites judiciais. Até aí tudo bem. Um autor pode nomear seu personagem como bem lhe aprouber; mas se considerarmos que esse autor é Franz Kafka e que a obra em análise permanece sujeita a uma infinidade de interpretações, não podemos desconsiderar esse aspecto o qual, ao menos para o desenrolar deste estudo, possui alta relevância.

Como alicerce sustentador de nossa tentativa de dar sentido aos nossos dois pontos do texto kafkiano, visto que, para Koch (2003, p. 17) “o sentido de um texto é[...] *construído* na interação texto sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação” usaremos o conceito denominado *inferência* a qual, para Beaugrande e Dressler, apud. Koch & Travaglia (1999, p.70) é a operação que consiste em suprir conceitos e relações razoáveis para preencher lacunas (vazios) e descontinuidades em um mundo textual.

Para eles, o inferenciamento busca, pois, sempre resolver um problema da continuidade de sentido.

Existe quem analise a produção literária kafkiana, principalmente *O Processo*, como um alterego do autor, “... todos seus personagens, que são, afinal, seus próprios reflexos, são pessoas ou animais que temem algo, e nem mesmo podem explicar a origem ou a causa de seu temor” (GUIMARÃES apud KAFKA, 2004, p. 17), que K. é a abreviação de Kafka: “...Kafka afirma que seu K. - isto é, ele próprio – é culpado da deficiência de viver aqui e agora, culpado de falta de fé na vida, a verdadeira vida...”

(HELLER, 1976), portanto, os problemas do personagem são os mesmos do autor.

Esses pareceres não podem ser descartados. Já que em se tratando de Kafka sempre podemos esperar o inesperado, essas afirmações são valiosas.

Nosso foco, porém, atribui, sem desconsiderar a evidente proximidade pessoal, espiritual e nominal entre Kafka e K., a essa maneira de nomear o personagem proporções universais. Baseados na postulação de que a “construção do mundo textual vai depender largamente das *inferências* que o interpretador faz ou pode fazer” (KOCH & TRAVAGLIA, 1999, p. 48) vemos essa singularidade como uma forma de descentralizar os problemas do personagem Josef K. As ações e as situações que o envolvem não são inerentes a ele apenas. Elas dizem respeito a todo ser humano. A diferença é que Kafka as compreendeu em sentido mais amplo, juntou o conhecimento de sua personalidade ao das regras do seu sistema social e, talvez por isso, afirmou: “não tenho nenhuma das qualidades necessárias para vencer na vida” (2002, p. 119). A letra K, para nós, será um elemento “X”: o “em potencial”. Por isso, de agora em diante, não consideraremos *O Processo* como a história de Josef K., um bem sucedido bancário repentinamente envolvido em um implacável processo, mas como a história de todos nós, presos às convenções e condenados a viver sob leis sistemáticas sem considerarmos ou percebermos que somos livres, nem que essa liberdade seja simplesmente a de pensar. Dessa forma, as situações ou momentos que cruzam o caminho de Josef K. serão analisados como comuns à vida dos seres humanos. E nós não percebemos por estarmos alienados e contaminados pelos sistemas os quais, apesar de mudarem suas regras em épocas distintas, são sempre repressivos.

SEGUNDO ASPECTO

Ao segundo aspecto que sugerimos uma ótica significativa chamaremos de “liberdade”, esta no sentido da “condição de um indivíduo não ser submetido ao domínio de outro e, por isso mesmo, de ter poder sobre si mesmo e sobre seus atos”. (1998, p. 20)

Da mesma forma que Franz Kafka estava preso às influências que seu pai detinha sobre ele, estamos presos ao sistema, em nosso caso, capitalista. Kafka tentou delas tornar-se livre por meio da atividade literária, mas “naturalmente, tratava-se de um engano; não o era, ou, no caso mais favorável, ainda não era livre. Meus escritos tratavam de ti; neles, lamentava o que não podia lamentar sobre teu peito”. (KAFKA 2002, p. 104)

Procuramos ser livres a todo momento. Pensamos ser livres em vários momentos. Isso é um engano. Lembremos das palavras do eclesiástico na catedral:

“Antes de tudo, o homem livre é superior àquele que está preso a alguma coisa. Pois bem o homem é realmente livre, pode ir onde lhe agrada, pois apenas a entrada na lei lhe está proibida”. (KAFKA, 2002, p.244).

Ancorados na proposta da Lingüística Textual a qual nos deixa “à vontade” para inferirmos algo sobre o que está dito, atribuiremos ao termo *lei* o sentido de *sistema opressor*, como é o caso do capitalista. A entrada na lei assim como ir contra o sistema sem sofrermos algum tipo de retaliação nos é impossível. O *ser livre*, o *ser superior*, o *ir onde nos agrada* não nos é tão simples assim. A liberdade do homem é construída de acordo com a ideologia que o sistema nos apresenta por meio da classe dominante, porque “suas idéias e valores são dominantes, e mantidos pelos dominados até quando lutam contra essa dominação”. (CHAU,1994, p.110)

Os próprios dominantes precisam seguir suas regras, caso contrário suscitaria uma “crise hegemônica” (conceito gramsciano) que “só ocorre quando, além da crise econômica e política que afeta os dirigentes, há uma crise de idéias e valores dominantes”(CHAU,1994, p. 110). Definitivamente não somos nem estamos livres.

No capítulo III do romance em estudo podemos notar, alegoricamente, esta maneira de como a liberdade nos é apresentada. A mulher do porteiro dos tribunais, mesmo que esse não tenha sido o verdadeiro objetivo de Kafka, junto de seu marido e um jovem estudante representam bem essa idéia de “falsa liberdade”.

Em um dia em que não havia sessão K. estava conversando com ela. Em um dado momento o estudante aparece e a toma para si: “O estudante lançou um rápido olhar para K. por cima do ombro da mulher, mas não parecia estar incomodado porque se apertou ainda mais contra ela e a abraçou. A mulher baixou profundamente a cabeça em atitude de estar ouvindo-o com grande atenção; então, quando ela abaixou a cabeça, o estudante beijou-a ruidosamente no pescoço sem deixar, porém de lhe falar” (KAFKA, 2004, p. 88). K. sentiu-se derrotado, mas “sofrera essa derrota porque ele tão-somente provocara a luta. Se tivesse ficado em casa e levasse sua vida comum seria mil vezes superior a essas pessoas as quais poderia afastar de seu caminho com um simples ponta pé”(p. 90).

Depois de o estudante ter levado a mulher do quarto onde passara a cena da página 88, aparece seu marido. Ele trava uma conversa com K. que, curioso sobre a opinião do porteiro a respeito do que sucedera, obtém respostas do tipo: “Se eu não precisasse tanto do meu cargo, há muito tempo que eu teria amassado o estudante contra a parede”(p. 92)

ou, “minha mulher é sem dúvida a mais formosa de toda a casa, e eu sou o que estou em piores condições de defender-me” (p. 92).

Desses fragmentos podemos notar que o estudante queria a mulher e a conseguiu facilmente. Se a tomarmos como a representação da liberdade, e esse é nosso objetivo, podemos fazer uma ligação entre juventude (estudante) e liberdade. Os jovens a buscam sem medir esforços e conseqüências. Um exemplo disso são as “tribos” punks, hippies, etc, que não seguem convenções ou regras externas. Eles buscam suas liberdades e é só isso que a eles importa.

Quanto ao marido, ele sabe que ela é muito importante, entretanto não pode tê-la para si da maneira que acha conveniente. Ele precisa aceitá-la da forma que lhe é oferecida, caso contrário, perderá seu cargo dentro da justiça (do sistema).

Desta forma são os pais de família os que têm algum tipo de responsabilidade com outras pessoas ou para si mesmos. Já não são mais como os jovens, “livres de responsabilidades”. Ao contrário, precisam sobreviver dentro de um sistema e, para isso têm que jogar segundo as regras estabelecidas.

Ao contrário de K., Franz Kafka, em sua *Carta ao meu pai* parecia não querer provocar luta nenhuma muito menos poder se livrar do *sistema* com um simples pontapé. Nela ele faz uma adaptação de uma parábola que ilustra bem essa relação entre ele e as condições as quais todos estamos sujeitos: “Nada tenho na mão, tudo está sobre o telhado, e, contudo (tão decisivas são as circunstâncias da luta e necessidade da vida), devo escolher o nada” (KAFKA, 2002, p. 115).

Há muito de Franz Kafka em *O Processo*, mas também há muito de todos nós e da realidade na qual vivemos. A questão é que a maioria das pessoas aceitam o poder que o sistema exerce sobre elas sem sequer compreendê-lo. Alguns compreendem e mesmo assim o aceitam. Kafka compreendeu e não aceitou-o, não conseguiu aceitá-lo (suportá-lo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não intencionando implantar uma “verdade” sobre o romance kafkiano analisado, visto que se trata de uma obra literária, esse artigo buscou somente acrescentar à montanha de conclusões existente sobre *O Processo* mais uma. Não são os picos mais altos que os grandes alpinistas desejam? Quem sabe esse nosso parecer não ajude alguém escalá-la e perguntar ao próprio Kafka o que significam as claras palavras do seu texto obscuro.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis. *Escrita atemporal*. **Folha de São Paulo**, 10/12/1983. Disponível Em:<<http://www.espacoacademico.com.br>> Acesso em: 25 JUL 2008.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 38ª ed. – São Paulo-SP: Brasiliense, 1994.
- GUIMARÃES, Torrieri. *Prefácio*. In: KAFKA, Franz. **O processo**. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo-SP: Martin Claret, 2004.
- HELLER, Erich. *Kafka: O processo*. Tradução de James Amado. São Paulo,SP: Cultrix & Editora da USP, 1976. Disponível:<<http://www.espacoacademico.com.br>> Acesso em: 25 jul 2008.
- KAFKA, Franz. **O processo**. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo, SP: Martin Claret, 2004.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose / Um artista da fome / Carta ao meu pai**. São Paulo-SP: Martin Claret, 2002.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo, SP: Martins Fontes. 2004. (Coleção texto e linguagem).
- KOCH, I.G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2.ed. - São Paulo,SP: Cortez, 2003.
- KOCH, I.G. V. ; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 6.ed. - São Paulo,SP: Cortez, 1999. (Biblioteca da educação - Série 5 - Estudos de linguagem; 4).
- LIBERDADE. In: NOVA ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro, RJ: Encyclopaedia Britannica, 1998.v 9, p. 20-22.

TRIGONOMETRIA NO SETOR DE FERRAMENTARIA – METALÚRGICA

Claudinei Gomes de Oliveira¹

Agnaldo Passolongo Preti²

Resumo:

Esta pesquisa apresenta como justificativa a necessidade de se utilizar a contextualização, para melhorar o processo de ensino e de aprendizagem da matemática dentro e fora das salas de aula. A proposta tem como base a utilização da trigonometria para a fabricação de peças diversificadas na área de ferramentaria. Passando a idéia para alguns alunos e fazendo com que eles possam utilizar a matemática dentro desta proposta. O objetivo é obter uma grande reciprocidade no ensino - aprendizagem, com a qual a identificação seja imediata por parte dos alunos que, ajudando a quebrar os velhos métodos tradicionais, pois consideramos os mesmos ultrapassados e sem motivação para que o educando sinta o despertar, o gosto pela busca do conhecimento. Na seqüência, apresenta-se um estudo sobre os fundamentos da contextualização.

Palavras-chaves: Contextualização. Conhecimento. Aprendizagem.

Abstract:

This research presents as justification the need to use the contextualization, to improve the process of teaching and learning of mathematics in and out of classrooms. The proposal has as base the use of trigonometry for the manufacture of parts sundries in the area of tooling. Turning the idea for some students and so that they can use the math in this proposal. The goal is to get a great reciprocity in education - learning through the same, with which the identification is immediate on the part of students, helping to break the old traditional methods, because we consider outdated and no motivation to feel that student the feels, a taste for pursuit of knowledge. In the sequence shows a study about the fundamentals of the contextualization
Keywords: Background. Knowledge. Learning.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar uma proposta para promover a aprendizagem da matemática, por meio de um ensino dinâmico e criativo da trigonometria, a partir de sua utilização na área da metalúrgica, especificamente na ferramentaria. Vários fatores são apontados como causa da dificuldade de aprendizagem dos conteúdos desta disciplina, como a má distribuição dos conteúdos, a não contextualização, o ensino mecânico de fórmulas que geralmente são lançadas ao educando sem

¹ Graduado em Matemática, Especialista em Educ. Matemática – CTESOP.

² Orientador, Ms em Engenharia Agrícola – Unioeste.

razão de ser e, principalmente, a falta de ligação da teoria e da prática durante o ensino.

Na seqüência, apresentamos um estudo sobre os fundamentos da contextualização. Refletindo sobre a prática em sala de aula, percebe-se uma extrema necessidade de mudança na metodologia de ensino, principalmente nas aulas que trata do conteúdo Trigonometria.

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA MATEMÁTICA ESCOLAR E A CONTEXTUALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Pode-se mencionar que a matemática em grande medida foi resumida em definições, fórmulas que devem ser decoradas, resoluções de exercícios repetitivos e padronizados, deixando para trás a matemática que os alunos encontram diariamente quando: compram lanche, dividem um doce, fazem pesquisa de preço e conferem o troco em supermercados.

O ensino da matemática está cada vez mais defasado no que faz menção à transmissão de informações e conhecimentos que, na grande maioria das vezes, não satisfazem o aprendizado dos educandos. Gasta-se mais tempo treinando cálculos mecânicos do que trabalhando no desenvolvimento de idéias. O'BRIEN (2000) justifica que "Se calcular trouxesse algum ganho de inteligência, os computadores seriam grandes gênios, pois não há quem bata a rapidez com que calculam, ou melhor, desde que haja alguém para ligá-los, digitar os comandos adequados e avaliar os resultados obtidos".

Por muito tempo, a metodologia de ensino da matemática tem sido a prática oral e expositiva. O ensino da matemática, diversas vezes, se opõe a uma citação de VIGOSTKY (1988), o desenvolvimento é fruto de uma grande influência das experiências. E é certo que, a matemática, quando ensinada através de números e letras, como se fossem códigos secretos, sem nenhuma ligação com suas aplicações, não influenciará no desenvolvimento dos educandos.

Analisando as dificuldades mencionadas até o momento, certifica-se que o ensino da matemática da forma que está, não oferece boa formação aos educandos, por ser antiquado e desligado da realidade.

A CONTEXTUALIZAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA

Vimos que o ensino da matemática necessita de modificações. Uma das alternativas é o uso da contextualização no processo de aprendizagem.

A qualidade da educação não se mede pelo volume das noções e dos conceitos; estes, pelo contrário, quando inculcados pelos processos usuais de ensino, constituem falsas aquisições, pelas quais os seus possuidores, no sistema de trocas que funciona na vida real, não obterão valores autênticos e úteis. A verdadeira educação concentra o seu interesse antes sobre os processos de aquisição do que sobre o objeto que eles têm em vista, e a sua preferência tende, não para a transmissão das soluções já feitas, acabadas e formuladas, mas para as direções do espírito, procurando criar, com os elementos constitutivos do problema ou da situação de fato, a oportunidade e o interesse pelo inquérito, a investigação e o trabalho pessoal em vista da solução própria e adequada e, se possível, individual e nova (BICUDO, 1942, p. 639).

Em vista destes argumentos, deve-se estar atento ao objetivo do ensino da matemática que, não é apenas desenvolver o raciocínio do educando, mas também o desenvolvimento de outras potencialidades intelectuais, diretamente ligadas à utilidade e aplicações da Matemática, ou seja, ao que hoje se nomeia Contextualização. Segundo D'AMBROSIO (2002, p.22), "há inúmeras maneiras de se fazer e de se aprender algo, algumas dão privilégio a comparar, a classificar, a quantificar, a medir, a explicar, a generalizar, a inferir e, de alguma forma, avaliar". Trata-se então, de um saber e fazer matemático na busca de explicações e de maneiras de lidar com o ambiente imediato e remoto. Deve-se estabelecer semelhanças e não diferença entre a teoria e a prática. BOYER; KLEIN (1996, p. 27) "As relações puramente lógicas devem ficar, por assim dizer, como o esqueleto do organismo da matemática, que dá a esta solidez e certeza".

Precisamos de um professor com papel de orientador das atividades que permitirão ao aluno aprender, que seja um elemento motivador e incentivador do desenvolvimento de seus alunos, que esteja atento para mostrar o progresso deles, bem como corrigi-los quando necessário, mas durante o curso, com tempo de seus aprendizes poderem aprender no decorrer dos próximos encontros e aulas que tiverem (MASSETTO, 2003, p. 29).

Em vista a tudo o que foi citado anteriormente, certifica-se que há uma real necessidade da utilização da Contextualização quando se trata de ensino e de aprendizagem dos conteúdos matemáticos. Assim, pode-se criar várias utilizações do cotidiano para se ensinar matemática em sala de aula, como por exemplo, os conteúdos de relações trigonométricas e de funções trigonométricas que podem ser contextualizados através da ferramenta facilitando o aprendizado da Trigonometria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de algo cotidiano pode-se ensinar a matemática mencionada no desenvolvimento deste trabalho, o ensino da matemática direcionada para as situações problemas, ou seja, para a vida real do educando faz com que este descubra o caminho para o conhecimento.

Existem vários meios de trazer o aluno para dentro do conteúdo matemático. A contextualização realiza esse processo de aplicação da prática na teoria de forma que os educandos conseguem aprender a matemática e não apenas decorar para determinada avaliação. A contextualização é a melhor proposta para quebrar as dificuldades encontradas tanto pelos educadores quanto pelos educandos em relação à aprendizagem da matemática. É preciso ter firmeza na concretização da meta de haver um ensino através da contextualização, no qual o professor deve ser o facilitador, o mediador e o incentivador, e o aluno deve ser o agente de construção de seu próprio conhecimento, ou seja, os educandos irão à escola não para assistir aulas, e sim para participar ativamente da construção de uma base sólida desta disciplina, que lhes dará sustentação em todas as situações presentes em suas vidas, dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

- BOYER, C.;KLEIN, B. **História da matemática**. Trad. Elza, F. Gomide. São Paulo-SP: Edgard Blücher, 1996, p. 21.
- BICUDO, A. V. **Educação matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo-SP: Cortez, 1942, p. 156-640.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 2. ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2002, p. 22-77.
- MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo-SP: Summus, 2003, p.29.
- O'BRIEN, T. **Desafios e investigações**. 3. ed. São Paulo-SP: Callis, ago. 2000.
- IGOSTKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo-SP: Ícone, 1988.

O USO DO COMPUTADOR NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Franceline Ângela Ott¹
Wellington Donizeti Previero²

Resumo:

Busca-se neste trabalho discutir o uso do computador no ensino da matemática. Para que este ensino se concretize de forma definitiva, é preciso que se faça uso dos avanços tecnológicos, tais como computador, pois este também motiva o aluno a estudar mais, tratando-se de um recurso que pode tornar-se divertido, pois existem inúmeros softwares direcionados a matemática. Os softwares direcionados ao ensino da matemática contribuem para o desenvolvimento do pensamento matemático, possibilitando o desenvolvimento de novas estratégias para a solução de problemas por parte do aluno, fazendo com que este tenha uma visão diferente, testando hipóteses e valores, verificando e analisando resultados. Softwares relacionados à matemática, como: Winplot, Cabri-Géomètre, Excel, Maple, Megalogo, entre muitos outros envolvem conteúdos matemáticos. Entre estes destaca-se o Cabri-Géomètre, software educacional que contribuiu muito para o ensino da matemática, pois possibilita o desenvolvimento dos conceitos de Geometria permitindo aos alunos compreenderem os conceitos geométricos de maneira mais eficiente. Entre os softwares também podemos citar o Excel, que disponibiliza o trabalho com construção de tabelas, cálculos matemáticos e gráficos. Salienta-se que é necessário um grande trabalho, desde equipar as escolas com computadores, até capacitar os profissionais de ensino, para que se possa fazer desta ferramenta um recurso que contribua para a concretização do ensino da matemática.

Palavras-chave: Computador, Matemática, Ensino

Abstract:

Much has been said on the use of the computer in the teach of the mathematics, therefore this will be able to help of positive form the learning process, being made with that the students can assimilate in faster and efficient way. Softwares directed to the education of the mathematics contributes for the development of the mathematical thought, making possible the development of new strategies for the solution of problems on the part of the student, making with that this has a different vision, testing hypotheses and values, verifying and analyzing resulted. So that the teach of the mathematics if concrete of definitive form, it is necessary that let us make use of the technological advances, such as computer, because this also motivates the student to study more, being about a resource that can become funned for it, therefore exists innumerable softwares directed the mathematics. We can shows some related examples of softwares to the mathematics, as: Winplot, Cabri-Géomètre, Excel, Maple, Megalogo, between many others that involve mathematical matter. The Cabri-Géomètre is distinguished

¹ Especialista em Educação Matemática/CTESOP.

² Orientador: Ms. em Ciências da Computação e Matemática Computacional, USP.

enters softwares mathematicians, therefore it is an educational software that contributed very for the education of the mathematics, therefore makes possible the development of the concepts of Geometry allowing to the pupils will understand the concepts of geometry in more efficient way. Softwares also enters can cite the Excel, that afford the work with board construction, mathematical and graphical calculations. Salient it is necessary that if it makes a great work, since equipping the schools with computers, until to able the education professionals, so that they can make of this tool a resource that contributes for the concretion of the education of the mathematics.

Keywords: Computer. Mathematical. Education.

INTRODUÇÃO

Atualmente, com os avanços da tecnologia, é necessário que as escolas se adaptem às mudanças, atitude imprescindível para formar cidadãos atualizados e preparados para o convívio em sociedade e suas inovações. O computador já faz parte do cotidiano das pessoas, sendo que cada vez mais vem adentrando aos mais variados setores, como a comunicação, cultura, educação, entre outros, exigindo sempre a busca do conhecimento dessa ferramenta.

Para DUTRA (2001), o desenvolvimento das novas tecnologias dos computadores amplia a capacidade de pensar e compreender. A escola deve entender o uso das máquinas como ampliadora da capacidade de pensar do homem, pelo auxílio e desenvolvimento da capacidade de raciocínio lógico nas linguagens de programação e pela velocidade na obtenção da informação.

O computador é uma ferramenta extremamente poderosa que pode ser usada a favor do processo ensino-aprendizagem, pois por meio dele o aluno poderá testar hipóteses, usando sua criatividade para desenvolver seu pensamento crítico e assim assimilar melhor o conteúdo aprendido durante as aulas.

BRASIL (1998) ressaltam que “esse impacto da tecnologia, cujo instrumento mais relevante hoje é o computador, exigirá do ensino da matemática um redirecionamento sob uma perspectiva curricular que favoreça o desenvolvimento de habilidades e procedimentos com os quais o indivíduo possa se reconhecer e se orientar nesse mundo do conhecimento em constante movimento”.

Para DUTRA (2001), o uso das novas tecnologias da comunicação e da informação constitui um desafio no sistema educacional, diante da diversidade do caráter que se estabelece com a escola, o aluno e outros setores da sociedade gerando novas formas de aprendizagem.

Por meio do uso do computador, podemos extrair muitas alternativas para o ensino. O desenvolvimento gerado pelo computador é muito

significativo, podem-se utilizar softwares educativos, projetados com a intenção de aplicá-los em contexto de ensino e de aprendizagem, de demonstração, simulação, exercício e que permitem ao aluno uma concretização do conteúdo aprendido.

O uso do computador, principalmente no ensino da matemática está se tornando cada vez mais indispensável, pois com esta ferramenta, o aluno poderá ter melhor visão dos conteúdos matemáticos, como gráficos, tabelas e cálculos, ficando mais visíveis as respostas de suas perguntas, permitindo que teste seus pensamentos.

Conforme BORRÕES (1998), o ensino-aprendizagem da Matemática não é alheio a este movimento renovador. Pretende-se atualmente que os alunos participem em numerosas e variadas experiências que lhes estimulem o gosto e o prazer da criação matemática; que os encorajem a conjecturar, a explorar, a aprender com os erros.

Podemos citar um exemplo prático de um gráfico de uma função, no qual o aluno levaria mais tempo para construí-lo, sendo que no computador essa construção fica mais rápida, fácil e prática, e ainda possibilita ao aluno, testar inúmeros valores para as variáveis, analisando o comportamento do gráfico perante a mudança das variáveis.

Os softwares de Matemática têm como objetivo fornecer aos alunos a possibilidade de fazer correspondências sobre o que é aprendido na sala de aula e a sua aplicação no computador, proporcionando a formulação de questões, análise de problemas, definição de um objetivo, descoberta de modelos, experimentação, criação de estratégias para uma mesma situação e a extração de sua experiência básica conhecimentos para aplicar a Matemática.

Segundo BORRÕES (1998), os alunos devem aprender a utilizar o computador como uma ferramenta para processamento da informação e para efetuar cálculos quando investigam e resolvem problemas.

FANTI (s.d.) refere-se ao uso do computador como ferramenta no ensino da matemática:

O computador pode ser usado como elemento de apoio para o ensino (banco de dados, elementos visuais), mas também como fonte de aprendizagem e como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades. O trabalho com computador pode ensinar o aluno a aprender com seus erros e a aprender junto com seus colegas, trocando suas produções e comparando-as. Usar informática no ensino da Matemática pode tornar certos conceitos bem mais claros e atrativos, sendo grande a variedade de temas do ensino fundamental e médio que podem ser explorados com tais recursos, com destaque principalmente aos de geometria.

Para que o ensino da matemática seja concretizado, o computador deve ser utilizado como ferramenta de trabalho, que auxilia e incentiva o aluno a buscar novos rumos e soluções para situações-problemas aprendidas em sala de aula.

Um outro recurso que pode ser usado nesse mesmo sentido é o de jogos, que permite a formulação de problemas a partir de situações desafiadoras. Tanto usando a informática como os jogos, a participação dos alunos sobre o seu saber é valorizada por pelo menos dois motivos. Um deles deve-se ao fato de oferecer uma oportunidade para o aluno estabelecer uma relação positiva com a aquisição do conhecimento, pois conhecer passa a ser percebido como real possibilidade. Outro motivo que justifica valorizar a participação do sujeito na construção do seu próprio saber é a possibilidade de desenvolver seu raciocínio. (FANTI, s.d.)

BORGES, citado por SOUZA, (2001) destaca que o computador é um instrumento excepcional que torna possível simular, praticar e vivenciar verdades Matemáticas (podendo até sugerir conjecturas abstratas), de visualização difícil por parte daqueles que desconhecem determinadas condições técnicas, mas fundamentais à compreensão plena do que está sendo proposto.

O emprego do computador no ensino da matemática promove a assimilação de novos conhecimentos, compreensão do pensamento, abstração de idéias e desenvolvimento de diferentes modos de representação, pois este leva o aluno a testar o que antes seria um tanto difícil utilizando somente lápis e papel.

Ao referir-se ao uso do computador afirma que:

Os computadores possibilitam representar e testar idéias ou hipóteses, que levam à criação de um mundo abstrato e simbólico, ao mesmo tempo que introduzem diferentes formas de atuação e interação entre as pessoas. Essas novas relações, além de envolverem a racionalidade técnico-operativa e lógico-formal, ampliam a compreensão sobre aspectos sócio-afetivos e tornam evidentes fatores pedagógicos, psicológicos, sociológicos e epistemológicos. (ALMEIDA, 2000, p. 12)

Para que seja usado o computador como ferramenta de auxílio na aprendizagem, deve-se ter em mente que este é somente um recurso, não devendo tornar-se o foco do estudo. Para FERREIRA (s.d.), faz-se necessário que, na formação do professor, este reflita a respeito de diferentes concepções sobre o uso do computador no processo ensino-aprendizagem: como transmissor de conhecimento ou como auxiliar do

aluno na construção do próprio conhecimento.

Conforme BRASIL (1998), “é preciso uma rápida reflexão entre Matemática e tecnologia. Embora seja comum, quando nos referimos às tecnologias ligadas à Matemática, tomarmos por base a informática e o uso de calculadoras, estes instrumentos, não obstante sua importância, de maneira alguma constituem o centro da questão”.

Visando ao melhor aproveitamento do computador no ensino da matemática, deve-se qualificar os professores, afim de que estes usem esta ferramenta para enriquecer sua aula, incentivar os alunos e melhorar o processo ensino-aprendizagem.

O professor deve ter preparo suficiente para tornar o computador um novo recurso, que facilite a aprendizagem do aluno, permitindo a este compreender que esta tecnologia poderá mudar as formas de estudar e aprender.

Souza destaca a grande importância do computador para o ensino da matemática:

A modernização da matemática nas escolas tornou-se uma preocupação em todos os países, sobretudo em vista da entrada na era da alta tecnologia. Trabalhadores e a população em geral, e sem dúvidas técnicos e cientistas, necessitam de uma matemática mais moderna. Novas posturas, novos métodos de ensino e até mesmo novos conteúdos se fazem necessários. (D'AMBRÓSIO citado por SOUZA 2001, p. 47)

Para que se possa utilizar o computador como ferramenta de trabalho no ensino da matemática, é preciso que se use softwares adequados aos conteúdos. Podemos citar como exemplo destes softwares: o Winplot, o Maple, o Cabri-Géomètre, o Microsoft Excel, o Megalogo, entre muitos outros que dispõem de recursos que podem ser aplicados às atividades matemáticas.

HENRIQUES, citado por AMORIN (2003, p. 62), comenta que “é interessante notar que quando se pode trabalhar no papel usando lápis e borracha, geralmente a análise é centrada num objeto estático, e o aluno se limita àquele objeto sobre o papel, enquanto nos ambientes computacionais, em particular no Cabri-Géomètre, o aluno pode analisar esse objeto num ponto de vista epistemológico e didático mais abrangente”.

Para COLATUSSO (s.d.), com o Cabri-Géomètre, as figuras podem ser descritas por ações e por uma linguagem muito próxima daquela do universo familiar do “lápis-papel”. Uma vez criadas, essas figuras podem ser deformadas, manipulando diretamente na tela seus elementos de base, deslocando-as e mesmo assim, conservando as propriedades que já lhes haviam sido atribuídas.

Quando os alunos são levados a solucionar um problema, o software acaba por determinar certos passos sucessivos: após a efetivação de uma construção (no Cabri-Géomètre II) uma exploração da figura acontece (também no Cabri-Géomètre II). Isso pode levar à formação de uma conjectura (mentalmente ou no papel), a qual vai se procurar verificar sobre diferentes configurações (no Cabri-Géomètre II) e, depois, validar, e enfim, demonstrar formalmente (no papel, por exemplo). (AMORIN ,2003, p. 63)

FONSECA (2006) destaca que o Cabri-Géomètre “permite o desenho geométrico e a sua análise, disponibilizando muitos dos recursos geométricos utilizados”. O software Cabri-Géomètre é um programa muito interessante e faz com que os alunos possam testar suas hipóteses, movimentando as imagens e gráficos compreendendo o conteúdo que muitas vezes somente no papel é mais difícil de aprender.

HENRIQUES citado por AMORIN (2003, p. 62) afirma que o Cabri-Géomètre “permite explorar de uma forma interativa os objetos do universo da Geometria elementar em uma linguagem muito próxima a do universo papel e lápis”.

Outro software relevante ao ensino da matemática é o Microsoft Excel, que possibilita a construção e organização de tabelas, inúmeros tipos de cálculos, principalmente de estatística e matemática financeira e a construção de gráficos. Segundo SANTOS (2004), o Microsoft Excel possui vários recursos de planilha para realizar cálculos e possui várias funções matemáticas e estatísticas embutidas.

Conforme AÇÓES (s.d.) o Excel proporciona o trabalho com Gráficos simples, tipos de gráficos, formatação de gráficos. Visualização de gráficos de funções, discretização de domínios e suas conseqüências. Casos de funções descontínuas ou definidas por ramos. Funções dependentes de parâmetros, efeitos dos parâmetros. Construção, simulação e análise gráfica de modelos. Funções especiais da análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do computador como ferramenta de auxílio na aprendizagem matemática traz inúmeros benefícios, fazendo com que o aluno possa assimilar o conteúdo de maneira mais rápida e eficiente. O avanço crescente da tecnologia, do qual o computador faz parte de praticamente todas as áreas do conhecimento, principalmente na escolar, faz com que seja necessária a utilização do computador em sala de aula, também no ensino da matemática, para que se possa formar cidadãos aptos a viver em sociedade e fazer uso da tecnologia.

O computador permite testar hipóteses, visualizar possíveis soluções, generalizar conteúdos e analisar resultados, complementando o ensino da matemática, e este deve ser usado como ferramenta de apoio e não como objeto em estudo.

Para que o computador seja um recurso a ser utilizado no ensino da matemática, é preciso que se faça uso de softwares compatíveis com os objetivos de aprendizagem, que permitam ao aluno exercitar o conteúdo aprendido em sala de aula, a criatividade e a autonomia para testar suas idéias.

Portanto, é preciso que se capacite os professores para que estejam aptos a trabalhar com os recursos tecnológicos em sala de aula, colocando em prática as soluções e proposições para o uso do computador no processo ensino-aprendizagem, especialmente na aprendizagem matemática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. **Informática e formação de professores**. Brasília,DF: 2000. Vol. 1. (ISSN 1516-2079).

AMORIN, J. de A. A Educação Matemática, a Internet e a Exclusão Digital no Brasil. **Educação Matemática em Revista**. São Paulo, SP : SBEM. n.14, ano10, agosto de 2003. Semestral. (ISSN 1517-3941).

BORRÕES, M. L. C. **O computador na educação matemática**. Disponível em: <<http://www.apm.pt/apm/borrao/matematica.PDF>>. Acesso em: 03 ago 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLATUSSO, M. D. **Utilizando o software “Cabri-Géomètre” no ensino da geometria**. Disponível em: <http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/enc2002/PROJETO_41.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2007.

DUTRA, J. M. **Ensinando com tecnologia**. 2001. Disponível em : <http://www.geocities.com/jaqued_br/ensinand.htm >. Acesso em: 03 ago. 2007.

FANTI, E. L. C. **Informática no ensino da matemática**. Disponível em: <<http://www.ibilce.unesp.br/teiadodosaber/matematica.htm>>. Acesso em: 03 ago 2007.

FERREIRA, A. A. **O computador na educação matemática: em olhar sobre a sua utilização no ensino médio**. Disponível em: <http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/Comunicacoes_Orais%5Cco0025.doc>. Acesso em: 03 ago. 2007.

FONSECA, M. G. **A tecnologia em favor da educação**. 2006. Disponível em:<http://www.somatematica.com.br/artigos/artigo19_somatematica.zip>. Acesso em: 10/08/07.

SANTOS, C. dos. **Levando matemática computacional à escola**. 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrext/Educa/Educa109.pdf>>. Acesso: 10 ago 2007.

SOUZA, M. J. A. **Informática educativa na educação matemática**. Fortaleza-CE: 2001. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira), Universidade Federal do Ceará – UFC.

AÇÕES de formação em Matemática-2006. Disponível em: <<http://www.mat.uc.pt/accoes06.html>>. Acesso em: 10 ago. 2007.

HISTÓRICO DA GEOMETRIA PLANA

Iracélia Pereira Lopes Barbosa¹
Agnaldo Passolongo Preti²

Resumo:

A presente pesquisa mostrará como a geometria surgiu em diversos povos da antiguidade, a partir da necessidade de fazer a medida de terras e construções, além de ter-se originado de simples observações vindas da capacidade humana de reconhecer configurações físicas e comparar formas e tamanhos. Antes mesmo do surgimento da geometria, o homem já tinha alguma noção do seu desenvolvimento, criando características próprias de algumas disciplinas que surgiriam logo depois, dentro da geometria. A geometria plana, também chamada geometria elementar ou Euclidiana, teve início na Grécia antiga. Esse estudo analisava as diferentes formas de objetos, e baseia-se em três conceitos básicos: ponto, reta e plano. Não é difícil perceber que sobre um ponto passa um número infinito de retas, porém sobre dois pontos distintos passa apenas uma reta distinta, assim como numa reta, bem como fora dela, há infinitos pontos e existem em um plano, infinitos pontos.

Palavras-chave: Pesquisa. Desenvolvimento. conceitos.

Abstract:

The present research will show as the geometry it appeared in several people of the antiquity, through the need to do the measure of lands and constructions, besides it to have originated from simple observation coming of the human capacity of to recognize physical configurations and to compare forms and sizes. Before even of the appearance of the geometry, the man already had some notion of your development, creating own characteristics of some disciplines that would appear later, inside of the geometry. The plane geometry, also called elementary geometry or Euclidian geometry, had beginning in old Greece. That study analyzed the different forms of objects, and bases on three basic concepts: point, straight line and plan. Of each one of those beings it has intuitive knowledge, due to the experience and of the observation. It is not difficult to notice that on a point it passes an infinite number of straight line, however on two different points it just passes a different straight line, as well as in a straight line, as well as out of it, there are infinites points and it exists in a plan, infinites points, where the geometry will also show that those points and straight line put to form angles and new plane geometric illustrations, in which it will be presented in the development of the research.

Keywords: Researches. Development. Concepts.

A Geometria permite que se faça uso dos conceitos elementares para construir outros objetos mais complexos como: pontos especiais,

¹ Graduada em Matemática, Especialista em Educ. Matemática – CTESOP.

² Orientador, Ms em Engenharia Agrícola – Unioeste.

retas especiais, planos dos mais variados tipos, ângulos, médias, centros de gravidade de objetos. Na geometria plana, esses postulados lidam com conjuntos de pontos e as relações entre eles. Uma reta r contém pelo menos dois pontos que possa formá-la, sendo que uma reta é formada por infinitos pontos. Da mesma forma que dentro da reta existem infinitos pontos também há fora dela um ponto P que não pertence à r . Uma reta que tem dois pontos distintos em um plano, então esta reta está contida neste mesmo plano.

Os pontos A e B indicam um segmento de reta, onde o ponto A ligado ao ponto B com infinitos pontos que formam um segmento com início no ponto A e fim no ponto B mostrando assim que há no entanto um início e fim num segmento de reta.



Definição: dados dois pontos distintos e uma ligação do conjunto desses dois pontos com o conjunto dos pontos que estão entre eles dá-se aí um segmento de reta.

Um ponto sendo o encontro de duas retas que se cruzam neste ponto formam ângulos o que se pode afirmar que um ângulo é a medida do afastamento entre duas retas que têm um ponto comum. O ponto O (onde O é denominado a origem de um ângulo) é o ponto vértice do ângulo. As retas que se afastam do ângulo são os lados do mesmo. Os ângulos têm nomes específicos como:

Ângulo adjacente: dois ângulos consecutivos são adjacentes se, não têm pontos internos comuns. Ângulos opostos pelo vértice: dois ângulos são opostos pelo vértice quando o lado de um deles é a continuação da reta que passa formando os dois ângulos juntamente com outra reta que tem a mesma função.

Ângulos congruentes: dois ângulos são congruentes quando tem a mesma medida.

Ângulo reto: quando se divide um ângulo raso, ou seja, um ângulo de 180° , por uma bissetriz ou uma reta que corta esse ângulo ao meio, cada lado desse ângulo reto medirá 90° . Este ângulo de 90° é denominado um ângulo reto.

O ângulo agudo é parte do ângulo de 90° , pois a partir deste ângulo, pode-se visualizar o ângulo agudo que tem medida menor de 90° .

O ângulo obtuso se localiza em uma área onde se mostra maior do que um ângulo de 90° , cuja medida está entre 90° e 180° .

Os vértices que são os pontos de encontro de duas retas têm nomes que são letras maiúsculas do alfabeto, quando aos segmentos de retas

têm nomes como letras minúsculas do alfabeto.

A partir de retas e ângulos a geometria forma figuras chamadas de polígonos que também são figuras geométricas planas. Neste caso, cada ângulo é o complemento do outro. Os polígonos se classificam em convexo e não convexo: É um polígono construído de modo que os prolongamentos dos lados nunca ficarão no interior da figura original. Um polígono é dito não convexo se dado dois pontos do polígono, o segmento que tem estes pontos como extremidades, contiver pontos que estão fora do polígono. Dentre vários tipos de polígonos estão os quadriláteros e os triângulos. Os quadriláteros são figuras poligonais que possuem quatro segmentos de retas fechadas que determinam seus lados. Sendo alguns desses quadriláteros com pares de ângulos internos de mesma medida. Nota-se que uma diagonal passa fora da região plana da figura e isso é que marca a região côncava da figura geométrica plana não convexa. Os triângulos são figuras geométricas planas com três segmentos de retas denominados lados e também três vértices.

Segundo DOLCE (1993), os triângulos se classificam em três tipos, quantos aos lados e quantos aos ângulos. Um triângulo equilátero possui todos os lados congruentes. Um triângulo isósceles possui pelo menos dois lados de mesma medida e dois ângulos congruentes. Num triângulo isósceles, o ângulo formado pelos lados congruentes é chamado ângulo do vértice. Os demais ângulos denominam-se ângulos da base e são congruentes. Em um triângulo escaleno, as medidas dos três lados são diferentes. Os ângulos internos de um triângulo escaleno também possuem medidas diferentes.

Segundo DANTE (2005), o triângulo retângulo tem um ângulo reto e dois ângulos agudos, o triângulo obtusângulo tem um ângulo obtuso e dois ângulos agudos. O lado oposto a este ângulo é o maior lado do triângulo. Triângulo acutângulo tem os três ângulos agudos todos menores de 90° .

A congruência é um caso da semelhança, mas a semelhança não é caso que faz parte da congruência.

Buscou-se nesta pesquisa apresentar conceitos básicos e necessários para compreensão da geometria plana de forma clara e objetiva. Facilitando assim a compreensão de geometria plana através da leitura.

REFERÊNCIAS

- DOLCE, O.; POMPEO, J. N. **Fundamentos da matemática elementar: geometria plana.** 7 ed. São Paulo-SP: Atual, 1993.
- DANTE, L. R. **Tudo é matemática.** 6ª série. 1. ed. São Paulo-SP: Ática, 200

OLIMPIADAS DE MATEMÁTICA COMO RECURSO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA

Elis Regina da Silva Salerno ¹

Lilian Akemi Kato ²

Resumo:

Tendo por objetivo mostrar como o lúdico, juntamente com a Olimpíada de Matemática ajuda na aprendizagem significativa do educando elaborou-se este trabalho. Ao jogar, o aluno é levado a exercitar suas habilidades mentais e a buscar melhores resultados para vencer. O confronto de diferentes pontos de vista, essencial ao desenvolvimento do pensamento lógico, está sempre presente no jogo, o que torna essa situação particularmente rica para estimular a vida social e a atividade construtiva do educando. Assim trabalhando com jogos matemáticos, tem-se por objetivo direcionar as situações de intervenção para favorecer a construção do conhecimento lógico-matemático na medida em que se valorizam as observações interpretativas, a avaliação e o estabelecimento de relações entre as ações produzidas e suas conseqüências. Pretende-se mostrar que a utilização de jogos nas aulas de Matemática, pode ser uma maneira mais atrativa de ensino/aprendizagem desta disciplina.

Palavras-chave: Aprendizagem. Matemática. Olimpíadas. Lúdico.

Abstract:

Having for objective to show as the playful one, together with the Math's olympics helps in the learning means of student elaborated this work. When playing, the pupil is taken to exercise its mental abilities and to search better resulted to be successful. The confront of different points of view, essential to the development of the logical thought, is always present in the game, what it becomes this particularly rich situation to stimulate the social life and the constructive activity of the student. So, working with mathematical games, has the objective situations of direct intervention to facilitate the construction of logical-mathematical knowledge in that observations are valued interpretation, evaluation and establishment of relations between the actions produced and its consequences. It is intended to show that the use of games in mathematics classes, can be a more attractive way of teaching and learning of this subject.

Keywords: Learning. Mathematics. Olympics. Playful.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo focar a importância dos recursos didáticos lúdicos no ensino da Matemática para alunos do Ensino Fundamental e Médio. Ensinar matemática é desenvolver o

¹ Graduada em Matemática, Especialista em Educ. Matemática – CTESOP.

² Orientadora. Dr. em Matemática.

raciocínio lógico, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas. Desta forma, os educadores de maneira geral devem procurar alternativas para aumentar a motivação para a aprendizagem, desenvolver a autoconfiança, a organização, concentração, atenção, raciocínio lógico-dedutivo e o senso cooperativo, estimulando a socialização e aumentando as interações do aluno com outras pessoas.

A Matemática precisa estar ao alcance de todos, assim também como precisa estar cada vez mais presente na educação brasileira. Para isso, é importante que se tenha um ensino voltado para a praticidade do uso da matemática e metodologias lúdicas para facilitar o processo de assimilação dos conteúdos matemáticos. Será mostrada no transcórper do trabalho uma pesquisa bibliográfica referente à matemática no Brasil, onde serão abordados os diversos aspectos que envolvem a matemática no Ensino Fundamental. Sendo assim, o trabalho está organizado de forma que mostre as teorias de diversos autores sobre a matemática e sua importância para o desenvolvendo do educando, dando ênfase aos recursos lúdicos como instrumentos facilitadores da aprendizagem.

OLIMPÍADAS DE MATEMÁTICA: UM PROJETO LÚDICO NA ESCOLA

A matemática não é um conhecimento produzido exclusivamente por determinados grupos sociais e o seu entendimento não está ligado a sociedades mais desenvolvidas. Segundo MIORIM (1998, p.20), “esse misticismo que revestiu e ainda reveste a matemática, é o principal responsável por algumas afirmações que falam que a matemática só pode ser compreendida por alguns poucos escolhidos ou as pessoas que sabem matemática são pessoas superiores”. Uma das formas de resgatar o gosto pela Matemática é a utilização dos jogos que precisam ser vistos com mais seriedade pela escola.

Para GRANDO (2000, p.32), “a inserção do jogo no contexto de ensino de Matemática, representa uma atividade lúdica, que envolve o desejo e o interesse do jogador pela própria ação do jogo, e mais, envolve a competição e o desafio que motivam o jogador a conhecer seus limites e suas possibilidades de superação de tais limites, na busca da vitória, adquirindo confiança e coragem para se arriscar”.

Em todas as escolas e em qualquer série podem-se realizar projetos de Olimpíadas de Matemática, com o objetivo de envolver os alunos em atividades que envolvam o ensino da matemática de forma lúdica e prazerosa, por meio de aulas expositivas, oficinas e jogos direcionados a cada série escolar. A criação de um projeto para que se possam desenvolver

as olimpíadas são viáveis e faz com que o estudo da Matemática pelos alunos se desenvolva com maior autonomia, raciocínio lógico-matemático e fazendo com isso que busquem uma formação mais completa. A olimpíada desenvolve e é capaz de aperfeiçoar a capacitação dos professores, e influenciar na melhoria do ensino.

É importante que professores de matemática criem um espaço lúdico para a aprendizagem. Desta forma, uma sugestão é por meio de Olimpíadas de Matemática, que pode ser desenvolvida por cada professor da forma que achar mais produtiva para sua realidade escolar. Estas olimpíadas devem proporcionar aos alunos uma visão diferenciada e de maior interatividade cujo objetivo é desenvolver a habilidade lógica, a criatividade e a sociabilidade, bem como métodos adequados de pensamento e de trabalho.

Observa-se então que cada escola pode ter seu projeto para executar uma olimpíada de matemática e esta olimpíada deve ser lúdica uma vez que não terá somente atividades escritas ou orais, podem ter jogos, desafios e dinâmicas para a execução de alguma atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente trabalho foi possível perceber que o ensino da matemática depende muito mais da capacidade do professor de encontrar um caminho em meio à experiência que seus alunos trazem para a sala do que da execução de um plano extremamente minucioso e elaborado. É necessário, portanto, que esse profissional visualize a matemática permeando o cotidiano. Pode-se dizer que além de ser uma forma interessante e dinâmica de abordar diversas atividades escolares referente à matemática, o jogo matemático em seu aspecto socializador consiste num momento rico para os ensinamentos sociais, pois são estabelecidas regras a cumprir, numa situação de interação.

A troca de experiências no ensino da Matemática pode tornar-se a peça fundamental para resolver a apatia que muitos alunos têm por esta disciplina. As atividades de aprendizagem realizadas desta maneira priorizam a aquisição do conhecimento como um processo cognitivo e não mecânico.

REFERÊNCIAS

- GRANDO, R. C. **O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula**. Campinas-SP: UNICAMP, 2000.
- MIORIM, M. A. **Introdução à história da educação matemática**. São Paulo-SP: Atual, 1998.

A HISTÓRIA DA GEOMETRIA E O ENSINO ATUAL: NOVOS OLHARES E NOVAS POSSIBILIDADES

Alessandro Lizarte Pereira ¹
Agnaldo Passolongo Preti ²

Resumo:

O presente trabalho traz uma pesquisa teórica sobre a Geometria e sua utilidade pensando-a dentro da Matemática e nas demais áreas sociais que envolvem sua aplicação, como a arte, por exemplo. Como a Geometria é um ramo matemático que estuda as formas, planas e espaciais, com as suas propriedades; o que pautou a escolha dessa linha teórica e esse foco de pesquisa foi à necessidade de compreender essa ciência de uma forma mais prática, sendo que objetivamos o magistério na área de Matemática. Com esse intuito não desenvolvemos nenhuma pesquisa de campo, devido ao pouco tempo que tivemos, adiantando que essa é uma delimitação nesse trabalho, pois a metodologia da pesquisa investigativa seria muito interessante para questionar como a Geometria é tratada na prática educacional atual.

Palavras-chave: Geometria. Matemática. Educação.

Abstract:

This paper presents a theoretical research on the geometry and its use thinking of it in mathematics and in other social areas surrounding its implementation, such as art, for example. As the geometry is a branch of mathematics that studies shapes, flat and spatial, with their properties, which guided the choice of this theoretical perspective and focus of this research was the need to understand this science in a more practical, and aimed the teaching in Mathematics. With this aim we have not developed any research field, given the short time we had, adding that this is a limitation in this study, since the investigative research methodology would be very interesting to ask how the geometry is treated in current educational practice.

Keywords: *Geometry. Mathematics. Education.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho terá o intuito de fazer um resgate, dentro da disciplina matemática, da Geometria enquanto ciência matemática e como ela foi e está sendo trabalhada didaticamente nas escolas.

Ambos, educadores e educandos apresentam pouca compreensão dos objetos geométricos e de como eles estão no mundo real. Sendo assim, esse trabalho sinaliza-se essencialmente literário, pois não fizemos nenhuma pesquisa de campo ou estudos de amostragem. Detivemos-

¹ Graduado em Matemática, Especialista em Educ. Matemática – CTESOP.

² Orientador: Ms. em Engenharia Agrícola – Unioeste.

nos no entendimento teórico da Geometria, conceituando-a como um dos temas do ensino da Matemática que mais tem gerado controvérsias nos últimos dez anos.

Pensando na aplicação prática dessa analogia, vamos buscar relacionar a Geometria dentro da Matemática como o pensar crítico sobre as medidas, formas e espaços que compõe o universo, ou seja, questionar como ensinamos Geometria e pensar em como conseguiremos mostrar para nossos alunos a lógica prática e palpável que existe na Matemática, mas que na grande maioria das vezes não se traduz no ensino.

A MATEMÁTICA COMO CIÊNCIA

A Matemática primitiva começou na verdade com os babilônios, também conhecidos como povos da Mesopotâmia, aos quais se deve a invenção do sistema posicional. Com apenas seus símbolos para unidades e dezenas, podiam representar qualquer número, por maior que fosse, por repetição e mudança de posição. Este é o mesmo princípio de nosso sistema numeral usado atualmente.

EVES (1997) descreve a Matemática da idade da pedra, época em que o homem primitivo vivia da caça de pequenos animais selvagens e da colheita de frutas, castanhas e raízes. Eram nômades e se deslocavam constantemente em busca de alimentos e de ambientes que apresentassem melhores condições climáticas. Em seus estudos vemos a ligação da necessidade de contar desses povos com o sistema numérico atual.

Esses são exemplos de como os povos foram estruturando seus conhecimentos lógicos e de como essa lógica foi impulsionando todas as demais ciências. Conforme as DCEs de Matemática (2007), a Matemática estabeleceu-se como disciplina básica na formação de pessoas a partir do século I a. C, aparecendo desdobrada nas disciplinas de aritmética, Geometria, música e astronomia. O ensino da Geometria e da aritmética ocorria de acordo com o pensamento euclidiano, ou seja, a partir do século II d.C., o ensino da aritmética (o trabalho com as operações), teve outra orientação e privilegiou uma exposição mais completa de seus conceitos, configurando-se uma real teoria dos números.

A GEOMETRIA DENTRO DA MATEMÁTICA

BOYER (1974) foi o autor que começou a descrever a Geometria e seu campo de atuação. Segundo SCANDIUZZI (2008), muito da história da Matemática e da Geometria não são contadas nas escolas, o que dificulta o entendimento do aluno sobre esse objeto de ensino. Para compreendê-los, é preciso pensar em como os povos antigos recorreram aos conceitos geométricos para fazerem e dominarem suas próprias histórias. Com

o movimento da Matemática Moderna, a partir de 1950, o ensino da Matemática passou a enfatizar o simbolismo e a exigir dos alunos grandes abstrações, distanciando a matemática da vida real.

Olhando para a relação desses diferentes povos com seu espaço e com suas formas, vimos que a Geometria nasceu do desenho, da necessidade da representação e da organização espacial. Em termos de estrutura, podemos analisar a Geometria a partir de seu percurso histórico, pelas suas divisões conceituais ou pela utilidade prestada à Matemática e as diferentes áreas do conhecimento. Esses conceitos foram evoluindo com a história dos homens e o ensino precisa levar isso em conta para dar ao aluno a real noção da importância do pensamento geométrico para o mundo atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso um novo olhar e sobre a Geometria e de como esse conceito deve ser lançado nos espaços escolares. A globalização e a holização nestes últimos anos (pensando na pedagogia Histórico-Crítica que vem se desenvolvendo desde a década de oitenta), nos direciona para este novo olhar. Falar de uma Geometria que faz parte do cotidiano e que tem significado para além das suas formas parece-me mais atraente do que elucidar a disciplina unicamente que limita o ser humano a racionalidade, esquecendo da beleza e da arte escondidas por trás dessa ciência. O presente trabalho nos deu suporte teórico para compreender essa disciplina e para pensar em seu desenvolvimento mediante os caminhos matemáticos atuais.

Precisamos pensar nisso, no projeto de homem, de sociedade e de mundo no qual acreditamos enquanto educadores. A nossa prática docente será sempre o resultado dessa concepção de projeto de sociedade e da reflexão ética sobre a história na qual estamos agindo. É o professor a grande diferença.

REFERÊNCIAS

- BOYER, C. B. **História da matemática**. São Paulo-SP: Edgard Blücher Ltda, 1974.
- PARANÁ. **Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná para Matemática**. DCES. SEED/PR, 2007.
- EVES, H. **Introdução a história da matemática**. Campinas-SP: Unicamp: Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- SCANDIUZZI, P. P. **A história da geometria não contada na escola**. Disponível em: <<http://www.ethnomath.org/resources/brazil/historia-da-geometria.pdf>> Acesso em: 27 fev. 2008.
-

ADOLESCÊNCIA: UMA FASE DE MUDANÇAS E PERIGOS

Claudinei Gomes de Oliveira¹

Vanderlei Lughy Medeiros¹

Solange Aparecida Teixeira de Brito Goldoni²

Resumo:

Os adolescentes se moldam conforme as mudanças que vão acontecendo, pois passam por períodos de transformações tanto no campo físico quanto psíquico. As transformações que ocorrem no período da adolescência devem ser consideradas normais tanto pelos pais como pelos educadores. Devemos nos ater as alterações e conflitos que persistem em uma mudança ou alteração extremamente adversa a tudo que é esperado socialmente (padrão social e/ou momento histórico em que vivemos). Segundo GRYNBERG e KALINA, o primeiro grande salto para a vida é o nascimento e o segundo é a adolescência.

Palavras-chave: Adolescente. Conflitos. Família.

Abstract:

Teenagers are shaped according to the changes that are happening, because they go through periods of change in both the physical and psychic. The changes that occur during adolescence are considered normal by both parents and by educators. We should stick to the changes and conflicts that persist in an extremely adverse change or alteration to all that is socially expected (standard social and / or historical moment in which we live). According to Grynberg and KALINA, the first big leap into life is the birth and the second is a teenager.

Keywords: Adolescent. Conflicts. Family.

FASE DE TRANSFORMAÇÕES – BUSCA DA PRÓPRIA IDENTIDADE

Segundo PETER BLOS (1985), em seu livro “Adolescência”, esta estaria dividida em três fases: adolescência inicial: 11-13 aos 15 anos; adolescência intermediária: 15 aos 17 anos e adolescência tardia: 17 aos 20 anos. Devemos levar em consideração que tais faixas etárias são variáveis conforme a cultura e as condições sócio-econômicas. Segundo GRYNBERG e KALINA (1999), o primeiro grande salto para a vida é o nascimento e o segundo é a adolescência.

A adolescência é vista como um nascimento, por que agora o mundo que se descortina aos olhos deste “ser” é outro, é a busca em direção a si mesmo enquanto indivíduo que faz parte de um núcleo familiar. Nesta fase, questiona a estrutura familiar existente, regras e padrões já estabelecidos,

¹ Graduados em Matemática e Especialista em Educação Matemática /CTESOP.

² Orientadora: Psicóloga, Especialista em Educação especial.

buscando ocupar uma posição no espaço e no tempo na tentativa de encontrar-se como pessoa com ideologia de vida própria. Os conflitos existentes nesta fase sejam eles de ordem interna (intrapessoal – próprio adolescente) ou externa (interpessoal - família e/ou sociedade) devem ser considerados normais, no fortalecimento do processo de tomada de decisões na fase posterior.

Para BARROS (2001), o adolescente geralmente questiona tudo: os valores da sociedade, a ordem mundial. Revolta-se contra normas impostas. Antes, ele obedecia. Agora, quer se guiar por seus próprios sentimentos, formar suas próprias opiniões e adquirir suas experiências.

Os pais muitas vezes se sentem inseguros com essa mudança porque a tarefa de educar um filho não é fácil. Em geral, eles desejam o melhor para os filhos, mas a sua função muitas vezes é colocar limites e fazer respeitar regras. E isso é coisa que o adolescente não gosta. Ele está na fase de sua individualidade, e quer ser livre. Esse choque de gerações é que causa a maioria dos conflitos entre pais e filhos. Às vezes parece até que não falam a mesma língua. (VANIN, 2003, p.14).

Para GEWANDSZNAJDER (1992), nesse passo para a vida adulta, a convivência familiar é mais fácil. O jovem já tem cara de adulto, mas ainda não está preparado para enfrentar os desafios dessa nova vida. Ora é tratado como criança, ora como adulto. Observamos, no dia-a-dia, que falar da sexualidade e suas interveniências com os adolescentes dentro do contexto familiar, ainda encontra resistência. Tal resistência vem geralmente por parte dos pais, que ainda não se sentem “à vontade” para orientar seus filhos sobre o assunto, visto que, decorrente do processo de educação que receberam sentem-se retraídos e até mesmo envergonhados para falar da própria sexualidade. Desta forma, diante da situação que é vivenciada durante a adolescência (fazendo parte do processo da busca da identidade), geralmente os pais procuram um profissional na área de psicologia, pedagogia, medicina, professores, padres, amigos, parentes para que os oriente, enquanto pais e também aos filhos. Atualmente, algumas escolas abordam o tema, mas é de fundamental importância que os pais estejam atentos e atualizados sobre o assunto, tentando quebrar paradigmas.

Para COTES e BARBI (2004), não se sabe quem tem mais barreiras a quebrar, se são os pais ou os filhos. Os pais mesmo os mais liberais, têm dificuldades em conversar sobre sexualidade. Não apenas o constrangimento que o assunto provoca, mas falar sobre sexualidade com os filhos é a prova de que eles não são mais crianças, e que estão a

um passo para a vida adulta. Neste momento, podemos observar que os pais também passam por um processo de “luto”. “O meu Bebê cresceu, e agora”?

Segundo GRYNBERG E KALINA (1999), a maior dor é aceitar a travessia do tempo, sabíamos que isto iria acontecer, mas quando o fato torna-se real, tomamos consciência de que estamos sujeitos ao ciclo da vida.

PREOCUPAÇÃO DOS PAIS E ADOLESCENTES

O anseio dos adolescentes por independência e a auto-suficiência assusta os pais. Antes acostumados a ter filhos sobre seus cuidados, sob proteção, agora sentem uma gradativa perda de controle sobre eles.

É importante que a família e a sociedade, de modo geral, entendam que um adolescente é um indivíduo que está num processo de crescimento e desenvolvimento de sua personalidade e progressivamente vai experimentar, escolhendo e tomando decisões em todas as áreas de sua vida. (LIMA, 2003, p.15)

Os pais se preocupam com os amigos dos filhos. As preocupações mais alarmantes são: envolvimento com drogas, relacionamento sexual.

O aumento de adolescentes envolvidos com substâncias psicoativas (drogas – lícitas e ilícitas) é alarmante, com o uso freqüente podem vir a apresentar instabilidade de humor, agressividade, inconstâncias afetivas, levando a um quadro psiquiátrico. Podendo também envolver-se com a criminalidade e a prostituição. Segundo BICUDO (1994, p.25), “O aumento da prostituição vincula-se também ao comércio de narcóticos. Acredita-se que o crescente exército de adolescentes que faz uso “abusivo” de drogas recorra à venda do corpo para manter o vício”. O problema, vamos assim dizer pode ser enfrentado sob duas dimensões: das relações familiares e da exploração social.

A partir da puberdade, sabemos que os adolescentes podem gerar filhos e esta situação vem sendo vivenciada todos os dias, pois na maioria das vezes não é uma decisão e sim uma conseqüência do processo de experimentação, busca e auto-afirmação. Pesquisa feita pela revista Época (nº 303 p.54-59, março, 2004) comprova que atualmente cerca de 72% das adolescentes acabam morando com os pais.

A vida sexual de maneira desorganizada; ou seja; com vários parceiros, e sem os devidos cuidados podem levar o adolescente como qualquer indivíduo com vida sexual ativa, a contrair uma DST (Doença Sexualmente Transmissível).

Apesar da rotina do trabalho (dentro e fora de casa) que nós pais

temos, devemos repensar sobre o tempo que dedicamos aos nossos filhos, pois as fases do desenvolvimento passam e quando percebemos “apenas passamos por ela” sem contribuir positivamente para as escolhas que nossos filhos irão fazer em cada fase, e principalmente na adolescência.

CONCLUSÃO

As transformações físicas e psíquicas que ocorrem na adolescência geram um período de muitas indagações, em que a pessoa inicia a sua caminhada no mundo dos “adultos”. Ao mesmo tempo em que sente que pode contestar a autoridade dos pais, experimenta o sentimento de independência para muitas coisas, ainda é economicamente e afetivamente dependente da família. O adolescente não quer ser mimado, ainda assim precisa de proteção e orientação. Além de normais esses conflitos são construtivos, pois é a partir deles que o adolescente aprende a tomar decisões e moldar a sua vida, os caminhos estudantis e profissionais que seguirá os projetos de vida que poderá construir.

O adolescente geralmente questiona tudo: dos valores da sociedade até a ordem mundial. Antes, era calava-se, agora quer se guiar por seus próprios sentimentos, formar suas próprias opiniões, adquirir experiências. A família, nesta fase tem e deve ser compreensiva, atenciosa, observadora, presente na vida dos filhos, para que procurem no ambiente familiar à orientação que necessita para superar os conflitos internos e externos que fazem parte da sua vida neste momento. A adolescência, ao contrário do que dizem, é uma fase maravilhosa. “Crises e Conflitos” nesta fase é normal, contribuindo para o fortalecimento do indivíduo enquanto ser social e o estabelecimento da sua saúde mental.

REFERÊNCIAS

BARROS, C.; PAULINO, W. R. Você e seu corpo na adolescência. In:_____. **O Corpo humano**. 64. ed. São Paulo, SP: Ática, 2001, p.40- 57, cap.IV.

BICUDO, H. Meninos e meninas de rua. In:_____. **O Brasil cruel e sem maquiagem**. SãoPaulo-SP: Moderna, 1994, p.21-28, cap.3.

COTES, P.; BARBI, D. Mães antes da hora. **Revista Época**. São Paulo, SP: Globo, n.303. p.54-59, mar/ 2004.

GEWANDSZNAJDER, F. Adolescência um passo para a vida adulta. In: **Sexo e reprodução**. São Paulo, SP: Ática, 1992, p.12-17, cap.I.

LIMA, M. Educação sexual do adolescente a contribuição da família e da

escola. **Revista Mundo Jovem**. Porto Alegre, RS: Pucrs, Ano XLI, n.333, p.15, fev/2003.

VANIN, M. R. L. O diálogo entre pais e filhos. **Revista Mundo Jovem**. Porto Alegre, RS: PUCRS, Ano XLI, n.333, p.14, fev/2003.

KALINA, E.; GRYNBERG, H. **Aos pais de adolescentes**: viver sem drogas. Rio de Janeiro-RJ: Record, 1999. p.12 – 35, cap.I, II,III.

BLOS, P. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1985.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR UNIMEO

FORMATAÇÃO: (ABNT/NBR 14724, 2002)

Papel: A4 (210X297mm); **Letras:** Arial, tamanho 12; **Espaços:** Em todo o texto utilizar espaçamento simples; **Títulos:** fonte 12, arial, caixa alta e negrito; **Subtítulos:** fonte 12, arial, caixa alta; **Margens:** superior e esquerda, 3 cm; inferior e direita, 2 cm; **Parágrafo:** 2 cm; **Páginas:** 10 páginas para artigos completos e 4 páginas para resumos expandido.

ESTRUTURA DE ARTIGO PARA PERIÓDICOS (ABNT/NBR 6022, 2003)

Título, autor(es), Formação (no rodapé), Resumo (250 palavras), Palavras-chave, (3 palavras); Abstract, *Keywords*. Introdução, Desenvolvimento, Material e método, Resultados, Considerações Finais, Referências.

TERMOS ESTRANGEIROS: (ABNT/NBR 6023, 2002)

Utilizar letras em itálico para termos e palavras estrangeiras: Ex.: *light*.

SIC : Para as palavras escritas conforme o texto original. Ex.: O oso (*sic*) é branco.

et al. Referências com mais de três autores. Exemplo:

PIEREZAN, A. et al. **O purgatório da educação**. Marechal Cândido Rondon-PR: Ponto e Vírgula, 2004. p. 68-76.

In:_____. **Livros com os mesmos autores para toda a obra**. Exemplo: LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. *Ciência e conhecimento científico*. In:_____ **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo - SP: Atlas, 2001. p.75-81.

In: Livros composto por autores diferentes para cada capítulo.

RICCI, S. M. A formação pedagógica e a qualidade no ensino. In: PIEREZAN, A. et al. **O purgatório da educação**. Marechal Cândido Rondon - PR: Ponto e Vírgula, 2004. p. 68-76.

Apud: Para referenciar autor citado em outras obras. (significa citado por) Exemplo: ROGERS, citado por MIZUKAMI (1972)

CITAÇÕES: (ABNT/NBR 10520, 2002).

Citação direta com até três linhas, separar por aspas e identificar: autor, ano e página, que poderá ser identificado no início ou no final da citação. Exemplos:

Laplane (2004, p.17-18) “apresenta a vantagem de arrolar argumentos para a defesa das políticas inclusivas.”

“apresenta a vantagem de arrolar argumentos para a defesa das políticas inclusivas.” (LAPLANE , 2004, p.17-18)

Nas citações diretas com mais de 3 linhas utilizar fonte 10 e recuo de 4cm da margem. O autor aparece no final da citação em caixa alta , seguido de ano e página. Exemplo:

Em 1904, na França, criou os primeiros testes de inteligência, que tinham como objetivo verificar os progressos de crianças com deficientes do ponto de vista intelectual. Programas especiais eram realizados para o progresso dessas crianças, e os testes tornam-se necessários para que se pudesse avaliar a eficiência desses programas, isto é, o progresso obtido. (BINET, 1999, p.181-184).

Nas citações indiretas, utilize o autor e ano. Exemplo:

Botelho (1998), alerta para o fato de que o aluno surdo, freqüentemente, não compartilha uma língua com seus colegas e professores.

Alerta para o fato de que o aluno surdo, freqüentemente, não compartilha uma língua com seus colegas e professores. (BOTELHO ,1998).

REFERÊNCIAS (ABNT/NBR 6023, 2002)

Livros Considerados no todo

LAPLANE, A.L.F. (Org.) **Políticas e práticas de educação inclusiva.** Campinas-SP: Autores Associados, 2004. p.5-20.

Teses, Dissertações e Monografias

RICCI, S. M. **Qualidade total no ensino superior:** estudo de caso na UNIMEO/CTESOP de Assis Chateaubriand-PR. Florianópolis, 2003. 124 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Produtividade) – setor de administração, Universidade Federal de Santa Catarina.

Artigos de Periódico

BARELLA, J. E. Paraísos artificiais. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, 1894 ed., v. 9, p.60-64, 2 mar/2005.

Documentos cartográficos

GEOMAPAS. **Brasil Sudeste:** Político e Rodoviário. Santo André-SP: (s.d.) 1 mapa Color.: 85X120 cm. Escala 1:2.000.000.

GEOMAPAS. **Globo escolar.** São Paulo-SP: 1999. 1 Globo: Color.; 90cm. Escala 1:42.000.000.

CARDOSO, J. A.; Westephalen, C. M. **Atlas Histórico do Paraná.** Curitiba: 1986.

Arquivos eletrônicos

SILVA, S. da. **Citações.** Disponível em: <http://www.logica.com.br/users.Imoura/refere.html> Acesso em: 09 out. 2004.

Entidade coletiva

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas de inclusão:** introdução. Brasília: MEC, SEESP, 2005.

Eventos

CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, XXIII., 2003, Campinas. **Anais...** Campinas: SBC, 2003. 1v. p.

Documentos Jurídicos

PARANÁ. Lei n. 6920, 2 de setembro de 1977. Cria no Município de Assis Chateaubriand, o distrito Administrativo e Judiciário de Encantado do Oeste, com as divisas que especifica. A Assembléia Legislativa do Estado do Paraná. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, PR. n.134, p.48, 12 de setembro de 1977.